UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

EDNEY ALEXANDRE DE OLIVEIRA BELO

ASPECTOS DA MORFOSSINTAXE DE HAHÃINTESU: A língua dos Manairisu do Vale do Guaporé (Nambikwára do Sul)

Recife
2021

EDNEY ALEXANDRE DE OLIVEIRA BELO

ASPECTOS DA MORFOSSINTAXE DE HAHÃINTESU: A língua dos Manairisu do Vale do Guaporé (Nambikwára do Sul)

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do Título de Doutor em Letras.

Área de concentração: Linguística

Orientadora: Profª. Drª. Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima

Recife

2021

Catalogação na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira – CRB-4/2223

B452a Belo, Edney Alexandre de Oliveira
Aspectos da morfossintaxe de Hahãintesu: a língua dos Manairisu do Vale do Guaporé (Nambikwára do Sul) / Edney Alexandre de Oliveira Belo. – Recife, 2021.
378f.: il.

Sob orientação de Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2021.

Inclui referências.

1. Morfossintaxe. 2. Hahãintesu. 3. Família Linguística Nambikwára. 4. Polissíntese. 5. Tipologia. 6. Preservação. I. Lima, Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira (Orientação). II. Título.

410 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2021-220)

EDNEY ALEXANDRE DE OLIVEIRA BELO

ASPECTOS DA MORFOSSINTAXE DE HAHÃINTESU: A língua dos Manairisu do Vale do Guaporé (Nambikwára do Sul)

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do Título de Doutor em Letras.

Aprovada em: 08/09/2021.

BANCA EXAMINADORA

_____

Profª. Drª. Stella Virginia Telles de Araújo Pereira Lima (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

_____

Profª. Drª. Claudia Roberta Tavares Silva (Examinadora Interna)

Universidade Federal de Pernambuco

_____

Prof. Dr. Hendrikus Gerardus Antonius van der Voort (Examinador Externo)

Museu Goeldi

_____

Prof. Dr. Cláudio André Cavalcanti Couto (Examinador Externo)

Universidade Federal de Pernambuco

_____

Prof. Dr. Flávia de Castro Alves (Examinadora Externa)

Universidade de Brasília

Este trabalho é dedicado: a todos os indígenas Nambikwára e, em especial, aos Manairisu do Vale do Guaporé; a meus pais Edilson e Ivani Belo; aos meus irmãos e amigos.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

À Profª Drª Stella Telles, minha orientadora e amiga, por ter me apresentado o rico universo das línguas indígenas. Sou um admirador de sua dedicação à Universidade e à causa das línguas indígenas brasileiras e sou muito grato por suas aulas sempre instigantes e ricas de histórias sobre sua vivência entre os Umutina, os Latundê e os Lakondê, o que logo me despertou para o interesse em estudar línguas ameríndias. Agradeço pelo carinho, competência, respeito e dedicação com que sempre me auxiliou nos momentos da escrita e em várias fases de minha vida acadêmica e pessoal.

Aos povos indígenas que formam o ramo Nambikwára do Sul, em especial, àqueles do Cerrado com quem tive boas conversas, como Tadeu, Carlusu, Donaldo e o Sr. José Roberto.

Aos Hahãintesu, com os quais convivi e trabalhei, como Wenitu Hahãintesu, Avá Hahãintesu, Suna Hahãintesu, Alexssandro Hahãintesu, Aneta Hahãintesu, Benjamin Hahãintesu, Hércules Hahãintesu, Margarida e Saué Hahãintesu, Nazaré Hahãintesu, Uli Hahãintesu, Vilson Hahãintesu, Martinzinho Hahãintesu, Airton Hahãintesu, Leonardo Hahãintesu, Rodrigo Hahãintesu, Ademir Hahãintesu e Marcos Hahãintesu (*in memorian*).

À professora Fátima, que me acolheu e me apresentou aos primeiros colaboradores da pesquisa. Agradeço, imensamente, pelo carinho e pela solidariedade a mim dispensados. Agradeço por sua colaboração com o meu trabalho de coleta e por ter me possibilitado ministrar algumas aulas e elaborar material didático para os indígenas. Não esqueço da recepção calorosa em sua casa, onde pude compartilhar agradáveis momentos regados a boas conversas e cuscuz quentinho.

À enfermeira e amiga Margarida que, carinhosamente, me recebeu num quartinho do posto de saúde quando precisei de espaço para gravar os áudios e que sempre se mostrou tão prestativa e parceira. Lembro de nossas caminhadas até à Trevo A para visitarmos os idosos, à tardinha, quando éramos interrompidos, vez por outra, pelo farfalhar do vento na relva e pelo voo dos anuns. Na volta, ainda tinha o cafezinho com bate papo, no postinho, esperando.

Às profissionais da FUNAI – Comodoro, Iana e Adriani, sem as quais eu não teria conhecido os Manairisu. Pelo profissionalismo e cuidado que tiveram comigo e com o meu trabalho, sempre prontas a me ajudar no que eu precisasse. Agradeço, enormemente, por todas as vezes em que tive o prazer de conversar com elas na sede da instituição, onde pude conhecer outras lideranças Nambikwára e ver seu trabalho e esforço para que todas as demandas dos

indígenas fossem prontamente atendidas. Ainda, agradeço a Aline que, em 2018 e 2019, colaborou bastante para minha entrada na aldeia e para a realização de meu trabalho de campo.

Ao NEI (UFPE), nas figuras de Stella Telles, Claristella Santos e Adair Pimentel Palácio, onde participei de aulas, conversas, pesquisas e consultas ao acervo da instituição e, a Gilda Lins, *in memorian*.

A todos os colegas e amigos do PPGL, os quais foram sempre tão profissionais e prestativos, especialmente: Alberto Poza, Diva, Jozaías e Claudivânia.

À Propesq, Pró-Reitoria para assuntos de Pesquisa e Pós-Graduação da UFPE.

Ao CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pelo apoio financeiro para a pesquisa.

À FUNAI, Fundação Nacional do Índio, e aos seus profissionais, os quais se empenharam para que minha autorização de entrada em TI fosse feita com celeridade e profissionalismo.

Aos amigos da UFPE: Marília, Fernanda, Gabriela, Priscylla, Sivaldo, Paula, Glória, Roberto Sotero, Rafael e Luis Netto, os quais tornaram-se mais do que colegas de Universidade, viraram amigos. Agradeço, particularmente, pelas tardes de reuniões e conversas sobre viagens de campo, com Rafael; às longas horas de estrada e de papo leve, na companhia de Fernandinha; e ao convívio com Sivaldo e Paulinha, por quem guardo um carinho especial e uma amizade sincera.

Aos professores convidados para tomarem parte na banca avaliadora, Flávia de Castro Alves, Cláudia Roberta Tavares Silva, Hein van der Voort e Cláudio André Cavalcanti Couto, os quais contribuíram, enormemente, com o resultado final deste trabalho.

Aos professores Marlos Pessoa, Fatiha Parahyba, Leo Wetzels, Luiz Antônio Marcuschi, *in memorian*, Lucila Nogueira, *in memorian*, e Abuêndia Padilha, *in memoriam*, pelas grandiosas e prazerosas aulas que me deram e pelas palavras sempre confortantes e de incentivo nos corredores da Universidade.

Aos meus amigos que, direta ou indiretamente, colaboraram com meu trabalho e me incentivaram a fazer o curso, sempre com palavras de apoio e otimismo: André, Cláudio, Marília, Júlia, Wedson, Iago, Anabele, Isabele, Lu, Rita, Flávio, Bernadete e Marcílio, Lica, Enéas, Antônio, Well, Daniely, Márcia, Aldo, Caetano, Edizia, *in memorian*, e Douglas, *in memorian*.

- Os Nambikwára são o caso inverso, talvez isto se deva a razões impuras. Habitam a zona mais remota do Brasil e, ao contrário dos Boróro, são pouco conhecidos, quase desconhecidos. Ah, encontrei uma sociedade sumamente pobre, no aspecto material e de organização social. Verdadeiramente, encontramos o grado germinal da vida social, reduto de sua expressão mais poderosa. (STRAUSS, 1985)[1]

[1] Trecho de vídeo-entrevista, realizada em 1985 com *Claude Lévi-Strauss*. Acervo da Cinemateca Pública de São Paulo.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma descrição da morfossintaxe do Hahãintesu, uma das línguas que compõem a família linguística Nambikwára, ramo do sul, e que é falada pelo povo Manairisu, habitante do Território Indígena Vale do Guaporé, localizado na região oeste do Estado do Mato Grosso, Brasil. A coleta dos dados, transcrição e análise foram realizadas nos anos de 2017, 2018 e 2019, *in loco*, resultando num total de, aproximadamente, 250 horas de gravações de áudios e coleta de material escrito. A língua Hahãintesu é polissintética, o que a caracteriza, entre outras coisas, por sua enorme capacidade de agregar, nas raízes verbais e nominais, uma grande quantidade de morfemas, na forma de afixos, muitos dos quais, em outras línguas, existem apenas como palavras livres. O objetivo maior deste estudo foi, portanto, descrever os tipos de afixos lexicais e gramaticais que operam no interior de cada uma das cinco classes de palavras identificadas para a língua e observar que funções eles exercem. O trabalho investigou, ainda, a ordem dos constituintes através de sua distribuição no interior da cláusula e os tipos de cláusulas que a língua dispõe. Além disso, um trabalho preliminar de descrição da fonologia do Hahãintesu também foi realizado. A análise e descrição foram feitos com base nos pressupostos teóricos da tipologia funcional moderna, sobretudo os apoiados na corrente norte americana. Trabalhos realizados por outros linguistas que se dedicaram aos estudos de línguas Nambikwára também foram fundamentais para o estabelecimento de uma análise descritiva e comparativa mais segura. Em linhas gerais, o estudo verificou cinco classes de palavras para a língua e, com poucas exceções, identificou e descreveu seus principais componentes. O estudo da sintaxe permitiu compreender os principais tipos de cláusulas verificados e como os componentes são distribuídos em seu interior. A apresentação de um quadro dos segmentos vocálicos e consonantais, da sílaba, e do suprassegmento tonal, no entanto, foi preliminar e merece maior atenção para uma investigação futura mais acurada. Espera-se, por fim, que a língua Hahãintesu possa ser melhor conhecida e receba mais atenção por parte das autoridades que se ocupam da preservação de línguas em risco. Considera-se que um trabalho deste tipo possa interessar outros pesquisadores e professores a se ocuparem da tarefa de confeccionar material didático específico para fins da alfabetização dos Manairisu, em língua materna, pois, a escrita é uma ferramenta a mais para que seus falantes não percam, como tantos outros povos indígenas do Brasil, a capacidade de pensar o mundo em sua própria língua.

Palavras-chave: Morfossintaxe; Hahãintesu; Família Linguística Nambikwára; Polissíntese; Tipologia; Preservação.

ABSTRACT

This work describes the morphosyntax of Hahãintesu, one of the languages that make up the south branch of the Nambikwára linguistic family. This language is spoken by the Manairisu people, inhabitants of the Vale do Guaporé Indigenous Territory, located in the western region of the State of Mato Grosso, Brazil. Data collection, transcription and analysis were carried out between 2017 and 2019, *in loco*, resulting in approximately 250 hours of audio recordings and collection of written material. The Hahãintesu language is polysynthetic, characterized by an enormous capacity to aggregate many morphemes, in verbal and nominal roots through affixes, many of which, in other languages, exist only as free words. The main objective of this study was, therefore, to describe the types of lexical and grammatical affixes that operate within each of five classes of words identified for the language and to observe their functions. The work also investigated the order of the constituents through their distribution within clauses and the types of clauses available in the language. Preliminary work to describe the phonology of Hahãintesu was also carried out. The analysis and description were made based on the theoretical assumptions of modern, standard North American functional typology. Works carried out by other linguists who have studied Nambikwára languages were also fundamental for the establishment of an accurate descriptive and comparative analysis. In general terms, the study verified five classes of words used in the language, identifying and describing its main components. The study of syntax allowed us to understand the main types of clauses and how the components are distributed within them. This identification of the vowel and consonant segments, the syllable, and the tonal suprasegment, however, was preliminary and deserves more attention for a more precise future investigation. Finally, it is hoped that the Hahãintesu language will become better known and receive more attention from the authorities concerned with the preservation of endangered languages. This work may interest other researchers and teachers in preparing specific teaching material for the purposes of literacy work with the Manairisu in their own mother tongue Reading and writing are tools to preserve the language, important so that the speakers do not lose, like so many other indigenous peoples in Brazil, the ability to describe the world in their own language.

Keywords: Morphosyntax; Hahãintesu; Nambikwára Language Family; Polysynthesis; Typology; Preservation.

RESUMEN

Este trabajo presenta una descripción de la morfosintaxis del Hahãintesu, una de las lenguas que integran la familia lingüística Nambikwára, rama sur, y que es hablada por el pueblo Manairisu, habitante del Territorio Indígena Vale do Guaporé, ubicado en la región occidental del Estado de Mato Grosso, Brasil. La recolección, transcripción y análisis de datos se llevaron a cabo en 2017, 2018 y 2019, *in loco*, dando como resultado un total de aproximadamente 250 horas de grabaciones de audio y recolección de material escrito. La lengua Hahãintesu es polisintética, lo que la caracteriza, entre otras cosas, por su enorme capacidad para agregar, en raíces verbales y nominales, una gran cantidad de morfemas, en forma de afijos, muchos de los cuales, en otras lenguas, existen sólo como palabras libres. El objetivo principal de este estudio fue, por tanto, describir los tipos de afijos léxicos y gramaticales que operan dentro de cada una de las cinco clases de palabras identificadas para la lengua y observar qué funciones desempeñan. El trabajo también investigó el orden de los componentes a través de su distribución dentro de la cláusula y los tipos de cláusulas disponibles en el idioma. Además, también se realizó un trabajo preliminar para describir la fonología de Hahãintesu. El análisis y descripción se realizó con base en los supuestos teóricos de la tipología funcional moderna, especialmente los sustentados por la corriente norteamericana. El trabajo realizado por otros lingüistas que se dedicaron al estudio de las lenguas nambikwára también fue fundamental para el establecimiento de un análisis descriptivo y comparativo más seguro. En términos generales, el estudio verificó cinco clases de palabras para el idioma y, con pocas excepciones, identificó y describió sus principales componentes. El estudio de la sintaxis nos permitió comprender los principales tipos de cláusulas verificadas y cómo se distribuyen los componentes dentro de ellas. La presentación de una imagen de los segmentos de vocales y consonantes, la sílaba y el suprasegmento tonal, sin embargo, fue preliminar y merece más atención para una investigación futura más precisa. Finalmente, se espera que el idioma Hahãintesu sea más conocido y reciba más atención por parte de las autoridades preocupadas por la preservación de idiomas en peligro de extinción. Se considera que un trabajo de este tipo puede interesar a otros investigadores y docentes para abordar la tarea de confeccionar material didáctico específico con fines de alfabetización de los indios Manairisu, en la lengua materna, ya que la escritura es una herramienta más para que sus hablantes no lo pierdan, como tantos otros pueblos indígenas de Brasil, la capacidad de pensar el mundo en su propio idioma.

Palabras clave: Morfosintaxis; Hahaintesu; Familia de lenguas nambikwára; Polisíntesis; Tipología; Preservación.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Colaboradores da pesquisa 2017.....30
Quadro 2 - Colaboradores da pesquisa 2018.....32
Quadro 3 - Colaboradores da pesquisa 2019.....33
Quadro 4 - Família Lingüística Nambikwára (ramos).....41
Quadro 5 - Família Lingüística Nambikwára (línguas e dialetos).....42
Quadro 6 - Quantitativo de casas nas quatro aldeias Manairisu.....53
Quadro 7 - População Manairisu nas quatro aldeias.....54
Quadro 8 - Resultado do impacto causado pela implantação da escola Hahãintesu na língua.....61
Quadro 9 - Estrutura da constituição máxima do nome em Hahãintesu.....69
Quadro 10 - Representação da constituição do pronome livre de terceira pessoa.....76
Quadro 11 - Representação das formas pronominais nucleares.....78
Quadro 12 - Representação dos sufixos pronominais.....80
Quadro 13 - Representação dos sufixos coletivos.....85
Quadro 14 - Representação do sufixo de grupo (PGR).....86
Quadro 15 - Representação dos prefixos possessivos.....89
Quadro 16 - Representação da expansão da constituição máxima do nome em Hahãintesu.....94
Quadro 17 - Representação da relação genitiva e de parte/todo em construções possessivas.....97
Quadro 18 - Relação dos tipos de termos de classe.....109
Quadro 19 - Relação dos tipos de classificadores nominais.....128
Quadro 20 - Modelo de morfologia templática em exemplo da palavra “pelos pubianos”.....136
Quadro 21 - Representação das operações morfossintáticas na formação das palavras “homem” e “mulher”.....139
Quadro 22 - Representação dos numerais.....143
Quadro 23 - Representação das formas duais.....145
Quadro 24 - Modelo de apresentação das combinações possíveis dos sufixos finais na palavra composta.....161
Quadro 25 - Representação da morfologia sufixal demonstrativa.....165

Quadro 26 - Modelo de estrutura máxima do verbo, conforme o status morfológico e semântico dos seus constituintes.....171
Quadro 27 - Apresentação da estrutura fonológica de alguns verbos de Hahãintesu.....175
Quadro 28 - Alinhamento mais à esquerda dos constituintes de cláusulas do tipo mais analítico.....179
Quadro 29 - Alinhamento mais à direita dos constituintes verbais de cláusulas de tipo mais sintético.....179
Quadro 30 - Contraste, na superfície, entre as três pessoas da negação.....205
Quadro 31 - Modelo morfológico mostrando o que acontece na subjacência de cláusulas negativas.....205
Quadro 32 - Modelo de representação do sufixo aspectual desiderativo e as formas dos sufixos pronominais que o seguem.....210
Quadro 33 - Representação dos sufixos objetivos de Hahãintesu.....217
Quadro 34 - Representação dos sufixos subjetivos de Hahãintesu.....223
Quadro 35 - Apresentação de exemplos de cláusulas que incluem o sufixo final verbal (SV).....228
Quadro 36 - Representação dos sufixos flexionais de tempo no continuum.....231
Quadro 37 - Apresentação dos sufixos verbais indicadores de não-futuro próximo.....232
Quadro 38 - Representação dos sufixos *portmanteau* resultantes da fusão entre sufixos temporais e sufixos finais em verbos estativos.....235
Quadro 39 – Sufixos TAME em verbos dinâmicos.....235
Quadro 40 - Sufixos TAME em verbos estativos.....235
Quadro 41 - Os sufixos flexionais de tempo passado.....239
Quadro 42 - Sufixos indicativos de tempo futuro.....244
Quadro 43 - Apresentação de quadro com os morfemas de tempo e/ou evidencialidade.....249
Quadro 44 - Representação do contraste causado pelos três diferentes tons do sufixo /-na/ nas três pessoas do discurso, com exemplos.....251
Quadro 45 - Apresentação dos sufixos indicadores de aspecto, gênero e evidencialidade finais, de verbos estativos e dinâmicos.....267
Quadro 46 - Apresentação dos sufixos de aspecto, gênero e evidencialidade em sufixos *portmanteau* de verbos estativos.....269
Quadro 47 - Apresentação de advérbios em tipos composicionais, através do acréscimo do sufixo nominalizador {-te}.....272
Quadro 48 - Apresentação de exemplos de advérbios dos tipos primitivos.....273

Quadro 49 - Representação do processo de formação de advérbios por meio da entrada dos sufixos nominalizadores e adverbializadores.....274
Quadro 50 - Formação dos advérbios temporais através da raiz {-kuẽ}.....279
Quadro 51 - Representação da formação de lexemas adverbiais temporais através da raiz adverbial {-ka}.....280
Quadro 52 - Representação da formação de lexemas adverbiais temporais através da raiz adverbial {-ka}.....280
Quadro 53 - Representação da formação de palavras adverbais temporais através da união de sufixos diversos à raiz adverbial {-hĩ}.....282
Quadro 54 - Apresentação das formas livres adverbiais modais.....283
Quadro 55 - Apresentação das palavras interrogativas do tipo (QU).....288
Quadro 56 - Representação dos sufixos pronominais apresentando os tipos de alinhamento.....299
Quadro 57 - Apresentação de aspectos da semântica verbal que influenciam no tipo de alinhamento dos verbos cognitivos e dos adjetivais, descritivos e de cores.....302
Quadro 58 - Apresentação de alguns verbos que apresentam fluidez na marcação dos sufixos pronominais pessoais.....306
Quadro 59 - Apresentação dos tipos de construções sindéticas coordenativas e de sufixos coordenativos.....319
Quadro 60 - Apresentação dos tipos de sufixos subordinativos e as relações semânticas que estabelecem entre as cláusulas.....327
Quadro 61 - Representação dos fonemas consonantais.....333
Quadro 62 - Modelo de inventário fonológico das vogais.....342
Quadro 63 - Modelo fonológico dos ditongos de Hahãintesu.....358

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Principais rios que banham a região onde vivem os Nambikwára.....43
Figura 2 - Território Indígena Vale do Guaporé.....44
Figura 3 - Mapa mostrando a localização dos dez territórios indígenas Nambikwára.....46
Figura 4 - Mapa mostrando o domínio vegetal do Território Indígena Vale do Guaporé.....48
Figura 5 - Localização das aldeias antes da construção da BR-364.....49
Figura 6 - Mapa de localização aproximada das aldeias Cabeceira, Trevo A e Central na TI Vale do Guaporé, noroeste de Mato Grosso.....51
Figura 7 - Visão do terreiro da aldeia cercado pelas atuais moradias Manairisu.....53
Figura 8 - Ilustração de hatisu, ou chira, Nambikwára do Campo (à esquerda) e foto de hatiensu, feito por uma índia Manairisu (à direita).....57
Figura 9 - Vista da fachada da escola Hahãintesu.....60
Figura 10 - Ilustração representativa dos tipos verbais que apresentam Split-intransitivity (acima) e Fluid-intrasitivity (abaixo), de Dixon (2010).....305

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

(exc.)	Exclusivo
(inc.)	Inclusivo
1DA	Primeira pessoa do dual aumentado
1obj	Primeira pessoa do objeto
1pl	Primeira pessoa plural
1sg	Primeira pessoa singular
1pl.obj	Primeira pessoa plural do objeto
1obj.indir	Primeira pessoa do objeto indireto
1POSS	Primeira pessoa da posse
2DA	Segunda pessoa do dual aumentado
2NEG	Segunda pessoa da negação
2obj	Segunda pessoa do objeto
2pl	Segunda pessoa plural
2sg	Segunda pessoa singular
2pl.obj	Segunda pessoa plural do objeto
2obj.indir	Segunda pessoa do objeto indireto
2POSS	Segunda pessoa da posse
3DA	Terceira pessoa do dual aumentado
3obj	Terceira pessoa do objeto
3obj. desc	Terceira pessoa do objeto desconhecido
3pl	Terceira pessoa plural
3sg	Terceira pessoa singular
3sg/F	Terceira pessoa do singular feminina
3sg/M	Terceira pessoa do singular masculino
3pl.obj	Terceira pessoa plural do objeto
3obj.indir	Terceira pessoa do objeto indireto
3POSS	Terceira pessoa da posse
3desc	Terceira pessoa do sujeito desconhecido
ADIT	Sufixo coordenativo aditivo
ADV	Advérbio
ADVERS	sufixo coordenativo adversativo
ADVZ	Adverbializador

AG	Agentivo
ALTERN	Sufixo coordenativo alternativo
ALV	Alvo
ASS	Asseverativo
AUM	Aumentativo
AUT	Autenticidade
ben/alv/font	Sufixo benefactivo e de alvo/fonte
CAUS	Causativo
CL:	Classificador
CV	Classificador verbal
COL	Morfema coletivizador
COMIT	Comitativo
COMPAR	Comparativo
COMPL	Completivo
CONCES	Sufixo subordinativo concessivo
CONDIC	Sufixo subordinativo condicional
CONT	Continuativo
COP	Cópula
CV	Classificador Verbal
D.obj	Objeto direto dual
DEC	Declarativo
DEM	Demonstrativo
DES	Desiderativo
DIM	Diminutivo
DIR	Direcional
DUB	Dubitativo
dum	Dummy
ED	Evidencial dedutivo
EFR	Evidencial de fala reportada
ENF/NEG	Ênfase negativa
EN	Evidencial narrativo
ENUM	Enumerativo
EFR	Evidencial de fala reportada
EQ	Evidencial quotativo

EXC/NEG	Exclusivo negativo
EXCL	Exclamativo
EXCLV	Morfema exclamativo verbal
EXPL	Sufixo coordenativo explicativo
F	Feminino
FINAL	Morfema subordinativo final
FORT	Imperativo forte
FR	Imperativo fraco
FUT	Futuro
FUTN	Futuro negativo
FUTP	Futuro próximo
GR	Morfema de grupo
GRI	Morfema de grupo incontável
HAB	Habitual
HORT	Hortativo
IDEO	Ideofone
IMIN	Iminentivo
IMP	Imperativo
IMPC	Imperativo Continuativo
IMPF	Imperfectivo
INAL	Inalienável
INC	Inclusivo
INC:	Incorporação nominal
INSTR	Instrumental
INTER	Interrogativo
LC	locativo/circunstancial
LOC	Locativo nominal
Loc	Locativo verbal
M	Masculino
M/NFP	Gênero masculino/Não futuro próximo
MEMO	passado memorial
NEG	Negação
NEGAT	Advérbio de negação
NFP/EV	Não futuro próximo/Evidencial visual

NFP/EVC	Não futuro próximo/Evidencial visual compartilhado
NOM	Sufixo Nominalizador
PASS	passado
PASS/IMPF	Passado imperfectivo
PASS/PF	Passado perfectivo
REM	passado remoto
PERM	Permissivo
PF	Perfectivo
PGR	Pronome pessoal de grupo
PL	Plural verbal
POS	Termo possuído
POSB	Possibilitivo
POSN	Posicional
POSS	Posse
PROIB	Proibitivo
PRON/M	Pronomes masculino
PRON/F	Pronome feminino
PUT	Putativo
Q/F	Quantitativos e Fracionários
RECIP	Recíproco
REFL	Reflexivo
REPET	Repetitivo
RN	Raiz nula nominal
RNV	Raiz Nula Verbal
SE	Sufixo estativo
SESS	Sessativo
SEX	Sexo
SF	Sufixo final
SOD	Sufixo objetivo direto
ST	Sufixo temporal
SV	Sufixo verbal
TEMPOR	Sufixo subordinativo temporal
TI	Tempo Imediato

LISTA DE CONVENÇÕES E SÍMBOLOS

/ /	Transcrição fonológica
[ ]	Transcrição fonética
{ }	Morfema
:	Alongamento
ˈ	Acento primário
~	Variação morfológica
ˊ	Tom alto
ˋ	Tom baixo
ˍ	Tom default (em superfície)
?	Morfema de significado e glosa não identificados ou desconhecidos
-	Fronteira de morfema
‘’	Tradução
(...)	Trecho descontínuo retirado de texto ou mini-texto
/	Fronteira de glosa em morfemas do tipo *portmanteau*
.	Fronteira de sílaba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....25
1.1 DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO.....26
1.2 OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA.....26
1.3 METODOLOGIA DA PESQUISA E TRABALHO DE CAMPO.....29
1.4 METODOLOGIA DA ANÁLISE DE DADOS.....34
1.5 REFERENCIAL TEÓRICO.....34
1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO.....38
1.7 ETNOGRAFIA E CLASSIFICAÇÃO LINGUÍSTICA DO HAHÃINTESU.....39
1.7.1 A família linguística Nambikwára.....42
1.7.2 Nambikwára do Sul.....43
1.7.3 Os Nambikwára do Vale.....44
1.7.4 A cidade dos Nambikwára.....46
1.7.5 Onde estão os Manairisu.....48
1.7.6 A moradia dos Manairisu.....51
1.7.7 As roças, a caça, a pesca e as atividades de coleta.....54
1.7.8 A arte dos Manairisu.....56
1.7.9 Situação linguística dos Manairisu.....58
1.7.10 Os etnônimos.....62
2 INTRODUÇÃO À MORFOSSINTAXE.....65
2.1 PALAVRA MORFOLÓGICA E TIPOS DE MORFEMAS.....65
2.2 AS CLASSES DE PALAVRAS.....66
2.2.1 Nome.....68
2.2.1.1 Raiz nula nominal (RN).....71
2.2.1.2 O tom na formação do léxico.....72
2.2.1.3 Pronome.....74
2.2.1.4 Posse.....87
2.2.1.4.1 Os nomes não possuíveis.....91
2.2.1.4.2 Os inalienáveis.....92
2.2.1.4.3 Construções possessivas.....96
2.2.1.4.4 A cláusula possessiva.....99
2.2.1.5 Composição nominal.....100
2.2.1.5.1 Nome + Nome.....100

2.2.1.5.2 Nome + Verbo.....102
2.2.1.6 Ideofones e iconicidade.....104
2.2.1.7 Derivação.....108
2.2.1.7.1 Os sufixos derivacionais de forma e consistência.....113
2.2.1.7.2 Classificadores nominais.....124
2.2.1.7.3 Os morfemas de partes do corpo.....133
2.2.1.7.4 Gênero.....137
2.2.1.7.5 Número.....143
2.2.1.7.6 Outros sufixos nominais.....148
2.2.1.7.7 Formativos.....157
2.2.2 Demonstrativo.....164
2.2.3 Verbo.....169
2.2.3.1 Introdução.....169
2.2.3.2 Subclasses verbais.....175
2.2.3.2.1 Morfologia interna dos verbos em Hahãintesu.....178
2.2.3.3 Constituintes Verbais.....180
2.2.3.3.1 Aplicativos.....180
2.2.3.3.2 Outros constituintes verbais.....188
2.2.3.4 Raiz verbal.....191
2.2.3.5 Raiz nula verbal (RNV).....191
2.2.3.6 Sufixos de *status* argumental.....192
2.2.3.7 Sufixos modais/aspectuais.....200
2.2.3.8 Sufixos argumentais.....215
2.2.3.8.1 Sufixos objetivos.....215
2.2.3.8.2 Sufixos subjetivos.....221
2.2.3.9 O morfema (SV).....228
2.2.3.10 Sufixos flexionais de tempo.....229
2.2.3.11 Sufixos evidenciais.....248
2.2.3.12 Sufixos aspectuais.....257
2.2.3.13 Sufixos modais.....258
2.2.3.14 Sufixos interrogativos.....260
2.2.3.15 Modais deônticos.....262
2.2.3.15.1 Imperativo.....262
2.2.3.15.2 Hortativo.....266

2.2.3.16 Sufixos dêiticos finais....266
2.2.4 Advérbio....270
2.2.5 Palavras interrogativas....288
3 SINTAXE....294
3.1 INTRODUÇÃO....294
3.2 A TIPOLOGIA DA ORDEM DAS PALAVRAS....295
3.2.1.1 Cisão de caso em Hahãintesu....300
3.3 TIPOS DE CLÁUSULAS....306
3.3.1 Cláusula ativa....307
3.3.1.1 Intransitiva....307
3.3.1.2 Transitiva....309
3.3.1.3 Ditransitiva....310
3.3.1.4 Aumento de valência....310
3.3.2 Cláusula estativa....311
3.3.2.1 Intransitiva....311
3.3.2.2 Equativa....313
3.3.2.3 Copulativa....314
3.3.3 Verbos seriais....316
3.3.4 Sentença complexa....319
3.3.4.1 A cláusula coordenativa....319
3.3.4.2 A cláusula subordinativa....327
4 APÊNDICE DA FONOLOGIA DO HAHÃINTESU....332
4.1 INTRODUÇÃO....332
4.2 CONSOANTES....332
4.2.1 Oclusivas não-glotalizadas....334
4.2.2 As consoantes glotalizadas....337
4.2.3 Fricativas....338
4.2.4 Líquidas....340
4.3 VOGAIS....342
4.3.1 Vogais orais....345
4.3.2 Vogais nasais....351
4.4 DITONGO....354
4.5 O ACENTO....358
4.6 TOM....361

4.7 A SÍLABA.....363
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....366
REFERÊNCIAS.....371

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Rodrigues (1999), existem, no Brasil, cerca de 190.000 indígenas de 220 etnias diferentes. Destes, cerca de 160.000 falam alguma, ou algumas, das 180 línguas indígenas existentes no país. Há uma grande variedade linguística, seja de natureza tipológica, seja de natureza genética. A tipologia inclui variedades extremamente analíticas e outras vigorosamente polissintéticas. Algumas dessas línguas apresentam características únicas, como inventários abundantes ou extremamente reduzidos de vogais ou consoantes, enquanto outras são tonais. Do ponto de vista genético, há famílias grandes, com muitas representantes aparentadas, e famílias de línguas que, hoje, contam com apenas uma representante, sem parentesco com outras línguas conhecidas, a exemplo do Kwazá e do Aikanã que, embora sejam faladas por povos que vivem muito próximos dos Latundê, não apresentam semelhança com a língua que é falada por esse povo Nambikwára do Norte.

A chamada Bacia Amazônica é formada por oito países, onde se falam, pelo menos, 250 línguas indígenas: Brasil, Bolívia, Equador, Colômbia, Guiana Inglesa, Peru, Suriname e Venezuela. O Brasil é o país com a maior diversidade linguística, dentre eles. Aqui, essas línguas são classificadas em dois troncos linguísticos, (Makro-Jê e Tupi), quatro grandes famílias (Aruak, Karib, Páno e Tukáno), seis famílias menores (Bóra, Guaikurá, Makú, Nambikwára, Txapakúra e Yanomami), além de sete consideradas isoladas (Aikanã, Kanoê, Kwazá, Irântxe, Mynky, Trumai e Tikúna)[1]. Há, ainda, dois grupos no norte do Estado do Amapá, o Karipúna e o Galibí-Morwórno, influenciados sobremaneira pelo crioulo da Guiana Francesa, (RODRIGUES 1986).

A Família linguística Nambikwára compõe uma das famílias menores e é formada por, pelo menos, vinte línguas, e dialetos, os quais são divididos por ramos linguísticos. Os povos Nambikwára encontram-se distribuídos entre o sul do estado de Rondônia e o noroeste do Estado de Mato Grosso, na região centro-oeste do Brasil, em áreas onde, hoje, situam-se as cidades de Vilhena, Comodoro, Vila Bela da Santíssima Trindade, Nova Lacerda, Sapezal, Campos de Júlio, Campo Novo do Parecis e Juruena.

[1] Kristine Stenzel (2006) estima que há entre 40 e 50 grupos isolados. Desses povos, não se sabe se ainda falam alguma língua indígena ou que línguas falam.

1.1 DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

A escolha por dar um tratamento especial aos aspectos da morfossintaxe do Hahãintesu não foi casual. Os trabalhos prévios que se ocuparam da descrição de línguas Nambikwára focaram, principalmente, nas questões que envolviam a complexidade do sistema fonológico. Conforme avançou a descrição dos sistemas sonoros, a morfologia e a sintaxe puderam receber, então, maior atenção dos linguistas. Outro fato que contribuiu para a escolha da morfossintaxe como "carro chefe" desta descrição da língua Hahãintesu relaciona-se com a pouca bibliografia disponível sobre esse componente da gramática em línguas Nambikwára do ramo do sul. Os trabalhos de Lowe (1999) e Kroeker (2001), priorizaram os aspectos da sintaxe, enquanto a rica fonologia foi alvo da recente tese de Campos (2020). A inclusão deste estudo no rol de documentação de línguas Nambikwára, pois, deverá contribuir para o enriquecimento do conhecimento sobre as línguas dessa família e para um melhor entendimento do fenômeno da polissíntese em línguas indígenas sul-americanas.

1.2 OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA

Este trabalho teve como objetivo maior apresentar um estudo descritivo da morfossintaxe da língua indígena Hahãintesu à luz dos pressupostos teóricos do Funcionalismo Tipológico presentes em obras como Sintaxe: uma introdução (Vol. I e II), de Givón (2001), Universais Linguísticos e Tipologia Linguística, de Comrie (1988; 1989), Teoria Linguística de Base, em seus três volumes, de Dixon (2010), além do manual sobre tipologia linguística e descrição sintática de Timothy Shopen (2007) e do guia sobre descrição de morfossintaxe para pesquisadores de campo, de Thomas Payne (1997).

Os objetivos específicos foram analisar e descrever os principais constituintes que integram a cláusula, em nível da morfossintaxe, com atenção à semântica desses elementos, sua origem lexical e os processos de formação de palavras. O estudo também mostrou como esses elementos relacionam-se entre si, concorrendo para a construção dos diversos tipos de cláusulas que essa língua indígena apresenta, nas diversas instâncias comunicativas em que eles tomam parte. Compõe-se, também, de uma descrição preliminar dos fonemas da língua, com a apresentação de um quadro descritivo dos segmentos, da sílaba e dos suprassegmentos.

O Hahãintesu é a língua falada pelo povo Manairisu, etnia que habita a região do Vale do Guaporé, TI Vale do Guaporé, município de Comodoro, noroeste do estado do Mato Grosso. Embora várias línguas do grupo Nambikwara do Norte, além da língua aparentada, e mais isolada, o Sabanê, terem sido descritas em gramáticas, a grande maioria das línguas que constituem o ramo do sul não tiveram a mesma sorte. É o caso da língua Hahãintesu, sobre a qual não há, praticamente, nenhum estudo. É possível que os povos que habitam a região do Guaporé, conhecidos como Nambikwara do Vale[2], estejam diminuindo, ano a ano, em número de indivíduos falantes, o que torna necessária, e urgente, a descrição e documentação de suas línguas. É também importante que se confeccionem cartilhas e dicionários com finalidade pedagógica com vistas à alfabetização do povo Manairisu em língua materna.

No prefácio do livro **A História das Línguas: uma introdução**, de 2015, Tore Janson inicia o texto dizendo: "*Há dois mil anos, o inglês não existia. Agora ele está em uso, mas em algum momento no futuro não será mais falado. O mesmo vale para todas as línguas: elas aparecem, são usadas por um tempo e desaparecem*". Se a morte de uma língua como o inglês é tão possível, o que se dirá de línguas que são faladas por pequenos grupos humanos espalhados pela vastidão das selvas brasileiras? E como fazer para que uma língua desconhecida, ou pouco estudada, não sucumba antes mesmo de ser descoberta, ou melhor estudada? De acordo com Aryon Dall'igna Rodrigues (1999), as línguas minoritárias brasileiras são faladas por apenas 0,5% da população do país, num panorama que inclui a existência de, mais ou menos, 180 línguas indígenas. Estes números nos dão uma noção do quão grande é o desafio de se preservar e também de se documentar línguas no Brasil. Estamos no século 21 e grande parte das línguas indígenas não foi sequer parcialmente descrita.

Mas, o trabalho do linguista não se limita a estudar uma língua simplesmente porque ela está em vias de extinção ou para a obtenção de um título acadêmico. É necessário que o estudioso, de alguma forma, contribua com a comunidade que abraçou a causa de seu estudo.

Em consequência disso, o labor do linguista que se dedica à tarefa de descrever e documentar línguas indígenas exige um esforço assaz grande. As condições peculiares do trabalho, a dificuldade do financiamento, a menor atenção da Academia, o 'descrédito' das autoridades e o desconhecimento do público geram uma sensação nos mais leigos de que não é

[2] Também são conhecidos por Nambikwára do Guaporé.

necessário estudar uma língua que logo irá desaparecer e que não serve para se comunicar ou trabalhar.

No decorrer deste trabalho, uma outra tarefa, externa ao labor da escrita da tese, foi iniciada: a confecção de um alfabeto na língua Hahãintesu para o início das primeiras aulas de língua materna da aldeia. Atualmente, há um único manairisu professor de língua materna na escola Hahãintesu, atuando de forma bastante precária. Uma das funções deste trabalho é, assim, servir como suporte para a confecção de material didático específico, o que será feito em parceria com a comunidade indígena. Acredita-se que, se seus falantes forem alfabetizados e passarem a escrever em sua própria língua, as chances de que o Hahãintesu tenha um ganho de vida serão maiores.

A divulgação dos resultados do trabalho iniciado pelo linguista pode, ainda, ser o pontapé inicial para que não apenas a língua, mas também, aqueles que a falam, sejam alvo do interesse dos governantes e tenham seus direitos constitucionais transformados em políticas públicas que efetivamente contribuam para a melhoria e manutenção da língua e da vida de seus falantes.

Como resultado dessa investigação, construiu-se um documento de língua, acreditando-se que ele se constituirá em obra fundamental para a preservação dos principais dados descritos de Hahãintesu. Ademais, cópias desta tese ficarão à disposição da academia como fonte de consulta no acervo do NEI – Núcleo de estudos Indigenistas da Universidade Federal de Pernambuco, enquanto outras serão entregues à comunidade indígena Manairisu e à sede da FUNAI, em Brasília.

Considerando-se as cerca de 180 línguas indígenas do Brasil, atualmente (Rodrigues, 2002), entendemos o quanto é importante preservá-las. A língua é o principal veículo da cultura de um povo, fundamental para a afirmação de sua identidade, para o ensino de costumes, do imaginário, e de suas crenças. Não se pode deixar que uma língua convalescente venha a desaparecer sem que se tenha tido a mínima oportunidade de se conhecê-la.

Para a Academia, resta ainda a importância de se ter a descrição de mais uma língua do mundo, o que contribui para o entendimento das variedades dos falares humanos. Some-se a isso, a preservação dos registros de áudio e vídeo e o repositório da obra para futuras consultas e pesquisas. A importância deste estudo também está em oferecer ao profissional linguista mais

uma variedade de gramática de língua indígena com a qual ele possa fazer futuros trabalhos comparativos.

1.3 METODOLOGIA DA PESQUISA E TRABALHO DE CAMPO

O trabalho de coletar os primeiros dados foi iniciado no ano de 2017, mediante a aprovação da documentação necessária para ingresso em Terra Indígena[3], e logo que os líderes do povo Manairisu autorizaram as incursões na aldeia para as primeiras gravações. Para isso, foram utilizados dois gravadores, sendo um Tascam DR-44WL e um Tascam DR-05, além de um microfone unidirecional CSR HT-81. Esse processo deu-se entre os meses de junho e julho daquele ano, período em que foram coletados por volta de cem horas de gravações de áudio, junto ao povo. Os critérios para a escolha dos colaboradores da coleta foram os seguintes: (1) eles deveriam ser bilíngues em Português-Hahãintesu, tendo a língua indígena como sua língua materna; (2) deveriam aceitar os termos de livre e espontânea vontade para participarem da pesquisa, documentos que foram devidamente lidos e assinados no momento da entrevista; (3) serem reconhecidos pela comunidade Manairisu como potenciais colaboradores da pesquisa.

Em 2017, participaram do trabalho um total de cinco colaboradores, sendo quatro homens e uma mulher. O jovem aluno do oitavo ano do ensino fundamental, Alexssandro Hahãintesu, o qual se converteria no principal colaborador daquele ano; o cacique da aldeia Central, Avá Hahãintesu, líder da comunidade e importante colaborador, principalmente, quando o trabalho necessitou de informação de fala espontânea e de contação de histórias; Benjamin Hahãintesu, indígena de meia idade e único dos Manairisu a ter um trabalho remunerado pela prefeitura, o de AISAN -agente indígena de saneamento-; Nazaré Hahãintesu, jovem dona de casa que deu grande contribuição à pesquisa quando esta requereu informações sobre a forma de fala típica das índias, pois, nessa língua, há diferenças gramaticalmente marcadas de gênero, de acordo com o sexo do interlocutor; e Airton Hahãintesu, jovem estudante da aldeia Cabeceira. O perfil dos voluntários em 2017 pode ser conferido no quadro seguinte:

[3] A provação da documentação necessária ficou a cargo da FUNAI – Fundação Nacional de Apoio ao Índio. Da mesma forma, a primeira visita à aldeia foi feita juntamente com os técnicos do órgão, os quais acompanharam a chegada e aprovação do cacique de que os trabalhos poderiam ser iniciados.

Quadro 1 - Colaboradores da pesquisa em 2017

Colaborador	Idade	Etnia/aldeia	Ocupação	Tempo de gravação de áudios (Estimativa)	Sexo
Alexssandro Hahãintesu	17 anos	Manairisu (aldeia Central)	Estudante	40 horas	Masculino
Benjamin Hahãintesu	35 anos	Manairisu (aldeia Central)	Agente AISAN	30 horas	Masculino
Nazaré Hahãintesu	27 anos	Manairisu (aldeia Central)	Dona de casa	7 horas	Feminino
Avá Hahãintesu	41 anos	Manairisu (aldeia Central)	Cacique	20 horas	Masculino
Airton Hahãintesu	19 anos	Manairisu (aldeia Cabeceira)	Estudante	5 horas	Masculino

Todos os cinco colaboradores tinham o português como segunda língua, com variações na fluência[4]. O português era a língua de intercâmbio mais usada por eles quando mantinham diálogo com outros indígenas ou com os não-indígenas, mas, o Hahãintesu predominava quando eles conversavam entre si.

As primeiras elicitações foram feitas a partir de listas de animais, da flora e de objetos e utensílios usados e fabricados na aldeia, quase sempre em contextos em que os objetos ou animais estavam presentes na cena de gravação. Esse trabalho inicial tinha por objetivo

[4] Os falantes Manairisu mais velhos variam bastante em graus de fluência do português. Os que têm maior contato com a cidade, normalmente, falam melhor. O fato de, ainda, viverem, relativamente, afastados do centro de Comodoro, e terem menor contato com os não-indígenas do que os Nambikwára do Campo, coopera para que nem todos os adultos tenham o mesmo nível de entendimento da fala dos brancos. A escola também tem um peso grande na fluência do português, o que facilita para que os mais jovens, que tiveram acesso à escola, falem mais corretamente, leiam e escrevam.

conhecer os nomes em isolado, ou em contextos de interação, para a formação de listas de léxico.

Posteriormente, foi possível iniciar a tradução de pequenas frases, sempre procurando contextualizá-las de acordo com as situações em que eram vivenciadas e observadas no quotidiano da aldeia, como, por exemplo, a construção e reparo de casas, a cata do coró, a busca por palmito, as atividades na escola, os afazeres domésticos ou a confecção de flechas.

Além dos trabalhos de gravação, o campo exigiu a confecção de dezenas de questionários com frases que envolviam questões sobre Fonologia, Morfologia e Sintaxe, inspirados em modelos de gramática de língua portuguesa, ou sob inspiração de outras gramáticas descritivas sobre línguas indígenas, retirados de questionários e listas do Museu Nacional e nos ensinamentos de como se fazer uma coleta de campo, encontrados na obra *Discribing Morphosyntax*, de Thomas Payne (1997). Esses modelos de questionários serviram para o preenchimento dos cadernos de transcrição. Os dados de fala coletados *in loco* eram, então, repassados para os cadernos e, neles, as frases constantes nos questionários eram novamente transcritas em português e, logo abaixo, traduzidas para a língua indígena. Essa metodologia resultou num total de 16 cadernos preenchidos com dados de fala Hahãintesu, ao final da pesquisa,

Um outro recurso utilizado foi o do caderno de campo. Nele, o pesquisador pôde descrever suas percepções sobre o cotidiano do povo e da língua, as dúvidas mais recorrentes e as suas vivências no campo, com informações de data e hora em que os fatos narrados haviam ocorrido.

No ano de 2018, entre os meses de junho e agosto, deu-se a segunda visita de campo às aldeias. Nesse ano, foi possível coletar pequenas narrativas de anciãos Manairisu e, principalmente, enriquecer os dados com gravações de mini-textos, de diálogos simulados, ou espontâneos, e de contação de narrativas. O total de tempo de gravação somou 65 horas, em média. Em consequência da ausência do cacique, que se recuperava de uma pequena cirurgia no olho, e da falta de Benjamin e Nazaré, os quais acompanhavam parentes no hospital de Vilhena, houve trocas significativas de colaboradores.

Hércules Hahãintesu, jovem de 19 anos, passou a ser participante, colaborando fortemente com questões sobre ‘a língua dos velhos’, pois ele era um dos indígenas que se encontrava em estado de maior isolamento, com sua casa tradicional mais afastada da aldeia

Central. Ainda, houve a colaboração de Saué e de sua esposa Margarida, única indígena contratada pela prefeitura para ajudar no preparo da merenda da escola e, também, a colaboração de Vilson e Uli, com poucas, mas importantes horas de gravação, pois eles eram representantes dos Manairisu moradores da aldeia Cabeceira, mais afastada. Além desses novos colaboradores, houve a continuação das gravações com Alexssandro.

Quadro 2 - Colaboradores da pesquisa em 2018

Colaborador	Idade	Etnia/aldeia	Ocupação	Tempo de gravação de áudios (Estimativa)	Sexo
Alexssandro Hahãintesu	18 anos	Manairisu (aldeia Central)	Estudante	20 horas	Masculino
Hércules Hahãintesu	19 anos	Manairisu (aldeia Central)	Estudante	30 horas	Masculino
Saué Hahãintesu	34 anos	Manairisu (aldeia Central)	zelador da escola (voluntário)	10 horas	Masculino
Margarida Hahãintesu	32 anos	Manairisu (aldeia Central)	Merendeira da escola	3 horas	Feminino
Vilson e Uli Hahãintesu	21 e 27? anos	Manairisu (aldeia Cabeceira)	Estudantes	4 horas	Masculino

No ano de 2019, houve a última visita para o trabalho de coleta dos dados, entre os meses de maio e junho. Naquela ocasião, a pesquisa deu prioridade às traduções de textos gravados no ano anterior e às dúvidas ocasionadas pela descrição e análise de dados. Houve aumento de gravação de histórias e narrativas espontâneas, mini-textos e diálogos e iniciaram-

se as primeiras elicitações na língua Hahãintesu, com pequenas frases que eram repetidas para que o colaborador indicasse erros de tom, traduzisse e explicasse melhor seus significados. Apesar disso, foi um ano de maior ausência de participantes, devido às suas viagens e atividades extra aldeia, o que resultou num número menor de horas de gravação. Chegou-se a um total, assim, de 40 horas gravadas, em média. Nesse ano, Airton Hahãintesu voltou a ser informante e houve a participação de Ademir Hahãintesu, o primeiro professor indígena contratado para ministrar aulas de língua materna. Houve, ainda, a continuidade do trabalho de gravação com Alexssandro:

Quadro 3 - Colaboradores da pesquisa em 2019

Colaborador	Idade	Etnia/aldeia	Ocupação	Tempo de gravação de áudios (Estimativa)	Sexo
Alexssandro Hahãintesu	19 anos	Manairisu (aldeia Central)	Estudante	15 horas	Masculino
Ademir Hahãintesu	19 anos	Manairisu (aldeia Central)	Professor índigena de língua materna	20 horas	Masculino
Airton Hahãintesu	21 anos	Manairisu (Cabeceira)	Estudante	5 horas	Masculino

É importante salientar que nos anos de 2020 e 2021, por meio de um telefone celular, Ademir Hahãintesu e Benjamin Hahãintesu enviaram dados de gravação que somaram, pelo menos, 10 horas de informação adicional, os quais foram fundamentais para o esclarecimento de muitas dúvidas que o trabalho de análise apontara.

1.4 METODOLOGIA DA ANÁLISE DE DADOS

A análise dos primeiros registros sonoros iniciou-se ainda na aldeia, conforme aconteciam as entrevistas, as gravações e as transcrições dos dados de fala dos indígenas. Esse processo resultou num total de, pelo menos, duzentas horas gravadas e da prévia catalogação das informações em dezesseis cadernos, da aplicação e tradução de minitextos, diálogos e histórias, os quais foram transcritos e devidamente traduzidos em listas separadas, e de alguma informação das impressões do campo colhidas em diário de bordo.

Num primeiro momento, o trabalho visou a elaboração de um quadro descritivo dos segmentos, da sílaba e dos suprassegmentos e, para isso, a transcrição fonética/fonológica dos dados foi feita usando-se o alfabeto fonético internacional (*International Phonetic Alphabet* - IPA), fonte fonética *Doulos*. As informações foram, então, separadas por colaborador, e divididas em planilhas contendo seu nome, o tempo de gravação, o período em que as gravações foram feitas, a transcrição fonética, a glosa e a tradução. Os dados sonoros foram, então, transportados para o *Praat*, programa específico para tratamento de áudio, onde puderam ser devidamente segmentados e analisados. Os trabalhos prévios sobre Fonologia e/ou Gramática de outras línguas da família Nambikwára também foram de enorme ajuda, como os de Kroeker (2001); Telles (2002); Eberhard (2009); Braga (2017); Souza Neto (2018); e Costa (2020), além de obras que dissertam sobre teoria linguística e trabalho de campo, como as de Dixon (2010) e Payne (1997).

Com a criação de um banco de dados foi possível dar prosseguimento ao trabalho de identificação dos morfemas, unidades mínimas de significado, descrever os tipos de afixos que os integram e classificar os componentes que constituem a estrutura da polissíntese em Hahãintesu. Concomitante com isso, verificou-se o funcionamento dos argumentos e adjuntos ao redor do verbo, o que permitiu a classificação dos tipos de cláusulas que a língua apresenta.

1.5 REFERENCIAL TEÓRICO

O trabalho inicial de ouvir, transcrever e segmentar palavras e cláusulas em isolado foi importante para o reconhecimento dos sons da língua e para dar-se início à confecção de um quadro dos segmentos consonantais e vocálicos de Hahãintesu e, posteriormente, propor um

modelo de alfabeto, de sílaba e dos suprassegmentos, já que o tom é um importante componente distintivo, tanto no nível do léxico quanto no nível da gramática. Para isso, a introdução aos conceitos básicos de Fonologia de Laas (1986) enriqueceu bastante a pesquisa. Além dele, a obra *Análise Fonológica*, de Luiz Carlos Cagliari (2008) foi uma referência a mais para o trabalho de reconhecimento dos sons e para o estabelecimento de uma fonologia inicial segura. Outra importante base para os trabalhos de reconhecimento e classificação dos sons dessa língua do sul são os capítulos sobre Fonologia que integram as gramáticas prévias de línguas Nambikwára, as quais serão mais à frente tratadas.

Se a Fonologia é parte da gramática, naturalmente isto inclui uma interface com a Morfologia e a Sintaxe, onde a conexão com a tipologia é mais fácil.

Para a descrição da morfologia e da sintaxe, o estudo apoiou-se na perspectiva *tipológico-funcional*, especialmente a abordagem norte-americana, que tem como alguns de seus expoentes: William Croft, Bernard Comrie e o estudioso Talmy Givón.

Para Givón (2001) a abordagem tipológica para a diversidade gramatical entre línguas tem sido historicamente associada com a perspectiva funcionalista de gramática, desde Humboldt até Greenberg, e uma tipologia gramatical entre línguas não faz nenhum sentido a menos que tenha por base uma definição não-estrutural independente do *domínio funcional* a ser tipificado[5].

Para o autor, a alternativa para uma abordagem estruturalista da gramática tipológica é reconhecer explicitamente o que tem estado implícito na prática da tipologia gramatical desde sua inserção pelos comparatistas do século XIX: que na linguagem humana há sempre mais do que um meio estrutural para se chegar à mesma função comunicativa e que a tipologia gramatical é o estudo da diversidade das estruturas que podem ensejar o mesmo tipo de função.

Para a teoria lingüística, a tipologia é uma metodologia de análise que dá relevo a diferentes tipos de teorias lingüísticas encontradas em outras abordagens. Esta visão é afim com o Funcionalismo que preconiza que a estrutura pode ser explicada, primeiramente, em termos de suas funções lingüísticas. Por essa razão, a tipologia é comumente chamada de tipológico-

[5] Givón (2001) adianta que os tipologistas, independente da orientação teórica, fazem a mesma assunção lógica da taxonomia, a de que, em diferentes línguas, podem ser encontrados tipos de estruturas que, de alguma forma, devem ser agrupados como membros de meta-tipos mais gerais. Ele afirma que a assunção estruturalista tácita, seja articulada ou não, tem sido a de que tipologistas agrupam tipos de estruturas em meta-tipos de estruturas. Para ele, uma breve averiguação dos fatos é suficiente para convencer-se de que uma abordagem estritamente lógica, como a de estruturas de meta-tipos, não é possível para um trabalho de gramática.

funcional, tendo sido reconhecida por estudiosos como Givón, Haiman, Comrie e Hopper e Thompson, nos anos 70 (Croft 2003).

A *Teoria Lingüística de Base*, da qual Robert Dixon é o proponente, é pertinente para os estudo e descrição de línguas ágrafas, como o Hahãintesu. Dixon (2010) revela que essa se trata de uma ciência natural, como a Geologia, a Biologia, a Física ou a Química, e acrescenta que o trabalho dessa ciência é explicar eventos atuais, processos ou fenômenos naturais e não sistemas ideais, termos técnicos ou procedimentos matemáticos, porque o trabalho da lingüística é explicar a natureza da linguagem humana[6].

Além dos autores citados anteriormente, foram importantes os trabalhos sobre morfologia e gramática de Joan Bybee (1985 e 1994), os estudos sobre categorização nominal de Alexandra Aikhenvald (2000; 2007; 2018), além de outros temas variados sobre tipologia e gramática encontrados nos três volumes organizados por Timothy Shopen (2007). É importante destacar, ainda, a coletânea de artigos que versam sobre sistemas de classificação nominal organizado por Gunter Senft (2000).

Ainda, no que concerne aos estudos em morfossintaxe, o trabalho guiou-se pela obra *Describing Morphosyntax*, de Thomas Payne (1997), que é um guia de campo importante para o auxílio no processo de coleta, análise e reconhecimento de categorias linguísticas e que colaborou muito para a evidenciação das classes de palavras e para o entendimento do funcionamento desses componentes no interior do sintagma. Outras obras que tratam

[6] O autor afirma que qualquer pessoa que queira aprender verdadeiramente lingüística deveria escolher uma língua que não houvesse sido ainda descrita e que seus falantes se prestassem a cooperar com o trabalho do pesquisador. A exposição gradual à língua iria fazer com que o linguista ganhasse proficiência, até que ele estivesse pronto para o recolhimento de dados sonoros. O material de coleta incluiria narrativas, lendas e instruções de como plantar, caçar, tecer, que seriam gravados, transcritos e analisados. As estruturas gramaticais seriam trabalhadas indutivamente, na base do corpus textual, com enunciados observados na comunidade sobre seus hábitos e dos exemplos adquiridos nas sentenças durante a construção do léxico. Hipóteses relacionadas à organização gramatical deveriam ser trabalhadas e então checadas. A checagem envolveria a geração de sentenças previstas na base das estruturas putativas e de regras e expostas aos falantes. Se precisassem de correção, a hipótese precisaria de ajuste e, então, uma checagem deveria ser executada. Continuando neste caminho, em três anos ou mais, uma gramática da língua deveria ser feita (...). De acordo com Dixon, há um constante *feedback* entre a teoria e a descrição. Cada descrição é feita em termos de uma teoria estabelecida, e as mesmas teorias são interrelacionadas com base nas generalizações indutivas das descrições promovidas em seus termos. A cada nova descrição completada é possível se conduzir ao refinamento ou à revisão de algum aspecto ou aspectos da teoria. Quando o linguista atinge o seu aprendizado, pela produção de extensa documentação da língua, então ele passa a um novo estágio, o da comparação tipológica. Essa nova fase envolve procurar adicionar à teoria lingüística considerações como alguns parâmetros que ocorrem em uma variedade de línguas, tentando novas generalizações. (DIXON 2010, p. 02)

especificamente sobre os estudos de sintaxe comparativa, abordando também línguas indígenas, como *The indigenous lenguages of south America: a comprehensive guide*, organizado por Lyle Campbell & Verónica Grondona (2012), e os clássicos *Sintax I* e *II*, de Givón (2001) foram excelentes manuais de consulta. Para uma melhor compreensão sobre o significado e os contextos de uso da língua, obras que abordam Lexicologia e Semântica lexical, como os estudos de Polguère (2018), *Semantics*, de Lyons (1977) e *Pragmatics*, de Levinson (1983), foram fundamentais.

Quanto à revisão bibliográfica, o estudo consultou os trabalhos prévios sobre as línguas da Família Nambikwára do ramo do norte: Latundê/Lakondê (TELLES 2002) e Mamaindê (EBERHARD 2009), além da mais isolada, o Sabanê (ARAÚJO 2004). Esses documentos foram importantes fontes de informação e constituíram-se como obras fundamentais para a realização desse trabalho. A título de exemplo, podem-se citar os capítulos que trataram sobre Fonologia, os quais ajudaram no reconhecimento dos sons e na elaboração e proposição de um alfabeto para a língua Hahãintesu, além dos capítulos que trataram sobre Morfologia e Sintaxe, os quais colaboraram para o reconhecimento das várias categorias linguísticas e para o entendimento da complexa estruturação interna das palavras, dos sintagmas e da cláusula.

Além deles, há outros trabalhos de mestrado e doutorado, mais recentes, os quais versaram sobre outras línguas Nambikwára, dos ramos sul e norte, como: Negarotê (BRAGA 2017) e Nambikwára do Campo (SOUZA NETTO 2018; COSTA 2020), os quais priorizaram a Fonologia; Latundê (LIPPO 2017) e Wakalitesu (OLIVEIRA 2018), os quais abordaram questões de sociolinguística; Wakalitesu (SOTERO 2019), o qual se debruçou sobre aspectos específicos da morfossintaxe; e (SILVA 2021), que apresentou uma gramática descritiva para a língua Nambikwára do Campo.

Há ainda, a colaboração dos estudos sobre o Proto - Nambikwára de Wetzels (2004) e morfossintaxe do Kithãulhu, de Ivan Lowe (1999; 1976), que foram excelentes fontes de pesquisa, além da *Gramática Descritiva da Língua Nambikuara*, de Menno Kroeker (2001)[7], documento de leitura fundamental e principal fonte de consulta, pois, o Hahãintesu é uma das variantes do ramo do sul que foram alvo da pesquisa que resultou nessa gramática.

[7]É também importante citar os trabalhos que vêm sendo desenvolvidos sobre outras línguas da Família Nambikwára pela equipe de estudantes de Pós-Graduação do NEI, Núcleo de Estudos Indigenistas, da UFPE, os quais realizam pesquisas em variadas áreas como Fonologia, Prosódia e Reconstrução e contribuem para um entendimento mais completo sobre as línguas dessa família.

Trabalhos etnográficos feitos por Lévi-Strauss (1946, 1948, 1972), Price (1972), Roquette-Pinto (1975) e Wetzels (1999), além de obras de autores nacionais que se debruçaram sobre as línguas indígenas brasileiras, como o Marechal Rondón (1945), Mattoso Câmara Jr. (1965) e Aryon Dall'igna Rodrigues (1986) e, mais especificamente sobre os povos Nambikwára, de Edwin Reesink (2010; 2015), foram fundamentais na pesquisa, já que, na língua, principalmente, vemos refletida a cosmovisão do povo, a transmissão de costumes, a impressão de identidade e os processos sócio-históricos de mudança.

1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO

O presente trabalho é um estudo aprofundado da morfossintaxe da língua indígena Hahãintesu e é dividido em introdução e três capítulos, com subdivisões que rendem nove partes:

(1) O primeiro capítulo dedica-se ao estudo da morfossintaxe das classes de palavras e divide-se em cinco partes: (a) o primeiro trata sobre a morfologia do nome, com ênfase na descrição dos tipos de estruturas que compõem a palavra nominal e sua função dentro do sintagma; (b) o segundo fala do demonstrativo, seus tipos, sua posição dentro do sintagma e sua funcionalidade dentro da cláusula; (c) o terceiro relaciona-se com o verbo, seus tipos, os componentes internos que integram o sintagma verbal, a estrutura da polissíntese verbal e da holofrase; (d) o quarto tipo dedica-se à descrição da palavra adverbial e seus tipos, além de tratar sobre sua composição e posição dentro da cláusula; (e) e por fim, a palavra interrogativa, seus tipos e funcionalidade.

(2) O segundo capítulo trata sobre a sintaxe da oração simples e dos tipos de orações complexas que o Hahãintesu apresenta. As orações complexas são, ainda, divididas de acordo com o tipo de relação que mantêm entre si, em dois tipos: o primeiro trata sobre os tipos de elementos de coordenação e sua funcionalidade dentro da sentença, enquanto o segundo tipo refere-se às operações de subordinação, com descrição dos tipos de conectivos e a função que exercem no interior da sentença ou do período.

(3) O terceiro capítulo trata de forma breve sobre a Fonologia da língua, correspondendo com um quadro constitutivo dos segmentos, dos suprassegmentos e da estrutura da sílaba, além de informações sobre a constituição do ditongo e do acento em Hahãintesu.

1.7 ETNOGRAFIA E CLASSIFICAÇÃO LINGUÍSTICA DO HAHÃINTESU

De acordo com David Price (1972, p. 04), possivelmente os primeiros contatos entre os Nambikwára e os não-indígenas deu-se ainda no século XVIII, mais precisamente no ano de 1770, em decorrência da entrada de garimpeiros nos territórios povoados pelos indígenas, provavelmente, em busca de minérios. E, ainda, um ano antes, quando houve a chegada, à Vila Bela da Santíssima Trindade, da expedição chefiada por João Leme do Prado, o qual recebera como tarefa abrir passagem do Forte de Bragança até Vila Bela para transporte de gado e deparara-se com indígenas, ao longo do Rio Guaporé.

Diversos nomes indígenas como Cabixis, Tamarés e Guaritétés foram relatados nessa expedição (TAVARES 1964 *apud* TELLES 2002). David Price, em 1972, tentando esclarecer os etnônimos Pareci, Cabixi e Nambikwára mencionou que provavelmente os Cabixi contatados entre 1769-1770 eram de algum bando Nambikwára (PRICE 1972, p. 05-06).

Ainda no século XVIII, intensificou-se a ocupação das terras da região do Sararé, especialmente Vila Bela, com a chegada de colonos para a exploração das minas de ouro. Com as notícias de que havia grande riqueza na região do Vale, algumas expedições ocuparam as margens dos rios, o que resultou em diversos contatos com bandos Nambikwára daquela região.

Também, a partir da intensa fuga de escravos e da incursão de grupos de garimpeiros na área, aconteceram as primeiras entradas de negros e mestiços trabalhadores de garimpo nos territórios Cabixi. Embora muitos negros tenham sido recapturados e levados de volta à Vila Bela, outros se uniram aos indígenas e desses casamentos resultaram os Caborés (PRICE 1972, pg. 12-15). Um outro resultado desse contato foi a diversificação da agricultura entre os indígenas, através da introdução de culturas como a mandioca doce, o amendoim e o algodão.

Já no século XIX, com a redução da produtividade das minas e com a transferência da capital provincial de Vila Bela para Cuiabá, pouco a pouco, as pequenas vilas foram empobrecendo e seus colonos retornaram para seus interiores. Some-se a isso os constantes conflitos entre os Nambikwára, os Pareci e os colonos, o resultado foi uma redução da ocupação e das incursões nos territórios ocupados pelos nativos.

Ainda de acordo com Price (1972), a construção da linha telegráfica entre Cuiabá - MT e Porto Velho - RO, intensificou o contato entre os trabalhadores e os nômades Nambikwára, na região próxima à Diamantina, cerca de trezentos quilômetros ao norte de Cuiabá. Segundo

Leví-Strauss (1957, p. 276-277), as relações entre os trabalhadores da linha telegráfica e os Nambikwára oscilavam: "*Bastante boas no começo, pioraram progressivamente até 1925, data em que sete trabalhadores foram convidados pelos indígenas a visitar suas aldeias, onde desapareceram*".

A entrada de protestantes norte-americanos, no início do século XX, nas aldeias Nambikwára, também foi marcada por momentos de animosidades e, mesmo, por conflitos e mortes. Embora tenham feito um trabalho massivo para tentar a evangelização dos Nambikwára, estes nunca foram muito afeitos à cristianização. Há vários relatos de morte de missionários que sucumbiram na tentativa de levar a "fé" aos indígenas da região ou de pregadores que retornaram aos seus países de origem após o fracasso da missão. Se entre os Nambikwára a evangelização foi difícil, outras etnias como a Xavante não ofereceram tanta resistência ao Cristianismo. Nas palavras de Price: "*Despite this heavy evangelization, I never met a Christian Nambiquara. The reasons why some tribes are eager to convert while others obstinately resist are too complex to explore here (...)*"[8] (PRICE 1972, p.36).

Os Nambikwára tiveram seus primeiros registros oficiais feitos pelo General Cândido Mariano da Silva Rondón que, em 1907, liderou uma comissão rumo à região do Vale do Juruena. Cortando o noroeste do estado do Mato Grosso, essa expedição tinha por objetivo expandir as linhas telegráficas entre Cuiabá e Porto Velho. Os Nambikwára já haviam tido contato anteriormente com seringueiros da região, o que resultou em diversos conflitos e mortes. Provavelmente por isto, os primeiros contatos entre os Nambikwára e o grupo liderado por Rondón foram de hostilidade. Os relatos desse contato foram descritos por Rondón em compêndios de etnografia e, neles, há também listas de uns poucos termos transcritos pelo sertanista, da fala dos nativos, com sua respectiva tradução para o português, os quais foram enviados ao Museu de História Natural do Rio de Janeiro. Segue pequeno trecho de relato de contato:

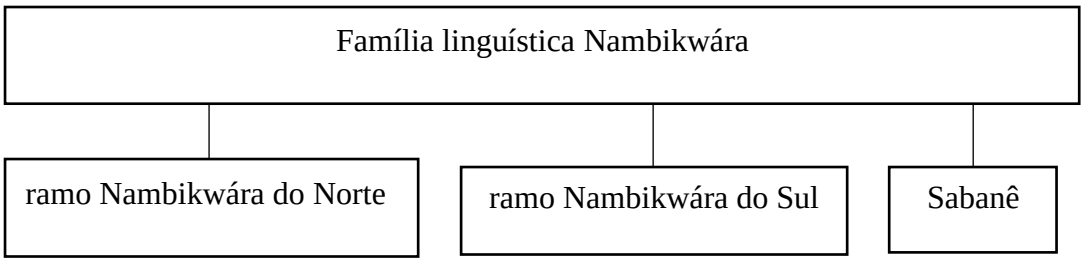
> No dia 12 de janeiro de 1910, às 4 horas da tarde, o Sr. Severiano de Albuquerque (...) viu os índios colhendo verduras. Eram 20 (...) No dia 10 de junho, às 8 horas da manhã, foram vistos colhendo feijão. (...) Na tarde dêste dia, enquanto estavam na mesma roça o Sr. Severiano e o mais dos companheiros foram flechados pelos índios, não tendo havido felizmente nenhum ferimento.(RONDON 1947, p.46).

[8] Tradução: "A despeito dessa massiva evangelização, eu nunca encontrei um Nambikwára cristão. As razões pelas quais algumas tribos são mais afeitas à conversão, enquanto outras resistem obstinadamente são muito complexas para se explorar aqui (...)"

Provavelmente, o antigo território Nambikwára era de 50.000 km quadrados. O termo Nambikwára, que é de origem tupi e significa "orelha furada", foi dado pelo Marechal Rondón aos grupos que tinham cultura semelhante. No passado,[9] chegavam a, aproximadamente, 10 mil indígenas (Wetzels, 1999: 23). Porém, de acordo com o censo realizado por David Price, em 1969, as populações Nambikwára haviam sido reduzidas a 550 indivíduos, apenas 30 anos após a passagem de Lévi Strauss pelo território[10]. Dados do censo realizado pelo ISA, em 1999, registraram uma população de 1.145 Nambikwára. Um outro levantamento feito pela FUNAI, em 2002, apontou cerca de 1.331 indivíduos. Os dados mais atuais do censo mostraram uma população de 2.237 indígenas[11].

São dez as Terras Indígenas (TI) Nambikwára, as quais foram regularizadas pela FUNAI a partir dos anos sessenta do século passado (COSTA R. 2008, p.22). Nelas, vivem vários grupos Nambikwára que, apesar da semelhança sócio-cultural, mantêm bastante rivalidade entre si, e se diferenciam, por exemplo, pela língua falada (PRICE 1972). Esses grupos formam a família lingüística Nambikwára, que é dividida por ramos, em: Nambikwára do Norte, Nambikwára do Sul e Sabanê.

Quadro 4 - Família linguística Nambikwára (ramos)



O ramo Nambikwára do Norte é composto pelos grupos dialetais Roosevelt e Guaporé, enquanto o ramo Nambikwára do Sul apresenta-se com os grupos dialetais: Manduca, do Campo, do Guaporé e Sararé. O Sabanê, mais diferente geneticamente do que os representantes dos outros dois grupos, é considerado como sendo uma língua isolada. A classificação em Norte

[9] Para a grafia dos etnônimos indígenas adotamos a orientação estabelecida em 1953 pela Associação de Antropologia Brasileira.

[10] Fonte: pib.socioambiental.org/pt/Povo:Nambikwara

[11] Sendo destes, 152 Hahãintesu.

e Sul e Sabanê foi feita considerando-se o grau de parentesco genético entre as línguas que compõem cada um desses grupos (TELLES 2006)[12].

1.7.1 A família linguística Nambikwára

De acordo com dados de Price (1972), Telles (2002) e Costa (2020), a família lingüística Nambikwára é composta pelas seguintes línguas e dialetos[13]:

Quadro 5 - Família linguística Nambikwára (línguas e dialetos)

Ramo Nambikwára do Norte		Ramo Nambikwára do Sul				Sabanê
Grupo Roosevelt	Grupo Guaporé	Manduca	Do Campo	Do Guaporé	Sararé	Sabanê
Latundê	*Mamaindê*	*Hukuntesu*	*Kithãulhu*	*Hahãintesu*	Sararé (ou Katitãulhu)	
Lakondê	*Negarotê*	*Siwaisu*	*Wakalitesu*	*Waikisu*		
Tawandê	*Tawendê*	*Niyahlosu*	*Halotesu*	*Alantesu*		
Sowaintê			*Sawentesu*	*Wasusu*		

[12] Os diferentes dialetos que compõem o ramo Nambikwára do Sul, no entanto, motivaram uma outra divisão, de acordo com (RODRIGUES 2013, p. 9), que os classificou em: Nambikwára Kithaulú, Sawantesú e outros, Nambikwára do Pequizal, Nambikwára do Sul e Nambikwára do Vale do Guaporé.

[13] Sobre algumas das línguas descritas no quadro acima, é importante destacar que:
(1) *Sabanê:* conta com menos de dez falantes nativos vivos e corre sério risco de extinção (ARAÚJO 2004).
(2) Ramo Nambikwara do Norte (Grupo Roosevelt):
Lakondê: possui apenas uma falante viva que mora na zona urbana de Vilhena, cidade ao sul do estado de Rondônia;
Tawandê: há poucos registros sobre esse povo. Acredita-se que há alguns remanescentes vivendo entre os Manduca, mas, não se sabe se falam ainda a língua;
Sowaintê: não há registro de sua língua;
(3) Ramo Nambikwara do Norte (Grupo Guaporé):
Tawendê: sobre eles, não há notícias a respeito de onde vivem ou se ainda restam, nem registros da língua, apesar de terem sido citados por David Price, coincidentemente na área em que os Mamaindê mais velhos dizem ter sido habitada por seu povo, a reserva Roosevelt (EBERHARD 2009, p. 30). Price não contabilizou mais do que sete indígenas dessa etnia em seu trabalho (PRICE 1972, p. 160).

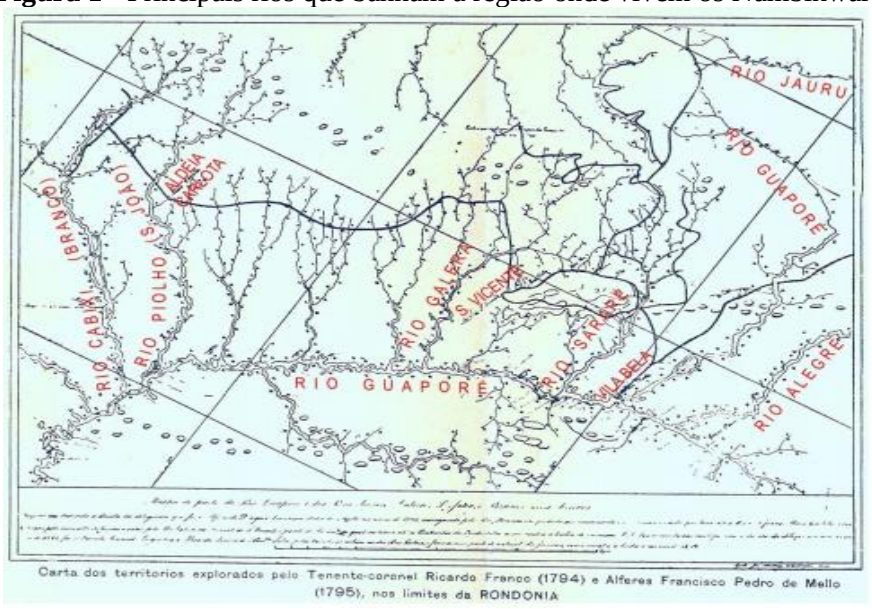
1.7.2 Nambikwára do Sul

Identificam-se três áreas dialetais onde se fala a língua chamada de Nambikwara do Sul: o Vale do Juruena, a região formada pelos rios Galera e Guaporé e o Vale do Sararé. Os Nambikwara do cerrado, ou Nambikwara do Campo, habitam o Vale do Juruena. Localizam-se no nordeste da Chapada dos Parecis e são chamados: Halotésu, Kithãulhu, Sawentésu, Wakalitesu e Alakatesu.

Price (1972) fez o reconhecimento de quatro dialetos entre os grupos que habitavam a região da chapada dos Parecis. Um deles era falado por um grupo que ocupava o extremo norte da chapada, na Serra do Norte, conhecidos como Niyahlósú, Si'waisu e Lunkatesu, atualmente chamados de manduca. Um outro dialeto era falado por grupos que ocupavam a região banhada pelo rio Camararé. Ainda, um terceiro dialeto era falado por grupos que habitavam a região entre os rios Formiga e Juína e, um quarto, falado pelos povos habitantes entre os rios Juruena e Sapezal.

Os Nambikwára que habitam a região do Vale do Guaporé, abaixo do rio Piolho, são conhecidos como: Wásusu, Sararé, Alantesu, Waikisu e Hahãintesu. São chamados comumente de Wãnairisu, em referência a um corte de cabelo típico dos grupos (FIORINI 1997, p.01)[14].

Figura 1 - Principais rios que banham a região onde vivem os Nambikwára

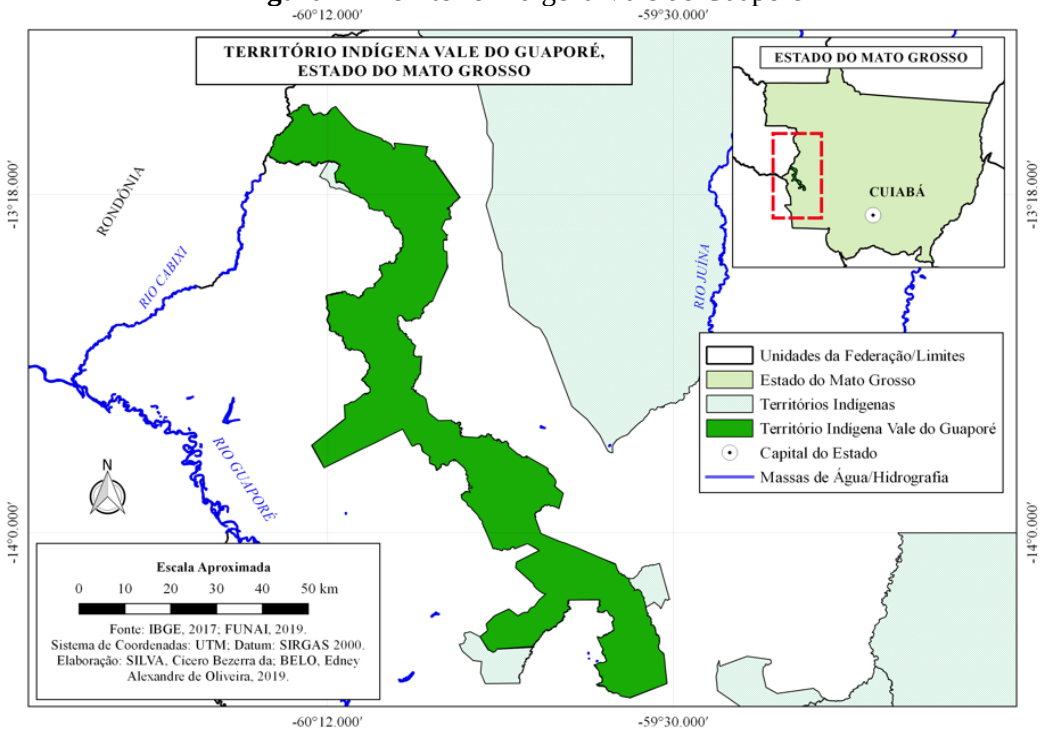


Fonte: "RONDONIA" – E. ROQUETTE-PINTO. Biblioteca Pedagógica Brasileira Série V - Brasiliana - Vol. XXXIX. Companhia Editora Nacional, 3ª Edição, SP,1935.

[14] Acredita-se que o único grupo que, atualmente, se autodenomina Manairisu seja o povo Hahãintesu.

1.7.3 Os Nambikwára do Vale

Figura 2 - Território Indígena Vale do Guaporé



De acordo com (SOUZA 2014, p. 52), após a Segunda Grande Guerra, o governo do Estado do Mato Grosso intensificou a venda de terras da região do Vale do Guaporé para os colonizadores que pretendiam ocupar aquela área do estado e explorar seus recursos naturais. Dessa forma, os territórios dos indígenas da região foram disponibilizados para empresas colonizadoras que deram início a um processo massivo de ocupação das terras férteis e exploração de mão de obra indígena.

O processo de reconhecimento das terras indígenas Nambikwára iniciou-se apenas nos fins da década de sessenta. Ainda de acordo com esse autor "(...) *no dia 08 de outubro de 1968, através do decreto n° 6.368, foi criada a reserva indígena Nambikwara. Havia nessa área 15% da população Nambikwara que vivia em duas aldeias: Camararé e Serra Azul. O órgão indigenista oficial tinha como objetivo transferir para essa área os grupos moradores das terras férteis do Vale do Guaporé* (...)". A região ocupada pelos indígenas, entretanto, era o equivalente a 1/6 do total das terras demarcadas inicialmente pelo órgão federal. Além disso, a região era quase que totalmente formada por solo arenoso e improdutivo. A intenção era deixar o restante das terras para os empreendimentos agropastoris. Além disso, o governo pretendia conduzir indígenas Nambikwára de outras regiões para ocuparem também o território recém criado.

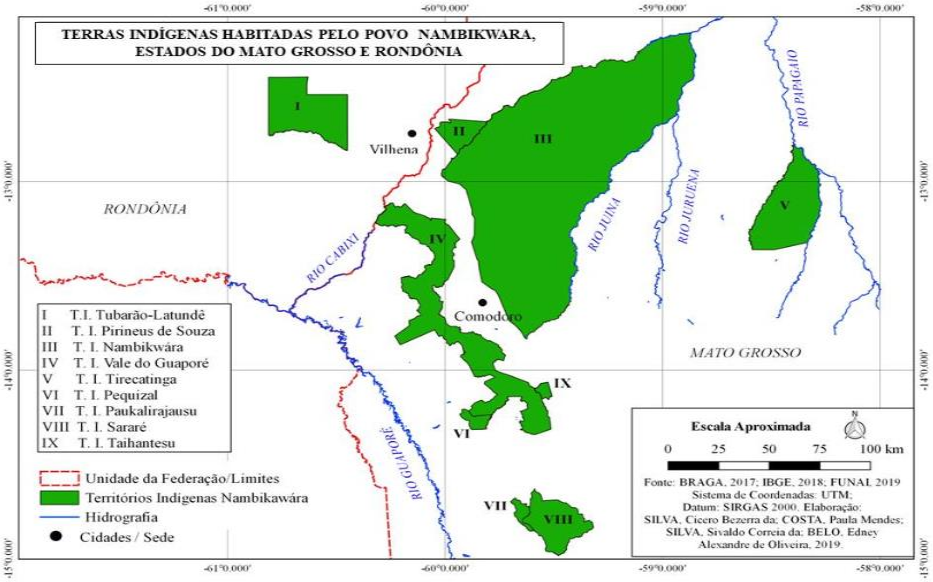
A FUNAI participou da transferência de indígenas Mamaindê, Negarotê, Alantesu e Wasusu para a TI Nambikwára. Muitos se recusaram a ir, e muitos se arrependeram de ter ido devido à pobreza do solo, que não se prestava ao plantio. Alguns grupos ficaram na região com a condição de poderem voltar ao Guaporé para caçar e pescar.

Entre as décadas de 1960 e 1970, todas as terras mais fecundas do Vale do Guaporé estavam nas mãos de empresários. Nesse mesmo período aumentaram as pressões para a transferência de indígenas para a Chapada dos Parecis. Em 1971, equipes da (FAB), Força Aérea Brasileira, e da FUNAI, precisaram socorrer indígenas dispersos pela região do vale. Os que escaparam da fome estavam morrendo de sarampo, doença trazida pelos brancos, para a qual não tinham defesa (SOUZA 2014, p.58-59). A transformação das áreas antes ocupadas pelos Nambikwára em regiões agroprodutoras modificou profundamente o ambiente, reduzindo os espaços de circulação e a distribuição de suas moradias. Em conversas informais, nos intervalos entre gravações, o cacique Hahãintesu chegou a dizer que a organização da aldeia atual é totalmente diferente da ocupação que era feita no passado de seus pais e avós. Segundo ele, as moradias eram dispersas no mato, próximas alguns metros umas das outras, e não distribuídas em espaços circulares ou semicirculares como o são atualmente.

Ainda de acordo com (SOUZA 2014: p. 52), no território que fora ocupado por mais de trinta grupos Nambikwára, no passado, no estado do Mato Grosso, existem dez Terras Indígenas descontínuas: Vale do Guaporé; Pirineus de Souza; Nambikwara; Lagoa dos Brincos[15]; Taihãntesu; Pequizal; Sararé; Paukalirahjausu[16]; Tirecatinga e Tubarão-Latundê. Esta última encontra-se ao sul do estado de Rondônia e é habitada, atualmente, pelos Latundê e pelo povo indígena Aikanã.

[15] Equivocadamente, a TI Lagoa dos Brincos não consta no mapa de nº 3. Esse território indígena situa-se no noroeste da TI Vale do Guaporé, formando uma ponta à esquerda do mapa. Não foi possível localizar algum documento que identificasse sua localização precisa ou seu contorno geográfico.
[16] Essa TI foi homologada no ano de 2010.

Figura 3 - Mapa mostrando a localização dos dez territórios indígenas Nambikwára



1.7.4 A cidade dos Nambikwára

O município de Comodoro[17] fica no extremo oeste do estado do Mato Grosso e tem pouco mais de 19 mil habitantes[18]. Faz fronteira com os municípios de Juína, ao norte, Vila Bela da Santíssima Trindade, ao sul, Campos de Júlio e Sapezal, a leste, Vilhena, Colorado do Oeste e Cabixi, a oeste, e com a Bolívia a sudoeste, distanciando-se 656 km da capital, Cuiabá. Sua formação tem origem nos movimentos dos governos estadual e federal, com o estabelecimento da fronteira agrícola, iniciados na década de 40. O arroz e a soja são as principais culturas do município, embora também haja o cultivo de grãos como o feijão e o café, em menor escala.

No passado, a região fazia parte do município de Vila Bela da Santíssima Trindade, ganhando status de distrito em 1977 e de cidade em 1986. É o território tradicional dos povos Nambikwára e Enawenê Nawê e situa-se quase que totalmente na Chapada dos Parecis, chegando a atingir 600m acima do nível do mar. Muitas das aldeias das diferentes etnias Nambikwára da região encontram-se nas cercanias da cidade, já que esta constituiu-se dentro

[17] Portanto, Comodoro nasceu dentro do território ocupado por diversas etnias indígenas e teve sua emancipação, relativamente, recente, com data de 13 de maio de 1986.
[18] De acordo com informações do Censo 2017 em: https://cidades.ibge.gov.br/

da região tradicionalmente habitada pelos indígenas[19], numa posição intermediária entre os municípios de Vilhena e Vila Bela da Santíssima Trindade[20], bem mais antigas[21].

Embora o ramo Nambikwára do Sul seja dividido em quatro subgrupos: Manduca, do Campo, do Guaporé e Sararé, ser do *cerrado* ou do *vale*[22] é a forma mais comum de distinção entre os grupos da região. Os Nambikwára do Cerrado estão na região da Serra do Norte, entre os rios Camararé e 12 de Outubro, e mais a leste, entre os rios Juína, Formiga, Sapezal e Juruena, enquanto os Nambikwára do Vale ficam no oeste da chapada, entre os rios Pimenta Bueno, Pardo, Cabixi, Piolho, Galera e Sararé, afluentes do Guaporé[23].

[19] Em (PRICE 1972, pg. 97) é possível ver-se a grande quantidade de grupos Nambikwára que viviam na região onde atualmente localiza-se Comodoro.

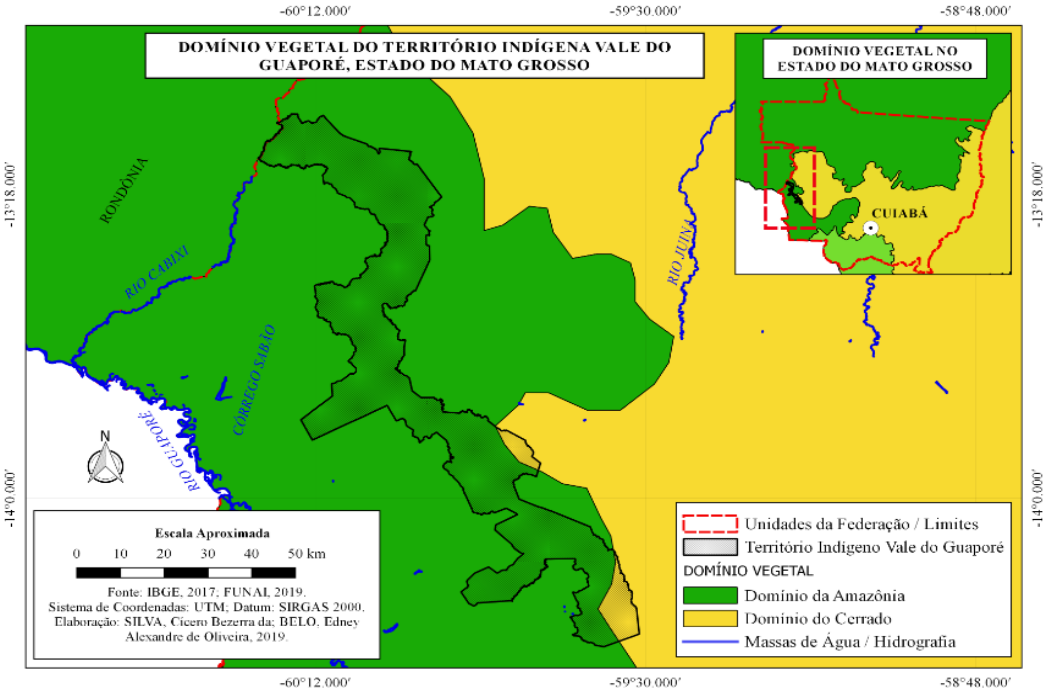
[20] É fácil encontrar os indígenas no centro da cidade, onde compram víveres, comercializam arte e realizam transações, fazem recebimento de benefícios nos bancos públicos ou recorrem aos serviços da FUNAI do município.

[21] Na época em que o pesquisador David Price esteve na região até a apresentação de sua tese intitulada *Nambiquara Society*, em 1972, a cidade de Comodoro ainda não existia, mas pequenas vilas e fazendas já se haviam instalado no território.

[22] De acordo com o site: *terrasindigenas.org.br*, a TI Vale do Guaporé ocupa 8.76% do território do município de Comodoro, que é de 2,174,336.00 (ha), e 10.85% do total de 473,416.00 (ha) do município de Nova Lacerda.

[23] A divisão em *do Cerrado* e *do Vale* não é, necessariamente, geográfica, pois, os Mamaindê e os Negarotê dividem a TI Vale do Guaporé com os Manairisu, mas não são tratados conforme a área geográfica que ocupam. Essa divisão é, preponderantemente, linguística. Os povos que falam variantes do Sul e se situam na região do Vale do Guaporé são, normalmente, aqueles que são chamados de Nambikwára do Vale. Aqueles que falam variantes do Sul, mas ocupam a região da Chapada dos Parecis são tratados como Nambikwára do Cerrado. A alcunha de povos do Vale ainda pode se referir aos Nambikwára do Vale do Sararé e da TI Paukalirahjausu, conforme área de ocupação e semelhança dialetal. Não se verificou neste trabalho se outros povos indígenas de outras etnias também são tratados dessa forma.

Figura 4 - Mapa mostrando o domínio vegetal do Território Indígena Vale do Guaporé



De acordo com o mapa, em amarelo, vê-se a divisão da região de domínio dos Nambikwára do Cerrado, de solo mais arenoso e seco, caracterizada por uma cobertura vegetal comum de cerrado brasileiro[24]. A região habitada pelos Nambikwára do Vale é composta por uma floresta mais úmida, em verde, com enormes vales recortados de cobertura vegetal mais densa.

1.7.5 Onde estão os Manairisu

O grupo do vale que se autodenomina Manairisu, ou Hahãintesu, localiza-se na região central da TI Vale do Guaporé, na aldeias Central, Cabeceira, Trevo A e Nova Bacuri. Eles[25] compõem o ramo do vale e dividem a TI Vale do Guaporé, numa área de 243mil (ha), com outras cinco etnias: ao norte com os Negarotê e os Mamaindê, ao sul com os Waikisu, os Wasúsu e os Alantesu.

[24] Essa cobertura é de Contato Savana-Floresta Estacional (40,86%), Floresta Estacional Semidecidual (28,88%) e Savana (30, 26%).
[25] De acordo com (PRICE 192, p. 69), os habitantes das margens do Juruena chamavam os povos do Vale do Guaporé de Wánailisú, mas, aqueles povos não se viam como uma entidade social e não tinham nome para se referir aos seus grupos.

A estrada que leva à aldeia Hahãintesu dista entre 65 e 70 km do centro da cidade de Comodoro, saindo-se da BR-364 e seguindo-se por estrada de terra, a MT-235[26]. Desse total, pelo menos 40 km são feitos fora da área de reserva, em região de fazenda. Depois disso, a floresta inicia e o caminho se torna mais tortuoso e fechado, já dentro do território indígena. A região é sensivelmente mais úmida e densa, onde a estrada beira um extenso vale[27].

Figura 5 - Localização das aldeias antes da construção da BR-364

Fonte: Adaptado de Souza e Oliveira (2019)

Antes 5 km da aldeia principal, chega-se à *Karieisu*, ou Cabeceira, a primeira aldeia Hahãintesu, composta por pouco mais de dez casas, um posto de saúde e uma escolinha[28]. Lá

[26] De acordo com informações colhidas entre os próprios indígenas e técnicas da Funai de Comodoro, a área atual de ocupação dos Manairisu é relativamente nova. Eles foram removidos, alguns anos atrás, da região das fazendas, fora do território indígena, distante mais ou menos 40km de onde estão localizados hoje, às margens da MT-235. O perigo de se acidentarem nos carros que cruzavam as fazendas e a situação de abandono em que se encontravam chamaram atenção para a necessidade de sua remoção para o local onde hoje se encontram, mais próximos da área tradicional em que, segundo eles próprios, viviam seus antepassados.

[27] De acordo com o site: *terrasindigenas.org.br* a região da TI Vale do Guaporé fica numa região de floresta estacional semidecidual, que ocupa 84.56% do território e de Contato Savana-Formações Pioneiras, com 15.44% de cobertura vegetal.

[28] Atualmente, quase todas as casas Hahãintesu são de madeira, com exceção do posto de saúde, das escolas e banheiros comunitários, de alvenaria, e de algumas casas tradicionais feitas com paus e cobertas com palha de buriti e lonas. Essas novas construções foram obra da prefeitura, que utilizou mão de obra dos próprios indígenas e de marceneiros da cidade, que os ensinaram como fazê-las. Em ocasiões como o ritual da menina moça os Hahãintesu fazem uma casa tradicional, em formato semicircular, de palha de buriti do chão ao teto e com armação

vivem por volta de cinquenta indivíduos, os quais mantêm bastante independência da aldeia Central, com cultivo de banana, batata doce e mandioca e com a pescaria, feita num córrego que passa do lado da aldeia. Seguindo o percurso, mais à frente, nas proximidades da segunda aldeia, a Central, maior e mais populosa, a estrada volta a ser ladeada por cercas à direita, num sinal de que o território indígena está acabando. O caminho se bifurca e, dobrando-se mais uma vez à esquerda, cerca de quinhentos metros à frente já se pode ver as primeiras casas da Central. Lá, vivem outros mais de cem Manairisu, distribuídos em vinte casas. Há ainda um centro comunitário, um posto de saúde, uma escola com anexo e dois banheiros coletivos, de alvenaria, além de um campo de futebol e uma mini horta, construída ao lado do anexo da escola.

A maioria das casas se ajusta num espaço retangular, com um terreiro central onde se podem ver algumas cruzes que sinalizam para o costume de se enterrarem os parentes em meio à aldeia. Foi numa das extremidades do terreno que se construiu o centro comunitário, local onde eles se encontram para receber outras lideranças e visitantes de fora e fazer reuniões de interesse da comunidade, ou jogar dominó e conversar, tomar café ao redor da fogueira e descansar. Ainda nos arredores do terreiro, ao lado do centro comunitário, fica a escola, construção semi-acabada e meramente utilizada para as aulas da única professora da aldeia, não-indígena, que mora e prepara a merenda dos alunos no anexo que fica um pouco mais à frente. Do lado oposto ao centro comunitário fica o posto de saúde[29]. Nele, os Manairisu têm a regular visita dos agentes de saúde, os quais se revezam no auxílio aos doentes e na educação para a prevenção de doenças. Os agentes dormem no próprio posto e são substituídos por outros enfermeiros, a cada dez dias. Regularmente, uma equipe de médicos e psicólogos faz visitas à comunidade para diagnósticos e consultas e, se for o caso, para encaminharem algum doente ou gestante para os hospitais de Comodoro ou Vilhena.

Distante meio quilômetro da Central fica a terceira aldeia Manairisu, a Trevo A, que não tem mais do que trinta habitantes, embora já tenha sido bastante populosa, até seu quase total abandono, anos atrás, em decorrência de um surto de malária[30]. Essa aldeia abriga a maioria

---

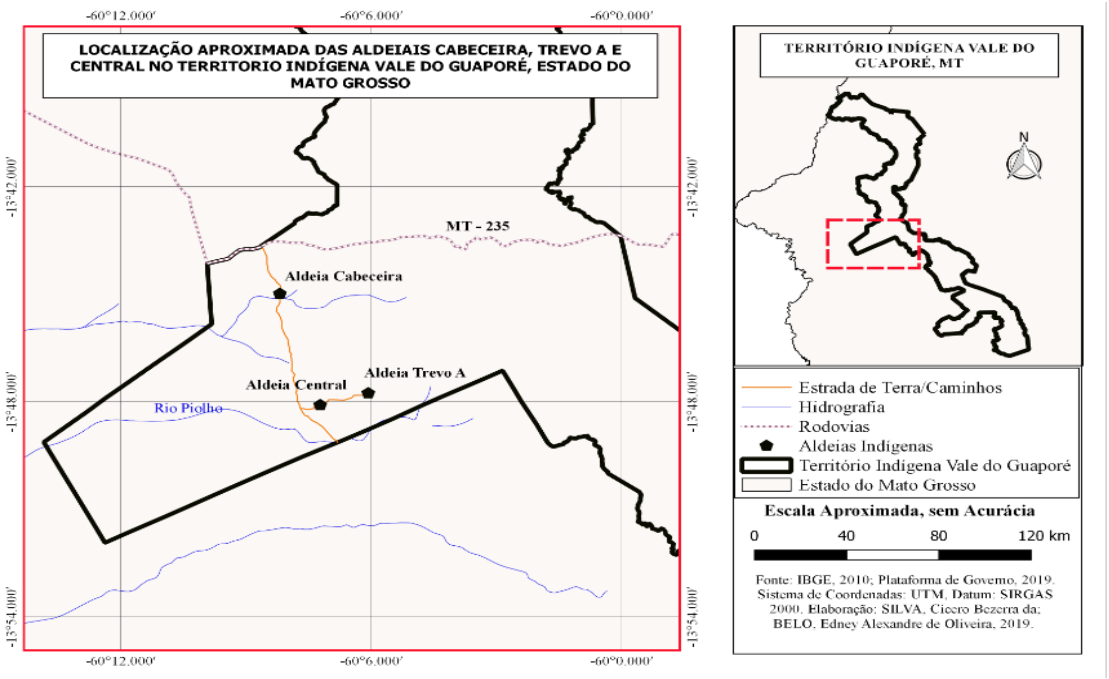
de madeira, internamente, no meio da aldeia, para receber as adolescentes que são mantidas e preparadas ali dentro até o dia da grande festa.

[29] De acordo com dados de funcionários da FUNAI, quando não havia a permanência de professores e enfermeiros na comunidade, poucos anos atrás, a desnutrição e as doenças causadas por animais e insetos eram responsáveis por praticamente uma morte por semana nas aldeias Hahãintesu. Mas, nas palavras da enfermeira da comunidade, as 72 crianças que lá viviam, no momento em que eu estive na aldeia, demonstravam que, além de estarem nascendo mais crianças, a mortalidade infantil havia diminuído.

[30] No lugar onde fica a aldeia trevo A, há uma picada que dá numa outra aldeia abandonada, chamada trevo B. De lá se pode chegar mais rápido à mais antiga das aldeias Manairisu do entorno, de nome Central, totalmente abandonada e tomada por vegetação. Esse antigo aldeamento fica a pelo menos 500 metros da velha trevo B, mas, foi totalmente queimada e deixada para trás, anos atrás. O motivo, segundo alguns indígenas, foi a sua proximidade

dos idosos Manairisu, os quais vivem de forma mais reclusa. Embora componham o núcleo ancião do povo, são eles os principais agentes que cuidam das roças, da fabricação de arcos e flechas e da pouca confecção de colares de miçangas. Os mais velhos não moram com os filhos ou netos e compartilham da solidariedade de outros anciãos para manterem suas atividades diárias.

Figura 6 - Mapa de localização aproximada das aldeias Cabeceira, Trevo A e Central na TI Vale do Guaporé, noroeste de Mato Grosso



1.7.6 A moradia dos Manairisu

As casas, tradicionalmente, feitas de palha são raras[31]. As de madeira[32] são cobertas com telha *brasilit* e têm quase sempre duas divisões internas: um cômodo de frente para a porta de entrada e um outro, com uma janela lateral, onde, normalmente, os indígenas dormem. Há muito

com um açude. A água parada servia de foco para a proliferação da malária e teria matado dezenas de Manairisu, forçando-os a se deslocarem para o local onde hoje ficam as aldeias Trevo A e Trevo B. Tempos depois do estabelecimento dos novos aldeamentos, um novo surto de malária motivou os indígenas a, mais uma vez, deslocarem-se, agora para a atual aldeia Central. A aldeia Trevo A, ainda resiste com uns poucos Manairisu, em sua maioria idosos.

[31] De acordo com Price (1972, p. 139), as casas tradicionais do Nambikwára do Sul eram de três tipos: oblongo, redondo e "*windscreen*", um tipo que possuía uma pequena abertura para entrada de ar. Um quarto tipo, o retangular, era mais recente à época da pesquisa que ele realizou. Conheci apenas o tipo oblongo, de cerca de 4m de largura por 1.8m de altura.

[32] As casas das aldeias têm sempre a mesma forma. Um espaço que serve de sala e um outro que parece servir como quarto. É um tipo de construção facilmente encontrado na cidade, ou na zona rural, um modelo de tradição colonial, não-indígena. Como vi camas em todas elas, creio que também foram implantadas juntamente com as casas, de forma padronizada.

pouca ou nenhuma mobília no seu interior. Algumas casas possuem camas de madeira[33], algum giral onde eles colocam bolsas, roupas ou panelas ou alguma prateleira de uso geral. As fogueiras ondem preparam a comida são acesas dentro das casas, no chão batido, pois não há piso de alvenaria[34]. A energia elétrica é uma novidade de pouco mais de cinco anos. Todas as casas têm um bico de luz, mas há pouquíssimos eletrodomésticos em seu interior. Armazenar comida em geladeiras é uma novidade. O freezer da escola serve, às vezes, para que algum deles guarde alguma carne de caça, peixe ou mandioca. O perigo de pisarem ou serem atacados por algum bicho peçonhento obriga que todos tenham lanternas e as usem para ir de uma casa à outra, à noite, pois não há iluminação externa.

As casas atuais abrigam, quase sempre, uma única família. De acordo com relatos de Price (1972, p.139-140), as habitações tradicionais dos Nambikwára do Sul podiam abrigar um número bem maior. Nas maiores, de formato oblongo, inclusive, podiam morar até vinte indivíduos (PRICE 1972, p. 155-156). O novo formato de moradia padrão, no entanto, não permite abrigar mais do que cinco ou seis pessoas. Essas casas, aliás, foram construídas pela prefeitura da cidade e têm estrutura similar à das casas coloniais de madeira, comuns nos arredores de Comodoro. O banho e a lavagem de roupa são feitos com água encanada bombeada de fontes na mata que afloram em torneiras próximas da área externa de algumas casas, para servir coletivamente[35].

O transporte mais comum é a motocicleta, fundamental para a circulação dos Manairisu entre suas aldeias e as de fora, para irem à cidade e para a caça e a pesca, pois os afluentes do Guaporé e a mata mais fechada ficam, relativamente, distantes. A gasolina, aliás, fundamental para o abastecimento das motos, é a moeda de troca mais comum na aldeia Central.

[33] Dormir em camas não é uma tradição desse povo. Na verdade, quando a prefeitura da cidade construiu as casas dos Manairisu fez camas nos quartos de cada uma das casas da aldeia. Muitos as ignoram e mantêm-se dormindo no chão, outros as usam como um tipo de armário baixo para guardarem mantimentos. O apelido de povos das cinzas, dado por outros pesquisadores, relaciona-se ao hábito Nambikwára de dormirem no chão, tradicionalmente, ao redor de fogueiras.

[34] A comida também é preparada, embora seja menos comum, do lado de fora das casas ou no terreiro, em frente ao centro comunitário.

[35] Testemunhei muitas crianças ganharem roupas e sandálias, usarem, e poucas horas depois, voltarem do mato nuas ou com apenas uma das sandálias no pé. Muitas das roupas que eram doadas eram abandonadas nas trilhas ou em meio às veredas, indicando que o hábito de guardar ou lavar as roupas é novo e pouco comum entre eles.

Figura 7 - Visão do terreiro da aldeia cercado pelas atuais moradias Manairisu

Fonte: próprio autor, 2017.

No ano de 2017, em ocasião das primeiras incursões para pesquisa em território indígena, havia três aldeias: Cabeceira, Central e Trevo A. Além delas, havia uma única família vivendo em isolamento num pequeno aldeamento chamado de Capim, próximo da entrada do território indígena, que abrigava a família do Kuasita. No ano de 2018, após a morte de sua mãe, Rarusa, Kuasita abandonou a casa e retornou com a família para a aldeia Central. Nesse mesmo ano, Leonardo Hahãintesu, filho do cacique Avá, com sua família, decidiu deixar a aldeia Central e construir um novo aldeamento, distante, aproximadamente, 6 km da aldeia de seu pai, juntamente com outras três famílias. A criação da aldeia Jatobá, em área fronteiriça às fazendas, no entanto, resultou em conflitos com fazendeiros da região, o que motivou a saída desses indígenas da área e sua busca por um outro lugar em que pudessem construir suas casas. No ano de 2019, eles estabeleceram-se em um novo terreno nas cercanias da entrada do território indígena e ergueram a aldeia Nova Bacuri.

No ano de 2020, de acordo com informações cedidas pela SESAI - Serviço de Saúde Indígena - as casas das aldeias Manairisu encontravam-se divididas da seguinte forma:

Quadro 6 – Quantitativo de casas nas quatro aldeias Manairisu

Aldeias	**Casas**
Tahãintesu (Aldeia Central)	20
Trevo A	9
Karieisu (Aldeia Cabeceira)	14
Nova Bacuri	5

A população, em agosto de 2020, era de duzentos e trinta e sete indígenas, divididos nas quatro aldeias[36], da seguinte forma[37]:

Quadro 7 – População Manairisu nas quatro aldeias

Aldeias	População
Tahãintesu (Aldeia Central)	114
Trevo A	37
Karieisu (Aldeia Cabeceira)	61
Nova Bacuri	25

O território indígena Vale do Guaporé foi homologado através do decreto 91.210, de 30 de abril de 1985[38]. As áreas descontínuas que abrigavam as sete etnias Nambikwára que compõem essa região passaram por diversas modificações e correções até que fossem respeitadas as áreas remanescentes e tradicionais e, assim, houvesse a criação de um território indígena unificado[39].

1.7.7 As roças, a caça, a pesca e as atividades de coleta

Os Manairisu fazem suas roças no entorno das aldeias, em área de floresta. Elas são geralmente de responsabilidade dos homens mais velhos, os quais saem cedo para a área de plantio e só retornam no cair da tarde. Nelas, cultivam, principalmente, mandioca, inhame e batata doce[40].

[36] É importante dizer que, no ano de 2017, os Manairisu eram pouco mais de duzentos indígenas. O fato de ultrapassarem os duzentos e quarenta indivíduos indica que está havendo aumento acelerado da população das aldeias, nesses últimos anos.

[37] O hábito de expandir o território em decorrência do casamento dos filhos, os quais, geralmente, decidem construir novas habitações mais distantes da moradia dos pais, ou migrar para a aldeia da família da esposa, e dessa forma, estabelecer novas alianças e lideranças, foi verificado por (PRICE 1972, p. 120-124).

[38] De acordo com dados de: *terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3894*

[39] As informações sobre as modificações feitas no mapeamento da região e sobre o georreferenciamento que resultou no modelo atual do Território Indígena Vale do Guaporé, foram repassadas por um técnico da FUNAI, no ano de 2017.

[40] Embora o milho esteja presente como uma das principais fontes de alimentação dos Manairisu, seu cultivo, hoje, é quase zero. Como há fazendas produtoras de milho ao redor da aldeia, muitos fazendeiros permitem que eles entrem no milharal e retirem uma certa quantidade de espigas para o próprio consumo, nas épocas de colheita.

A atividade de caça é responsabilidade dos mais jovens, predominantemente, e o uso de arco e flecha ainda é comum, juntamente com a espingarda, popularmente conhecida como soca-soca[41].

São os mais velhos que preparam os arcos e flechas, meticulosamente, para que os jovens possam ir à caça do porcão (*sus scrofa*) e da anta (*tapirus terrestris*) que requerem mais habilidade e força. Eles adentram a mata, geralmente à noite, para caçar, retornando no dia seguinte, pela manhã. Além daqueles animais, que formam a principal dieta protéica dos Manairisu, ainda se caçam macacos de quase todos os tipos, tatus, jabotis e roedores como a paca, a cotia e a capivara ou pequenas aves, embora elas não sejam centrais na dieta do povo[42].

A pesca também é uma tradição, sendo o pacu, o lambari e o lobó alguns dos peixes pescados, os quais são moqueados ou assados dentro ou debaixo de fogueiras. Essa atividade é feita com varas de pescar ou mesmo com as mãos[43] em pequenos riachos e córregos, ou nos rios Piolho e Cabixi, um pouco maiores. Diretamente do Rio Guaporé, os indígenas pescam o tucunaré, o curimbatá e o pintado, além do jacaré e do tracajá. Para isso, usam um tipo de arpão artesanal e um *snorkel* feito com ligas de borracha e uma placa de acrílico para saltar sobre os animais.

A atividade de coleta de frutos acontece de acordo com a sazonalidade e a variedade das espécies encontradas na mata. Nessa época, os indígenas saem em casais ou em grupos de homens ou mulheres para coletá-los. São comuns à sua dieta o açaí, o buriti, a macaíba, o babaçu, a bacaba, o jatobá, o pequi, a guariroba, o cumbaru, a jaracatiá (*Jacaratia spinosa (Aubl) A. DC.*), o abacaxi e a banana do mato (*Inga Laurina*). Alguns desses frutos são também importantes na fabricação da chicha, a bebida mais popular deles, que também pode ser preparada à base de mel, batata doce ou milho[44]. Outras atividades incluem a coleta do coró, que é um tipo de larva encontrada em troncos ou nas raízes de árvores, de uma pequena lagarta de cor preta e amarela e da cata das tanajuras.

---

[41] Os Manairisu não criam animais para consumo. Quando domesticam algum, não o matam mais, fazem-no de animal de estimação. Eles têm o costume de apanhar cães e gatos abandonados na cidade e criarem como animais de estimação, nas aldeias.

[42] Curiosamente, quando perguntei sobre as aves que eles se alimentavam um deles me falou que os Manairisu não costumam comer aves como a ema ou a seriema por pena do animal. Disseram ainda que isso os distingue dos Nambikwára do Cerrado, já que aqueles têm nas aves parte de sua principal dieta.

[43] Alguns deles relataram que têm o hábito de pescar saltando sobre o peixe e o agarrando, nas águas rasas dos córregos.

[44] Não se vê fácil a prática do plantio de árvores frutíferas nas aldeias, embora alguns deles tenham plantado mudas recebidas da FUNAI e tenham tido aulas de técnicas de plantio e manejo de sementes.

As mulheres, primordialmente, cuidam dos filhos e dos afazeres domésticos. Também participam, embora em menor grau, de atividades de pesca, de plantio e colheita. Segundo Price (1972), o cultivo da mandioca é mais tradicional entre os grupos do cerrado, enquanto a habilidade com o milho é mais forte entre os indígenas do vale. Assim, o preparo da pamonha, da farinha e da chicha de milho, além dos produtos feitos à base de mandioca, cará e batata doce é, geralmente, tarefa das mulheres[45].

Da cidade, os Manairisu costumam trazer arroz, feijão, aguardente, fumo, graviola, jaca, manga, pães, café e outros artigos que não se plantam nem se encontram disponíveis na floresta. Outro hábito aprendido com os não-indígenas é o do consumo de açúcar refinado e do sal, seja para adoçar a chicha, seja para salgar as caças.

1.7.8 A arte dos Manairisu

Sobre a arte das pulseiras e dos colares de tucum, bastante tradicionais entre outros povos Nambikwára, os Manairisu se colocam quase como uma exceção[46]. Raramente fabricam ou usam brincos, pulseiras, colares e cocares[47]. Nos relatos de Lévi-Strauss (1955, p. 292): "*Todos os bens dos Nhambikuara cabem folgadamente no cesto carregado pelas mulheres durante a sua vida nômade*". Quase não se vê utensílios de barro, madeira, algodão ou pedra, de fabricação própria, já que praticamente tudo o que compõe suas casas vem da cidade na forma de caixas, garrafas pet, potes plásticos, manufaturados ou objetos de alumínio e ferro. Eles usam pouca variedade de ferramentas para o trabalho no campo e atividades do lar[48], não

[45] Não percebi como guardam sua comida dentro das casas. Alguns me disseram que assam o peixe nas brasas da fogueira para conservá-lo por mais tempo. O que vi mais de perto é que eles, geralmente, comiam toda a comida que lhes era servida, sem reservas. A merenda da escola, por exemplo, era servida e repetida até que eles não quisessem mais. Alguns levavam para os parentes as sobras da merenda escolar ou dividiam com os que estavam fora da sala de aula. Mesmo com a energia elétrica e a possibilidade de adquirirem freezers para conservar alimentos, não vi essa preocupação.

[46] Sobre isto, Price (1972, pg. 122) relata: "*The wánai?lisú are particularly conspicuous, as they neither weave nor make beads. Thus, they wear no necklaces and use arm bands made from the new leaves of the babassu palm*". Tradução: "Os Manairisu são, particularmente, conspícos, pois nem tecem, nem fazem miçangas. Dessa forma, eles não usam colares e usam braçadeiras feitas de palhas novas de babaçu."

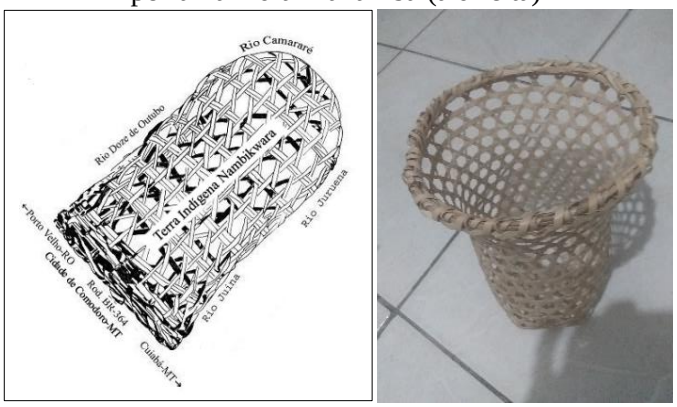
[47] Outro costume dos Manairisu apontado por Price (1972, pg. 121) é o de perfurarem o septo nasal para a colocação de uma pena ou palha. Vi pessoalmente os furos nos narizes de alguns colaboradores meus. Porém, de tão pequenos que são eu só pude perceber porque, ao tratar do assunto, eles faziam questão de mostrar e dizer que quase todos os mais velhos também os têm e que esses furos são feitos na adolescência, num ritual.

[48] Em grande parte das elicitações de léxico sobre objetos do lar, ferramentas do trabalho, utensílios para práticas de caça e pesca, adereços, brinquedos e roupas eu não tive sucesso. Principalmente, os colaboradores mais novos diziam que não havia nome para muitos objetos na língua porque se referiam a algum objeto ou alguma prática comum aos brancos. O nome para cachorro é um exemplo interessante. Os indígenas mais jovens usam comumente o termo kasola, claramente provindo da palavra cachorro, com adaptações para a língua indígena. Os

fazem ou usam redes nem canoas. De acordo com Lévi-Strauss (1955, p. 293), os Nambikwára do Utiariti costumavam atravessar os rios a nado ou com auxílio de molhos de lenha, os quais usavam como boias.

A arte mais comum às mulheres é a de trançar o chire, um tipo de cesto feito com palha de buriti, babaçu ou bambu, de tamanhos bastante variados[49]. O chires maiores são presos às testas das mulheres por uma tira de embira e servem, principalmente, para o transporte de lenha e mandioca. Segundo (COSTA R. 2008, p. 25-26): "*Em uma casa, a existência desse artefato simboliza a fartura e a presença do esposo que, periodicamente, presenteia sua mulher com um avantajado hatisu*". O chire Manairisu, no entanto, apresenta uma diferença importante em relação ao que é feito pelos Nambikwára do Cerrado. A base do cesto produzido no Cerrado é arredondada, como bem mostrou (COSTA R. 2008, p. 26), na representação abaixo/à esquerda:

Figura 8 - Ilustração de hatisu, ou chira, Nambikwára do Campo (à esquerda) e foto de hatiensu, feito por uma índia Manairisu (à direita)



O chire Manairusu, à direita, no entanto, apresenta base hexagonal, o que o faz ficar de pé, quando colocado sobre o chão[50].

colaboradores mais velhos tinham nome para quase tudo e se chateavam se não lembrassem alguma palavra ou tivessem que usar algum termo do português, ao invés de um correspondente na própria língua.

[49] De acordo com Lévi-Strauss (1955, p. 292-293): *"(...) Êsses cestos são de taquara fendida, trançada em grade, com seis hastes (dois pares perpendiculares entre si e um par oblíquo), formando uma rêde de malhas estreladas; ligeiramente mais largas no orifício superior, terminam por baixo em dedo de luva. Suas dimensões podem alcançar 1,50m, isto é, são por vezes tão altas quanto a carregadora."*

[50] Pareceu que só se pintam em ocasiões especiais e festejos, como a festa da menina moça, com urucum ou jenipapo. Os pajés, caciques e lideranças não usaram arte plumária nem colares para se diferenciam do restante da comunidade nos momentos em que estive na aldeia.

A confecção do arco e flecha de taquara é outra arte de responsabilidade de mulheres e homens[51]. Esses artefatos[52] são usados, preponderantemente, para a caça, mas, vem ganhando espaço nas feiras da região. Porém, os Manairisu ainda não têm o hábito de expor seus produtos à venda. Em consequência disso, a grande maioria dos arcos e flechas encontrados no comércio de artesanato é de fabricação de outras etnias Nambikwára, como os Negarotê.

Embora falem sobre o uso da flauta em rituais, inclusive da tradicional flauta de nariz, não foi possível verificar em nenhum momento se havia alguma delas na aldeia, mesmo nas casas dos pajés e dos anciãos. Também não se verificou a tradicional casa da flauta, onde apenas os homens podem entrar e tocar, muito tradicional entre os Nambikwára do Cerrado.

1.7.9 Situação linguística dos Manairisu

Todos os Manairisu falam a sua língua materna, o Hahãintesu[53]. Os mais velhos, em geral, não falam ou falam muito mal o português. As mulheres também costumam apresentar mais dificuldade do que os homens para aprender a língua dos "*kwa̱tiaita*", devido ao fato de circularem menos do que eles entre a aldeia e a cidade, o que faz com que seus filhos pequenos, os quais estão sempre sob seus cuidados, também aprendam português mais tardiamente. Há diferenças marcantes entre o Hahãintesu que é falado pelos indígenas mais jovens e aquele falado pelos mais velhos. É provável que aprender e dominar um sistema linguístico particularmente tão complexo requeira bastante tempo. Além disso, parece haver, também, variações típicas da fala dos mais jovens que coocorrem com a chamada 'língua dos velhos'[54].

[51] Numa certa ocasião, testemunhei no centro comunitário o pajé Lucas e sua mulher, Mairan, no trabalho com o preparo das flechas. Ela raspava e cortava as varas, deixando-as todas de um mesmo tamanho. Depois vi que ele trançava a taboca, amolava as pontas e punha a pena de mutum na outra extremidade, enrolando-a com um barbante forte. Pareceu-me que aquela parte do trabalho, que requeria mais força, era tarefa de homem.

[52] São três os tipos de flechas fabricados, os quais variam com o tipo e porte do animal que será abatido.

[53] Segundo Price (1972) e Lévi-Strauss (1955), no passado, os Nambikwára não tinham termos para se auto definirem enquanto povo. Apesar disso, nomeavam outros grupos Nambikwára com termos que foram largamente utilizados pelos pesquisadores da época. Dessa forma, para saber o nome de um grupo, o linguista perguntava aos nativos de um outro grupo como eles os nomeavam. Daí a grande variedade de nomes para os diversos grupos Nambikwára que se tem conhecimento. Ou ainda, no momento do contato, algo pronunciado pelos indígenas era compreendido como sendo o nome do povo indígena em questão pelo pesquisador, que não compreendia sua fala. Para as línguas, que também não tinham nome, o que parece comum entre eles é admitirem que os mesmos nomes de suas etnias nomeiam as línguas que falam.

[54] Há, ainda, diferenças sutis quando o alvo da fala é uma mulher ou um homem. Para elas, por exemplo, na terminação de verbos, utiliza-se um morfema final que identifica o seu gênero /-na/, enquanto que, para os homens, a forma verbal que identifica seu sexo é /-la/. Essa marcação identifica apenas o ouvinte, ou a pessoa com quem se fala.

Os homens adultos de meia idade falam, normalmente, bem o português. É comum, inclusive, que eles o usem como língua franca quando se comunicam com parentes Nambikwára que falam a variante do Cerrado, pois, embora digam que é tudo uma mesma língua, a dificuldade de entendimento entre os Manairisu e seus parentes do Cerrado[55] é nítida. O ensino de língua materna é recente e vem sendo ministrado na escola da aldeia por um jovem, mas muito precariamente. Em consequência disso, o português acaba sendo a língua da escrita e de intercâmbio com os Nambikwára de fora ou com os não-indígenas da cidade.

Embora digam que as línguas do cerrado e do vale são quase a mesma, se perguntados se há diferenças, os Manairisu são unânimes em dizer que sim. David Price afirmou que tanto os Nambikwára do cerrado quanto os do vale entendiam que havia diferenças e as aceitavam, inclusive, classificando ou diferenciando as línguas dos parentes por características de ritmo e prosódia, (PRICE 1972, p. 119-120). Já, quando questionados sobre as possíveis diferenças entre o Hahãintesu e as línguas do ramo Nambikwára do Norte, como o Mamaindê e o Negarotê, os Manairisu são unânimes em dizer - são línguas muito diferentes. De acordo com Price, a língua Hahãintesu estaria variando entre a fala dos Nambikwára do Cerrado e o Sararé[56].

Ainda segundo esse autor, era difícil para os habitantes das margens do Juruena e os Sararé entenderem-se entre si (PRICE 1972, p. 67). Esta diferença nos dialetos motivou os próprios indígenas a dividirem suas línguas em dois tipos distintos: a língua dos parentes do Vale e a língua dos parentes do Cerrado.

A escola é relativamente recente na aldeia, e não chega a ter dez anos de implantação. Uma novidade que ainda causa estranhamento, principalmente, entre os mais velhos. Sua importância está, muito mais, em ser um lugar de encontros e de socialização. O contato com a escrita e a leitura tem maior importância entre os homens, pois eles precisam aprender a ler e

[55] Quando perguntei a um de meus colaboradores sobre se ele entendia bem a língua do cerrado, num primeiro momento, ele falou que eram todos parentes e que falavam quase a mesma língua. Mas, logo disse que se eles falassem entre si não entendia muita coisa e que por isso usavam o português como língua de contato junto com a língua materna. Já meu colaborador mais jovem disse que usava mesmo era o português para falar com um nambikwára do cerrado. O pai desse jovem, inclusive, fez questão de me dizer que ensinava o Nambikwára do Cerrado para o filho porque achava mais bonito, pois há um maior prestígio em se falar a língua dos parentes do campo.

[56] Um fato importante destacado por Price (192, p. 133) é o hábito dos Nambikwára do cerrado de somarem indivíduos de outros grupos Nambikwára, o que é pouco comum no vale. Como disse Price (1972, p. 133): "*The multi-village band was poorly developed or lacking in the Guaporé Valley, where the type of vegetation was relatively homogeneous*". Esse fato pode ter contribuído para uma maior conservação da fala dos Hahãintesu. Numa conversa informal que tive com um indígena do cerrado, ele teria dito que o Hahãintesu é a língua mais antiga do vale.

entender, minimamente, cálculos matemáticos, já que negociam constantemente com os não-indígenas da cidade. Outra importância da escola está na alimentação, pois a merenda, servida sempre nos intervalos regulares de aula, tem se tornado essencial para a dieta dos Manairisu e, muitas vezes, sua principal fonte de alimento.

Muitos jovens acima dos vinte anos frequentaram a escolinha Hahãintesu quando ainda funcionava num barracão, até meados do ano de 2013. Naquela época, a falta de adaptação dos professores à cultura dos indígenas, além das precárias condições de infraestrutura do local, colaboraram para o baixo aprendizado dos indígenas.

Em 2014, iniciou-se a construção de uma escola e de um anexo onde funcionaria a cozinha. Mas, a construção inacabada não reunia as condições mínimas para funcionar como escola e as professoras acabaram ministrando suas aulas no próprio anexo, até o ano de 2017. Nesse ano, ajudada pelos próprios indígenas, uma das educadoras resolveu, por iniciativa própria, fazer uma pequena reforma no prédio inacabado para adaptá-lo e iniciar as aulas. Até o ano de 2019, a situação da estrutura e funcionamento da Escola Hahãintesu continuavam os mesmos.

Figura 9 - Vista da fachada da escola Hahãintesu

Fonte: próprio autor, 2018.

A escola, aliás, foi uma importante fonte para a coleta de informações sobre como o ensino formal de uma segunda língua pode afetar o aprendizado da língua materna entre os jovens educandos Manairisu. A observação das aulas, nos anos de 2017, 2018 e 2019, serviu como base para a apresentação de um pequeno panorama do impacto causado pela implantação da escola formal na comunidade indígena:

Quadro 8 – Resultado do impacto causado pela implantação da escola Hahãintesu, na língua

Faixa etária/contato com a educação formal (estimativa)	**Situação de fala**
Crianças (entre 0 e 6 anos, de ambos os sexos, fora da escola)	Falam mais a língua materna, mas são motivados pelas mães a falarem e entenderem o português também.
Crianças e adolescentes (entre 7 e 12 anos, de ambos os sexos, na escola)	Falam mais o português do que a língua materna, mas, a priorizam quando falam entre si. Entendem bem o português, conhecem o alfabeto, leem e escrevem nessa língua, com muita dificuldade. Porém, intercalam frases na língua materna com frases do português, constantemente.
Adolescentes e jovens (entre 13 e 18 anos, de ambos os sexos, escolarizados)	Falam mais o português do que a língua materna, inclusive quando se comunicam entre si. Escrevem e leem, com certa dificuldade, apenas em português. É possível notar algumas mudanças que, provavelmente, a alfabetização e o uso da gramática do português têm causado para a língua materna, pois eles fazem maior uso de frases gramaticais analíticas, usam construções com verbos de mínima morfologia interna, explorando menos a rica polissíntese de sua língua.
Jovens adultos (entre 19 e 30 anos, de ambos os sexos, com pouco acesso à escola)	Falam bem o português devido ao intercâmbio que mantêm com a cidade e com indígenas de outras etnias que usam o português como língua franca. Os homens, nessa faixa etária, os quais frequentaram a escola, escrevem com dificuldade, mas conseguem ler pequenos textos e fazer pequenos cálculos matemáticos. Entre si, conversam mais em Hahãintesu do que em português. As mulheres

	expressam-se mais na língua materna do que os homens.
Adultos (entre 31 e 45 de idade, de ambos os sexos, sem contato com a escola)	Falam bem o português devido ao intercâmbio que mantêm com a cidade e com indígenas de outras etnias que usam o português como língua franca. Falam mais o Hahãintesu entre si do que a língua dos não-indígenas. As mulheres falam quase que exclusivamente na língua materna. Usam expressões estruturalmente mais complexas e fazem mais usos de estruturas holofrásticas.
Adultos e anciãos (entre 46 e 65 anos de idade, de ambos os sexos, sem contato com a escola)	Falam português com mais dificuldade, pois mantêm menor contato com a cidade e com os não-indígenas. Os idosos acima dos 60 anos, praticamente, não falam português. Usam expressões com estruturas morfológicas mais complexas internamente e falam a chamada 'língua dos velhos'
Anciãos (de 66 anos em diante, sem contato com a escola)	Não falam e não entendem o português, mas, apenas a chamada 'língua dos velhos' e têm mais dificuldade de entender a variante do Hahãintesu falada pelos mais jovens.

1.7.10 Os etnônimos

De acordo com Price (1972, p. 70), os habitantes do Guaporé eram chamados de *mánàite* pelos povos da região do Roosevelt, *mánai?rú* pelo povo da área Cabixi e *wánai?lisú* pelo povo das margens do Juruena. Como já fora dito, os povos que habitavam a região do vale eram assim chamados por outros Nambikwára devido a um corte característico de cabelo[57].

[57] Sobre a tradição do corte de cabelo, o cacique Avá relatou que, no passado, os homens costumavam usá-los longos, enquanto as mulheres tinham o hábito de cortá-los na altura da testa.

Atualmente, o único grupo que se auto reconhece como Manairisu é o que habita o noroeste do território indígena, alvo deste trabalho.

Quando perguntados sobre o significado do nome de seu povo, alguns colaboradores informaram que Manairisu *wãnailisu* significa povo bom. Nessa língua, o verbo adjetival {uã-} refere-se a algo positivo e pode ser traduzido como '*ser bom* ou *ser para o bem'*. O nome *Tahãintesu,* usado também por outras etnias para identificá-los, no entanto, não é do agrado deles.

Outra maneira de nomeá-los, muito comum por sinal, e aceita por todos, é Hahãintesu. O nome, provavelmente, deriva da reduplicação do verbo {haiʔ-}, cantar, seguido do sufixo de nominalização {-te} e de um sufixo final {-su}. De acordo com o relato de um cacique Wasusu, os Hahãintesu são conhecidos pela forma característica de falar, macia e cantada, com sobes e desces de entonação. Esse etnônimo pode, assim, ser traduzido como 'Povo Cantador'. Diferente do que acontece com o nome Manairisu, tanto a língua quanto o povo podem ser chamados de Hahãintesu.

O povo do Karieisu, *kaliẽnsu,* habitantes de uma das aldeias Manairisu, é chamado dessa forma em referência ao buraco feito por um tipo de formiga pequenina, {kali-ẽn-su}, (esp. de formiga-cavo-SF), comum na aldeia.

Na Central, há ainda um indígena, Menno, {wẽnitu}, que afirma ser o último representante de um grupo já extinto, os {*wa̱ikatesu*}, ou 'Povo do Mutum'. Há, também, na aldeia, representantes de outras etnias que se casaram com os Manairisu. Normalmente, são parentes de grupos habitantes de aldeias mais próximas e com os quais os Manairisu têm histórico de bom entendimento, como os Wasusu que, segundo relatos de um jovem de sua aldeia, significa 'Povo da canela lisa', os Alantesu, que podem ter seu nome traduzido como 'Povo das araras', e os Waikisu, 'Povo do açaí'.

A designação de Nambikwára consta na literatura como tendo sido dada, primeiramente, aos povos indígenas chamados de Beiço de Pau, habitantes do vale do rio Tapajós (TELLES 2002, p. 9). Mais tarde, provavelmente por influência dos Pareci, os quais serviam de guia para a comissão de Rondón, passou-se a utilizar esse termo para nomear os povos considerados seus inimigos.

Outro fato interessante sobre os Nambikwára é que, de acordo com a literatura, esses povos não se autodenominavam. O que havia era a chamada alter-denominação, ou seja, eles costumavam nomear apenas os grupos com os quais tinham contato e, assim, quando se perguntava que nome tinham, eles, provavelmente, acabavam respondendo com o nome que davam a outro povo. Esse fato, provavelmente, resultou em diversos equívocos por parte dos pesquisadores que travaram os primeiros contatos, pois, um mesmo grupo poderia receber diferentes designações. Price disse que os habitantes das margens do Juruena eram conhecidos como wánai?lisú, porém, não se reconheciam como grupo social e não tinham nome para si (PRICE 1972, p. 69). Esse fato, talvez, explique porque os Manairisu também são conhecidos como Hahãintesu ou Tahãintesu. Se, no passado, os povos do Vale do Guaporé eram todos conhecidos como Manairisu, atualmente, essa designação serve apenas para designar os Nambikwára que habitam a área mais ao centro do território indígena.

2 INTRODUÇÃO À MORFOSSINTAXE

2.1 PALAVRA MORFOLÓGICA E TIPOS DE MORFEMAS

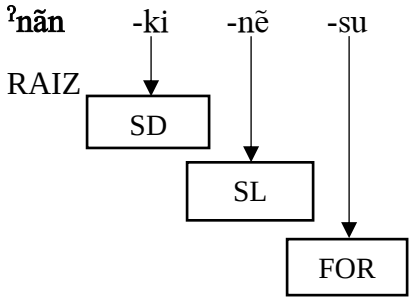
A palavra fonológica coincide com a palavra morfológica, já que não se identificaram clíticos ou partículas pré ou pós-posicionadas na língua. O contrário, a coincidência entre palavra morfológica e palavra fonológica também acontece. A constituição da palavra morfológica é feita pela raiz lexical e seus afixos.

As palavras permitem segmentação em morfemas, as unidades mínimas de significado, muito vastos na língua, e o tom compõe as formas suprassegmentais, sobrepondo-se às vogais, mudando o resultado sonoro final e modificando o significado semântico-morfológico da palavra. Todas as formas apresentadas operam em todos os níveis da gramática: raiz, derivação e flexão. As distinções de tom foram vistas tanto na flexão quanto na derivação.

Na base da constituição da palavra do Hahãintesu podem ser classificados:

1. *Palavra* - forma independente que pode se combinar a outras formas, tendo como conteúdo mínimo e obrigatório o radical e um morfema referencial final;
2. *Raiz* – a forma lexical mínima;
3. *Radical* – a forma mínima da palavra, a qual podem se juntar outras raízes, somada a afixos derivacionais;
4. *Afixos* – derivacionais (que se unem à raiz num processo lexicogênico), sufixos lexicais[58] (não se enquadram formal ou funcionalmente entre os outros dois tipos e são, geralmente, equivalentes a palavras independentes em outras línguas) e formativos (tipos flexionais que promovem informação gramatical nas raízes/radicais). Segue um exemplo de palavra com os três tipos de afixos citados:

(01)ʔnãnkinẽsu (pé de cumbaru)



[58] *Sufixos lexicais* é um termo para designar morfemas que não se ajustam à maneira dos derivacionais ou dos flexionais típicos dessa língua.

O esquema acima mostra a segmentação da palavra nãnkinẽsu, que pode ser traduzida como ‘pé de cumbaru’, ou, de forma mais literal, ‘cabeça de cumbaru’, um fruto comum de cerrado. Nela, é possível ver que a raiz é o primeiro elemento da composição e é seguida de um sufixo derivacional com função classificadora, um sufixo lexical que significa ‘cabeça’, e faz referência à copa da árvore, além de um sufixo formativo com função demonstrativa e referencial final. Os dois primeiros sufixos formam, juntamente com a raiz, o radical da palavra.

2.2 AS CLASSES DE PALAVRAS

De acordo com Schachter & Shopen (2007, p. 01), o termo partes do discurso “*parts of speech*” é tradicionalmente usado para o reconhecimento das classes de palavras que se diferenciam gramaticalmente numa língua. Embora todas as línguas apresentem distinções em suas classes, há diferenças marcantes entre elas no que se refere aos tipos e ao número de distinções que podem apresentar. Para um pesquisador de campo que trabalhe com uma língua pouco familiar, dizem eles, é importante encontrar os mecanismos com os quais se possa fazer generalizações sobre as classes de palavras da língua sob investigação.

Para o reconhecimento das classes lexicais do Hahãintesu, estabeleceram-se critérios morfológicos e sintático-funcionais. No caso específico de línguas pouco conhecidas como essa, o critério morfológico mostra-se ainda mais adequado e confiável, posto que não se verificaram estudos anteriores sobre ela.

O Hahãintesu, como a maioria das línguas da Família Nambikwára[59], é polissintético, o que o caracteriza, dentre outros motivos, pela possibilidade de a raiz lexical receber uma grande quantidade de morfemas, na forma de afixos, que ensejam uma grande quantidade de informação. É uma língua classificadora, de verbo final, que apresenta processos de incorporação nominal, nos quais, muitos dos morfemas que integram as palavras, na forma de sufixos e prefixos, podem corresponder a palavras inteiras em outras línguas.

Foram identificadas cinco classes lexicais nessa língua: três abertas, as de nome, verbo e advérbio e duas fechadas, as de demonstrativo e palavra interrogativa.

Nomes e verbos são as classes mais numerosas. Os verbos se subdividem em dinâmicos e estativos. Dentre os estativos estão os adjetivais, os quais correspondem aos valores numerais, locacionais, adverbiais, temporais, além daqueles que se referem às cores.

[59] A exceção é a língua Sabanê, sobre a qual, Antunes (2004, p. 214) argumenta ser do tipo aglutinativo.

Os pronomes compõem a classe nominal, mas não apresentam os morfemas flexionais finais {-su} ou {-a}, comuns aos nomes, e dispõem de um inventário de sufixos gramaticais diferentes daqueles verificados para os nominais, os quais atribuem valor enfático, enfático negativo, temporal, exclusivo ou coletivo. Também, não recebem classificadores, morfemas de parte do corpo ou prefixos de qualquer tipo. Apesar disso, funcionam como argumento do verbo, ocupando as posições típicas de sujeito e objeto da cláusula, como fazem os nomes.

De acordo com Payne (1997, p.102) os demonstrativos são operadores, livres ou presos, que expressam diretamente algo sobre a identificação, ou a referencialidade, de uma frase nominal. Em Hahãintesu, eles são formas livres, ou presas, morfológica e funcionalmente diferentes do restante dos nomes e, por isso, são tratados como uma classe à parte. Além disso, recebem uma variada quantidade de sufixos diferentes daqueles reservados aos nomes, com exceção do sufixo final de valor referencial {-a}, e funcionam, preponderantemente, como referenciadores dêiticos no nível do discurso, da cláusula e do texto.

A classe aberta dos advérbios ocorre, preferencialmente, em posição pré-verbal, embora essa restrição de mobilidade se relacione, em parte, com o subtipo específico de advérbio. Eles podem receber parte dos sufixos comuns aos nomes e verbos, além de sufixos típicos de sua categoria. Apesar disso, possuem menor potencial de conter afixos do que outros membros das classes abertas. As palavras interrogativas também se apresentam como uma classe independente, geralmente alocada antes do verbo ou de seus argumentos. Porém, como essa é composta de poucos membros e não permite a adjunção de morfemas derivacionais e flexionais, é tratada, aqui, como uma classe fechada.

Morfologicamente, os nomes podem receber prefixos de posse e sufixos bastante variados, mas em menor quantidade do que os verbos. Estes, por sua vez, recebem prefixos e sufixos próprios de sua classe, como incorporações nominais, agentivos, instrumentais, resultativos e dêiticos marcadores de discurso, sufixos benefactivos e de alvo/fonte, inclusivos e duais, quantitativos, argumentais, aspectuais, evidenciais, temporais, modais e conectivos. A morfologia é prefixal e sufixal tanto no nome quanto no verbo, sendo os prefixos menos numerosos em ambas as classes.

Embora se possam distinguir as classes apresentadas morfológica e funcionalmente como formas lexicais independentes, praticamente todas elas são passíveis de receberem morfologia de tempo. Ainda assim, o verbo apresenta maior complexidade, diversificação e produtividade do que os nomes.

2.2.1 Nome

O nome é constituído pela raiz e, ao menos um sufixo[60], como bem explicou Kroeker (1980, p. 17) sobre o radical nominal do Nambikwára do Sul: "*Os radicais precisam de sufixos dentro da frase*"[61]. No Hahãintesu, as raízes nominais são, em sua maioria, monossilábicas ou dissilábicas. Como acontece com o verbo, raízes nominais com mais de duas sílabas podem ser resultado de processo de lexicalização de algum afixo junto à raiz, como bem se observa na palavra [kwa̱ˈtʃada], por exemplo, que nomeia o não-indígena e é resultado da concatenação de {kua̱t-iai-te-a}, feijão-comer-NOM-SF, "comedor de feijão". Raízes nominais trissilábicas ou polissilábicas são formadas, no geral, por reduplicação de raiz, ou pela reduplicação parcial da raiz, preponderantemente, de origem ideofônica:

(02) insu
in-su
raia-SF
'raia'

(03) aiuˀkisu
a- **iu** -ˀki -su
INAL- pé -ósseo-SF
'pé'

(04) ina taiuˀkia iuˀkũnsahẽla
in -a ta **-iu** -ˀki -a
raia-SF 1POSS-pé-ósseo-SF
iuk -ũ -sa -ø -hẽ -la
INC:"pé"-furar-1obj -3sg -PASS/IMPF-M/PF
'A arraia furou meu pé'

A palavra nominal se caracteriza por receber prefixos de posse, ou de inalienabilidade, sufixos lexicais e gramaticais, bem como classificadores, morfemas de parte do corpo e

[60] Em Hahãintesu, não se verificou a ocorrência de raízes nominais que não contivessem, ao menos, um sufixo. Essa característica também foi verificada para o Latundê (TELLES 2002). Em Mamaindê, no entanto, a ocorrência de raízes sem afixo algum foi atestada, (EBERHARD 2007).

[61] De acordo com Telles (2002, p. 144), considerando-se um contínuo crescente de aposição sufixal, no que diz respeito aos formativos verbais, o modelo escalar de estabilidade de base semântica, proposto por (GIVÓN 1984:55, apud TELLES, p. 144) estabelece que "*nomes, adjetivos e verbos podem ser observados a partir de um contínuo representando os diferentes graus do estado de estabilidade que as diferentes partes do léxico denotam*". Assim, nomes apresentariam mais propriedades de estabilidade, num extremo, enquanto que, no extremo oposto do contínuo, os verbos se caracterizariam por apresentarem mudança rápida na linha temporal.

quantificadores, além de formativos de valor referencial. Funcionalmente, o nome pode ocupar as posições de argumento externo e interno de verbos. Apenas a raiz nominal acompanhada de, ao menos, um morfema final são obrigatórios. Segundo (BORELLA 2003, p. 02), a principal distinção entre nomes e verbos, em Sararé, está, exatamente, na obrigatoriedade que a língua dá ao uso dos sufixos flexionais nos nomes. Para as línguas Nambikwára do ramo do norte, como o Mamaindê (EBERHARD 2007, p. 343)[62] e o Latundê/Lakondê (TELLES 2002, p. 145)[63]: "*a raiz lexical pode ocorrer sem sufixação, quando enunciada em contexto*". No Hahãintesu, apenas raízes verbais foram observadas sem qualquer morfologia adicional, embora muito raramente, e, sempre em contexto de contação de histórias. A estrutura de constituição máxima do nome em Hahãintesu é apresentada na tabela que segue abaixo, com os subconstituintes do nome entre parênteses, indicando que são opcionais. Nas seções seguintes, eles serão melhor descritos:

Quadro 9 – Estrutura da constituição máxima do nome em Hahãintesu

NOME				
Prefixos	**Morfema Lexical**	**Sufixos**		
Prefixos Flexionais	**Radical**	**Sufixos Derivacionais/Sistema de Classificação**	**Sufixos Variados**	**Formativos**
(Prefixos de Posse)	**RAIZ (+raiz) (+termos de classe)**	**(Termos de classe) (Classificadores)**	**(Sufixos diversos) (Morfemas de parte do corpo)**	**Sufixos finais**

Ao tratar do nome em seu trabalho, Kroeker (2001, p. 64) chamou atenção para o *sufixo nominal de moldura temporal*, adiantando que: "*Os substantivos podem indicar a que momento temporal se refere com relação ao respectivo substantivo. É um ponto de referência já conhecido pelo falante e o ouvinte. Consiste, portanto, em informação já conhecida*". O autor

[62] O autor informa que mesmo nomes pronunciados em isolado podem também não conter sufixos referenciais (EBERHARD 2007, p. 344).

[63] Em Latundê/Lakondê (TELLES 2002, p. 144-145), inclusive, um nome elicitado isoladamente pode dispensar o sufixo referenciador, se dispuser de um classificador nominal, o que denota mais uma função dos classificadores. Em Hahãintesu, a presença de um classificador, no nome, também pode dispensar o uso dos sufixos finais.

descreve cinco tipos de morfemas com essa qualidade para os tempos: remoto, passado, recente, presente e futuro, apresentando dados que confirmam o fenômeno em questão (KROEKER 2001, p. 64):

(196) wxa²- hu³kx-ai³ta³li²
POS2-arco- MT.P
'Seu arco (que você tinha no passado).'

(197) hu³kxi³-nu¹ta²kxai³lu²
Arco- remoto

hu³kx-ai³ta³li²
Arco- passado

hu³kx-in³ti³
Arco- recente

hu³kx-a²
Arco- (presente, -não marcado)

hu³kxi³-nũ³a²
Arco- futuro

Sobre a marcação de TAM (tempo, aspecto e modo), em nominais, Nordlinger & Sadler (2004) destacaram o trabalho de Ivan Lowe (1999) sobre o Kitãulhu, variante Nambikwára do Sul e aparentada ao Hahãintesu, em referência aos marcadores de evidencialidade em nominais não-proposicionais da língua. Para o autor, nomes são opcionalmente sufixados para definitude[64] e causalidade. Segundo Lowe (1999, p. 281-282): "*nomes indefinidos podem ser flexionados mais para causalidade*. *Nomes definidos, por sua vez, podem ser flexionados para demonstratividade, espaço/temporalidade, evidencialidade e causalidade*" (LOWE 1999, p. 282).

Em Hahãintesu, nas cláusulas simples ou nos nomes ditos em contexto de isolamento esse tipo de morfologia foi muito pouco verificado[65]. Na fala dos mais jovens, sobremaneira, a tendência é por expressar informação de evidencialidade, causalidade, temporalidade ou demonstratividade em outros constituintes da cláusula como verbos ou advérbios[66]. No texto, porém, os casos de morfologia evidencial, temporal ou demonstrativa em nominais mostraram-se mais comuns, como se observa nos exemplos:

[64] Para Lowe (1999, p. 281): "definitude apresenta três valores – indefinido (-su), ou definido (-a) ou condicional (-la)"

[65] Com exceção da forma sufixal de valor mais referencial {-a}, largamente usada em qualquer ambiente ou contexto de fala.

[66] Há interesse por uma pesquisa mais acurada da fala de anciãos manairisu, os quais podem guardar ainda muitos desses tipos de sufixo na terminação nominal.

(05) (...) taũĩnali iąuka^{ʔ}tu (...)
ta- ũĩn -a **-li** iąu -ø -ka^{ʔ}tu
1POSS-pai-SF-M/PF/EFR sentar-3sg-FINAL
‘(...) Meu pai sentou-se, e então (...)’ (trecho de história sobre uma onça)

(06) (...) ĩtanãua iãnalianaĩ nẽia (...)
ĩ -ø -ta -nãua iãna -li -a **-na** **-ĩ** nẽ -ia
ver-3sg-NFP/EN-TEMPOR onça -? -SF -NFP/EV-F/IMPF/EFR pensar-SV
‘(...) Ele viu, ah, era onça, ele pensou’ (trecho de história sobre uma onça)

Os nomes próprios distinguem-se dos demais, morfológica e funcionalmente, pelo fato de requererem pronomes correferenciadores, que são: {ahla} ou {tiahla}, para nomes masculinos, e {tala} ~ {-la}, para os femininos. Eles realizam-se imediatamente à direita do nome e são dependentes fonologicamente, mas podem não operar quando o nome é pronunciado em isolado. São usados, principalmente, para distinguir o sexo do referente.

(07) ahua **tiahla** uãtula
ahua tiahla uã -tu -la
Avá PRON/M vir-IMPER-M/FR
“Avá, vem!”

(08) mairãn tala talasouli ąitelaia iãnàla
mairãn **tala** tala-soli
Mairan PRON/F 3sg/F-só
ąi-tel -ai -a iã -ø -nà -la
ir-DES-3desc -M/IMPF andar.rápido-3sg -NFP/EVC-M/PF
‘Mairan está indo pescar sozinha’

2.2.1.1 Raiz nula nominal (RN)

Nomes podem ser referenciados através de uma raiz nula (RN). Elas são palavras de conteúdo semântico nulo usadas em substituição de um nome falado antes no discurso ou quando não há um correlato para um nome na língua indígena, a exemplo de palavras novas advindas do idioma português. Dos três tipos verificados, {-ie- ~ -ieki-} ou {-ta-}, os dois primeiros também apresentam sobreposição funcional, atuando como anafóricos em cláusulas possessivas. A raiz nula {-ta} só foi verificada em substituição de palavras da língua portuguesa para as quais eles não têm forma equivalente na língua indígena:

(09) hiaka^{ʔ}ta aiekaloa
hia -ka^{ʔ}t -a a- **ie** -kalo -a
árvore -longo -SF POSS- RN -liso -SF
'casca de árvore' (em referência ao termo genérico para cobertura ou pele)

(10) ihiekalosu
ih- **ie** -kalo -su
correr- RN -liso -SF
'carro' (para termos emprestados do português)

(11) a̱itaka^{ʔ}ta
a̱i- **ta** -ka^{ʔ}t -a
ir- RN -longo -SF
'moto' (para termos emprestados do português)

(12) ^{ʔ}taina kaiuha a^{ʔ}nákainãtu siliienahẽna
^{ʔ}tai-na kaiuh -a a^{ʔ} -ná -kainãtu
1sg -LC bicho-SF matar-1sg/NFP-CONDIC
sili -**ie** -na -hẽ -na
assar-RN-NFP/EV-TI -F/PF
'Se eu matar o bicho, você assa' (para nomear um referente incerto, impreciso)

2.2.1.2 O tom na formação do léxico

O tom é um componente importante para a diferenciação de muitas palavras da língua, ao se sobrepor às vogais e mudar o resultado sonoro final, modificando seu significado semântico-morfológico. Ele atua, preponderantemente, nos sufixos verbais de tempo e nas raízes nominais da língua, ou em sufixos nominais. É um recurso bastante ativo na morfossintaxe, ainda[67], embora dê sinais de redução de produtividade, considerando-se os relatos de Price (1972, p. 18-9, apud ANTUNES 2004, p. 71), o qual identificou, pelo menos, três tons para a variante Nambikwára do Sul, o Kitãulhu, mesma quantidade vista por Kroeker

[67] A respeito do tom, Antunes (2004, p. 71) chama atenção para o Sabanê: "*I claim that there is no evidence to classify Sabanê as a genuine tone language. Instead, I argue that Sabanê has a predictable stress system in the noun domain as well as in the verbal domain that manifests itself phonetically mainly by pitch. In addition, I will show that the prosodic concept of weight, on the one hand, and the morphological entity root, on the other hand, is crucial for stress assignment.*" Tradução: "Confesso que não há evidências para se classificar o Sabanê como uma língua tonal genuína. Ao invés disso, creio que o Sabanê tenha um sistema acentual previsível no domínio do nome, bem como no domínio do verbo, que se manifesta foneticamente, principalmente, por pitch. Além disso, mostrarei que o conceito prosódico do peso, por outro lado, e a raiz morfológica, por outro, são cruciais para a atribuição do acento"

(2001, p. 110-111), para a mesma língua. Em Hahãintesu, embora seja importante frisar que é necessária uma investigação mais acurada sobre o tema, é possível verificar que o sistema tonal opera por um tom alto [´], o qual se opõe a um não-tom, ou uma forma default de tom, representada na superfície pelo diacrítico [¯]. Apenas o sufixo temporal/evidencial {-na}, mostrou distinção clara de três tons[68]. Se está havendo uma redução do sistema tonal, entretanto, percebe-se que a língua pode estar criando estratégias para distinguir morfologicamente diversas palavras, evitando, assim, homonímia[69]:

(13) [jãˈnála]
iãnalia
iãna-li-a
onça-?-SF
‘onça’

(14) [jãˈnāla]
iãnalia
iãna -li -a
lagartixa-?-SF
‘lagartixa’

(15) [aˈnẽnˀka]
anẽˀkia
a- nẽ -ˀki -a
INAL-cabeça-ósseo-SF
‘cabeça’

(16) [aˈnẽːˀka]
anẽˀkia
a- nẽ -ˀki -a
INAL-cabeça-ósseo-SF
‘coxa’

(17) [haᵈˈnẽia]
hanẽa
hanẽ -a
fogueira-SF

[68] Para maiores detalhes, ver o capítulo dedicado à descrição dos morfemas de tempo verbal, (p. 230)

[69] Um exemplo vem das palavras macaco [ˈhousú] e macuco [ˈhousu]. Em outros exemplos de elicitação direta, o colaborador optou por laringalizar a palavra para macuco, ao invés de distinguir as palavras por tom, resultando em [ˈhousú] e [ˈhǫusú]. Já no exemplo para formiga saúva, [sĩhˈsú], e casa, [sĩhˈsū], aconteceu de, em outros casos de elicitação, o informante desnasalizar a vogal da raiz da palavra formiga, desfazendo a diferença tonal, o que resultou em [ˈsihsu], para formiga, e [ˈsĩhsu], para a nomeação de casa.

‘fogueira’

(18) [ha$^{d^{\prime}}$nẽia]
hanẽa
hanẽ -a
gordura-SF
‘gordura’

(19) [ˈwairā]
uailia
uai -li -a
cachorro-?-SF
‘cachorro’

(20) [ˈwairá]
uailia
uai -li -a
espinho-?-SF
‘espinho’

2.2.1.3 Pronome

Segundo (BHAT 2004, p. 01-02), a dificuldade de classificação dos pronomes está na tentativa de definir, satisfatoriamente, que palavras devem ser incluídas dentro dessa classe, pois elas não formam juntas uma categoria única[70].

No paradigma pronominal do Hahãintesu são classificadas as três pessoas singulares do discurso, com formas distintas de masculino e feminino para a terceira pessoa, além de uma pessoa dual, e não se distinguem formas para o plural. Sua apresentação, geralmente, inclui o sufixo final com função locativa/circunstancial {-na}, embora este não seja obrigatório. Em sua ausência, outro sufixo, necessariamente, ocupa a posição final no *template*, pois a língua não

[70] A primeira e a segunda pessoa, por exemplo, as quais indicam quem são o falante e o ouvinte do ato de fala, seriam, prototipicamente, pronomes, enquanto a terceira pessoa variaria de língua para língua, podendo ser caracterizada como pronome, em algumas, e como proforma, em outras, a depender de sua origem. Proformas diferenciam-se de pronomes porque podem também substituir adjetivos, advérbios e até outros verbos, como acontece com os demonstrativos, os relativos, os interrogativos, etc. Para vários estudiosos, essa divisão pode facilitar o entendimento dos constituintes da classe a partir das diferenças morfossintáticas que eles apresentam (BHAT 2004, p. 04).

permite que uma raiz pronominal realize-se isoladamente[71]. As raízes pronominais singulares podem, assim, receber sufixos com funções variadas, próprios da classe em questão.

A terceira pessoa, no entanto, de origem demonstrativa, apresenta algumas peculiaridades em relação aos outros três tipos pronominais. Ao descrever o pronome de terceira pessoa em Nambikwára do Sul, Kroeker (2001, p.71), apresenta a forma *te²na²*, explicando que, para tornar claro o gênero do referente emprega-se o classificador *jah¹la²* para o masculino e *ta¹ka³lxa²* para o feminino a essa palavra. Em Sararé, Borella (2007, p. 08) adianta, sobre os pronomes de terceira pessoa: "*Não atestamos a ocorrência do pronome livre de terceira pessoa em Sararé. No paradigma dos pronomes livres, sua forma é suprida pelo pronome demonstrativo* ***te?ena*** *(...)*"[72].

As formas pronominais de terceira pessoa, nessas duas línguas, parecem claramente derivar dos demonstrativos. Para Kroeker (2001), no entanto, a forma *te²na²* não é vista como demonstrativa, e sim, como um pronome de terceira pessoa sem referência de gênero, o qual pode ou não receber classificadores. Para o Sararé, não há relato do tipo de arranjo descrito por Kroeker. Nessa língua, a terceira pessoa, como bem dito por Borella, expressa-se por meio de uma forma demonstrativa, apenas.

Defende-se, aqui, que em Hahãintesu os pronomes de terceira pessoa são o resultado da união de um morfema demonstrativo, um classificador e um sufixo final, que sofreram processo de lexicalização, como demonstrado no exemplo seguinte:

[72] O emprego de morfemas demonstrativos para indicar terceira pessoa, aliás, é um recurso muito comum em línguas do mundo. Segundo Schachter & Shopen (2007, p. 29): "*There are, however, languages in which demonstrative and third person personal pronouns are not distinguished*". Tradução: "Há, de qualquer forma, línguas nas quais os demonstrativo e pronomes de terceira pessoa não se distinguem".

Quadro 10 - Representação da constituição do pronome livre de terceira pessoa

Morfema demonstrativo	Classificador	Sufixo final	*Pronome*
teʔ-	-iahlo-	-a	*tiahla* (3ª pessoa masculina)
teʔ-	-talu-	-a	*tala* (3ª pessoa feminina)

Os classificadores são um recurso muito produtivo de nominalização e mudança de categoria na língua quando adicionados, por exemplo, em raízes verbais. Sua união com o demonstrativo acarretou em redução de informação dêitica, por um lado, e em aumento de valor referencial pessoal, por outro, originando tipos pronominais de terceira pessoa do masculino e do feminino mais próximos, semanticamente, dos de primeira e segunda pessoa e do dual.

Os pronomes que resultaram desse processo de cristalização têm *status* de palavras independentes. Por esse motivo, e devido ao fato de conservarem informação dêitica, podem dispensar o recebimento do sufixo locativo/circunstancial {-na}. Assim, a terceira pessoa masculina pode se realizar como {tiahla**na**} ou {tiahla}, enquanto a feminina, realiza-se como {tala**na**} ou {tala}[73]:

(21) tala iuʔina
tala iuʔi -ø -na
3sg/F acreditar-3sg-NFP/EV
'Ela acredita'

(22) talana iuʔi-ø-na
tala **-na** iuʔi -ø -na
3sg/F-LC acreditar-3sg-NFP/EV
'Ela acredita'

[73] Os pronomes de primeira e segunda pessoa, além do dual, no entanto, prescindem do uso do sufixo locativo/circunstancial {-na} pois não apresentam conteúdo semântico capaz de indicar espacialmente os participantes da ação verbal, no discurso, já que apresentam conteúdo semântico leve, de acordo com (WALES 1996: 4, APUD BHAT 2004, p. 03).

Acredita-se que o sufixo {-na} dos pronomes tenha a mesma origem de seu homônimo verbal. No pronome, ele conserva informação locativa e circunstancial, primordialmente. Nos verbos, por sua vez, ele guarda informação temporal e evidencial. Como trata-se de uma mesma categoria de morfemas, atuando em diferentes classes dentro da gramática, esses sufixos são, aqui, tratados como tipos transcategoriais. Seguem exemplos:

(23) ʔtaina kaiuhsĩna tiahla ũnátui
ʔtai-**na** kaiuh-sĩn-a tiahla ũ -ø -ná -tu -i
1sg-LC bicho-carne-SF 3sg/M dar -3obj -1sg/NFP -FUT -M/IMPF/EFR
'Eu vou dar carne a ele'

(24) housa sĩna tiahlana aiekisu
hous -a sĩn -a tiahla-**na** a- ieki -su
macaco-SF carne-SF 3sg/M-LC 3POSS-RN-SF
'A carne de macaco é dele'

O pronome, preferencialmente, ocupa a posição pré-verbal dentro da cláusula, como argumento interno ou externo do verbo. No caso da ocorrência de ambos os argumentos, o sujeito, comumente, precede o objeto, confirmando a tendência a que a ordem dos constituintes seja a do tipo SOV.

Os pronomes livres não são obrigatórios dentro da cláusula quando o verbo exibe morfologia sufixal com valor argumental. Sua obrigação se dá em ocasião da falta desses sufixos. De qualquer maneira, a escolha dos pronomes também pode ser motivada por questões pragmáticas e discursivas, como a de dar ênfase a algum participante no ato comunicativo e, nesses casos, o argumento interno pode ocupar a primeira posição na cláusula, notabilizando a ordem OSV, caso dos exemplos seguintes:

(25) kaiuha ʔtaina sauiena aʔteláa
kaiuh-a **ʔtai-na** sau -ien -a aʔ -tel -ø -á -a
bicho-SF 1sg-LC mata-rosto-SF matar-DES-3obj-1sg-M/IMPF
'Eu vou caçar bicho na mata.'

(26) uãina uauailia aʔkinahátui
uãi-na ua -uai -li -a
2sg-LC 2POSS-cachorro-?-SF
aʔ -ki -na -há -tu -i
matar-ben/alv/font-2obj -1sg/NFP -FUT -M/IMPF/EFR
'Eu vou matar seu cachorro.'

Quadro 11 - Representação das formas pronominais nucleares

ʔtai-	Primeira pessoa
uãla-	Primeira pessoa dual
uãi-	Segunda pessoa
tiahla(-)	Terceira pessoa masculina
tala(-)	Terceira pessoa feminina

Seguem exemplos de realização dos pronomes livres como argumento interno e externo, no interior da cláusula:

Primeira pessoa do singular – {ʔtai-}:

(27) ʔtaina aika siliná

ʔtai-na aik -a sili -ø -ná
1sg-LC mutum-SF assar-3obj-1sg/NFP
'Eu assei o mutum'

(28) ʔtaina talana ekinála

ʔtai-na tala-na e -ki -ø -ná -la
1sg-LC 3sg/F-LC falar-ben/alv/font-3obj-1sg/NFP-M/PF
'Eu falei para ela'

(29) ʔtaina ekiahála

ʔtai-na e -ki -a -há -la
1sg-LC falar-ben/alv/font-2obj-1sg/NFP-M/PF
'Eu falei de você'

(30) kaiuha ʔtaina sauiena aʔteláa

kaiuh-a **ʔtai**-na sau -ien -a aʔ -tel -á -a
bicho-SF 1sg-LC mata-rosto-SF matar-DES-1sg/NFP-M/IMPF
'Eu vou caçar bicho na mata'

Dual - {uãla-}:

(31) uãlana ahilatui

uãla-na ahi -la -tu -i
dual-LC cair-SE-FUT-M/IMPF/EFR
'Nós vamos cair'

(32) uãlana soli a̱isa sauiena aʔia

uãla-na soli a̱i-sa sau-ien-a aʔ-ia
dual-LC ‘só’ ir-ADIT mata-rosto-SF matar-SV
‘Só nós vamos caçar na mata’

(33) uãlana haiʔkitua

uãla-na haiʔ -ki -tu -a
dual-LC cantar-dual-FUT-M/IMPF
‘Nós (dois) vamos cantar’

(34) uãlasoli a̱ikitu

uãla-soli a̱i-ki-tu
dual-‘só/apenas’ ir-dual-FUT
‘Só nós (dois) vamos (pescar)’

Segunda pessoa do singular – {uãi-}:

(35) uãina ãkana ĩʔisaninali

uãi-na ãkana ĩʔi -sa -ni -na -li
2sg-LC ontem chegar-OB-2sg-NFP/EV-M/PF/EFR
‘Você chegou tarde ontem’

(36) uãina heiʔalana

uãi-na heiʔ -a -la -na
2sg-LC ter fome-2sg-SE-M/NFP
‘Você está com fome’

(37) ʔtaina uãina a̱ikihũa

ʔtai-na **uãi**-na a̱i -ki -hũ -a
1sg-LC 2sg-LC ir-dual-FUTP-M/IMPF
‘Eu e você vamos’

Terceira pessoa masculina – {tiahla-}:

(38) tiahlana hitutitoia

tiahla-na hitu -ø -tito -ia
3sg/M-LC sonhar-3sg-HAB-SV
‘Ele sonha’

(39) tiahlana auaila ʔtulia sultiu

tiahla-na a -uai -li -a
3sg/M-LC 3POSS-cachorro-? -SF
ʔtu -li -a sul -ø -ø -tiu
cotia -? -SF bater/matar-3obj-3sg-PASS/PF/EN
'O cachorro dele matou a cotia'

Terceira pessoa feminina - {tala-}:

(40) talana haʔtenɑ̃a iũnʔʔai

tala-na haʔte -nɑ̃ -a iũnʔ -ʔ -a -i
3sg/F-LC dinheiro-INC:folha-SF ter-3sg-NEG -3sg-M/IMPF/EFR
'Ela não tem dinheiro'

(41) talana tiahlana iokuɑ̃inaiua

tala -na tiahla-na iokuɑ̃i -naiu -a
3sg/F-LC 3sg/M-LC gostar -RECIP-M/IMPF
'Eles se amam'

Além dos morfemas de valor locacional/circunstancial, as raízes pronominais propiciam a entrada de outros tipos de sufixos que ensejam informação bastante variada. Embora sejam mais restritos que os nomes para a recepção de mais de um sufixo por raiz, foi possível verificar alguns casos. Segue quadro:

Quadro 12 - Representação dos sufixos pronominais

Raiz pronominal	Sufixo	Valor
(X)-	-ka ~ -kaʔta	Ênfase
	-kaʔtɑ̃	Ênfase negativa
	-soli	Exclusão
	-la	Exclamação

{-ka} ou {-kaʔta} - são sufixos que dão ênfase ao argumento sujeito:

(42) ʔtaika hitusáhẽ

ʔtai-**ka** hitu -sá -hẽ
1sg-ENF sonhar-1sg/SE-PASS/IMPF
'Eu (mesmo) sonhei'

(43) ʔtaikaʔta a̱ina kaĩntea teʔsána
ʔtai-**kaʔta** a̱in-a kaĩn -te -a teʔ -sá -na
1sg-ENF peixe-SF ser muito-NOM-SF querer-1sg/SE-M/NFP
'Eu (mesmo) quero peixe grande'

(44) tiahlaka kuelika̱ʔtiusĩnali (...)
tiahla-**ka** kueli -ø -ka̱ʔ -tiu -sĩ -ø -na -li
3sg/M-ENF ser perigoso-3sg -? -PASS/PF/EN -COP-3sg-NFP/EV-M/PF/EFR
"então, ele era perigoso..." (trecho da narrativa Manairisu: "*O homem que precisa de penas*")

Em cláusulas negativas, o sufixo {-kaʔta̱} apresenta mudança fonológica, com alteração do tom da sílaba final do morfema para baixo. Essa mudança no tom marca a negação da ênfase. A alteração promove a laringalização da vogal na sílaba final. Também se verificaram dois marcadores discursivos comuns entre os mais jovens quando conversam entre si, os quais servem para negativar uma informação e que derivam dessa mesma forma pronominal, {ʔtakita̱} e {uakita̱}. Esses tipos são exemplificados em (47) e (48):

(45) uãikaʔta̱ iũnʔnanasĩ
uãi-**kaʔta̱** iũnʔ-a -na -sĩ
2sg-ENF/NEG ter-2NEG-2sg-COP
'Você é pobre (Você não tem (algo))'

(46) ʔtaikaʔta̱ ia̱lusáʔnana
ʔtai-**kaʔta̱** ia̱lu -sá -ʔ -na -na
1sg-ENF/NEG ter sede-1sg/SE-NEG-dum-M/NFP
'Eu não estou com sede'

(47) ʔtaikaʔta̱ hãuʔisaʔnána
ʔtai-**kaʔta̱** hãuʔi -sa -ʔ -ná -na
1sg-ENF/NEG dormir-SE-NEG-1sg-M/NFP
'Eu não estou com sono'

(48) ʔtakita̱ nẽkakisáhẽ
ʔta-**kita̱** nẽka-ki -sá -hẽ
1sg-ENF/NEG ouvir-ben/alv/font-1sg/SE-PASS/IMPF
'Eu não ouvi (a música)'

(49) uakitą̃ nẽkaanali

ua-**kitą̃** nẽka -a -na -li
2sg-ENF/NEG ouvir-2sg-2NEG-M/PF/EFR
'Você não ouviu?'

{-soli} - indica a exclusividade da realização de uma ação, como *só, somente, apenas*:

(50) ʔtaisoli tiufinátui

ʔtai-**soli** tiufi -ná -tu -i
1sg-EXC alimentar -1sg/NFP-FUT-M/IMPF/EFR
'Eu vou me alimentar sozinho'

(51) tiahlasoli soʔna haʔtenã̄a

tiahla-**soli** soʔ -ø -na haʔte -nã̄ -a
3sg/M-EXC pegar-3sg-NFP/EV dinheiro-folha-SF
'Ele pegou o dinheiro sozinho'

(52) uãlasoli ą̃ikitu

uãla-**soli** ą̃i-ki-tu
DUAL-EXC ir-dual-FUT
'Só nós (dois) vamos (pescar)'

(53) uãinasoli haisa koua kualikia

uãi-na-**soli** hais-a kou -a kuali -ki -a
2sg-LC-EXC roça-SF limpo-SF roçar -ben/alv/font-SV
'Somente você foi à roça'

{-la}- esse sufixo é utilizado como um modal exclamativo:

(54) ʔtaikala iainái li

ʔtai -ka -**la** iai -ná -li
1sg-ENF-EXC comer-1sg/NFP-M/PF/EFR
'Fui eu que comi!'

(55) uãikala iaisaninali

uãi -ka -**la** iai -sa -ni -na -li
2sg-ENF-EXC comer-OB-2sg-NFP/EV-M/PF/EFR
'Você já comeu!'

(56) uanũ uãila sasaninali

uanũ uãi-**la** sa -sa -ni -na -li
PERM 2sg-EXC pentear-OB-2sg -NFP/EV -M/PF/EFR
'Penteia o cabelo'

O Hahãintesu não distingue morfologicamente pronomes inclusivos e exclusivos, mas permite, através dos sufixos argumentais verbais {-sĩ} e {-ki} ou {-asa} que uma ação possa incluir ou excluir algum participante no ato comunicativo. Como o sufixo pronominal de primeira pessoa do plural {-sĩ} não inclui, necessariamente, o ouvinte, é comum que ele seja utilizado para indicar a sua exclusão. Os duais {-ki} e {-asa}, ao contrário, incluem, necessariamente, os ouvintes da ação executada ou proposta. O primeiro deles, é bastante usado quando se quer incluir todos os participantes da cena. O segundo, no entanto, apenas inclui o falante e o ouvinte da ação, não podendo ser usado como paucal. Além disso, há arranjos promovidos pela junção de sufixos pronominais os quais também podem participar do "jogo" de inclusão ou exclusão de pessoas.

O pronome dual {uãla-} pode ser interpretado também como um paucal, já que foram descritas ações de quantidades pequenas ou contábeis de pessoas que o receberam. Muitos sistemas numerais, como pode ser verificado para o Hahãintesu, acomodam o dual como uma categoria de pessoa básica, ao invés de apresentar distinção de singular versus não-singular[74], (BICKEL & NICHOLS 2007).

Em relação ao plural, é importante ressaltar que o *locus* preferencial onde ele se manifesta é o verbo. Estando o sintagma verbal devidamente marcado por algum argumento indicador de pluralidade, o uso de pronomes livres torna-se facultativo. O mais comum, porém, é que haja pronomes livres na cláusula e que a marcação de plural seja feita por justaposição de pronomes singulares, por coordenação aditiva, ou através de arranjos numerais auxiliares. E mesmo pronomes singulares podem indicar pluralidade, caso o verbo manifeste sufixos de plural ou que questões pragmáticas ligadas ao contexto comunicativo indiquem pluralidade.

(57) ʔtaina uãina a̰ikitua
ʔtai-na uãi-na a̰i **-ki** -tu -a
1sg-LC 2sg-LC ir -dual -FUT -M/IMPF
'Nós vamos andar'

(58) uãina uãina a̰iaʔtilialinali
uãi-na uãi-na a̰i- aʔ **-tili** -ali -na -li
2sg-LC 2sg-LC ir-matar-PL-2pl-NFP/EV-M/PF/EFR
'Vocês dois vão caçar?'

[74] Na concordância dos verbos transitivos do Belhare, segundo Bickel & Nichols (2007), restringir a referência a uma pessoa é referir-se ao falante. Por contraste, o inclusivo, não permite um valor singular verdadeiro porque ele comporta, pelo menos, falante e audiência, requerendo, dois referentes.

(59) tiahlana kuale uãtilia
tiahla-na kuale uã-**tili**-a
3sg/M-LC ainda/já vir-PL-SV
'Eles já chegaram'

(60) uãina iũnʔtilialisasĩnali
uãi-na iũnʔ -**tili** -ali -sa -sĩ -na -li
2sg-LC ter -PL -2pl -OB -COP -NFP/EV-M/PF/EFR
'Vocês têm carne (de tatu)'

(61) ʔtaina kg̃nata hĩnina ahua tiahla sĩha ĩiag̃ukisĩná
ʔtai-na kg̃nata hĩnina
1sg-LC à noite adv.temp/pass
ahua tiahla sĩh-a ĩ- iag̃u -ki -**sĩná**
Avá 3sg/M casa-SF Loc-ficar-ben/alv/font-1pl/NFP
'À noite, nós fomos visitar a casa de Avá'

(62) tiahlana ahelia ʔtiãna g̃ina g̃isolikia
tiahla-na a- **heli** -a ʔti-ãna
3sg/M-LC AG- ser dois/ser poucos-SV 3DA-COL
g̃in -a g̃i-sa oli -ki -a
peixe-SF ir-ADIT pescar-ben/alv/font-SV
'Os dois amigos foram pescar'

Embora os resultados de análise dos dados coletados tenham mostrado uma menor ocorrência, principalmente na fala dos Manairisu mais velhos consultados, é possível pluralizar pronomes através da sufixação de um morfema com valor de coletivo. Esse sufixo, que ataca imediatamente a raiz pronominal, apresenta duas formas: {-ãʔna} ou {-inaʔãna}[75]. As formas pronominais coletivas são usadas quando se quer incluir todos os presentes de uma cena discursiva em questão, com as devidas exclusões promovidas pela combinação dessas raízes

[75] Borella (2004, p. 11-12), trata um tipo bastante similar de "coletivo-enfático". A autora revela que ele é usado quando se quer enfatizar um número maior de participantes do discurso, expressando significado de coletividade e explica, também, que, por uma restrição semântica, esse prefixo não pode ocorrer com o pronome de primeira pessoa singular, no Sararé. Além disso, uma segunda forma reduplicada, [ʔãnaʔãˈna], teria a função de adicionar maior ênfase à cláusula.

pronominais[76] com outros sufixos pronominais em questão[77]. A junção entre a raiz pronominal e os sufixos coletivos resulta em[78]:

Quadro 13 - Representação dos sufixos coletivos

sufixo coletivo {-inaʔãna ~ ãna}
ʔtai + inaʔãna [eu + eles (as)] todo(a)s
uãla + inaʔãna [eu + vocês] todos
uãi + inaʔãna [vocês] todos
tiahla + inaʔãna [eles] todos
tala + inaʔãna [elas] todas

(63) ʔtainaʔãna uanãna kǫ̃ʔkia

ʔtai **-inaʔãna** uanãn-a kǫ̃ʔ -ki -a
1sg (exc.)-COL banana-SF descascar-ben/alv/font-SV
'Nós descascamos a banana'

(64) uãlinaʔãna haiʔtilikisĩtua

uãla **-inaʔãna** haiʔ -tili -ki -sĩ -tu -a
1sg (inc)-COL cantar-PL-dual-1pl-FUT-M/IMPF
'Nós vamos cantar na festa'

(65) uãininaʔãna haisa autʔtilia

uãi-**inaʔãna** hais-a aut-ʔtili-a
2sg-COL roça-SF ir(pl)-PL-SV
'Vocês foram para a roça'

[76] Bickel & Nichols (2007) explicam que há muitas distinções de papel na comunicação, pois existem as pessoas que participam do ato comunicativo e as que meramente são referidas, as que são alvo do enunciado e as que apenas assistem como plateia. Em geral, as gramáticas confundem as distinções de pessoa, reduzindo o sistema a três termos, os quais gramaticalizam o papel do falante, primeira pessoa, do destinatário, segunda pessoa e do outro, terceira pessoa.

[77] Alguns Manairisu mais jovens, escolarizados no português, inclusive, apresentam essas formas coletivas como componentes do eixo paradigmático, representando cinco formas plurais pronominais.

[78] A forma reduzida do morfema plural também é possível: uãlina = uãla + ina, tiahlina = tiahla + ina, talina = tala + ina, tainina = taina + ina, uãinina = uãina + ina.

(66) tiahlinaʔãna kaĩn aʔtilia
tiahla-**inaʔãna** kaĩn aʔti -li -a
3sg/M-COL intens estar triste-PL -SV
‘Eles continuam muito tristes’

(67) talinaʔãna ahilitui
tala-**inaʔãna** ahi -li -ø -tu -i
3sg/F-COL cair -PL -3pl -FUT-M/IMPF/EFR
‘Elas vão cair’

Além desses tipos, os Manairisu costumam usar uma forma pronominal a mais, o {ʔtãuanũkaʔtia}, para se referirem ao termo geral povo, ʔtãua-nũ-kaʔta - |1pos.pl-índio-COL|, ‘todos os índios’ ou um grupo de índios manairisu. Essa forma é aqui, tratada como pronome pessoal de grupo[79]:

Quadro 14 - Representação do sufixo de grupo (PGR)

de grupo - PGR
ʔtãuanũkaʔta [todos os índios] ~ [um grupo]

(68) ʔtãuanũkaʔta a̰ina a̰isa olikisĩnatua
ʔtãuanũkaʔta a̰in-a a̰i-sa
PGR peixe-SF ir-ADIT
oli -ki -sĩ -na -tu -a
pescar-ben/alv/font-1pl-NFP/EV-FUT-M/IMPF
‘O povo (Manairisu) vai pescar’

(69) ʔtãuanũkaʔta asoli a̰isakitua
ʔtãuanũkaʔta a -soli a̰i -sa aʔ -ki -tu -a
PGR AG -ser um ir -ADIT matar-dual-FUT-M/IMPF
‘Somente nós vamos (caçar)’

[79] Por razões de ordem semântica e morfológica, esse tipo não foi incluído no inventário básico de pronomes do Hahãintesu. Porém, foi a pedido dos próprios indígenas que, numa conversa informal na sala de aula da escola da aldeia, afirmaram que ele era igual ao {uãina} e deveria ser um pronome da língua.

2.2.1.4 Posse

O sistema de posse do Hahãintesu apresenta os três tipos de relações mais comuns em construções possessivas encontrados em línguas do mundo: o de pertença, o de parte-todo e o de parentesco (DIXON 2000, p. 264-265), além de alguns de seus subtipos.

Nessa língua, a posse se dá por prefixação. As formas possessivas são oriundas dos pronomes pessoais livres e marcam os nomes obrigatoriamente. Os nomes, por sua vez, podem ser possuídos ou não-possuídos. Não há distinção entre alienáveis e inalienáveis:

(70) tahiˀkia
ta- hi -ˀki -a
1POSS- mão -ósseo -SF
'minha mão'

Embora disponha, em seu sistema de posse, de palavras obrigatoriamente marcadas por um prefixo indicador de inalienabilidade, a posse, em Hahãintesu, é considerada do tipo inerente. Segundo Payne (1997, p.105), algumas línguas não permitem que se diga, simplesmente 'mão', porque é necessário dizer-se que essa mão pertence a alguém. Mesmo dispondo de alienáveis e inalienáveis, sistemas de posse inerente têm apenas um tipo de construção possessiva. Mas, a língua requer que alguns itens sejam possuídos, não impondo os mesmos requisitos a outros.

No Hahãintesu, nomes referentes às partes do corpo humano e animal e partes constitutivas da flora, além dos termos de parentesco, são sempre marcados por um morfema de inalienabilidade e, juntamente com os objetos materiais, animais domésticos e entidades espirituais podem receber a posse. Animais selvagens, astros, fenômenos naturais e certos entes do mundo cultural ou imaterial Hahãintesu são não-possuídos.

Em outras línguas da Família Nambikwára, como o Lakondê, Telles (2002) explica que os prefixos de posse de segunda e terceira pessoa do singular coincidem com os de segunda e terceira do plural. A língua distingue formalmente a primeira pessoa do singular da primeira pessoa do plural. Para Eberhard (2009, p. 345), o Mamaindê apresenta marcadores de posse que designam as três pessoas do singular e a primeira do plural, apenas, entendimento parecido com o apresentado por Kroeker (2001, p. 60-61), para o Nambikwára do Sul, para o qual não haveria as formas plurais nem a forma dual, mas, os indicativos das três pessoas do singular e um quarto tipo que conjugaria primeira e segunda pessoas, {tauã}. Sobre o sistema de posse do Sabanê, língua Nambikwára mais distante geneticamente, Antunes revela: "*Possessive pronouns are*

not compulsory and their use depends on speakers' intentions instead of structural restrictions. Possessive pronouns, except bala–, and object pronouns share the same form."[80]

Em Hahãintesu, há formalmente três marcadores de posse que indicam as três pessoas do singular, além de um tipo plural que conjuga o morfema de primeira pessoa da posse com o de segunda pessoa, de maneira bem similar à representada por Kroeker (2001) para o Nambikwára do Sul. O sistema de posse da língua não dispõe, formalmente, de morfologia específica indicativa de posse plural que se diferencie das formas singulares. O valor de pluralidade é expresso pela morfologia específica no termo possuidor, se este se tratar de um pronome livre:

(71) talana anẽʔkia
tala -na **a-** a- nẽ -ʔki -a
3sg/F -LC 3POSS- INAL- cabeça -ósseo -SF
'cabeça dela'

(72) talinaʔãna anẽʔkia
tala -inaʔãna **a-** a- nẽ -ʔki -a
3sg/F -COL 3POSS- INAL- cabeça -ósseo -SF
'cabeças delas'

(73) uanẽʔkia
ua- a- nẽ -ʔki -a
2POSS- INAL- cabeça -ósseo -SF
'sua cabeça'

(74) uãininaʔãna anẽʔkia
uãi-inaʔãna **a-** a- nẽ -ʔki -a
2sg-COL 3POSS- INAL- cabeça -ósseo-SF
'cabeças de vocês'

Ou através da adjunção dos sufixos lexicais de grupo {-nã}, para os nomes contáveis, e {-ti}, para nomes incontáveis, no termo possuído:

(75) akatnãa
a- kat -nã -a
3POSS- gato -GR -SF
'os gatos dele'

[80] Tradução: "*Pronomes possessivos são não compulsórios e seu uso depende das intenções dos falantes ao invés das restrições estruturais. Pronomes possessivos, exceto bala- e pronomes objetos dividem a mesma forma"*

(76) tauailinãa ialukisatiu

ta- uai -li -nã -a
1POSS- cachorro-? -GR -SF
ialu -ki -ø -sa -tiu
morrer-ben/alv/font-3sg/SE-PASS/PF/EN
'Meus cachorros morreram'

Quadro 15 – Representação dos sufixos possessivos

NÚMERO	PESSOA	PREFIXOS DE POSSE
Singular	1	ta-
	2	ua-
	3	a-
Plural	1 + 2	ʔtãua ~ ʔtãuala

{ta-}- primeira pessoa

(77) tasĩha

ta- sĩh -a
1POSS-casa-SF
'minha casa'

(78) tahiʔkia hiʔkĩnánasĩ

ta- hi -ʔki -a hiʔk- ĩ -ná -na -sĩ
1POSS- mão -ósseo-SF INC: "mão"- ver -1sg/NFP -NFP/EV -DEC
'Eu estou olhando para a minha própria mão'

{ua-}- segunda pessoa

(79) uasĩha

ua- sĩh -a
2POSS- casa -SF
'sua casa'

(80) uãina uahẽnẽksu ãsanali

uãi-na **ua-** hẽnẽk -su ã -sa -na -li
2sg-LC 2POSS-remédio -SF trazer-1obj -NFP/EV-M/PF/EFR
'Você trouxe seu remédio para mim'

{a-}- terceira pessoa

(81) tiahlana asĩha
tiahla -na **a-** sĩh -a
3sg/M -LC 3POSS-casa-SF
'a casa dele'

(82) tiahlana auailia ʔtulia sullitiu
tiahla-na **a-** uai -li -a
3sg/M-LC 3POSS- cachorro -?-SF
ʔtu -li -a sul -li -ø -ø -tiu
cotia-?-SF matar-PL-3obj-3pl-PASS/PF/EN
'Os cachorros dele mataram a cotia'

(83) talana auẽsa huãina haisa a̱iia
tala-na **a-** uẽns -a huãina
3sg/F-LC 3POSS-criança-SF COMIT
hais -a a̱i-ia
roça-SF ir-SV
'Ela vai com o filho para a roça'

{ʔtãua} ~ {ʔtãuala} - (1 + 2 pessoa[81])

(84) tãua sĩha
tãua sĩh-a
1pl/POSS casa-SF
'nossa casa'

(85) tãuala sĩnsu
tãuala sĩn-su
1pl/POSS carne-SF
'nossa carne'

(86) kaiuhsĩna tãua iekisĩsĩ
kaiuh -sĩn -a **tãua**
bicho-carne-SF 1pl/POSS
ie -ki -sĩ -sĩ
RN-ben/alv/font-1pl-COP
'É nossa carne de bicho'

[81] Em Latundê/Lakondê, Telles (2002, pg. 163-164), descreve a atuação dos pronomes livres como substitutos de prefixos de posse. Nos dados analisados de Hahãintesu, esse fenômeno só foi observado com o pronome de primeira pessoa do plural, ainda assim, raramente, como em: *uãlana* uailia tulia sultiu 'Nosso cachorro matou uma cotia' ou *uãla* uailia ialutiu 'Nosso cachorro morreu'.

2.2.1.4.1 Os nomes não possuíveis

Em Hahãintesu são não-possuídos[82] os nomes referentes aos animais selvagens não – domesticáveis, fenômenos da natureza, acidentes geográficos, astros e entidades/seres do universo cultural dos Hahãintesu[83]. Nos exemplos que seguem, os asteriscos (*) são indicativos de que as formas descritas são agramaticais para a língua Hahãintesu:

(87) *tahikia

ta-	hi	-ki	-a
1POSS-estrela-redondo			-SF

'minha estrela'

(88) *taiãnalia

ta-	iãna	-li-a
1POSS-	onça	-?-SF

'minha onça'

(89) *uaakisu

ua-	a-	ki	-su
2POSS-	INAL-semente		-SF

'sua semente'[84]

[82] Alguns animais são passíveis de serem possuídos, como macacos e quatis, pois podem ser criados. Em geral, quando crescem, eles abandonam a aldeia e voltam para a mata. Os Hahãintesu têm o hábito de criar cães e gatos que trazem da cidade quando os veem abandonados nas ruas de Comodoro. Por isso, nomes de cão e gato, na língua, podem receber prefixo de posse. Ainda assim, o nome para o cachorro, por exemplo, é o mesmo que se dá ao lobo, à raposa e ao cachorro-do-mato. Assim, *uailisu* só receberá o morfema de posse se se referir ao cão doméstico. Quando referido pelo nome de empréstimo do português [ka'sola], este sempre receberá o prefixo de posse, pois essa palavra de empréstimo só se aplica ao cão doméstico.

[83] Dixon (2010, Vol.II, pg. 282) explica que estabelecer critérios semânticos como um modelo para a explicação do que pode ou não ser possuído numa língua requer muito cuidado, pois há culturas em que as árvores, por exemplo, são possuídas, ou até mesmo uma pessoa que tenha uma propriedade sobre uma montanha possa, em determinado momento, dizer que a montanha é sua. Em uma das oitivas com um colaborador Hahãintesu, quando perguntado se a onça poderia ser possuída, o rapaz disse que era possível criá-la, mas que, ao crescer, ela os comeria, como explicação para não usar, ou achar estranho usar, um prefixo de posse diante do nome para onça pintada [**ta*jã'nala] 'minha onça'. E continuou: "mas se criar desde pequena...", sinalizando que poderia haver a possibilidade daquele uso.

[84] O que acontece no caso de nomes de partes de animais e plantas em referência genérica é que a língua não permite a posse de nomes que têm um possuidor necessário, como {akalosu} 'casca'. Nesses casos, apresenta-se uma alternativa que será explicada na seção que trata sobre a cláusula possessiva.

2.2.1.4.2 Os inalienáveis

Os nomes que indicam origem, parte ou pertença, oriundos da morfologia humana, da fauna, da flora ou de compostos minerais recebem um morfema de inalienabilidade, obrigatoriamente. Esse morfema indica que essas palavras têm um possuidor necessário.

(90) anẽʔkisu
a- nẽ -ʔki -su
INAL- cabeça -ósseo -SF
‘cabeça’

(91) aiousu
a- iou -su
INAL- bico/boca -SF
‘bico’

(92) anɰ̃su
a- nɰ̃ -su
INAL- folha -SF
‘folha’

(93) aiɰ̨usu
a- iɰ̨u -su
INAL- água -SF
‘água’

(94) akisu
a- ki -su
INAL-semente-SF
‘semente’

Os nomes que indicam o grau de parentesco do referente também recebem prefixos de inalienabilidade, os quais indicam origem, pertencimento ou relação afetiva:

(95) alona
a- lon -a
INAL-irmão-SF
‘irmão’

(96) ahãka
a- hãk -a
INAL-mãe-SF

‘mãe’

(97) aialia

a- iali -a
INAL- amigo -SF
‘amigo’

(98) asesu

a- se -su
INAL- esposa -SF
‘esposa’

Os nomes inalienáveis que se originam da constituição animal, vegetal ou mineral, não permitem transferência da posse. Nos exemplos seguintes, os asteriscos (*) indicam que o termo descrito é agramatical:

(99) *taanãusu

ta- a- nãu -su
1POSS- INAL- ovo -SF
‘meu ovo (larva)’

(100) *uaanɰ̃su

ua- a- nɰ̃ -su
2POSS- INAL- pena -SF
‘tua pena’

Ao invés disso, a língua permite a posse através da inserção de uma construção possessiva com função correferenciadora, cujo núcleo é uma raiz nula com função anafórica. Esse arranjo ocupa, em geral, a última posição na cláusula possessiva:

(101) housa tasĩna taiekisu

hous -a **ta-** sĩn -a **ta-** ieki -su
macaco-SF 1POSS-carne-SF 1POSS-RN -SF
‘minha carne de macaco’

(102) iãnalia uiʔa taiekia

iãna -li -a uiʔ -a **ta-** ieki -a
onça -? -SF dente -SF 1POSS- RN -SF
‘meu dente de onça’

(103) kaiuhsĩna tãua iekisĩsĩ

kaiuh -sĩn -a **tãua** ieki -sĩ -sĩ
bicho-carne-SF 1pl/POSS RN-1pl-COP

‘É nossa carne de bicho’

Em sendo um morfema obrigatório, o inalienável {a-}, necessariamente, mantêm-se ativado, mesmo quando o lexema recebe um prefixo de posse. Nesses casos, abre-se mais um *slot* para a inserção do prefixo, resultando numa expansão da estrutura máxima do nome:

Quadro 16 – Representação da expansão do quadro de constituição máxima do nome em Hahãintesu

NOME					
Prefixos	**Prefixos**	**Morfema Lexical**	**Sufixos**		
Prefixos flexionais	**Prefixos derivacionais**	**Radical**	**Sistema de classificação**	**Sufixos variados**	**Sufixos finais**
(Prefixos de Posse)	**Inalienáveis**	**RAIZ (+raiz) (+Termos de classe)**	**(Classificadores) (Termos de classe)**	**(Demonstrativos, Locativos, Morfemas de Grupo, Morfemas de Tamanho, Nominalizadores)**	**Referenciais**

(104) tanẽʔkia
ta- **a**- nẽ -ʔki -a
1POSS- INAL- cabeça -ósseo -SF
‘minha cabeça’

(105) uahiʔkia
ua- **a**- hi -ʔki -a
2POSS-INAL- mão -ósseo -SF
‘sua mão’

(106) tanῦʔkia solitesu
ta- **a**- nῦ -ʔki -a soli -te -su
1POSS-INAL-braço-ósseo-SF ser um-NOM-SF
‘meu braço pelado’

O morfema de inalienabilidade e o prefixo de terceira pessoa apresentam a mesma forma e, provavelmente, têm a mesma origem. Porém, é possível distingui-los, dentro da cláusula,

morfológica e sintaticamente[85]. O morfema de posse ocupa a primeira posição do termo possuído e é seguido do morfema de inalienabilidade. Quando é necessário destacar o sexo do possuidor, o pronome livre de terceira pessoa, masculino ou feminino, ocupa a primeira posição do sintagma, o que, aliás, é a forma mais comum desse tipo de expressão:

(107) tiahlana anẽʔkia

tiahla -na **a-** **a-** nẽ -ʔki -a
3sg/M -LC 3POSS-INAL- cabeça -ósseo -SF
'a cabeça dele'

(108) talana anẽkĩnsa

tala -na **a-** **a-** nẽ kĩns -a
3sg/F-LC 3POSS- INAL- cabeça-cabelo-SF
'o cabelo dela'

Embora, menos comum nos dados analisados, esse tipo de operação também acontece com os pronomes pessoais livres de primeira e segunda pessoa. Mas, esses têm função puramente enfática, como se vê no exemplo que segue:

(109) ʔtaina tahiʔkia hikĩnsana

ʔtai-na **ta-** a- hi -ʔki -a
1sg-LC 1POSS- INAL- mão -ósseo-SF
hiʔk -ĩ -sa -na
INC:'mão'-doer-1sg/SE-M/NFP
'Eu machuquei minha mão'

O termo possuído pode ocupar a primeira posição na cláusula possessiva, reservado ao possuidor, quando o falante resolve destacá-lo. Em posição de tópico, esses morfemas não recebem marcador de inalienabilidade ou posse, pois cumprem papel sintático de sujeito. Uma raiz nula ocupa a posição de núcleo, recebendo o prefixo de posse, além de morfemas típicos do nome, como classificadores e sufixos referenciadores:

[85] Em seu trabalho sobre o Mamaindê, ramo Nambikwára do Norte, Eberhard (2009, p. 347), explica que os nomes das partes do corpo são marcados por um morfema de inalienabilidade coincidente com o pronome possessivo de primeira pessoa do plural {nũsa-}. Para Antunes (2004, p. 102), o Sabanê não apresenta distinção morfológica de inalienabilidade. Mesmo assim, o autor revela que deve haver alguma motivação para as partes do corpo humano e de animais receberem, frequentemente, um prefixo {a-} ou {i-}. De acordo com Telles (2002, p. 154-155), em Lakondê: "(...) *os nomes podem ser possuíveis e não-possuíveis. Nos nomes possuíveis, a marcação de posse não é obrigatória. Não há distinção entre alienáveis e inalienáveis*".

(110) ʉ̃ĩʔa aiekiiɰ̃usu

ʉ̃ĩʔ -a **a-** ieki -iɰ̃u -su
batata-SF 3POSS- RN -líquido -SF
‘a chicha (de batata) dele’

(111) uãlakaloa tiahlana aiekalosunala

uãla -kalo -a tiahla-na
roupa-liso-SF 3sg/M-LC
a- ie -kalo -sũ -na -la
3POSS- RN -liso -COP-NFP/EV-M/PF
‘A camisa é dele’

2.2.1.4.3 Construções possessivas

Em arranjos do tipo genitivo, ou naqueles em que existe relação do tipo parte-todo, o núcleo da cláusula é sempre o segundo elemento. Sendo genitivas, essas construções recebem um prefixo marcador de posse. Se forem do segundo tipo, o núcleo não recebe marca.

O Hahãintesu é uma língua do tipo *head-marking*, pois marca a posse no núcleo (possuído) da cláusula, não nos modificadores ou dependentes (possuidores). O conceito de *head-marking* e *dependent-marking* aqui assumido está em consonância com o modelo descrito por Johanna Nichols (1986). De acordo com Dryer (2007):

> “*Genitive affixes are a form of dependent marking (Nichols 1986), since the possessor is a grammatical dependent of the head noun, while possessive affixes are a form of head-marking, since they occur on the head noun. Linguists occasionally employ the term ‘possessive affix’ for genitive affixes, but since such usage is potentially confusing, it is best avoided*.” (DRYER 2007, p. 178)[86]

[86] Tradução: “Afixos genitivos são uma forma de *dependent marking* (Nichols 1986), se o possuidor é um dependente gramatical do núcleo nominal, enquanto afixos possessivos são uma forma de *head-marking*, se eles ocorrem em um núcleo nominal. Linguistas, ocasionalmente, empregam o termo ‘afixos possessivos’, para afixos genitivos, mas esse uso deve ser evitado”

Quadro 17 – Representação da relação genitiva e de parte/todo em construções possessivas

RELAÇÃO GENITIVA	*possuidor POS-possuído*
RELAÇÃO TODO/PARTE	*possuidor possuído*

Sobre a forma genitiva, como acontece de o primeiro constituinte do arranjo terminar pela vogal baixa {-a} e o segundo se iniciar pelo prefixo de posse {a-}, poderá haver assimilação da primeira vogal pela segunda, caso a última sílaba do primeiro constituinte seja não-acentuada. Caso ela seja acentuada, ambos os lexemas tenderão a ser pronunciados separadamente, ou a vogal resultante será alongada ou glotalizada, como segue:

(112) [houˈsa ajekiˈhi̯ˀka]
housa aienkihi̯ˀkia
hous -a **a**- ien- ki- hi̯ -ˀki -a
macaco-SF POS-rosto-redondo-olho-ósseo-SF
‘os olhos do macaco’

(113) [ˈaikənã̯a]
aika anã̯a
aik -a **a**- nã̯ -a
pássaro-SF POS-pena-SF
‘a pena do passarinho’

(114) [aˈwejajeiˀtãhɾu]
aueia aieiˀtãhlisu
auei -a **a**- ieiˀtãh-li -su
abelha-SF POS-colmeia-?-SF
‘a colmeia de abelha (espécie)’

(115) [jãnaˈla aˈnũ̯ˀkʰnãʔa]
iãnalia anũ̯ˀkinãa
iãna-li -a **a**- nũ̯ -ˀki -nã -a
onça-? -SF POS-braço-ósseo-GR-SF
‘as patas da onça’

(116) [aˈlãaˌjuˀka]
alãa aiuˀkia
alã -a **a**- iu -ˀki -a
arara-SF POS-pé-ósseo-SF
‘o pé da arara’

(117) [ˈsɨ̃ha˩sɨ̃hsu]
sɨ̃ha asɨ̃hsu
sɨ̃h -a **a**- sɨ̃h -su
formiga-SF POS-casa-SF
‘a casa da formiga (esp.)’

O tipo não-genitivo é também uma justaposição de dois termos, sendo o segundo o seu núcleo. A diferença está na ausência de uma marca de posse no segundo elemento, pois ele expressa uma relação genérica com o primeiro, do tipo parte/todo[87]. Pode haver ou não independência fonológica dos constituintes. Seguem exemplos:

(118) kuạtiaitea ẹhsu
kuạt -iai -te -a ẹh -su
feijão-comer-NOM-SF machado-SF
‘machado de branco (tipo de)’

(119) alũa sɨ̃nsu
alũ -a sɨ̃n-su
anta-SF carne-SF
‘carne de anta’

(120) kũĩa ĩeisa
kũĩ -a ĩeis -a
anum-SF ninho-SF
‘ninho de anum’

(121) iokanã̱a
iok -a -nã̱ -a
fumo-SF -folha-SF
‘folha de fumo’

(122) sɨ̃ha uaĩnsɨ̃hsu
sɨ̃h -a uaĩn -sɨ̃h -su
casa-SF menina moça-casa-SF
‘casa da menina moça’

[87] Diferentemente do que foi visto para o Latundê/Lakondê, em (TELLES 2002, pg. 165-166) e para o Mamaindê de (EBERHARD 2009, pg. 373), que apresentam um tipo bastante similar a esse, naquelas línguas os lexemas do composto se acham presos fonologicamente.

(123) uahkalia iekalosu

uahka-li -a ie -kalo -su
jacaré-?-SF RN -liso -SF
‘couro de jacaré’

(124) saualia iãusu

saua -li -a iãu-su
igarapé-?-SF flor-SF
‘flor de igarapé’

2.2.1.4.4 A cláusula possessiva

Semelhante ao que é visto em (TELLES 2002, p. 160-161), sobre o Latundê/Lakondê, o Hahãintesu apresenta cláusulas possessivas através da construção predicativa formada por uma raiz nula, sem conteúdo semântico, com função anafórica. Uma das funções desse tipo de cláusula é comprovada no primeiro exemplo que segue, pois, a palavra onça, referente a um animal não-domesticável, não pode receber prefixo de posse. No último exemplo desse tipo, porém, pode-se ver que mesmo nomes alienáveis podem ser seguidos por uma construção predicativa cujo núcleo é uma raiz nula, embora essa escolha tenha fim enfático:

(125) iãnala taiekiãualana

iãna-li-a **ta-** ieki -ãu -a -ø -la -na
onça-?-SF 1POSS-RN-pele-SF -3obj-SE -M/NFP
‘A pele de onça é minha’

(126) uãlakaloa taiekalosasĩnna

uãla -kalo -a **ta-** ie -kalo -sa -sĩ -na
roupa-liso -SF 1POSS-RN-CL:liso-OB-COP-M/NFP
‘A roupa é minha’

Mas, para os nomes possuíveis a construção ocorre, normalmente, por prefixação. Nesses casos, a posse tem por escopo toda a cláusula:

(127) uanẽkĩnsasanali

ua- a- nẽ kĩns -a -sa -na -li
2POSS-INAL-cabeça-cabelo-SF-OB-NFP/EV-M/PF/EFR
‘É o teu cabelo!’

(128) taui?solia

ta- ui? -soli -a
1POSS-dente-ser um-SV
‘É meu dente’

A construção pode dispensar o referente nominal, caso ele já tenha sido explicitado anteriormente no discurso, ou caso esteja visível para o falante. Aí, é comum que apenas a construção anafórica seja usada:

(129) uaieka?tsu ũsanali

ua- ie -ka?t -su ũ -sa -ø -na -li
2POSS-RN-longo-SF dar-OB-3sg-NFP/EV-M/IMPF/EFR
‘O arco que te deram’

(130) uãina uaiekisa ũsanali

uãi-na **ua-** ieki -sa ũ -sa -ø -na -li
2sg-LC 2POSS-RN -SF dar-OB-3sg-NFP/EV-M/PF/EFR
‘Ele te deu (algo)’

(131) uaiekaloa ũsanáñi

ua- ie -kalo -a ũ -sa -ná -ñi
2POSS-RN-liso-SF dar-OB-1sg/NFP-F/PF/EFR
‘Eu te dei (o vestido)’

2.2.1.5 Composição nominal

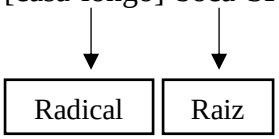
Os tipos de composição verificados na língua Hahãintesu são os seguintes:

2.2.1.5.1 Nome + Nome

Em Hahãintesu, foram verificados processos de composição nominal que envolvem palavras e radicais ou mesmo dois radicais, do tipo morfológico, e processos composicionais envolvendo duas ou mais palavras, do tipo morfossintático. O tipo morfológico envolve os chamados morfemas de parte do corpo e será melhor tratado, separadamente, na seção reservada à essa classe de sufixos. Segue exemplo desse tipo de composto:

(132) sɨ̃hkaʔtioua

sɨ̃h -kaʔt -iou -a
[casa-longo]-boca-SF



‘porta’

Quando a justaposição é formada por lexemas separados, apenas o segundo elemento do composto pode flexionar o sufixo final referencial em {-su} ou {-a}. O primeiro dos lexemas, no entanto, estará sempre flexionado pelo sufixo {-a}. O núcleo do composto é o segundo elemento, limitador do primeiro:

(133) iãnalia kaũnlisu

iãna -li-a kaũn -li -su
onça -?-SF pequeno-?-SF
‘gato do mato’

(134) iuʔtaũlia hueka

iuʔtaũ-li -a huek -a
jaboti -? -SF barriga.funda-SF
‘tartaruga’

(135) a̱inaũa kua̱liʔa

a̱in -nãu -a kua̱liʔ -a
peixe-flexível-SF choque-SF
‘peixe elétrico’

(136) kualaia naha

kualai-a nah -a
aranha-SF caranguejo-SF
‘aranha caranguejeira’

(137) haisa kousu

hais -a kou -su
roça-SF campo.limpo-SF
‘roça’

(138) ãkatesa a̱lakisu

ãkates-a a̱la -ki -su
rim-SF ?-redondo -SF
‘rim’

(139) huaiailia ualololokihnãusu

huaiai -li -a ualolo -kih -nãu -su
cobra.peçonhenta-?-SF IDEO-pontudo-flexível-SF
‘cobra cascavel’

(140) halia alãka

ha-li-a alãk -a
cará-?-SF ser longo-SF
‘cará comprido’ (espécie)

2.2.1.5.2 Nome + Verbo

O tipo de composição que se utiliza de um nome e uma forma verbal adjetival é bastante comum e concorre para o enriquecimento do léxico enormemente. No Hahãintesu, os adjetivos pertencem à classe dos verbos, os quais podem ser nominalizados através do morfema {-te}. A partir da ativação desse morfema, a palavra poderá receber sufixos típicos da classe dos nomes, como classificadores, incorporação nominal e sufixos referenciais finais. É imediatamente anterior ao sufixo final que o morfema nominalizador se insere. A forma nominal resultante tem função atributiva e age diferenciando, opondo espécies. Morfologicamente, acontece a união de um nome genérico com o verbo adjetival nominalizado.

Ainda assim, considerando-se a opcionalidade comum à morfologia derivacional dessas línguas, podem ocorrer casos em que o morfema nominalizador não seja ativado, mas o resultado semântico é o mesmo. Da mesma forma, o termo nominalizado pode receber um prefixo agentivo. Nesse tipo de composição, é o primeiro elemento do composto que compõe o núcleo:

(141) alãa heheitea

alã -a hehei -te -a
arara-SF ser vermelho escuro/marrom-NOM-SF
‘arara vermelha’

(142) alãa saʔtesaʔtetea
alã -a saʔtesaʔte -te -a
arara-SF ser amarelo-NOM-SF
‘arara amarela’

(143) alãa asauitesu
alã -a a- saui -te -su
arara-SF AG-ser azul-NOM-SF
‘arara azul’

(144) iãnalia anẽnẽsu
iãna-li -a a- nẽnẽ -su
onça-?-SF AG-ser vermelho-SF
‘suçuarana’

(145) ʔtihʔnãua hulaʔhulaʔitea
ʔtihʔ -nãu -a hulaʔhulaʔi-te -a
cobra-flexível-SF ser pintado-NOM-SF
‘cobra pintada (esp.)’

(146) kalilia atuʔttesu
kali-li -a a- tuʔt -te -su
grilo-?-SF AG-ser preto-NOM-SF
‘grilo preto (esp.)’

(147) uãnia saʔtelisu
uãni -a saʔte -li -su
tamanduá-mirim-SF ser amarelo-?-SF
‘tamanduá-mirim amarelo (esp.)’

(148) kiĩnta kaĩntesu
kiĩnt -a kaĩn -te -su
marimbondo-SF ser grande-NOM-SF
‘cavalo do cão (esp. de marimbondo caçador)’

Para a atribuição de qualidade que não é própria do referente, o processo de composição se dá por meio de uma construção predicativa:

(149) kuĩa asĩna sĩnialiʔaliʔa

kuĩ -a a- sĩn -a sĩn- ialiʔaliʔ -a
anum-SF POSS-carne-SF INC: “carne”- ser escuro-SV
‘A carne do anum é preta’[88]

(150) aika anẽʔkia nẽheheinala

aik -a a- nẽ -ʔki -a
pássaro-SF INAL-cabeça-ósseo-SF
nẽ- hehei -ø -na -la
INC: “cabeça”-ser vermelho/marrom-3sg-NFP/EV-M/PF
‘A cabeça do pássaro é vermelha’

(151) uãlia hãnʔtakalosuna

uã -li -a hãnʔ -ta -kalo -su -na
camisa-?-SF ser branco-NOM-CL:liso-SF-NFP/EV
‘A camisa é branca’

2.2.1.6 Ideofones e iconicidade

Os ideofones recebem morfologia típica dos nominais e, por isso, não são inclusos numa categoria à parte, entre as classes abertas da língua. São facilmente reconhecidos por apresentarem um padrão especial sonoro, propriedades gramaticais distintas e significados sensoriais (DINGEMANSE 2012, p. 654). Mesmo apresentando peculiaridades, os ideofones adequam-se ao sistema fonêmico da língua. O que os torna marcados, relativamente, é o fato de empregarem parte dos sons em diferentes arranjos de configurações possíveis. Outras características apontadas por Dingemanse são encontradas nos ideofones do Hahãintesu, como: a) mais possibilidades de estruturas silábicas, b) maior variedade de formas de palavras (com muitas formas de reduplicação) e c) maior suscetibilidade para morfologia expressiva (reduplicações e alongamentos)

Os ideofones podem apresentar diferentes graus de iconicidade, de acordo com Dingemanse (2012). Ele explica que apenas uma pequena parte dos ideofones tende a imitar o som. O retrato sonoro seria a pretensão primeira do falante, enquanto que a iconicidade focaria apenas na semelhança putativa do significado entre signo e objeto. Os ideofones retratam mapas icônicos de forma e significado e fatores como reduplicação, tom, qualidade da vogal, quantidade vocálica e tensão muscular das consoantes colaboram para o estabelecimento de um

[88] Como atributivo a raiz do nome para a cor preta é {ialiali}, já como característica inerente, genética, ou parte da composição de nome de animal ou coisa, é {tuʔt}.

modelo tipológico mais adequado à sua descrição (DIFFLOTH 1980, p.57; MITHUN 1982, p.51 *apud* DINGEMANSE 2012, p. 656). Eles não empregam apenas simbolismo acústico, mas também simbolismo articulatório. O mapeamento de forma-significado recairia sobre três tipos não exclusivos de iconicidade (DINGEMANSE 2012, p. 659): o imagético, o gestual e o relativo.

Muitos dos tipos mais icônicos e que colaboram para a formação do léxico em Hahãintesu colaboram, em certa medida, com os modelos relacionados por Dingemanse (2012). A clara reprodução do som como elemento formador da palavra nominal pode ser observada quando a raiz inteira, ou parcialmente, tenta retratar o som, através de sua reduplicação ou não, nos nomes de pássaros, por exemplo.

Concomitante com a mímica empregada na descrição de um evento, é comum que os Manairisu empreguem uma porção de palavras que, claramente, são representações sonoras das ações descritas, a exemplo de {nẽ:}, usado exaustivamente quando se quer descrever as curvas de um trajeto, ou {uo̯uo̯uo̯}, que indica a ação de passar o sabonete no corpo.

O tipo de ideofone chamado de relativo por Dingemanse é deveras encontrado nos verbos adjetivais reduplicados que, em geral, adicionam conteúdo semântico à palavra[89], informando que a superfície de um determinado objeto é totalmente coberta por pontas, protuberâncias, cores, linhas, aspereza, dureza, maleabilidade, circularidade, etc. O Hahãintesu apresenta, então, como representantes dos tipos apontados:

a) Iconicidade Imagética – (quando o som da palavra mimetiza um som no mundo)

(152) kũ̃isu
kũ̃i-su
IDEO-SF
‘anum’ (relativo ao som produzido pelo canto do pássaro)

(153) tã?tã?su
tã?tã?-su
IDEO-SF
‘quero-quero’ (relativo ao som produzido pelo canto do pássaro)

[89] De acordo com Dingemanse (2012, p. 659), são os tipos da Gestalt e a iconicidade relativa que permitem aos ideofones ir além da imitação de eventos singulares em direção a associações intermodais, analogias perceptuais e generalizações da estrutura de eventos.

(154) sisikisu

sisi -ki -su
IDEO-redondo-SF
‘pássaro bico de pimenta’ (relativo ao som produzido pelo canto do pássaro)

(155) huaiailia ualolokihnãusu

huaiai -li -a **ualolo** -kih -nãu -su
cobra venenosa-?-SF IDEO-pontudo-flexível-SF
‘cobra cascavel’ (referência ao som produzido pelo chocalho)

(156) ualulu?itesu

ualulu?i-te-su
IDEO-NOM-SF
‘macaco aranha’ (em referência ao som emitido pelo animal)

(157) uãuãisu

uãuãi-su
IDEO-SF
‘esp. de marimbondo’ (em referência ao som produzido durante o voo)

(158) kuɻala?kuɻala?su

kuɻala?kualɻ?-su
IDEO -SF
‘galinha’ (em referência ao som do cacarejar da ave)

b) Iconicidade Gestual – em que a estrutura da palavra retrata a estrutura do evento:

(159) kuẽkuẽlia

kuẽkuẽ-li-a
IDEO -? -SF
‘abanador’ (reduplicação em referência ao movimento produzido pela ação de abanar)

(160) iuiukihnãusu

iuiu -kih -nãu -su
IDEO-pontudo-flexível-SF
‘centopéia (reduplicação em referência à quantidade de pés e movimento do animal)’

(161) houʔiuo̲uo̲uo̲nãutesu

houʔi -**uo̲uo̲uo̲** -nãu -te -su
banhar-IDEO-flexível-NOM-SF
‘ensaboar-se’ (a reduplicação refere-se ao ato de passar o sabonete pelo corpo)

(162) huaiãuhuaiãua ʔtihʔnãusu

huaiãuhuaiãu-a ʔtihʔ -nãu -su
IDEO -SF cobra-flexível-SF
‘lacraia’ (a reduplicação refere-se à intensidade da dor e febre causados pela picada)

c) Iconicidade Relativa – quando as formas relacionadas mapeiam as relações de significado:

(163) alãa heheitea

alã -a **hehei** -te -a
arara-SF IDEO-NOM-SF
‘arara vermelha’ (a reduplicação refere-se à totalidade da cor da ave)

(164) alãa saʔtesaʔtetea

alã -a **saʔtesaʔte** -te -a
arara-SF IDEO -NOM-SF
‘arara amarela’ (a reduplicação refere-se à totalidade da cor da ave)

(165) ʔtihʔnãua hulahulaitea

ʔtihʔ -nãu -a **hulahulai** -te -a
cobra-flexível-SF IDEO -NOM -SF
‘cobra colorida’ (a reduplicação refere-se à totalidade das cores no animal)

(166) iãnala uaiuaitesu

iãna-li -a **uaiuai** -te -su
onça -? -SF ter manchas-NOM-SF
‘onça manchada’ (a reduplicação refere-se à grande quantidade de manchas no animal)

(167) anũa ko̲ko̲latesu

anũ -a **ko̲ko̲** -la -te -su
índio-SF IDEO-SE-NOM-SF
‘índio feio’ (a reduplicação intensifica o valor de atribuição do verbo adjetival)

(168) iiąua kuĩkuĩaiąusu

i -iąu -a **kuĩkuĩ** -a -iąu -su
água-líquido-SF IDEO -SF-CL:líquido-SF
'água suja' (a reduplicação indica que a adjetivação refere-se à totalidade do objeto)

2.2.1.7 Derivação

Nesta seção, apresentam-se alguns dos tipos de sufixos derivacionais, bastante produtivos na língua, que designam características ou propriedades físicas e de aparência de seus referentes, quais sejam de tamanho, forma, sexo ou consistência. Embora sejam tratados como morfemas derivacionais, nem todos eles se comportam da mesma forma. Eles podem variar quanto ao grau de transparência/opacidade semântica[90], opcionalidade/obrigatoriedade[91] e escopo[92].

Ainda assim, esses sufixos apresentam outras características que os fazem ser reconhecidos como tipos derivacionais, como: a) todos apresentam-se como formas presas; b) não operam no nível da morfossintaxe e; c) não constituem raiz nominal. Por isso, são, aqui, tratados como sufixos.

Conforme foi visto em Telles (2002, p. 172), para o Latundê, a presença dos sufixos derivacionais em Hahãintesu pode desobrigar a palavra nominal da ocorrência dos sufixos flexionais referenciadores, além de concorrerem para a nominalização de verbos e, consequentemente, para a mudança dessa categoria[93]. O tipo de relação que estabelecem com os nomes aos quais se ligam motiva sua divisão em: tamanho, forma, sexo e consistência.

Na tabela que segue, apresentam-se os sufixos derivacionais de acordo com o tipo de relação que estabelecem com os nominais aos quais se referem:

[90] Alguns apresentam, aparentemente, alto grau de opacidade, como {-ẽn}, {-ahlo}, {-talu} ou {-iąu}, enquanto outros apresentam maior transparência semântica, caso de {-ki}, {-kalo} ou {-ka$^{?}$t}.

[91] Os que alteram a categoria lexical da palavra, além dos que indicam consistência, são obrigatórios. Os que descrevem a forma e os que indicam o sexo do referente são, na maioria das vezes, opcionais.

[92] Com exceção do sufixo {-kih} que pode tomar outros termos de classe como escopo.

[93] Essa função é limitada aos sufixos indicadores de sexo.

Quadro 18 – Relação dos tipos de termos de classe

TAMANHO	-ta- ~ -kata-	grande
	-uẽ-	pequeno
FORMA	-kaʔt-	longo/rígido/tridimensional
	-ki-	redondo/oblongo/tridimensional
	-ʔki-	ósseo
	-kalo-	liso/plano/unidimensional
	-nãu-	larval/flexível
	-ẽn-	cavo/oco
	-kih-	fino/pontudo
CONSISTÊNCIA	-nũ- ~ -nã-	farináceo/pó/pasta/massa
	-iu̯-	líquido
SEXO	-lo- ~ -ahlo-	sexo masculino
	-lu- ~ -talu-	sexo feminino

Embora não seja muito comum, os sufixos derivacionais {-ta}, {-kata} e {-ki}, além do morfema indicador de tamanho pequeno {-uẽ}[94], podem funcionar como morfemas atributivos de qualidade que não é própria do referente, como a de tamanho grande ou pequeno:

(169) sĩhatasu

sĩh -a **-ta** -su
casa-SF-AUM-SF
'casa grande'

[94] Este sufixo não participa do processo lexicogênico de formação de palavras na língua, mas, tão somente, de atributivo de tamanho ou indicativo de filhote, bebê.

(170) kũĩatasu

kũĩ -a **-ta** -su
anum-SF-AUM-SF
‘anum grande’

(171) aikauẽnlinãsu

aik -a -uẽ -li **-nã** -su
‘pássaro-SF-DIM-? -PL -SF
‘passarinhos (em referência ao tamanho)’

(172) uaikia

uai **-ki** -a
açaí-DIM-SF
‘açaí pequenino’

(173) seseikisu

sesei **-ki** -su
escorpião-DIM-SF
‘escorpião’

A função mais comum, porém, desse tipo de morfema, é a distinção ou oposição de espécies de uma mesma família, ou semelhantes entre si[95], por meio de um atributo que lhes é inerente[96]. A inserção desses morfemas logo após a raiz nominal tem por finalidade categorizar novos termos e, nesses casos, eles são obrigatórios. Um exemplo dessa criação é a palavra bode, animal introduzido pelos não-indígenas, só recentemente conhecido pelo povo indígena e que se traduz como {kuĵita**ta**su},‘veado grande’, ou tubarão, animal apenas conhecido da tv ou da fala dos não-indígenas, nomeado de {a̱ina**ta**su} ou ‘peixe grande’.

Enquanto noutras línguas Nambikwára tanto morfemas indicativos de tamanho pequeno quanto os indicadores de tamanho grande apresentam-se como um recurso lexicogênico útil para a distinção de espécies semelhantes, na taxonomia dos nomes de Hahãintesu, a criação

[95] Embora seja bastante comum a ocorrência dos morfemas derivacionais de tamanho pequeno para designar ou opor espécies em outras línguas da Família Nambikwára, como o Latundê (TELLES, 2002), os morfemas que indicam tamanho pequeno não mostraram ser uma boa base para a criação de lexias em Hahãintesu. A oposição se dá, em geral, pelo acréscimo do morfema que indica ‘tamanho grande’.

[96] Ao explicar sobre as bases cognitivas para a explicação das escolhas categoriais feitas numa língua, Lakoff (1987) estabelece modelos embasados na Teoria dos Protótipos. Nessa perspectiva, haveria um fenômeno de encadeamento e condução de informação, baseado em modelos (proposicionais, de imagem-esquema, metafóricos e metonímicos), os quais serviriam como base para a compreensão de como os seres humanos, em geral, categorizam as coisas do mundo.

toma como base o morfema indicador de tamanho grande, apenas. O morfema indicativo de tamanho pequeno {-uẽ} não é usado como recurso para a criação de nomes novos na língua:

(174) iaʔksu
iaʔk -su
caititu-SF
‘caititu’

(175) iaʔktasu
iaʔk **-ta** -su
caititu-grande-SF
‘porcão (javali)’

(176) ʔtihʔsu
ʔtihʔ -su
cobra-SF
‘cobra (em geral)’

(177) ʔtihʔatasu
ʔtihʔ -a **-ta** -su
cobra-SF-grande-SF
‘sucuri’

(178) salihsu
salih -su
lambari-SF
‘lambari’

(179) salihatasu
salih -a **-ta** -su
lambari-SF-grande-SF
‘dourado’

(180) alalakisu
alala -ki -su
aticum-redondo -SF
‘aticum/graviola (fruto)’

(181) alalakatakisu

alala **-kata** -ki -su
aticum-grande-redondo -SF
‘jaca (gomo)’

(182) sauilia

saui -li -a
pomba-?-SF
‘pomba’

(183) sauilatasu

saui -li -a **-ta** -su
pomba -? -SF -grande -SF
‘ararajuba’

Outra forma comum para se indicar um atributo não inerente de um referente é através do uso de construções predicativas:

(184) tasĩha kaĩsina tasĩha ãa sĩhtiũʔina

ta- sĩh -a kaĩn -sĩh -na
DEM-casa-SF ser grande-INC:‘casa’-M/NFP
ta- sĩh -a ãa sĩh- tiũʔi -na
DEM-casa-SF outro INC:“casa”-ser pequeno-M/NFP
‘Aquela casa é grande, a outra é pequena’

Ainda, os verbos adjetivais que imprimem valor de tamanho podem ser nominalizados, passando, então, a receber morfologia própria dos nominais, uma forma muito comum de se estabelecerem relações de grau diminutivo ou aumentativo para um referente:

(185) housataa ahg̃̃tesu

hous -a -ta -a a- **hg̃̃** -te -su
macaco-SF-AUM-SF AG-ser muito grande-NOM-SF
‘macaco quatá muito grande’

(186) uailia kaĩntesu

uai -li -a **kaĩn** -te -su
cachorro-?-SF ser grande-NOM-SF
‘cachorro grande’

(187) tuhnalia tiũʔitea

tuhna -li -a **tiũʔi** -te -a
formiga -? -SF ser pequeno-NOM-SF
‘esp. de formiga pequena’

2.2.1.7.1 Os sufixos derivacionais de forma e consistência

São morfemas que se adjungem a um nome para salientar alguma característica que lhe é inerente. A maioria deles ultrapassa o âmbito da palavra, estabelecendo funções morfossintáticas diversas, como classificadores nominais, os quais serão, mais à frente, tratados. Por hora, como morfemas derivacionais, classificam os termos aos quais se ligam por características físicas, como as de forma e consistência. São eles: {-kaʔt} que identifica objetos como sendo longos e tridimensionais, {-ki} que se refere aos esféricos, oblongos e tridimensionais, {-ʔki} exclusivamente utilizado em referência às partes do corpo animal e humano que são recobertas por ossos,{-kalo} para os finos, de superfície plana unidimensional, usado para identificar os objetos que possuem alguma cobertura, como cascas, roupas, peles, {-nãu} para os de formato larval, flexíveis e plásticos, como as cordas e as cobras, {-ẽn} que identifica os referentes por sua forma oca, cava e funda, muito usado para a identificação de utensílios domésticos côncavos, como copos e balaios, {-nũ} ou {-nã}, para os processados e com consistência de farinha, pó ou massa, e {-iu̯au}, para as substâncias líquidas. Seguem exemplos dos tipos formalizados:

{-kaʔt}- longos/rígidos/tridimensionais:

(188) hiakaʔtsu

hia **-kaʔt** -su
árvore-longo -SF
‘madeira’

(189) kuasilikaʔtsu

kuasili **-kaʔt** -su
ferro -longo -SF
‘prego’

(190) hualitaka^{ʔ}tsu

hualit -a **-ka^{ʔ}t** -su
mangaba -SF-longo -SF
‘lápis/caneta’

(191) iąl̃ika^{ʔ}tsu

iąl̃ **-ka^{ʔ}t** -su
flauta -longo -SF
‘flauta’

(192) kuąlaʔka^{ʔ}tsu

kuąlaʔ **-ka^{ʔ}t** -su
abacaxi -longo -SF
‘haste de abacaxi do mato’

{-ki) classificam o objeto por seu formato redondo/oblongo/tridimensional. É importante salientar uma outra característica classificadora importante desse sufixo, a de fazer referência aos objetos ou animais que são pequeninos, como as sementes, alguns tipos de besouros e certos insetos.

(193) uaikia

uai **-ki** -a
açaí-redondo-SF
‘açaí (fruto)’

(194) alũkisu

alũ **-ki** -su
macaíba-redondo -SF
‘macaíba (fruto)’

(195) hualitanãukisu

hualit -a -nãu **-ki** -su
mangaba -SF flexível-redondo-SF
‘bola de futebol (bola de mangaba)’

(196) talikia

tali **-ki** -a
pedra-redondo-SF
‘pedra’

(197) akukisu

a- ku **-ki** -su
INAL.-coração -redondo-SF
‘coração’

(198) kikinũa

ki **-ki** -nũ -a
areia-redondo -massa-SF
‘lama’

(199) kuaiakia

kuaia **-ki** -a
milho-redondo -SF
‘milho (grão)’

(200) itakia

ita **-ki** -a
lâmpada-redondo -SF
‘lâmpada’

(201) hikia

hi **-ki** -a
estrela-redondo-SF
‘estrela’

(202) iukikisu

iuki **-ki** -su
formiga-redondo -SF
‘esp. de formiga pequenina’

No caso específico dos nomes de árvores, alguns desses sufixos possuem uma sobreposição funcional, pois destacam alguma parte do referente, de forma genérica, que se quer pontuar, no momento da fala. Se se pretende falar do fruto de determinada árvore, o classificador {-ki}, é escolhido. O mesmo acontece para quando o tronco é a parte que se quer dar destaque, através do morfema {-ka$^{?}$t}. Funcionando dessa forma, esses morfemas se tornam obrigatórios. Nos exemplos que seguem podemos observar alguns usos:

(203) hẹ̃liaka^{ʔ}tnẽsu

hẹ̃ -li -a -**ka^{ʔ}t** -nẽ -su
caju-?-SF-longo-cabeça-SF
‘tronco do cajueiro’

(204) hẹ̃liakinẽsu

hẹ̃ -li -a -**ki** -nẽ -su
caju -? -SF-redondo-cabeça-SF
‘fruto do cajueiro’

{-kalo} - indica que os referentes apresentam forma lisa, plana e unidimensional, como as cascas, coberturas, vestimentas:

(205) uãlakalosu

uã -li -a -**kalo** -su
pano-? -SF -liso -SF
‘roupa’

(206) takalosu

ta -**kalo** -su
RN -liso -SF
‘mesa’

(207) ihiekalosu

ih -ie -**kalo** -su
correr -RN -liso -SF
‘carro’

(208) ialakalosu

iala -**kalo** -su
barata -liso -SF
‘barata’

(209) iukalosu

iu -**kalo** -su
pé -liso -SF
‘sapato’

(210) nẽkalosu

nẽ -**kalo** -su
cabeça -liso -SF
‘chapéu’

Em construções genitivas, o termo possuído, ocupado por uma forma nominal nula, pode receber o classificador {-kalo}. Nesse caso, essa raiz nula refere-se anaforicamente ao termo possuidor, enquanto o sufixo refere-se à forma de sua cobertura:

(211) uahkala iekalosu

uahka -li -a ie -**kalo** -su
jacaré-?-SF RN-liso -SF
‘couro de jacaré’

(212) iuʔtaũnla iekalosu

iuʔtaũn -li -a ie -**kalo** -su
Jaboti -? -SF RN -liso -SF
‘casco de jaboti’

(213) uaika iekalosu

uaik -a ie -**kalo** -su
jararaca-SF RN -liso -SF
‘pele de jararaca’

(214) kualikia iekalosu

kuali -ki -a ie -**kalo** -su
babaçu-redondo-SF RN -liso -SF
‘cacho de cocos babaçu’

(215) a̱ina iekaloa atuʔta

a̱in -a ie -**kalo** -a a- tuʔt -a
peixe-SF RN -liso-SF AG-ser preto-SF
‘escama de peixe preto’

{-ʔki} - tipo bastante específico de classificador usado em referência apenas às partes do corpo humano e animal[97], as quais são recobertas por ossos ou que são duras[98]:

(216) anẽʔkia
a- nẽ -**ʔki** -a
INAL-cabeça-ósseo-SF
'cabeça'

(217) anʉ̃ʔkia
a- nʉ̃ -**ʔki** -a
INAL-braço-ósseo-SF
'braço'

(218) aiuʔkia
a- iu -**ʔki** -a
INAL-pé-ósseo-SF
'pé'

(219) akalaʔkisu
a- kala -**ʔki** -su
INAL-ombro-ósseo-SF
'ombro'

{-nãu} - identifica o referente que tem forma larval ou flexível:

(220) ʔtihʔnãusu
ʔtihʔ -**nãu** -su
cobra-flexível-SF
'cobra'

(221) helihnãusu
helih -**nãu** -su
embira-flexível-SF
'corda de embira'

[97] É possível que esse morfema tenha origem no sufixo classificador {-kaʔt}, o qual identifica objeto duro e tridimensional. Porém, é preciso um trabalho mais minucioso sobre a origem desse morfema e sobre o seu uso e significado no interior da palavra.

[98] Ao serem perguntados sobre o motivo de algumas palavras conterem o sufixo {-ʔki}, os manairisu entrevistados sempre revelaram que o motivo era porque a parte referente do corpo indicada continha ossos por dentro.

(222) iuiukihnãusu

iuiu -kih **-nãu** -su
IDEO-pontudo-flexível-SF
‘embuá (centopéia)’

(223) a̰innãua kua̰liʔa

a̰in **-nãu** -a kua̰liʔ -a
peixe-flexível -SF choque-SF
‘peixe elétrico’

(224) alalinãusu

ala -li **-nãu** -su
veia-?-flexível-SF
‘veias’

(225) iuʔtaũnlanãua

iuʔtaũn -li -a **-nãu** -a
tracajá -? -SF -flexível -SF
‘ovo de tracajá’

{-ẽn} - para referentes côncavos, fundos ou ocos:

(226) hiuẽna

hiu **-ẽn** -a
buraco-cavo -SF
‘buraco’

(227) anẽẽnsu

a- nẽ **-ẽn** -su
INAL-cabeça-cavo-SF
‘orelha’

(228) kaʔtehẽnsu

kaʔteh **-ẽn** -su
copo-cavo -SF
‘copo’

(229) ualutẽnsu

ualut **-ẽn** -su
garrafa-cavo-SF
‘garrafa’

(230) haʔtiẽnsu

haʔti **-ẽn** -su
cesto-cavo -SF
‘cesto’

(231) iãnkẽnsu

iãnk **-ẽn** -su
flauta-cavo-SF
‘flauta (tradicionalmente tocada no nariz)’

(232) auanẽnsu

a- uan **-ẽn** -su
INAL-nariz-cavo-SF
‘nariz’

{-kih} - fino/pontudo

O morfema classificador {-kih} é de mais difícil descrição devido a sua ampla funcionalidade e devido ao fato de ser o único classificador do Hahãintesu que se evidencia em nomes e verbos. Age salientando alguma característica física do referente que chama mais atenção, como ser fino, com protuberâncias, pontas[99], ferrões, texturas. Geralmente, precede o classificador {-nãu}, mas não evidencia a forma serpenteada do referente, como faz o classificador para formas flexíveis ao qual se une. Ele destaca características particulares encontradas nesses referentes, complementando a classificação, ou seja, tomando até mesmo o classificador como escopo.

Para exemplificar o que foi dito, apresenta-se a palavra *iulihnãusu* ‘minhoca’. Devido ao fato de esse animal não apresentar outra característica que mereça destaque além do fato de ser flexível, pois tem o corpo liso, apenas recebe o classificador que destaca essa característica. Seguem alguns exemplos:

[99] Em Lakondê (TELLES 2002, p. 176), identifica um classificador {-kih}, similar na forma e na função, com o que se identificou em Hahãintesu, o qual salienta no referente alguma forma pontuda.

(233) iuiukihnãusu

iuiu **-kih** -nãu -su
IDEO-pontudo-flexível-SF
‘embuá (o que é flexível e com muitos pés)’

(234) kaĩnliakihnãusu

kaĩn -li -a **-kih** -nãu -su
miçanga-?-SF -pontudo-flexível-SF
‘colar de miçangas (o que é flexível e coberto de protuberâncias)’

(235) kũn?kihsu

kũn? **-kih** -su
barbante-pontudo-SF
‘linha de costura (o que é flexível e pontudo)’

(236) uailikihnãusu

uai -li **-kih** -nãu -su
espinho-?-pontudo-flexível -SF
‘cipó espinhoso (o que é flexível e coberto de espinhos)’

(237) huaiailia ualolokihnãusu

huaiai -li -a ualolo **-kih** -nãu -su
cobra venenosa-?-SF IDEO-pontudo-flexível-SF
‘cobra cascavel (que é flexível e faz barulho na ponta da calda)’

Ao contrário do que acontece com a maioria dos morfemas derivacionais apresentados nesta sessão, os de consistência são obrigatórios. Como eles indicam uma mudança na forma ou consistência do referente, sua omissão implicaria na perda dessa informação[100]:

{-iɰ̃u} - líquidos

(238) iiɰ̃usu

i **-iɰ̃u** -su
água-líquido-SF
‘água/rio’

[100] Os classificadores nos exemplos de música e grito são opcionais, pois não tratam de consistência e materialidade. Além disso, expressam um tipo de referência metafórica do hospedeiro.

(239) hẽliaiɰ̃usu

hẽ -li-a **-iɰ̃u** -su
caju-?-SF-líquido-SF
‘chicha de caju’

(240) kuaiaiɰ̃usu

kuaia **-iɰ̃u** -su
milho-líquido-SF
‘chicha de milho’

(241) atuˀtiɰ̃ua

a- tuˀt **-iɰ̃u** -a
AG- ser preto-líquido-SF
‘café’

(242) uẽhiiɰ̃ua

uẽhi **-iɰ̃u** -a
chuva-líquido-SF
‘chuva’

(243) haiʔiɰ̃ua

haiʔ **-iɰ̃u** -a
cantar-líquido-SF
‘música’

(244) ualiiɰ̃ua

uali **-iɰ̃u** -a
gritar-líquido-SF
‘grito’

(245) anũniɰ̃usu

a- nũn **-iɰ̃u** -su
INAL-seio-líquido-SF
‘leite’

(246) kãiiɰ̃ulia

kãi **-iɰ̃u** -li -a
pó fino-líquido-?-SF
‘lama’

{-nũ ~ -nã} - indicam que seus referentes têm consistência de pó, massa ou farinha:

(247) kãukanãtisu

kãuka **-nã** -ti -su
jatobá-massa-GRI-SF
‘pó de jatobá’

(248) tuhnũsu

tuh **-nũ** -su
urucum -massa -SF
‘pó de urucum (colorífico)’

(249) kinũa

ki **-nũ** -a
areia-massa -SF
‘areia’

(250) ualinũa

uali **-nũ** -a
mandioca -massa -SF
‘beiju/pão’

(251) kikinũa

ki -ki **-nũ** -a
areia -redondo -massa -SF
‘barro/lama’

O morfema classificador de sexo caracteriza-se por ser opcional e ser transparente do ponto de vista lexical. Sua principal função é a de diferenciar o sexo dos referentes. Além disso, ele pode participar da criação de novas palavras na língua ao se unir a verbos de ação e convertê-los em nomes:

{ahlo/talu} – para classificar o referente de acordo com o sexo masculino ou feminino, respectivamente:

(252) itiahloa

it **-ahlo** -a
homem-sexo/M-SF
‘homem’

(253) kaĩnitahlosu

kaĩn -it **-ahlo** -su
ser muito-homem-sexo/M-SF
‘cacique’

(254) ʔtuhtalusu

ʔtuh **-talu** -su
mulher-sexo/F-SF
‘mulher’

(255) tiahlana ualia ãitahlosu

tiahla -na uali -a ã -it **-ahlo** -su
3p.s/M-LC mandioca-SF plantar-homem-sexo/M-SF
‘o plantador de mandioca’

2.2.1.7.2 Classificadores nominais

Parte do conjunto de morfemas que operam em processos de composição e derivação, vistos anteriormente, no nível da palavra, apresentam sobreposição funcional, atuando como classificadores nominais, no nível do discurso. Para fins de teoria e explicação desse fenômeno, escolheu-se o modelo apresentado por Grinevald (2000), o qual se aplica de maneira eficaz ao fenômeno da classificação nominal da língua Hahãintesu, como o fora para a explicação dos sistemas de classificadores nominais do Latundê/Lakondê (TELLES 2002), por exemplo.

Os termos de classe/termos de medida X gênero/classe dos nomes

De acordo com Grinevald (2000 p.58), para a descrição de línguas que apresentam sistemas de classificadores, é possível se considerar um eixo longitudinal onde se localiza, de um lado, a porção mais gramatical do sistema, e do outro, a porção mais lexical. Nesse contínuo, o gênero e a chamada classe dos nomes opor-se-iam aos termos de medida e aos termos de classe, respectivamente, como apresentado no esquema abaixo:

<Lexical.....Gramatical>

termos de classe classe dos nomes – gênero
termos de medida

Segundo essa autora, o gênero é tratado, em geral, como um sistema bastante reduzido em número de formas que não é sempre aberto em si, mas ecoa em outros elementos da cláusula, variando de língua para língua. Ele é chamado de concordial e é, obrigatoriamente, marcado. Já a chamada classe dos nomes, mais exótica do ponto de vista eurocêntrico, é um tipo maior nos sistemas de classificação nominal, realizando-se fora do nome em si, usualmente, em modificadores que incluem adjetivos e até mesmo demonstrativos, interrogativos e possessivos. Pode realizar-se também em frases nominais, em predicados ou mesmo em advérbios.

Os termos de classe e de medida, que fazem parte do eixo mais lexical do contínuo, são de outra natureza. Os de medida são mais lexicais por serem semanticamente composicionais/de frases nominais analíticas, enquanto que os termos de classe são mais lexicais por operarem em processos composicionais e derivacionais no nível morfológico da palavra.

Os termos de medida são encontrados em todas as línguas do mundo e expressam quantidade, como a de massa para a identificação de unidades, ou não contáveis, como *copo* d'água, *fatia* de bolo e, para os que descrevem os contáveis, como *fila* de carros ou *pilha* de livros. Ainda de acordo com Grinevald (2000, p. 58), nas línguas dos chamados classificadores verdadeiros, os termos de medida encontram-se na mesma categoria semântica dos classificadores, mas são considerados separadamente, como classificadores sortais e classificadores de medida, ou não quantitativos e quantitativos, respectivamente. Os sortais categorizam de acordo com características inerentes do referente, como forma (material ou de textura): duas [redondas] laranjas, uma [lisa e unidimensional] camisa ou três [humanas] crianças.

Os termos de classe, segundo aquela autora, participam da lexicogênese da língua. Eles são morfemas classificadores que têm origem lexical bastante clara, variando em graus de produtividade na língua. Como exemplo, cita-se a classificação dos nomes de plantas no inglês, que diferenciam X-fruto, através da forma –berry, (straw*berry*, blue*berry*, rasp*berry*) ou X-árvore/longo/rígido, para nomear as árvores frutíferas (banana *tree*, orange *tree*). Ainda de acordo com a autora, termos de classe e classificadores são, comumente, confundidos. Mesmo assim, ela explica que os termos de classe não são usados tipicamente em expressões quantificadoras ou qualquer outro tipo de operação na morfossintaxe. Ainda assim, é possível encontrar línguas em que os dois tipos coexistem.

Termos de classe X Classificadores

Similar ao que foi descrito por Telles (2002, p.183), para o Latundê/Lakondê, os morfemas derivacionais no Hahãintesu comportam-se similarmente aos termos de classe quando operam no domínio da morfologia. Porém, esses mesmos morfemas, quando assumem funções morfossintáticas, comportam-se como classificadores nominais.

Os classificadores são, portanto, formas presas que se adjungem aos nomes ou, por concordância, aos verbos adjetivais e ativos, operando em vários níveis da gramática, como em função anafórica, em construções possessivas e concordiais, em processos de nominalização e incorporação verbal. Eles estariam num ponto intermediário do contínuo léxico-gramatical, por operarem tanto em processos lexicogênicos de criação de palavras da língua, como por sua sobreposição funcional (BELO 2013, p. 42):

<Lexical.....Gramatical>

termos de classe — classe dos nomes – gênero

termos de medida

↓

CLASSIFICADORES

Classificadores de medida/Classificadores sortais

O trabalho de Grinevald (2000) identificou quatro tipos mais conhecidos de classificadores: os numerais, bastante conhecidos por sua diversidade e ocorrência em línguas do continente asiático; os de nome, mais raros e menos estudados; os genitivos, mais complexos em sua expressão; e os verbais. A autora propôs um reagrupamento dos principais tipos semânticos de classificadores em três tipos semânticos maiores, distribuídos segundo critérios físicos, materiais e funcionais (TELLES 2002, p.186-187).

Consoante com o que foi dito por Telles (2002, p.186), sobre o Lakondê: "*o comportamento dos classificadores em Lakondê não se enquadra inteiramente na proposta dessa autora*", os classificadores de Hahãintesu também não correspondem inteiramente com o modelo proposto por Grinevald (2000) por apresentar um mesmo rol de morfemas presos, atuando em diversos processos de classificação da língua. Além disso, somente os classificadores que expressam valores físicos do referente, correspondente com somente um dos três tipos semânticos descritos por ela, foram verificados para o Hahãintesu.

Em um estudo intitulado *Noun CLassification of Amazonian Languages*, Derbyshire & Payne (1990) trataram dos sistemas de classificação de pouco mais de vinte línguas

amazônicas, apontando que, dos quatro tipos mais comuns de classificadores verificados, os numerais e os concordiais foram os mais encontrados, além de um terceiro tipo, menos comum à época, o verbal. Ainda, eles perceberam que o modelo tipológico proposto por Allan (1977), mostrou-se pouco eficaz para a explicação dos classificadores estudados naquelas línguas amazônicas, os quais pareciam mais uma mistura de dois ou três tipos.

No entanto, em relação à semântica dos classificadores pesquisados, os autores explicaram que, de forma geral, eles apresentaram bastante semelhança com aqueles do modelo proposto por Allan (1977). Sobre este aspecto, revelaram Derbyshire & Payne (1990):

> The semantic basis for classification varies in detail from language to language, but in general the primary categories reflected in the various systems follow Allan's groupings: material (animate vs inanimate), shape (long, flat, round, etc.), consistency (flexible, rigid), size (big, medium, small), location, arrangement (configuration, position) and quanta (single, dual, plural, etc.)[101].

Nas línguas examinadas, percebeu-se que havia, em geral, um mesmo grupo de classificadores com variada função classificatória, os quais formavam um único sistema integrado. Grande parte das línguas examinadas era do tipo polissintético, o que justificava sua ocorrência como afixos e não como partículas ou palavras separadas. Em algumas dessas línguas, um mesmo conjunto de classificadores funcionava como morfemas flexionais ou derivacionais.

Os classificadores do Hahãintesu apresentaram, além daquele modelo de formas anteriormente verificadas para a descrição dos termos de classe, um outro tipo que atua apenas como classificador no nível da cláusula e que indica que o referente é um ser ou coisa desconhecida.

É importante destacar, também, que o tipo que identifica o referente por tamanho, além do que classifica as partes do corpo, chamado de ósseo, não apresentaram sobreposição funcional e, portanto, foram tratados como termos de classe, apenas.

O classificador {-kih}, por sua vez, também opera com alguns tipos especiais de verbos. Nesses casos, ele pode funcionar como um reflexivo verbal ou ser usado quando se quer

[101] Tradução: "A base semântica para a classificação variou bastante de língua para língua, mas, em geral, as categorias primárias refletiram-se nos vários sistemas seguidos pelo agrupamento de Allan: material (animados x inanimados), forma (longo, liso, arredondado e etc), consistência (flexível, rígido), tamanho (grande, médio e pequeno), e quantidade (singular, plural, dual, etc)"

destacar que o corpo é o alvo de uma ação[102]. Essas características, morfológicas e semânticas, o aproximam de seu equivalente nominal e, por isso, acredita-se tratar-se do mesmo classificador[103]. Não se crê que essa língua disponha de uma categoria de classificadores genuinamente verbais:

Quadro 19 – Relação dos tipos de classificadores nominais[104]

FORMA	-ka$^{?}$t	longo/rígido/tridimensional
	-ki	redondo/oblongo/tridimensional
	-kalo	liso/plano/unidimensional
	-nãu	larval/flexível
	-ẽn	cavo/oco
	-kih	fino/pontudo
CONSISTÊNCIA	-nũ ~ -nã	farináceos/pó/pasta/massa
	-i̯au	líquido
SEXO	-iahlo ~ -lo	humano masculino
	-talu ~ -lu	humano feminino
+ - VISÍVEL	-te	pessoa ou coisa desconhecida

Em Hahãintesu, os morfemas classificatórios não classificam todos os nomes. Mesmo assim, são muito ativos na língua e constatados, por exemplo, na criação de palavras novas advindas do idioma de contato, o português. Este fato parece corroborar com a ideia de que os

[102] Na seção dedicada aos aplicativos verbais esse morfema será melhor tratado.

[103] É possivelmente que tenha ocorrido o que Lakoff (1987) chamou de extensão categórica. Nesse caso, o que o autor chama de relação de imagem-esquema, que é quando um morfema tem sua semântica estendida para um nome de uma outra categoria da língua, poderia estar na origem desse caso de transcategorialidade, em Hahãintesu. Cabe saber, através de uma investigação diacrônica da origem do termo, se ele se originou no verbo e se estendeu para o nome ou vice-versa (BELO 2013, p. 35-36).

[104] Para fins de glosa, preferiu-se tratar os classificadores, nos exemplos, por apenas um dos aspectos semânticos verificados, o que não exclui de sua descrição os outros aspectos apontados no quadro 19.

classificadores não compõem um sistema de classificação nominal em declínio, hipótese também apresentada por Telles (2002, p.188), sobre os classificadores de Latundê/Lakondê. A sua verificação revela importantes pistas de como esses povos operam na determinação do que pode ou não receber esse tipo de morfologia, sobretudo porque os classificadores são, em sua maioria, opcionais. Para entender essas idiossincrasias, Senft (2000), explica que a decisão sobre as características salientes de um objeto nem sempre é convencional. Em última instância, a decisão está legada ao falante, já que a escolha para uso de um ou outro classificador para identificar uma palavra pode depender diretamente das escolhas feitas por ele (BELO 2013, p.29).

Os classificadores descrevem listas de aspectos em ordem relativamente livre, constituindo domínios semânticos que levam em conta aspectos da cultura específica, Segundo Senft (2000, p.29, apud BELO, p. 30):

> Em sendo um evento psicológico, e não apenas lógico, os falantes consideram formas sociais e aspectos religiosos e de crenças no momento em que classificam, o que justifica a necessidade de um estudo interdisciplinar para uma melhor compreensão do fenômeno da categorização de línguas. Os classificadores individualizam conceitos nominais e têm significado, mas esse significado deve ser dependente.

Os classificadores do Hahãintesu foram largamente observados como enfatizadores de características físicas dos objetos aos quais se ligam ou, com função definidora, indicando a consistência dos referentes, como identificadores de sexo masculino ou feminino, em humanos, ou revelando a indeterminação de um referente. Além disso, sua atuação em construções anafóricas, em construções genitivas (com marcadores de posse) e na promoção de concordância em construções de verbos estativo-adjetivais e ativos, quando os mesmos marcam correferência entre argumento e verbo, foi bastante descrita.

A função de destacar no referente algum aspecto físico que lhe é saliente é bastante conhecida e facilmente verificada em diálogos, na contação de histórias e na fala espontânea. Essa função dos classificadores é verificada em construções de todo tipo:

(256) ʔtaika ĩátesali

ʔtai -ka ĩ -á -te -sa -li
1sg-ENF ver-1sg/NFP-CL:desc-OB-M/PF/EF
‘Vejo alguma coisa ali’

(257) tahãka haʔtiẽna ueitnànĩ

ta- hãk -a haʔti **-ẽn** -a
1POSS-mãe-SF cesto-CL:cavo-SF
ueit -ø -ø -nà -nĩ
fazer -3obj-3sg-NFP/EV-F/PF/EF
'Minha mãe faz balaio'

(258) ʔtaina haiʔiąutea haiʔnála

ʔtai-na haiʔ **-iąu** -te -a
1sg-LC cantar-CL:líquido-NOM-SF
haiʔ -ná -la
cantar-1sg/NFP-M/PF
'Eu cantei a música'

(259) alukuilakaʔtsu ueitákaʔtku

alukui -li -a -kaʔt -su
taboca-?-SF -longo -SF
ueit -á **-kaʔt** -ku
fazer-1sg/NFP -CL:longo -DEC
'Eu fiz uma taboca'

Classificadores incorporados em verbos estativos e dinâmicos nominalizados

Os verbos estativo-adjetivais apenas incorporam o classificador se o núcleo possuidor da cláusula, o sujeito, for do tipo que recebe classificador, por uma questão de concordância:

(260) tauãliakalosu anẽnẽkalosu

ta- uã -li -a -kalo -su
1POSS-roupa-?-SF-liso-SF
a- nẽnẽ -kalo -su
AG-ser vermelho- CL:liso-SF
'Minha camisa é vermelha'

(261) uãliakaloa tiũʔikalonãsu

uã -li -a -kalo -a
roupa-? -SF -liso -SF
tiũʔi **-kalo** -nã -su
ser pouco/ser pequeno-CL:liso -GR-SF
'É bastante camisa pequena'

(262) hiakaʔta ialuʔsa ualulukaʔtsu

hia -kaʔt -a ialuʔ -sa
árvore-longo -SF morrer-ADIT
ualulu **-kaʔt** -su
apodrecer-CL:longo-SOD
'A árvore morreu e está podre'

(263) iiąua alaʔnaiiąusu

i -iąu -a alaʔ -ø -a **-iąu** -su
água-líquido-SF ser quente-3sg-NFP/EV-CL:líquido-SF
'A água está quente'

(264) itiahloa kaĩniahloa

it -iahlo -a kaĩn **-iahlo** -a
homem-SEX/M-SF ser muito/ser grande-CL:SEX/M-SF
'O homem é grande'

(265) anũa ʔtuhtalua uilũnkitalusu

anũ -a ʔtuh -talu -a
índio-SF mulher-SEX/F-SF
uilũn -ki **-talu** -su
ser cheiroso-ben/alv/font-CL:SEX/F-SF
'A índia é cheirosa'

Também se verificou a ocorrência de classificadores apenas no verbo adjetival, como fora também observado em Kroeker (2001, p. 69) para os classificadores de construções numerativas. Mas, diferentemente do que fora observado por aquele autor, os classificadores do Hahãintesu não ocorrem como prefixo. Os verbos estativo-adjetivais parecem ser mais resistentes à perda do classificador e, mesmo quando o sujeito não o apresenta, é comum que ele se incorpore ao verbo:

(266) uãlia tiũʔikalosu

uã -li -a tiũʔi **-kalo** -su
roupa -? -SF ser pouco/ser pequeno-CL:liso-SF
'A camisa é pequena'

(267) tuha anẽnẽkisu

tuh -a a- nẽnẽ **-ki** -su
urucum-SF AG-ser vermelho-CL:**r**edondo -SF
'A semente de urucum é vermelha'

(268) ʔtaina uãlia hãnʔtakaloa heli iũnʔná

ʔtai-na uã -li -a hãnʔ -ta **-kalo** -a
1p.s-LC roupa-?-SF ser branco-NOM-CL:liso-SF
heli iũnʔ-ná
ser dois ter-1sg/NFP
'Eu tenho duas camisas brancas'

Em construções possessivas, também se promove a concordância dos morfemas derivacionais de forma e consistência que classificam o sujeito. No predicado, ele se manifesta através de uma raiz nula que serve de base para a afixação do classificador. A língua evita a repetição do sujeito na cláusula possessiva, empregando essa forma semanticamente nula para adjunção do morfema. Seguem exemplos:

(269) uãliakaloa taiekalosũnala

uã -li -a -kalo -a
roupa -? -SF -liso -SF
ta- ie **-kalo** -sũ -na -la
1POSS-RN-CL:liso-COP -NFP/EV -M/PF
'A camisa é minha'

(270) uãliakaloa tiahlana aiekalosũnala

uã -li -a -kalo -a
roupa -? -SF -liso -SF
tiahla -na a- ie **-kalo** -sũ -ø -na -la
3sg/M-LC 3POSS-RN-CL:liso-COP-3obj-NFP/EV -M/PF
'A camisa é dele'

(271) hiakaʔta taiekaʔtnali

hia -kaʔt -a
árvore -longo -SF
ta- ie **-kaʔt** -ø -na -li
1POSS- RN -CL:longo -3obj -NFP/EV -M/PF/EFR
'O lápis é meu'

Ainda, se o objeto sobre o qual se fala trata-se de informação velha, ou se está presente no ato da comunicação, é possível que apenas o classificador se apresente no arranjo

possessivo. Sendo assim, uma forma lexical nula serve de base para a sua fixação, caso da cláusula seguinte em que ela substitui o termo flecha:

(272) taiekaʔta uettelahẽla
ta- ie -**kaʔt** -a uet -tel -á -hẽ -la
1POSS-RN-CL:longo -SF fazer -DES-1sg/NFP-TI-M/PF
'Eu vou fazer minha flecha'

Se o sujeito da cláusula não for passível de conter classificador, seu predicado também nunca o apresentará:

(273) iulia t̃inna
iu -li -a t̃in -ø -na
faca -? -SF ser velho-3sg-M/NFP
'A faca é velha'

(274) ohs̃ina hãnʔiatenãsu
ohs̃in-a hãnʔ -ia -te -nã -su
céu-SF ser branco-SV-NOM-GR-SF
'O céu que é branco'

(275) iãnalia uaiuaitesu
iãna -li -a uaiuai -te -su
onça-?-SF ter mancha-NOM-SF
'A onça que tem manchas (pintada)'

2.2.1.7.3 Os morfemas de partes do corpo

O Hahãintesu permite que palavras praticamente inteiras sejam incorporadas ao núcleo nominal, na forma de afixos lexicais. Elas apresentam propriedades sintáticas, como atribuição de caso específico e papel semântico aos NP's da cláusula e, originam-se de, praticamente, qualquer uma das classes ou subclasses de palavras da língua, como verbos ativos, verbos adjetivais, demonstrativos, pronomes pessoais, pronomes interrogativos. No exemplo (274), a seguir, o verbo assar é inserido após a raiz nominal de caititu:

(276) iaʔksilitea

iaʔk- **sili** -te -a
caititu-assar-NOM-SF
‘carne assada de caititu’

(277) kanaʔitanẽsu

kanaʔ **-ita** -nẽ -su
esp. de árvore -cheio/carregado-cabeça-SF
‘espécie de árvore (carregada de frutos)’

Um tipo bastante comum de sufixo lexical é oriundo dos nomes das partes do corpo humano e animal e da morfologia vegetal e participa ativamente na construção e constituição do léxico da língua. Eles se caracterizam por serem presos, terem origem clara e ocuparem, geralmente, a posição imediatamente anterior à do morfema referencial final. Seu escopo pode ser o núcleo nominal, o verbo ou até mesmo uma cláusula inteira.

Embora sejam semelhantes, em sua natureza e significado, aos classificadores nominais, defende-se aqui que eles são tipos diferentes, próximos dos chamados termos de classe, por participarem da morfologia composicional e derivacional, mas diferentes porque não apresentam o mesmo tipo de sobreposição funcional visto para os classificadores, como o de nominalizadores de verbos, ou de atuarem em construções genitivas, demonstrativas ou anafóricas.

Mesmo assim, esse grupo de morfemas realiza operações de concordância no âmbito da oração, através de sua incorporação em verbos, operando, dessa forma, além da palavra lexical, diferentemente de como foram caracterizados os termos de classe (GRINEVALD 2000, p.59). São obrigatórios, quando sua inserção, à direita ou à esquerda da raiz nominal, promove mudança no status categorial dessa palavra. Nesse tipo de arranjo, os componentes mantêm relação de interdependência e são nucleares:

(278) anẽkĩnsa

a **-nẽ** -kĩns -a
INAL-cabeça-cabelo-SF
‘cabelo’ (os cabelos da cabeça)

(279) aienueisu

a- **ien** -uei -su
INAL-rosto-pelo-SF
‘sobrancelha’ (os pelos do rosto)

(280) sĩhtatalo^{ʔ}kia
sĩh -ta **-talo** -^{ʔ}ki -a
casa-AUM-costas-ósseo-SF
'quintal' (as costas da casa)

(281) sĩhka^{ʔ}tioua
sĩh -ka^{ʔ}t **-iou** -a
casa -longo -boca-SF
'porta' (a boca da casa)

(282) aietaka^{ʔ}ttẽsu
a- ieta **-ka^{ʔ}t** -tẽ -su
INAL-pescoço-longo-pomo de adão-SF
'pomo de adão' (o pomo de adão, no pescoço)

Quando os morfemas de partes do corpo são usados de forma metafórica, no entanto, funcionam semelhantemente aos classificadores e são opcionais, caso do sufixo {-iou}, na palavra que segue:

(283) akĩiouueitia
a- kĩ **-iou** -uei -ti -a
INAL-vagina-boca-pelo-GRI-SF
'pelos pubianos'

O Hahãintesu, como já foi dito, é uma língua polissintética, que alinha a maioria dos sufixos à direita da raiz, por concatenação (*pf2-pf1-**N**-sf1-sf2-sf3-sf4...*), de acordo com a necessidade informacional, as intenções comunicativas e as circunstâncias de produção da fala. Os nomes que compõem as partes do corpo referentes aos membros maiores são formados, em geral, por uma única raiz e seus afixos. Porém, os nomes referentes às partes do corpo menores necessitam da adjunção de outros lexemas que ampliam o nível da descrição.

O modelo de morfologia templática foi escolhido para a descrição da ordem dos constituintes internos às palavras nessa língua porque descreve melhor o alinhamento de línguas como o Hahãintesu. Diferentemente do que acontece num modelo de camadas, o alinhamento dos sufixos lexicais e formativos aqui é *flat* e a palavra pode conter mais de uma raiz. Além disso, a dependência desses sufixos não está necessariamente ligada aos elementos adjacentes, pois os sufixos mais internos podem ser sensíveis aos sufixos mais externos. Segundo Bickel & Nichols (2007), a posição dos sufixos e formativos no alinhamento pode ser determinada por

suas categorias formais ou por princípios fonológicos, ao invés de por funções sintáticas e semânticas. Como exemplo de análise de estrutura templática, apresentamos:

(284) akɨ̃iouueitia
a- kɨ̃ -iou -uei -ti -a
INAL-vagina-boca-pelo-GRI-SF
'pelos pubianos'

Quadro 20 – Modelo templático de constituição da palavra "pelos pubianos"

pf1	**N**	sf1	sf2	sf3	sf4
a-	kɨ̃	-iou	-uei	-ti	-a

No exemplo do modelo descrito acima, é possível avaliar que o morfema de parte do corpo *sf1* é o único elemento que pode ser omitido na palavra pelos pubianos. Similar ao que acontece com os classificadores quando indicam o formato de um referente, ele colabora para a descrição do objeto, mas não é nuclear; *sf2* mantém relação mais estreita com o núcleo e é parte constitutiva do referente. As raízes nominais tendem a manter os sufixos lexicais que as compõem, nesse caso *sf1* e *sf2*, nas posições mais próximas do núcleo nominal, enquanto que os sufixos mais gramaticais, como *sf3* e o formativo *sf4* encontram-se mais à margem. Assim, se a parte do corpo constitui o termo possuído é obrigatória e se mantém relação classificatória com o possuidor, normalmente, é não obrigatória.

Morfemas de parte do corpo também se incorporam ao verbo, por prefixação e sufixação:

(285) anũa uailia iuualoia
anũ -a uai -li -a
índio-SF espinho -? -SF
iu- ualo -ø -ø -ia
INC:'pé'-furar em espinho-3obj-3sg-SV
'O índio furou o pé no espinho'

(286) tiahlana anɨ̃ʔkia nɨ̃ʔtauia
tiahla -na a- a- nɨ̃ -ʔki -a
3sg -LC 3POSS-INAL-braço-CL:ósseo-SF
nɨ̃- ʔtau -ia
INC:'braço'-picar-SV
'(A cobra) picou o braço dele'

2.2.1.7.4 Gênero

Sobre a categoria de gênero em línguas Nambikwára do Norte, para as quais se tem um volume de trabalhos considerável, defende-se que, em Mamaindê, ela é marcada apenas no feminino: "*when there is no overt marking for female, the noun is assumed to be masculine, or the gender is not in focus*"[105] (EBERHARD 2009, p. 346). Sobre o Latundê, Telles (2002, p. 209) explica que a categoria gênero não é marcada morfologicamente, mas existe marcação de sexo, que se aplica aos nomes para macho e fêmea nos seres animados. Para o Sabanê, Antunes (2004, p. 94) informa que não existe oposição de gênero e que o gênero pode ser inferido apenas pelo contexto. Para o Nambikwára do Sul, Kroeker (2001, p. 62) apontou a existência de classificadores de homem e de mulher, dentro dos classificadores de configuração, apenas.

O verbo apresenta distinção de gênero em Hahãintesu, através da flexão das consoantes /n/ e /l/ que se opõem quando o alvo da conversa é uma mulher ou um homem, respectivamente[106]. No nome, diferentemente, a oposição se dá através de morfemas específicos para macho e para fêmea, diferenciadores do sexo do referente.

Os nomes próprios apresentam distinção de sexo, geralmente, através da morfologia pronominal {tiahla ~ ahla} e {tala ~ la}, tratada, anteriormente, na seção reservada aos nomes:

(287) ahua tiahla uãtula
ahua **tiahla**, uã -tu -la
Avá PRON/M vir-IMP-M/FR
"Avá, vem!"

(288) ualĩ ahla uãsĩhnũla
ualĩ **ahla** uã -sĩh -nũ -la
Bolinha PRON/M vir-casa-INCL-M/PF
'Bolinha, também, vem.'

(289) ahua tiahla auẽnsa ĩʔiana
ahua **tiahla** a- uẽns -a ĩʔi -ø -a -na
Avá PRON/M 3POSS-criança-SF chegar-3sg-NFP/EV -F/PF
'O filho de Avá chegou'

[105] Tradução: "Quando não há marcação aberta de feminino, assume-se que o gênero é masculino ou que o gênero não está em foco"
[106] Esse assunto será melhor abordado na sessão sobre o sufixo final (p. 267), reservada à morfologia verbal.

(290) mairãn tala talasouli a̱itela iãnala
mairãn **tala** tala-souli
Mairan PRON/F 3sg/F-só
a̱i -tel -ø -a iã -ø -na -la
ir -DES-3sg-NFP/EV andar.rápido-3sg-NFP/EV-M/PF
'Mairan foi pescar sozinha lá'

Embora tenha sido pouco frequente nos registros descritos da língua, é possível que se empregue o nome próprio sem o morfema de sexo:

(291) ava a̱ina aholisaila
ava a̱in -a aholi -sai -ø -la
Avá peixe-SF ser hábil -tirar -3sg-M/PF
'Avá é bom pescador' (Avá é bom de tirar peixe).

(292) ahua sauiena a̱iia
ahua sau-ien-a a̱i-ia
Avá mata-rosto-SF ir-SV
'Avá foi para a mata'

Se o nome próprio exercer a função de núcleo de um predicado nominal, não recebe o morfema:

(293) ʔtaina taĩla ahua
ʔtai-na ta- ĩla ahua
1sg-LC 1POSS-nome Avá
'Meu nome é Avá'

Na contação de histórias, quando se trata da explicação de fatos ou fenômenos do universo cultural Hahãintesu, esses mesmos morfemas se ligam aos nomes de animais, dando-lhes status de humanos. Essa estratégia da língua serve para introduzir o componente zoomórfico nas narrativas:

(294) (...) ualuahloa ĩakaʔtu (...)
ualu-a **ahlo**-a ĩ -ø -a -kaʔtu
urubu-SF PRON/M-SF ver-3sg-NFP/EV-FINAL
'(...) aí o homem urubu viu (...)' (Trecho de narrativa "O homem que precisava de penas")

E mesmo entes do mundo material ou imaterial Hahãintesu são passiveis de receberem esse pronome. Na narrativa “O homem da Lua”, a lua é humanizada através da aposição desse morfema junto ao seu nome:

(295) (...) hikiahloa ʔtuhtalua teʔnakaʔtu (...)
hi -ki -a **ahlo** -a ʔtuh -talu -a
lua-redondo-SF PRON/M-SF mulher-CL:SEX/F-SF
teʔ -ø -na -kaʔtu
querer-3sg-NFP/EV -FINAL
‘(...) o homem da lua, a mulher quer (...)’

Os morfemas derivacionais de sexo se apresentam como {-lu} para o feminino e {-lo} para o masculino. Entretanto, com exceção da criação dos nomes para homem e mulher e para parentesco humano, sua ação é bastante limitada dentro da lexicogênese da língua. Esses sufixos unem-se às formas livres {ahla} e {tala}, derivadas da terceira pessoa para masculino e feminino, respectivamente, resultando em:

Quadro 21 – Representação das operações morfossintáticas na formação das palavras “homem” e “mulher”

morfema de sexo (forma livre fonologicamente)	morfema de sexo (forma presa)	sufixo final	exemplos
ahla	-lo-	ahla + -lo- = -ahlo-	it**iahlo**su (homem)
tala	-lu-	tala + -lu- = -talu-	ʔtuh**talu**su (mulher)

Em razão de serem morfemas opcionais, e de apresentarem sobreposição funcional, em construções anafóricas, concordiais e na incorporação verbal, as formas {-lo}, {-lu}, {-ahlo} e {-talu} são descritas como classificadores nominais:

(296) ʔtuhalusu
ʔtuh -a **-lu** -su
mulher-SF-SEX/F-SF
‘mulher’

(297) anũalua aʔtia

a- nũ -a **-lu** -a aʔti -a
INAL-índio-SF-CL:SEX/F-SF estar/ser triste-SV
'A índia está triste'

(298) ʔtuha uiltalua anẽueisa sĩhiena olikia

ʔtuh-a uil **-talu** -a anẽuei -sa
mulher-SF ser bonito-CL:SEX/F-SV ser inteligente-ADIT
sĩh -ien -a oli -ki -a
casa-rosto-SF estudar-ben/alv/font -SV
'A mulher bonita e inteligente estuda na aldeia'

Na cláusula equativa, o processo é similar. Porém, como os pronomes não permitem classificador, ele se incorpora no verbo estativo-adjetival, apenas:

(299) talana anẽueitalua

tala-na anẽuei **-talu** -a
3sg/F-LC ser inteligente -CL:SEX/F-SV
'Ela é inteligente'

(300) talana ãnihĩna tahalua nẽkaʔte hĩnna finalusoliia

tala-na ãni-hĩna taha **-lu** -a
3sg/F-LC pass-adv.temp ser novo-CL:SEX/F-SF
nẽkaʔte hĩna fi̜n -ø -a **-lu** -soli -ia
ADVERS agora ser velho -3sg-NFP/EV-CL:SEX/F-somente-SV
'Ela era jovem, mas agora é velha'

Esses classificadores também podem agentivizar ou nominalizar verbos, como pode ser observado nos exemplos que seguem:

(301) anũahloa iɑ̜l̜ĩna ihoiahloa

anũ -ahlo -a iɑ̜l̜ĩn -a iho **-iahlo** -a
índio-SEX/M-SF flauta-SF tocar-CL:SEX/M-SF
'O índio tocador de flauta'

(302) itiahloa kọ̜kọ̜ʔiiahloa

it-iahlo-a kọ̜kọ̜ʔi-**iahlo**-a
homem-SEX/M-SF ser feio-CL:SEX/M-SF
'O homem feio'

(303) itiahloa ʔtuhaiũnʔiahloa

it -ahlo -a ʔtuh -a -iũnʔ **-iahlo** -a
homem-SEX/M-SF mulher-SF-ter -CL:SEX/M-SF
'homem casado (homem que tem mulher)'

Há distinção lexical de sexo para alguns nomes mais humanos, incluindo os de parentesco:

(304) itsu

it -su
homem-SF
'homem'

(305) ʔtuhsu

ʔtuh -su
mulher-SF
'mulher'

(306) aũ̃ina

a- **ũ̃in** -a
INAL-pai-SF
'pai'

(307) ahãka

a- **hãk** -a
INAL-mãe-SF
'mãe'

A diferenciação de sexo nos animais é feita através de uma construção fora do nome. Não se permite a adjunção de morfemas de sexo como nos nomes humanos, os quais, como visto no primeiro e no segundo exemplo abaixo, permitem qualquer um dos tipos[107]:

(308) ʔtuha ʔtuhtalusu

ʔtuh -a ʔtuh **-talu** -su
mulher-SF mulher-CL:SEX/F-SF
'mulher'

(309) ʔtuhalusu

ʔtuh -a **-lu** -su
mulher-SF-CL:SEX/F-SF
'mulher'

[107] A palavra para boi é {pona} ou {uaka}, em Hahãintesu, claramente emprestadas do português. Porém, esses nomes não diferenciam o sexo, como em português, mas a espécie. Assim, a palavra vaca é uaka ʔtuhtalusu que, numa tradução livre, seria vaca/boi fêmea.

(310) *uaililusu
uaili -lu -su
cachorro-FEM-SF
‘cadela’

(311) alũa ʔtuhtalusu
alũ -a ʔtuh **-talu** -su
anta-SF mulher-CL:SEX/F-SF
‘anta fêmea’

(312) alũa itiahlosu
alũ -a it **-iahlo** -su
anta-SF homem-CL:SEX/M-SF
‘anta macho’

(313) uailia ʔtuhtalusu aũnlitalusu
uai -li -a ʔtuh **-talu** -su aũnli **-talu** -su
cachorro-?-SF mulher-CL:SEX/F-SF estar grávida-CL:SEX/F-SF
“A cadela esperando filhote”

(314) uailia ahãnʔtesu itiahlosu
uai -li -a a- hãnʔ -te -su it **-iahlo** -su
cachorro-?-SF AG-ser branco-NOM-SF homem-CL:SEX/M-SF
‘cachorro branco macho’

(315) kaiʔa kalaʔna ʔtuhtalunãsolitiu
kaiʔ -a kalaʔ -ø -nà ʔtuh **-talu** -nã -soli -tiu
quati-SF ser muitos-3pl-NFP/EVC mulher-CL:SEX/F-GR-apenas-PASS/EN
‘Só tem quatis fêmeas’

Em construções possessivas, o classificador de sexo pode se afixar tanto no possuidor quando no termo possuído:

(316) itiahloa anẽkĩnsaloa
it **-ahlo** -a a -nẽ -kĩns -a **-lo** -a
índio-CL:SEX/M-SF 3poss-cabeça-cabelo-SF-CL:SEX/M-SF
‘O índio cabeludo (o cabelo dele)’

Ou ser expresso na cláusula possessiva, indicando qual é o termo possuído:

(317) ʔtaina talana taialalua
ʔtai-na tala-na ta -iali -a **-lu** -a
1sg-LC 3sg/F-LC 1POSS-amigo-SF-CL:SEX/F-SV
‘Eu e ela somos amigos (Ela é minha amiga)’

2.2.1.7.5 Número

O Hahãintesu não apresenta, formalmente, um sistema numeral nos moldes clássicos. Na verdade, embora o sistema de quantificação da língua seja bastante rico e complexo, o sistema numérico é bastante reduzido. Tem-se na língua os números:

Quadro 22 – Representação dos numerais

um	dois	três
teasolia	helia	helitaia

Formalmente, o número *um* em Hahãintesu diferencia-se do que é apresentado em Kroeker (2001, p. 69), {kanaki}. Claramente, o Hahãintesu usa uma construção advinda do morfema demonstrativo {teʔ-} e do verbo adjetival com valor numeral *ser um* {solia}, para a formação desse número. É importante explicar que, na fala dos mais velhos, o número um, em geral, dispensa a forma demonstrativa e se apresenta como verbo estativo-adjetival incorporado aos verbais estativos e dinâmicos, ou mesmo, a outros verbos estativo-adjetivais:

(318) tauiʔa teasolia
ta- uiʔ -a te -a **-soli** -a
1POSS-dente-SF DEM-SF-ser um-SV
‘É meu único dente’

(319) tesolitesu
te **-soli** -te -su
DEM-ser um-NOM-SF
‘um minuto’

(320) iuhla teasolia
iuh -li -a te -a **-soli** -a
faca-?-SF DEM-SF-ser um-SV
‘É uma faca’

(321) haʔtenãa teanãsoli ahia
haʔte -nã -a tea- nã **-soli** ahi-a
papel-folha-SF DEM-INC:‘folha’-ser um cair-SV
‘Uma folha só caiu’

(322) teasoli ĩkiainá

tea-**soli** ĩ -ki -ai -ná
DEM-ser um ver-ben/alv/font-3desc-1sg/NFP
'Encontrei um (índio)'

O número dois é derivado do verbo-adjetival {helia}, *ser dois/ser poucos*. Ele ocupa a última posição dentro do predicado, preferencialmente:

(323) uãlia hãnʔtakaloa helia

uã -li -a hãnʔ -ta -kalo -a **heli** -a
roupa-?-SF ser branco-NOM-CL:liso-SF ser dois-SV
'São duas camisas brancas'

(324) t̃inalonãa helia

t̃in -ø -a -lo -nã -a **heli** -a
ser velho-3sg-NFP/EV-CL:SEX/M-GR-SF ser dois-SV
'São dois homens velhos'

(325) tauẽnsa helia

ta -uẽns -a **heli**-a
1POSS-criança-SF ser dois-SV
'Eu tenho dois filhos (São meus dois filhos)'

(326) uaĩntala helisa iaʔkataa iainana

uaĩn -talu -a **heli** -sa
menina-SEX/F-SF ser dois-ADIT
iaʔk -a -ta -a iai -ø -na -na
porcão-SF-AUM-SF comer-3pl-NFP/EV-F/PF
'As duas meninas comeram porcão'

Pode também ser incorporado em verbos dinâmicos, estativos ou estativo-adjetivais:

(327) ʔtaina aiekaloa helisoʔnála

ʔtai-na a -ie -kalo -a **heli** -soʔ -ná -la
1sg-LC AG-RN-CL:liso-SF ser dois-pegar-1sg/NFP-M/PF
'Eu peguei duas escamas (de peixe)'

(328) ʔtaina uatetẽia helĩiála

ʔtai-na uatetẽi -a **heli**- ĩ -ø -á -la
1sg-LC borboleta-SF ser dois-ver-3obj-1sg/NFP-M/PF
'Eu vi duas borboletas'

Há uma construção numerativa dual claramente derivada do verbo adjetival ser dois/ser poucos. Ela pode assumir papel de argumento externo do verbo ou pode atuar como predicativo do sujeito. Existem três tipos de construção dual com esses numerais:

Quadro 23 – Representação das formas duais

Morfemas duais	***Significado***
ahelia kiti?ãna	[nós (dois) (duas)]
ahelia hiti?ãna	[vocês dois (duas)]
ahelia ti?ãna	[eles(as) dois (duas)]

Primeira pessoa do dual

{ahelia kiti?ãna}

(329) taũ̃ina hualitanaka ahelia kitiana ũlalana

ta -ũ̃in -a hualit -a -na -ki -a
1POSS-pai-SF mangaba-SF -casa de cupim -redondo-SF
a -**heli** -a **kiti?ãna** ũ -la -la -ø -na
AG-ser dois-SV 1DA dar-D.2obj -SE-3sg-NFP/EV
'Meu pai deu a bola para mim e para você'

Segunda pessoa dual/paucal exclusiva

{ahelia hiti?ãna}

(330) uaina kuạtiaitea ahelilia hitiãna uãia

uai-na kuạtiaite-a a-**heli**-li-a **hiti?ãna** uã-ia
2sg-LC branco-SF AG-ser dois-PL-SV 2DA vir-SV
'Vocês (brancos) dois chegaram'

(331) uãiñina?ãna ahelia hiti?ãna haisa koua autlia

uãi-ina?ãna a-**heli**-a **hiti?ãna**
2sg-COL AG-ser dois/ser poucos-SV 2DA
hais-a kou-a aut-li-a
(terreiro-SF limpo-SF) ir(col)-PL-SV
'Vocês dois foram para a roça'

Terceira pessoa dual/paucal

{ahelia tiʔãna}

(332) ahelia tiʔãna uilsa anẽueia

a -**heli** -a **tiʔãna**
AG-ser dois/ser poucos-SV 3DA
uil -sa anẽuei -ø -a
ser bonito-ADIT ser inteligente-3pl-SV
'Os dois são bonitos e inteligentes'

(333) tiahlana ahelia tiʔãna aina a̰isa olikia

tiahla-na a-**heli**-a **tiʔãna**
3sg/M-LC AG-ser dois/ser poucos-SV 3DA
a̰in-a a̰i-sa oli -ki -a
peixe-SF ir-ADIT pescar-ben/alv/font-SV
'Os dois amigos foram pescar'

(334) tiahlana ahelia tiʔãna kaĩn hãuia

tiahla-na a-**heli**-a **tiʔãna** kaĩn hãu -ø -ia
3sg/M-LC AG-ser dois-SV 3DA ser muito dormir-3pl-SV
'Eles dois dormiram muito'

(335) ahelia tiʔãna iutũhnaiua

a -**heli** -a **tiʔãna** iutũh-naiu-a
AG-ser dois/ser poucos-SV 3DA beijar-RECIP-SV
'O casal se beijou'

O número três é claramente derivado do número dois, acrescido de um morfema de tamanho[108]. É comum que, quando perguntados sobre o número três, eles usem o verbo estativo-adjetival ser dois/ser poucos, pois, como dito antes, esse verbo pode ser interpretado como um paucal.

Embora não seja o mais comum, os Manairisu utilizam a forma **helitaia** também para representar o número três[109]:

[108] Também foi verificada a palavra {hali} que identifica o número três. Mas não há consenso sobre seu uso. Curiosamente, essa palavra designa o número dois na variante do cerrado (KROEKER 2001, p. 69).

[109] Quando perguntados sobre um número maior, como quatro, os indígenas se sentiam constrangidos em apresentar uma alternativa para a língua. Um deles chegou a declarar que os mais velhos não iriam aceitar um tipo como {helia helia}, para quatro. Esse é um indicativo de que o sistema numérico dos Manairisu é bastante limitado em tipos para identificar os numerais cardinais ou mesmo para promover arranjos entre os poucos tipos existentes para ampliar o repertório linguístico. A resistência em inovar deve estar atrelada, também, ao fato de que, no passado, esses povos, provavelmente, não precisavam de um sistema contábil mais complexo. Quando a contagem ultrapassa a marca de três coisas, o mais comum é eles dizerem que são 'muitos' kalaʔ. Se há uma maior

(336) uãlia hãnʔtea helataia

uã -li -a hãnʔ -te -a **helia** **-ta** -ia
roupa-?-SF ser branco-NOM-SF ser dois-AUM-SV
'São três camisas brancas'

(337) kũĩa heliataia

kũĩ-a **helia** - **ta** -ia
anum-SF ser dois-AUM-SV
'São três anuns'

(338) hihelataia

hi- **helia** **-ta** -ia
dedo-ser dois-AUM-SV
'São três dedos'

O verbo-adjetival {heli-} 'ser dois/ser poucos' também pode ser interpretado como um paucal, embora, não ultrapasse mais do que três ou quatro elementos quantificáveis. O que se defende aqui é que essa língua apresenta, basicamente, um nome para designar a unidade, derivado do verbo numeral {soli-}, e outro para quantidade pouca, que oscila entre dois e quatro elementos, em média, ou que abarca um número de poucos elementos contábeis, {heli-}. Além desses dois tipos, a língua apresenta outros termos que abarcam todo o restante de quantidades possíveis que ultrapassem o número de quatro ou cinco coisas.

O modelo europeu de numeração e contagem é uma aquisição recente e muitas vezes causa estranheza e dificuldade de entendimento para os indígenas. Os diferentes períodos do dia, as fases da vida e as idades, a medição dos espaços e a divisão do ano em meses, semanas e dias não são descritos por expressões que envolvem números, como fazem os não-indígenas para quantificar as coisas do mundo. Foi possível ver a tentativa, na escola, de alguns estudantes adaptarem os poucos números que a língua dispõe para a ampliação da contagem, como dobrar o dois para criar um quatro: {helia helia}[110].

necessidade de ampliação do sistema de contagem, atualmente, talvez, um dos fatores seja as transações efetuadas com dinheiro, entre os Manairisu e os não-índios.

[110] Os Manairisu apresentam palavras adverbiais para caracterizar os diversos períodos do dia, os quais são usados para designar as horas sem uma referência precisa de tempo. O período do dia serve para designar tempos como *às seis horas*, *meio dia*, *quatro horas da tarde* e *meia noite*, por exemplo. Quando precisam usar os números para calcular os anos ou uma hora exata, por exemplo, dificilmente, chegam a um consenso, apresentando tempos muito diferentes uns dos outros. O mesmo se dá com as idades, estaturas. Dificilmente, algum deles se guia por, ou consegue interpretar, as horas do relógio ou sabe a idade exata que tem.

Se perguntados sobre um quantitativo que ultrapassa o valor de dois elementos, é comum que eles usem ainda o quantitativo que designa dois:

(339) ʔtaina tauẽnanãa heli iũnʔa
ʔtai-na ta- uẽn -na -nã -a **heli** iũnʔ-á
1sg-LC 1POSS-criança-NFP/EV-GR-SF ser dois/ser pouco ter-1sg/NFP
‘Eu tenho só três filhos’

(340) uãiñinaʔãna ahelia hitiʔãna haisa koua autlia
uãi-na-inaʔãna a-**heli**-a **hitiana** hais-a kou-a aut -li -a
2sg-LC-COL AG-ser dois-SV 2DA roça-SF campo-SF ir (col)-PL-SV
‘Vocês três foram para a roça’

Outras estratégias são empregadas para indicar um quantitativo que ultrapasse mais que dois elementos contáveis. A ideia de uma quantidade pouca também pode ser feita através da inserção de sufixos de plural ou grupo, ou através de verbos que indicam número maior de elementos, como {kalaʔ-}, ‘ser muitos’:

(341) ʔtikalinãsu
ʔtika -li **-nã** -su
tamanduá-?-GR-SF
‘três filhotes (de tamanduá’)

(342) hikalaʔna
hi- **kalaʔ** -na
INC:dedo-ser muito-NFP/EV
‘São três dedos’

2.2.1.7.6 Outros sufixos nominais

O sufixo {**-li**}

Parte dos nominais de Hahãintesu apresentam um tipo bem específico de sufixo, o {-li}. Este morfema, normalmente, ocupa o penúltimo slot da palavra nominal e é sucedido pelos sufixos referenciais finais. Seu escopo é unicamente o interior da palavra, diferentemente, do que acontece, por exemplo, com os classificadores.

Analisando-o, sincronicamente, não foi possível verificar que funções ele ainda exerce dentro do nome. Aparentemente, ele perdeu, ou vem perdendo, vitalidade e transparência

semântica, pois os falantes consultados já não conseguem descrever sua função ou significado, devido ao seu alto grau de cristalização.

O que se defende aqui é que o sufixo {-li} está em vias de lexicalização. Os manairisu consultados não admitem, por exemplo, sua retirada, nos casos em que as palavras os têm, ou sua inserção, em exemplos de palavras que não os têm, o que demonstra que, diferentemente do que ocorre com outros sufixos nominais da língua, ele não é, ou não é mais, opcional. Além disso, as palavras que não portam esses sufixos oferecem restrições fonológicas para sua ocorrência. Com raras exceções, palavras que terminam em coda silábica, vogais altas nasalizadas ou ditongos, não o admitem[111].

Apesar disso, há indicativos de que eles ainda conservam alguma vitalidade, como o fato de serem empregados em palavras novas de empréstimo do português, como acontece com a palavra cachorro, {kasolia} ~ {kasolisu}.

Uma investigação mais acurada é necessária para que se alcance um melhor resultado sobre o significado e função desse sufixo e, por isso, escolheu-se, por hora, não o classificar em alguma das categorias pré-existentes ou criar uma nova para encaixá-lo[112]:

(343) ʔtikalisu
ʔtika -**li** -su
tamanduá-?-SF
‘tamanduá’

(344) kụ̃ilisu
kụ̃i -**li** -su
bagre-? -SF
‘bagre’

(345) helia
he -**li** -a
buriti-?-SF
‘buriti’

[111] Algumas hipóteses interpretativas dão conta de que ele pode ter sido um tipo neutro de marcador de espécies animais e coisas, em oposição aos classificadores de sexo que ocorrem nos humanos ou, ainda, um tipo de marcador genérico, demonstrativo ou pluralizador. Há que se fazer uma investigação mais apurada desses sufixos para se saber se eles realmente tornaram-se opacos semanticamente ou se cumprem alguma função específica dentro do nome.

[112] Esse morfema também foi alvo da investigação de outros pesquisadores, como (COSTA 2020, p. 199-202), que tratou de analisá-lo fonologicamente, para a variante Nambikwára do Campo, e (BORELLA 2004), que analisou o sufixo, principalmente, procurando verificar suas funções dentro da morfossintaxe do Sararé.

(346) alalia
a -la **-li** -a
INAL-veia-? -SF
‘veias’

Em muitas das palavras analisadas, porém, essa morfologia final apresentou alomorfia, causada por um processo morfo-fonológico de enfraquecimento da consoante líquida /l/. Esse fenômeno foi observado também em Nambikwára do Campo que, segundo Costa (2020, p. 198-199) é explicado da seguinte forma: “(...) em sequências /li-su/ ocorre sistematicamente em algumas palavras da língua a criação de uma líquida surda [l̥] ~ [^{h}l̥] como consequência de uma regra de apócope do /i/ que cria contiguidade entre /l/ e /s/, de modo que /lisu/ > /lsu/ > /l̥u/ ~ /^{h}l̥u/”:

(347) [jãˈna^{h}l̥u] ~ [jãˈnalisu]
iãna-li-su
onça-?-SF
‘onça’

(348) [ˈe̞hl̥u] ~ [ˈe̞hl̥isu]
e̞h-li-su
machado-?-SF
‘machado’

(349) [ˈjuhːl̥u] ~ [ˈjuhlisu]
iuh-li-su
faca-?-SF
‘faca’

O nominalizador {-**te**} ~ {-**ta**}

Outro recurso lexicogênico bastante ativo na língua é o da criação de palavras através do uso do morfema nominalizador {-te} e, mais raramente, de seu alomorfe {-ta}. O Hahãintesu, assim como as outras línguas aparentadas da Família Nambikwára, apresenta um alto grau de iconicidade na geração de seu léxico. Essa forma menos arbitrária se revela, por exemplo, na maneira como a língua opera para a criação de novas palavras a partir daquelas advindas do contato com a língua portuguesa.

Se se perguntar o nome de um determinado objeto, incomum ou de origem estrangeira, a um Manairisu, é comum que ele crie um nome para aquele objeto no exato momento em que é

perguntado, compondo-o a partir das características físicas que mais se sobressaem nele. Muitas dessas palavras novas advêm de uma combinação de verbos estativo-adjetivais, ou ativos, com sufixos derivacionais seguidos de um morfema nominalizador. Esse tipo de operação leva os falantes a descreverem um mesmo objeto de formas diferentes e, assim, nomeá-lo, de maneira particular. Se se perguntar o nome desse mesmo objeto a outro indígena, ou ao mesmo entrevistado, em momento diferente, o resultado pode ser outro.

Esse tipo mais descritivo de construção de palavras apresenta maior dinamicidade e plasticidade, dependentes da vontade do falante e conforme as passibilidades de combinação oferecidas pela língua, juntamente com o contexto discursivo. A língua permite que se nominalize, até mesmo, orações completas:

(350) saˀtikitesu
saˀti -ki -te -su
ser liso-redondo-NOM-SF
‘sabonete’

(351) ienhẽinátea
ien -hẽi -ná -te -a
rosto-colocar-1sg/NFP-NOM-SF
‘óculos’

(352) helitesu
heli -te -su
ser dois/ser poucos-NOM-SF
‘televisão’

(353) alĩnitesu
alĩ -ni -te -su
ser frio-?-NOM-SF
‘geladeira’

(354) naũntesu
naũn -te -su
ser doce-NOM-SF
‘açúcar’

(355) haihikũhnákitesu
hai -hiˀk -ũh -ná -ki -te -su
segurar-mão-usar-1sg/NFP-redondo-NOM-SF
‘relógio’

(356) iukaloa hãnʔtaiusu
iu -kalo -a hãnʔ -ta -iu -su
pé -liso -SF ser branco-NOM-INC:pé-SF
‘sapato branco’

O sufixo {-te} apresenta ainda função classificadora quando usado para nomear alguma outra etnia indígena. Nesses casos, ele pode também se unir a uma raiz nominal. Essa função também foi verificada em nominais de Nambikwára do Sul (KROEKER 2001), e do Wakalitesu (SOTERO 2019, p. 88). Abaixo, apresentam-se exemplos dessa estratégia de criação de palavras:

(357) uahkalitesu
uahka-li-te-su
jacaré-?-NOM-SF
‘nome de etnia Nambikwára do Cerrado (povo do jacaré)’

(358) hahãitesu
hahãi-te-su
IDEO-NOM-SF
‘nome da etnia Hahãintesu (povo cantador)’

{-ta} - esse morfema pode fazer referência a algum ponto no sujeito ou no objeto que é alvo de uma ação verbal. Em arranjos genitivos ele marca o lugar da parte no todo, podendo atacar qualquer um dos componentes. Também pode se referir a um lugar físico:

(359) ʔtihʔata kǫʔkiteláhẽla
ʔtihʔ -a -ta kǫʔ -ki -tel -áhẽ -la
cobra-SF-ALV tirar couro-ben/alv/font-DES-1sg/TI-M/PF
‘Eu vou tirar o couro da cobra.’

(360) alũa ueitatiũkitesu
alũ-a uei -ta -tiũ -ki -te -su
anta-SF pelo-ALV-ser pequeno/pouco-CL:redondo-NOM-SF
‘o pelo da anta todo curto’

(361) housata sauẽlisu tiũʔitasauẽlu
hous -a -ta sauẽn-li-su
macaco-SF-ALV rabo -? -SF
tiũʔi -ta -sauẽn -li -su
ser pequeno-ALV-rabo -? -SF
‘pedaço de rabo de macaco’

{-**nãu**} - esse morfema tem função locativa e se insere logo após a raiz nominal ou após o classificador ou morfema de parte do corpo que compõe a palavra:

(362) ʔtaina taũĩna talonãua
ʔtai-na ta -ũĩn -a talo -**nãu** -a
1sg-LC 1POSS-pai-SF costas-LOC-SF
'Estou de costas para meu pai'

(363) sĩha titaloʔkinãua
sĩh-a ti -talo -ʔki -**nãu** -a
casa-SF aproximar-costas-ósseo-LOC-SF
'Estou de costas para minha casa'

{-**soli**} - é um morfema lexical com funções muito variadas. Pode se apresentar na forma isolada, tipicamente, como advérbio, com liberdade maior de movimento na cláusula, apenas não ocupando a primeira posição dentro dela. Pode ser alocado como prefixo e sufixo, nos verbos, e como sufixo nos nominais com valor adjetival:

(364) tauẽnsa soliiũnʔná
ta- uẽns -a **soli** -iũnʔ -ná
1POSS-criança-SF ser um -ter -1sg/NFP
'Só tenho um filho'

(365) ʔtaina tanm̃ʔkia soliiũnʔná
ʔtai-na ta- nm̃ -ʔki -a **soli** -iũnʔ -ná
1sg-LC 1POSS-braço-ósseo-SF ser um-ter -1sg/NFP
'Eu só tenho um braço'

(366) ʔtaina soli a̱inákaʔtu hualiteláñĩ
ʔtaina **soli** a̱i-ná -kaʔtu huali -tel -á -ñĩ
1sg-LC só ir-1sg/NFP-FINAL caderno-DES-1sg/NFP-F/PF/EF
'Eu vou só para a escola'

Ele é usado como elemento de composição para a criação de palavras novas na língua:

(367) housa anm̃solitesu
hous-a a- nm̃ -**soli** -te -su
macaco-SF 3POSS-braço-ser um/somente-NOM-SF
'macaco do braço pelado'

(368) itiahloa tiahlasoliahloa

it -ahlo -a tiahla **-soli** -ahlo -a
homem-SEX/M-SF 3sg/M-ser um/somente-CL:SEX/M-SF
'homem solteiro'

{-**nã**} - marcador de pluralidade, ou grupo, que ocupa sempre o penúltimo *slot* no template da palavra nominal. Como apontado em Borella (2004, p. 86) sobre o Sararé, o Hahãintesu também não apresenta marca formal de plural. Embora esse morfema indique pluralidade, não tem valor específico coletivo ou de grupo, mas contempla uma porção contábil de coisas ou indivíduos. A ausência desse sufixo não indica, necessariamente, que não há pluralidade no nome[113]:

(369) uẽnslinãsu

uẽns-li-**nã**-su
criança-?-GR-SF
'crianças'

(370) aiknãsu

aik-**nã**-su
pássaro-GR-SF
'pássaros'

(371) alũnãsu

alũ-**nã**-su
anta-GR-SF
'várias antas'

(372) anũa hahãitanũkatanãsu

anũ-a hahãi-ta -nũ -kata -**nã**-su
índio-SF IDEO-NOM-INC:índio-AUM-GR-SF
'índios Hahãintesu'

Quando a palavra nominal é seguida de uma outra de valor adjetival, ou quando o sintagma nominal tem valor plural, o termo determinado sempre antecedente o termo determinante. Se o determinante indica uma qualidade que é própria do referente, como os formados por verbos adjetivais que designam cores, recebe o morfema {-nã}. Porém, se o determinante é originado de verbos adjetivais de valor atributivo ou quando indica qualidade que não é própria do referente, o mais comum é que receba a marca de plural típica dos verbos

[113] Em muitos dos contextos de elicitação os colaboradores referiam-se aos coletivos, ou casais, com o nome pronunciado apenas com o final em -su.

{-li} ~ {-tili}. Não há como determinar com precisão que critérios estão na base da escolha de um ou de outro morfema, inclusive, porque é possível, em alguns casos, que os dois tipos de morfemas estejam presentes marcando a pluralização do termo terminante, como se vê no exemplo (379), ou mesmo com ambos os termos pluralizados, como se verifica no exemplo (380). Se houver a inserção de um morfema nominalizador, o morfema de grupo coloca-se sempre após ele:

(373) a̲ina atuʔttenãa
a̲in-a a- tuʔt -te **-nã** -a
peixe-SF AG-ser preto-NOM-GR-SF
‘peixes pretos’

(374) uãlia ahãʔtenãa
uã -li -a a- hãnʔ -te **-nã** -a
roupa-?-SF AG-ser branco-NOM-GR-SF
‘roupas brancas’

(375) itiahloa kọ̲kọ̲itahlonãa
it-iahlo-a kọ̲kọ̲ -it -iahlo **-nã** -a
homem-SEX/M-SF ser feio-homem-CL:SEX/M-GR-SF
‘homens feios’

(376) housa uaililia
hous -a uaili **-li** -a
macaco-SF fazer barulho-PL-SF
‘macacos bagunceiros’

(377) kasolia a̲tilia
kaso -li -a a̲ti **-li** -a
cachorro-?-SF ser brabo-PL-SF
‘cachorros brabos’

(378) anũa kaĩnliiahloa
anũ-a kaĩn **-li** -iahlo -a
índio-SF ser muito-PL-CL:SEX/M-SF
‘homens gordos’

(379) a̲ina kaĩnlitenãa
a̲in -a kaĩn **-li** -te **-nã** -a
peixe-SF ser muito-PL-NOM-GR-SF
‘peixes grandes’

(380) itiahlonãa kalati t̰ĩnũtiliahloa

it-iahlo-**nã**-a t̰ĩn -nũ **-tili** -ahlo -a
homem-SEX/M-SF ser velho-índio-PL-CL:SEX/M-SF
'homens velhos'

Em frases nominais ou copulativas, o sufixo de grupo atrela-se ao termo predicativo. Os exemplos (379) e (381) estão no singular mostrando seu contraste com a forma plural:

(381) alũa tesolitiu itahlosĩtiu

alũ-a tesoli -tiu it -ahlo -sĩ -tiu
anta-SF ser um-PASS/PF/EN homem-CL:SEX/M-COP-PASS/PF/EN
'Era uma anta macho'

(382) alũa kalaʔtiu itahlonãsolitiu

alũ-a kalaʔ -tiu it -ahlo **-nã** -soli -tiu
anta-SF ser muitos-PASS/PF/EN homem-CL:SEX/M-GR-só/somente-PASS/PF/EN
'Eram muitas antas machos'

(383) kaiʔsu tesolitiu talasolitiu

kaiʔ-su tesoli-tiu tala -soli -tiu
quati-SF ser um-PASS/PF/EN mulher-só/somente-PASS/PF/EN
'Era só um quati fêmea'

(384) kaiʔa kalaʔna tuhtalunãsolitiu

kaiʔ-a kalaʔ -ø -na tuh -talu **-nã** -soli -tiu
quati-SF ser muito-3sg-NFP/EV mulher-Sex/F -GR -só/somente-PASS/PF/EN
'Eram muitos quatis fêmeas'

{-ti} - esse sufixo é aplicado aos nomes plurais incontáveis:

(385) ak̰ĩiouueitia

a- k̰ĩ -iou -uei **-ti** -a
INAL-vagina-boca-pelo-GRI-SF
'pelos pubianos'

(386) kãukanãntisu

kãuka -nã **-ti** -su
jatobá-massa-GRI-SF
'pó de jatobá'

(387) anẽueiʔkitisu

a- nẽ- uei -ʔki **-ti** -su
INAL-coxa-pelo-ósseo-GRI-SF
'pelos (da coxa)'

{-ãna} - em nominais esse sufixo tem função pluralizadora, embora também possa se fixar às raízes demonstrativas e pronominais, como fora visto no capítulo que trata sobre os pronomes, exibindo valor de coletivo:

(388) takaloãna uãlakalosusĩla
ta -kalo -ãna uã -li -a -kalo -su -sĩ -la
DEM-CL:liso-COL roupa-?-SF -liso-SF-COP-M/PF
'Essas roupas são (velhas) mesmo?'

2.2.1.7.7 Formativos

De acordo com Bickel & Nichols (2007, p. 169-174), os formativos são marcadores de informação flexional que se diferenciam de palavras porque não requerem ou sofrem concordância, não governam nem são governados por elas e não encabeçam frases. São entidades morfológicas, palavras sintáticas. Em muitas línguas os formativos se realizam como formas livres fonologicamente. Em muitas outras, há tipos presos, e livres, de formativos. No Hahãintesu, que não dispõe de clíticos ou partículas, os formativos precisam, necessariamente, de um "ancoradouro" para se realizarem. A distinção entre palavra e formativo é puramente sintática. Ainda de acordo com Bickel & Nichols (2007), as palavras se desenvolvem como formativos por gramaticalização. Segundo eles, formativos se refeririam a qualquer expoente flexional, preso ou livre, e afixo, a qualquer unidade presa, seja gramatical ou lexical. Os formativos concatenativos têm como característica sua fácil segmentação, embora, desencadeiem ajustes fonológicos e morfofonológicos na palavra em que se hospedam. Trata-se de formativos nominais, no Hahãintesu, os sufixos referenciadores finais.

Dentre os formativos nominais de Sararé, os sufixos flexionais nominais mostrados por Borella (2004, p. 5) apresentaram três formas distintas: os tipos {-sa} e {-su}, tratados como sufixos referenciais e o sufixo {-a}, que denota especificidade[114]. Kroeker (2001, p. 64-65), por sua vez, trata um par de sufixos similares àqueles apontados por Borella como sufixos-artigos, considerando os diferentes graus de precisão que eles imprimem na mente do falante.

[114] Embora o Hahãintesu tenha apresentado palavras com terminação em [-sa], em nível superficial, como pode ser constatado pela divisão silábica, em análise fonética das palavras [houˈsa], macaco, e [haiˈsa], roça. Uma análise mais detalhada sobre a fonologia da língua Kitãulhu, em (COSTA 2020, p. 129-131), constatou que a língua dá preferência, no nível fonético, pela realização de sílabas CV. No nível fonológico, no entanto, palavras como {housa} seriam interpretadas como /hous-a/, com a raiz em terminação de coda.

Em Latundê, língua Nambikwára aparentada do norte, Telles (2002, p. 212) entende que há duas marcas obrigatórias de sufixos referenciais. A primeira delas, -te "*ocorre obrigatoriamente em raiz nominal quando ela referencia um participante que não terá continuidade no contexto da fala* (...)"; a segunda, -tu, serve para "(...) *introduzir um participante no contexto comunicativo* (...)". Em Mamaindê, Eberhard (2009, p. 366), compartilhou da sugestão de Telles (2002) e Borella (2004), de que é pouco provável que esses morfemas funcionem como artigos definidos ou indefinidos, pois, a posse de nomes que terminam pelo sufixo de caráter menos referencial {-su} é muito comum na língua, o que faria com que arranjos possessivos como {tahi$^{?}$kisu}, 'uma minha mão' soassem, no mínimo, estranhos. No Mamaindê, são os morfemas {-tu}, escolha invariável quando um nome é dito em isolado e, na fala natural, além das formas mais referenciais {-ã}, e a menos usada {-ãni}, ou nenhuma forma final, os tipos mais facilmente verificados.

Dois sufixos finais são observados entre os formativos do Hahãintesu. Eles não são obrigatórios em todos os casos, já que outros sufixos lexicais podem ocupar a última posição no nome, impedindo um possível isolamento da raiz nominal. Por questões de ordem semântica e pragmática, nos demonstrativos apenas o sufixo final com valor referencial {-a} opera.

A análise de textos tem se mostrado bastante profícua para o surgimento de outros sufixos de ordem demonstrativa, relacional ou referencial em nominais. Uma investigação mais larga sobre esses flexionais será feita para dar conta de sua melhor apresentação e descrição, muito em breve.

O sufixo {-su} é usado quando o referente é tratado de maneira mais genérica, quando é dito em isolado, fora de algum contexto de uso. Em textos, embora seja raro, também houve registro do uso desse sufixo, o que indica que sua função vai além da aqui verificada para a palavra nominal. Outra função descrita pelos indígenas é a da referência plural[115]do sufixo. Essa natureza mais genérica, provavelmente, possibilita uma interpretação mais ampla do quantitativo ou do sexo dos referentes aos quais ele se liga.

É importante dizer que esses sufixos finais já foram alvo da investigação de outros estudiosos de línguas da família, mas, ainda hoje suscitam dúvidas. Uma investigação mais

[115] Quando questionados sobre os contextos de uso em que as palavras carregam esse sufixo, vários colaboradores pontuaram que ele se refere a mais de um ser. Quando questionado sobre o significado do nome {uailisu}, 'cachorro', um manairisu respondeu: "é dois, é três, com filhote".

ampla e acurada, sobretudo, no âmbito do texto, deverá trazer mais respostas a respeito de sua funcionalidade:

(389) kũĩsu
kũĩ -**su**
anum -SF
'anum' (Contexto: elicitação de dado em isolado, descontextualizado)

(390) ʔtikalisu
ʔtika -li -**su**
tamanduá-?-SF
'tamanduá' (Contexto: elicitação de dado em isolado, descontextualizado)

(391) e̲hlisu
e̲h -li -**su**
machado-?-SF
'machado' (Contexto: elicitação de dado em isolado, descontextualizado)

(392) uahkalitesu
uahka-li -te -**su**
jacaré-?-NOM-SF
'os que são jacarés (referência a uma das etnias Nambikwára do Cerrado)'
(Contexto: elicitação de antropônimo com resposta à pergunta: *qual o nome daquele povo do cerrado?*)

(393) he̲lianẽsu
he̲ -li-a -nẽ -**su**
caju-?-SF-cabeça-SF
'cajueiro' (Contexto: elicitação de dado em isolado, descontextualizado)

(394) taahiʔkisu
ta- a- hi -ʔki -**su**
1POSS- INAL-mão-ósseo-SF
'minha mão' (Contexto: dado elicitado em contexto em que o referente não tem saliência)

O sufixo de valor mais referencial {-a} ocorre em oposição ao {-su}, operando em contextos comunicativos em que o sujeito citado participa ou a cena em que o referente inanimado se insere. Mesmo na elicitação direta, quando um dos participantes tratou do referente como algo que ele viu ou teve contato recente, com o qual esteve presente no momento da elicitação, como um animal que passou ou uma foto ou desenho que se apresentou a ele, o mais comum foi o emprego do sufixo {-a}, no final da palavra. Na fala espontânea, em frases elicitadas e nos textos analisados, o uso desse sufixo foi largamente superior ao do outro.

Outro fato que se deve salientar é que os nomes de parentesco não tiveram ocorrência com o sufixo menos referencial {-su}, o que colabora para o entendimento de que um dos critérios que define o uso de um ou de outro sufixo é o grau de referencialidade. Esse fato contribui para a argumentação de que esses sufixos não seriam artigos definidos ou indefinidos, ao menos nos moldes das gramáticas de línguas indo-europeias:

(395) kũĩa
kũĩ -**a**
anum-SF
‘anum’ (Contexto: o pássaro estava próximo e foi apontado no momento da elicitação)

(396) ʔtikala
ʔtika -li -**a**
tamanduá-?-SF
‘tamanduá’ (Contexto: elicitação por fotos e descrição da morfologia animal que fizeram com que o colaborador lembrasse o dia em que o viu)

(397) uahkalia
uahka -li -**a**
jacaré -? -SF
‘jacaré’ (Contexto: foi perguntado ao colaborador como ele chamaria o animal se o estivesse vendo e apontando)

(398) taũĩna
ta -uĩn -**a**
1POSS-pai-SF
‘meu pai’ (Contexto: nos vários contextos em que se produziu essa palavra, a escolha privilegiou o sufixo {-a}. Quando perguntado pela palavra pai mais genérica o colaborador não entendia a pergunta)

Em orações, pequenos períodos e excertos, ou nos textos maiores o uso do sufixo mais referencial é preponderante:

(399) talana aiula ũhikihnaia
tala-na a -a -iu -li -**a**
3sg/F-LC 3POSS -INAL-faca-?-SF
ũ -hiʔk -kih -ø -ø -na -ia
cortar-INC:‘mão’-CV-3obj -3sg-NFP/EV-SV
‘Ela cortou a mão com a faca’

(400) anũa halitea uãsa sĩhiena iąuia

anũ-**a** hali -te -**a** uã-sa
índio-SF ser de fora-NOM-SF vir-ADIT
sĩh-ien-**a** iąu-ø-ia
casa-rosto-SF ficar-3sg-SV
'O índio de fora veio para a aldeia e ficou'

(401) atautahla aĩʔikaˀtu uãlialilati nẽsa (...)

a- taut -ahlo -**a** aĩʔi-ø -kaˀtu
AG-gavião-CL:SEX/M-SF parar-3sg-FINAL
uã -li -ali -la -ti nẽ -sa
vir-PL-2pl-M/PF-INTER RNV-ADIT
Então, o gavião parou, vocês vêm? (...) (trecho extraído da história: *O homem que precisa de penas*)

As palavras compostas, quando ditas em isolado, e em contexto de menor referencialidade, flexionam sempre o segundo elemento da composição. Essa restrição permite que apenas duas combinações com os sufixos finais sejam possíveis, como é demonstrado no quadro seguinte. Essa regra de flexão se aplica tanto aos tipos morfológicos de composição quanto aos tipos morfossintáticos:

Quadro 24: Modelo de apresentação das combinações possíveis dos sufixos finais na palavra composta

(Raiz/Radical 1)	(Raiz/Radical 2)	
+ sufixo final	+ sufixo final	Resultado da combinação
-su	**-su**	agramatical
-a	**-su**	gramatical
-su	**-a**	agramatical
-a	**-a**	gramatical

Essa evidência abre espaço para a hipótese de que a forma não marcada de sufixo flexional seria o {-a}, pois, quando ditas em contexto de maior referencialidade, os dois elementos da composição flexionam-se para essa forma final. As palavras onça ou o atributivo pequeno quando pronunciados separadamente, nos exemplos que seguem, flexionam-se livremente, a depender do nível de referencialidade relativo ao contexto em que são usados. Os

exemplos de número (402), (403), (404) e (405) a seguir, apresentam, na prática, os resultados decorrentes da análise contrastiva do fenômeno em questão:

(402) *iãnalisu kaũnlisu
iãna-li-s**u** kaũn-li-**su**
onça-?-SF pequeno-?-SF
‘jaguatirica’

(403) *iãnalisu kaũnlia
iãna-li-**su** kaũn -li -**a**
onça-?-SF pequeno-?-SF
‘jaguatirica’

(404) iãnala kaũnlisu
iãna -li -**a** kaũn -li-**su**
onça-?-SF pequeno-?-SF
‘jaguatirica’

(405) iãnala kaũnla
iãna-li-**a** kaũn-li-**a**
onça-?-SF pequeno-?-SF
‘jaguatirica’

(406) alãa sa?tesa?tetesu
ãla -**a** sa?tesa?te -te -**su**
arara-SF ser amarelo-NOM-SF
‘arara amarela’

(407) alãa sa?tesa?tetea
ãla -**a** sa?tesa?te -te -**a**
arara-SF ser amarelo-NOM-SF
‘arara amarela’

(408) haisa kousu
hais-**a** kou -**su**
roça-SF campo limpo-SF
‘roça’

(409) haisa koua
hais-**a** kou -**a**
roça-SF campo limpo-SF
‘roça’

Sabe-se que a estrutura da polissíntese nessas línguas tende a alongar os lexemas da esquerda para a direita. No entanto, o sufixo final {-su} é sempre o último elemento da estrutura

da palavra. Na sintaxe oracional, verificou-se que quando há deslocamento de lexemas com função de objeto direto para a direita do verbo, esses nomes passam a receber um sufixo {-su} ~ {-sa} após o sufixo final {-a}[116].

Um movimento similar é verificado no interior das palavras resultantes de arranjos genitivos ou de todo-parte, os quais preservam o sufixo final {-a} entre o possuidor e o termo possuído, sempre[117]:

(410) hẹ̃lianẽsu
hẹ̃ -li -**a** -nẽ -**su**
caju-?-SF-cabeça-SF
'cajueiro'

(411) hẹ̃lianẽkia
hẹ̃ -li -**a** -nẽ -ki -**a**
caju-?-SF-cabeça-redondo -SF
'cajueiro'

(412) uahkaliaiekalosu
uahka -li -**a** -ie -kalo -**su**
jacaré-? -SF -RN -liso -SF
'couro de jacaré'

(413) uahkaliaiekaloa
uahka-li -**a** -ie -kalo -**a**
jacaré-?-SF-RN -liso -SF
'couro de jacaré'

(414) saualiaiãusu
saua -li -**a** -iãu -**su**
igarapé-?-SF-flor-SF
'flor de igarapé'

(415) saualiaiãua
saua -li -**a** -iãu -**a**
igarapé-SF-flor-SF
'flor de igarapé'

[116] Esse tópico será retomado no capítulo sobre sintaxe oracional que trata do deslocamento do objeto direto.
[117] Uma importante discussão sobre fenômenos como esse é apresentada em (SOTERO 2019), sobre a variante Nambikwára do Cerrado, o Wakalitesu.

(416) sĩha asĩhsu
sĩh **-a** a- sĩh **-su**
formiga-SF POS-casa-SF
‘casa de formiga (esp.)’

(417) sĩha asĩha
sĩh **-a** a- sĩh **-a**
formiga-SF POS-casa-SF
‘casa de formiga saúva (esp.)’

2.2.2 Demonstrativo

No Hahãintesu, os demonstrativos se assemelham aos pronomes, dividindo com eles algumas características típicas da classe. São morfemas livres que, na maioria das vezes, se apresentam na primeira posição dentro da cláusula, tomando toda ela como escopo. A raiz demonstrativa pode receber morfologia de localização/circunstancialidade, como ocorre com os pronomes livres, por exemplo, e outros sufixos variados. São pouco producentes no verbo e, quando ocorrem, costumam se associar a morfemas locacionais ou benefactivos/alvo/fonte, indicando a posição do narrador em relação ao ouvinte e ao espaço narrativo.

São dêiticos discursivos e, comumente, são seguidos de gesticulação e mudança de entonação que ampliam seu escopo e potencial explicativo.

A forma livre {teʔ-} é o demonstrativo mais comum. Ele indica que os referentes encontram-se próximos ou distantes, mas não ao alcance da mão e, como é característico dos nomes, é seguido do morfema de natureza referencial {-a}, o tipo mais comum de sufixação[118]. A distinção entre um ‘aquele’ próximo e um ‘aquele’ distante é pragmaticamente marcada através da mudança de entonação e do alongamento da vogal média da raiz.

A raiz demonstrativa {tiʔ-} é usada para apontar que o objeto está próximo do falante, ao alcance de sua mão. Como o tipo anteriormente descrito, permite adjunção de afixos, mas em menor grau do que o demonstrativo {teʔ-}.

Como acontece com o pronome, a raiz demonstrativa apresenta restrição para o recebimento de uma quantidade que ultrapasse os dois sufixos e não recebe prefixos:

[118] Diferentemente do que se processa no nome, nos demonstrativos esse morfema não se flexiona e, por isso, é tratado aqui como fazendo parte dos chamados formativos. Além disso, ele não apresenta ordem fixa. É comum que o formativo se aloque após ele. A ordem é mais variável nos demonstrativos do que nos pronomes pessoais.

(418) [ˈteʔe]
teʔ -e
DEM-ENF
Esse! (distância menor entre falante e objeto)[119]

(419) [ˈteːʔe]
teʔ -e
DEM-ENF
Aquele! (distância maior entre falante e objeto, revelada pelo alongamento vocálico e mudança na entonação e gesticulação)

(420) [ˈtiːʔi]
tiʔ -i
DEM-ENF
Este! (objeto muito próximo do narrador, ou em sua mão)

As raízes demonstrativas podem receber sufixos com funções diversas. A tabela (24) apresenta alguns dos tipos mais comuns reservados ao demonstrativo {teʔ-}[120]. Logo abaixo dela, seguem exemplos de uso desses demonstrativos:

Quadro 25 – Representação da morfologia sufixal demonstrativa

RAIZ	Formativo	Função
teʔ-	-a	referencial
	-e	enfática
	-sa	direcional
	-na	temporal
	-ãna	pluralizadora
	-soli	quantificadora

[119] A reduplicação da vogal da raiz demonstrativa só foi observada entre falantes mais velhos. Os mais jovens estranham esse uso.

[120] Por questões de ordem pragmática, o demonstrativo {tiʔ-} teve menor ocorrência nos dados elicitados em campo. Ele é a base da palavra 'aqui' {tiʔka}, mas tem seu uso limitado aos contextos em que o objeto está ao alcance da mão do falante ou no lugar em que ele se encontra. Essa é a razão para o quadro apresentado anteriormente não fazer referência a ele.

(421) teʔa ũʔa iũnʔia

teʔ-a ũʔ-a iũnʔ-ia
DEM-SF capivara-SF ter-SV
‘Tem capivara (lá longe)’

(422) ualuta teʔa iũʔia

ualut-a **teʔ**-a iũnʔ-ia
paca-SF DEM-SF ter-SV
‘Ali tem paca’

(423) ʔtaina tiʔna hãuʔinala

ʔtai-na **tiʔ**-na hãuʔi -ná -la
1sg-LC DEM-LC dormir-1sg/NFP-M/PF
‘Eu dormi aqui’

(424) teʔa tatea

teʔ-a tate-a
DEM-SF INTER-SV
‘O que é aquilo lá?’

(425) teʔa soʔikaʔtu tiʔka naue (...)

teʔ-a soʔ-i-kaʔtu tiʔka naue
DEM-SF pegar-2sg-FINAL ‘aqui’ deixar
‘Pega lá e deixa aqui (...)’

Mais de um desses morfemas podem se associar à raiz, ampliando o potencial de informação da dêixis:

(426) teʔnaʔãna tauailinãa

teʔ **-na** **-ãna** ta -uai -li -nã -a
DEM-LC-COL 1POSS-cachorro-?-GR-SF
‘Aqueles cachorros são meus’

(427) teʔasa

teʔ **-a** **-sa**
DEM-SF-DIR
‘É aquele lá!’ (em resposta à pergunta: *Como se fala dominó?* E apontando-se para o jogo)

(428) alãa teʔasolia

alã-a teʔ **-a** -soli -a
arara-SF DEM-SF-ser um-SV
‘É uma arara’

É comum, na oração comparativa, que o demonstrativo não se posicione à esquerda do argumento sujeito, encabeçando-a. Nesses casos, seu escopo é o predicado, o qual contém a informação nova, destacada. Isso também acontece se a informação contida no predicado servir para individualizar o sujeito, como no exemplo (427) que segue:

(429) uailia teʔa haloa teʔa taiekisasĩ
uai -li -a **teʔ**-a halo -a **teʔ** -a ta- ieki -sa -sĩ
cachorro-?-SF DEM-SF ser de fora-SF DEM-SF 1POSS-RN-OB-COP
'Aquele cachorro lá fora é meu'

(430) a̱ina teʔana kaĩnna nẽkaʔte a̱ina teʔana tiũliʔna
a̱in-a **teʔ** -a -na kaĩn -ø -na nẽ -kaʔte
peixe-SF DEM-SF-NFP/EV ser maior-3sg-NFP/EV RNV-ADVERS
a̱in -a **teʔ** -a -na tiũli -ʔ -ø -na
peixe-SF DEM-SF-NFP/EV ser menor-NEG-3sg-NFP/EV
'Esse peixe é menor do que o outro'

(431) he̱lia teʔana uilhẽ nẽkaʔte uaika uilʔahẽ
he̱ -li -a **teʔ** -a -na uil -ø -hẽ nẽ-kaʔte
caju-?-SF DEM-SF-NFP/EV ser bom-3sg-PASS/IMPF RNV-ADVERS
uai -ki -a uil -ʔ -ø -a -hẽ
açaí-redondo-SF ser bom-NEG-3sg -NFP/EV-PASS/IMPF
'Aquele caju era mais gostoso do que o açaí'

Os pronomes possessivos também podem atuar como demonstrativos:

(432) tasĩna iokua̱isáʔnana
ta -sĩn -a iokua̱i -sá -ʔ -na -na
1POSS-carne-SF gostar-1sg/SE-NEG-dum-M/NFP
'Dessa carne eu não gosto'

(433) takaloʔãna uãliakalosũsĩla
ta -kalo -ãna uã -li -a -kalo -su -sĩ -la
1POSS-liso-COL roupa-?-SF-CL:liso-SF-COP-M/PF
'Essas roupas são (velhas) mesmo?'

Eles podem ainda se comportar como morfemas presos adjungidos a uma raiz verbal ou adverbial:

(434) housa iãnateʔa
hous-a iã -ø -na **-teʔ** -a
macaco-SF ir.rápido-3sg-NFP/EV-DEM-SF
'Aquele macaco lá está andando'

(435) uaila ianateʔa taiekisásĩ

uai -li -a iã -ø -na **-teʔ** -a ta -ieki -sá -sĩ
cachorro-?-SF andar.rápido-3sg-NFP/EV-DEM-SF 1POSS-RN-1sg/SE-COP
'O cachorro que está lá longe é meu'

O Hahãintesu dispõe ainda de um demonstrativo menos usual para referenciar casa ou moradia, claramente derivado da própria raiz da palavra para casa {sĩh-}:

(436) sĩa tasĩha

sĩ -a ta- sĩh -a
DEM-SF 1POSS-casa-SF
'Aquela casa é minha'

(437) ʔtaina sĩa hãuʔinála

ʔtai-na **sĩ** -a hãuʔi -ná -la
1sg-LC DEM-SF dormir-1sg/NFP-M/PF
'Eu dormi ali (em referência à casa)'

O demonstrativo {nũʔ-} é mais específico. Em geral, é empregado em circunstâncias em que o referente que se quer apontar está muito distante, fora do campo de visão. Pode ocupar a posição anterior ou posterior do seu referente. Também é usado para apontar o percurso entre lugares, como entre a aldeia e a cidade ou entre aldeias, ou a travessia de rios ou vales:

(438) ʔtaina nũʔa hãuʔinála

ʔtai-na **nũʔ**-a hãuʔi-ná -la
1sg-LC DEM-SF dormir-1sg/NFP-M/PF
'Eu dormi lá longe'

(439) kuikuikia nũʔa ĩa a̱isa tũnná saia

kuikui -ki -a **nũʔ**-a ĩ -á
pocã do mato-CL:redondo-SF DEM-SF ver-1sg/NFP
a̱i-sa tũn -ná sai -a
ir-ADIT chupar-1sg/NFP tirar-SV
'Eu vi pocã do mato, vou tirar para chupar'

(440) nũʔa taũ̃ina kua̱tiaita halonãua a̱itiula

nũʔ -a ta- ũ̃in -a kua̱tiai -te -a
DEM-SF 1POSS-pai-SF não-índio-NOM-SF
halo -nau -a a̱i -ø -tiu -la
de fora-Loc-SF ir-3sg-PASS/EN-M/PF
'meu pai foi até a cidade (aldeia do branco)'

(441) (...) kalanli nũʔa aʔni-tu-i (...)
kalan-li **nũʔ**-a aʔ -ni -tu -i
subir-HORT DEM-SF matar-2sg-FUT-M/IMPF/EFR
(...) 'sobe nele, lá, e você vai matar' (...) (trecho da narrativa: '*O homem que precisa de penas*', que trata da ida do personagem da terra até o céu)

2.2.3 Verbo

2.2.3.1 Introdução

A classe lexical mais complexa e numerosa do Hahãintesu é o verbo. A ele, uma grande quantidade de afixos, obrigatórios e opcionais, com variadas funções sintáticas, pode se adjungir. Esses morfemas apresentam valor de argumentos internos e externos, adjuntos e complementos, propiciando a dispensa de outras formas livres com as mesmas funções sintáticas.

O conteúdo semântico básico da predicação é expresso pela raiz verbal, o núcleo da cláusula. Em suas bordas, os afixos promovem uma série de combinações, variando numericamente de um até dez morfemas, a julgar pelo tipo simples de oração. Da mesma forma como acontece com o nome, o verbo licencia mais *slots* para inserção de sufixos do que para inserção de prefixos. Conforme o entendimento de seu significado, da posição em relação ao núcleo e do papel desempenhado por esses afixos é possível, então, dividi-los em morfemas lexicais e gramaticais. No exemplo seguinte, é possível verificar a aposição de prefixos e sufixos à raiz verbal, com maior número de *slots* preenchidos à sua direita:

(442) nẽsakĩnáteláa (Eu vou pentear do cabelo)

nẽ-	**sa**	-kĩn	-ná	-tel	-á	-a
INC:cabeça	**pentear**	INC:cabelo	1sg/NFP	DES	1sg/NFP	M/IMPF
Prefixo 1	**Núcleo**	Sufixo 1	Sufixo 2	Sufixo 3	Sufixo 4	Sufixo 5

Os morfemas gramaticais adicionam conteúdo semântico típico da categoria verbal. Aqueles que ocupam os espaços mais próximos da raiz, originalmente derivacionais, são os morfemas que codificam incorporação, instrumentalização, posição, localização, classificação, causativização, interação discursiva, agentividade e benefactivo/alvo/fonte. Alguns desses

morfemas unem-se à raiz verbal formando com ela o radical e são tratados como aplicativos. Já aqueles morfemas gramaticais que codificam número, pessoa, tempo, modo, aspecto, gênero e evidencialidade são do tipo flexional e ocupam os *slots* mais à direita da raiz, sendo tratados aqui como formativos.

A categoria de afixos de natureza mais lexical é formada pelos morfemas de partes do corpo, pelas raízes verbais incorporadas e pelas raízes nominais e morfemas classificatórios incorporados, todos de origem derivacional.

Em Hahãintesu, assim como foi verificado para as outras línguas aparentadas da Família Nambikwára, com exceção do Sabanê, o verbo permite que uma oração de significado completo forme-se a partir da aglutinação de uma série de afixos lexicais e gramaticais nas suas bordas, os quais dispensam qualquer constituinte externo.

No exemplo que segue, é possível verificar que todos os componentes que integram a cláusula foram inseridos como afixos verbais. O lexema 'dinheiro' foi incorporado à esquerda da raiz verbal, enquanto os sufixos que codificam número, pessoa, tempo/evidencialidade, gênero, aspecto e evidencialidade de fala reportada foram inseridos à direita da raiz verbal.

(443) haˀteiũnˀtilinàli

haˀte- **iũnˀ** -tili -ø -ø -nà -li

INC:dinheiro- ter -PL -3obj-3pl-NFP/EVC-M/PF/EFR

'Eles têm dinheiro'

Essa característica corrobora para o entendimento de que o Hahãintesu é uma língua do tipo polissintético, embora, como revelam Fortescue, Mithun & Evans (2017), mesmo incorporando, no nome e no verbo, uma grande variedade de material morfológico, essas línguas podem exibir a mesma morfologia através de palavras lexicais separadas. Uma versão mais analítica da cláusula anteriormente apresenta (443), portanto, pode ser expressa como segue:

(444) tiahlinaˀãna haˀtenm̃a iũnˀtilinàli

tiahla -inaˀãna haˀte -nm̃ -a **iũnˀ** -tili -ø -ø -nà -li

3sg/M -COL dinheiro-INC:folha-SF ter -PL -3obj-3pl -NFP/EVC-M/PF/EFR

'Eles têm dinheiro'

Os autores revelam, ainda, que as motivações por trás das escolhas entre construções analíticas e polissintéticas, dentro de uma língua, podem ser descobertas apenas pelo exame da fala espontânea, se forem correlacionadas usualmente com o fluxo de informação ao longo do tempo. Um olhar mais claro sobre essas combinações associadas às línguas polissintéticas dizem muito sobre os limites do que pode constituir uma configuração estável. Em alguns casos, as combinações parecem definir expectativas tipológicas derivadas do tipo de família de línguas (FORTESCUE, MITHUN & EVANS 2017, p. 04).

O verbo, mais do que o que fora verificado para o nome, permite a inserção de um número muito maior de morfemas, os quais, como dito antes, podem encerrar em uma única palavra todo o conteúdo de uma oração. Para Fortescue, Mithun & Evans (2017), tipos linguísticos tornam-se mais interessantes se revelam conjuntos de aspectos associados, como a especificação das relações gramaticais dentro do verbo e relações primárias pragmaticamente associadas à ordem dos constituintes.

A polissíntese, segundo os autores, ainda inclui processos morfológicos complexos, com estruturas que são mais aglutinantes do que fusionais, predomínio de estruturas prefixais, sufixais ou ambas e são, em geral, *head-marking*, com afixos possessivos e nomes possuídos, ausência de marcação de caso nominativo, elaboração relativa de morfologia nominal, relativa elaboração, dentro da morfologia verbal, de relações indicadas perifrasticamente em outras línguas, como causativos e desiderativos, ordem dos constituintes primariamente baseada em fatores pragmáticos ao invés de relações gramaticais, entre outras características, (FORTESCUE, MITHUN & EVANS 2017, p. 20).

O modelo a seguir apresenta a estrutura máxima do verbo em Hahãintesu, conforme o *status* morfológico, e semântico, de seus constituintes:

Quadro 26 – Modelo de estrutura de constituição máxima do verbo

VERBO							
TEMA			**SUFIXOS GRAMATICAIS**		**FORMATIVOS**		**DÊIXIS**
Prefixos derivacionais	**RAIZ**	**Sufixos derivacionais/raízes incorporadas**	**Status Argumental**	**Status Modal**	**Sufixos flexionais de pessoa**	**Sufixos flexionais de tempo, evidencialidade e aspecto**	**Sufixos flexionais indicadores de fala direta**

(Agentivo)	**RAIZ**	*(Benefactivo-Alvo-Fonte)*	(*Reflexivo*)	(*Repetitivo*)	Objeto	Sujeito	(*Sufixos de tempo presente/passado recente, tempo imediato, passado, passado remoto e passado memorial*)	(*Marcadores de gênero*)
(*Quantificação/Fração*)		(*Incorporação de partes do corpo*)	(*Recíproco*)	(*Negação*)				*(Evidenciais de fala reportada)*
(Incorporação de partes do corpo)		(*Raiz*)	(*Demonstrativo*)	(*Dubitativo*)				
(Prefixos posicionais)		(*Raízes nominais incorporadas*)	(*Número*)	(*Proibitivo*)				
(Locacionais)		*(Sufixos posicionais)*	(*Objeto benefactivo*)	(*Habitual*)				
		(*Classificador verbal*)	(*Causativo*)	(*Asseverativo*)				
		(*Morfema nominalizador*)	(*Sufixo estativo*)	(*Inclusivo*)				
				(*Desiderativo*)			(*Evidenciais visuais, auditivos, quotativos e dedutivos*)	
				(*Iminentivo*)				
				(*Putativo*)				
				(*Declarativo*)				
				(*Completivo*)			(*Modo*)	
				(*Sessativo*)				
				(Possibilitivo)			(*Morfemas Aspectuais*)	

Analisando-se o quadro acima, observa-se que os constituintes verbais que aparecem entre parênteses são opcionais e seu uso é motivado por questões de ordem discursiva, circunstanciada e sintático-funcional. Os afixos que se encontram nas proximidades da raiz verbal formam com ela o tema. Os sufixos lexicais são adjuntos morfologizados no verbo menos requeridos por eles do que os sufixos flexionais. Estes, por sua vez, adicionam informação de pessoa, tempo, evidencialidade, aspecto e gênero ao verbo e se expressam, de forma geral, como morfemas do tipo *portmanteau*.

O suprassegmento tonal é contrastivo para a primeira e para a terceira pessoa do singular nos verbos dinâmicos e estativos e também para os tempos imediato e passado e para os marcadores de evidencialidade visual e evidencialidade quotativa[121]. Seguem exemplos de

[121] Os sufixos pessoais serão melhor descritos na sessão dedicada aos morfemas argumentais.

contraste promovido pelo tom no sufixo marcador de tempo/evidencialidade {-na} em cláusulas de primeira e terceira pessoa da língua. O diacrítico { ´} indica primeira pessoa do singular, enquanto a forma *default* e o diacrítico { `} marcam o contraste entre o evidencial visual e o evidencialidade visual compartilhado, ambos de terceira pessoa:

(445) a̱inála
a̱i -**ná** -la
ir -1sg/NFP-M/PF
'Eu fui/estou indo'

(446) a̱inala
a̱i -ø -**na** -la
ir- 3sg-NFP/EV-M/PF
'Ele foi/está indo'

(447) a̱inàla
a̱i -ø -**nà** -la
ir -3sg-NFP/EVC-M/PF
'Ele foi/está indo'

Os verbos intransitivos estativos, bem como os verbos adjetivais e os unipessoais, por motivações semânticas e sintático-funcionais, apresentam uma menor capacidade para o recebimento de afixos. Os sufixos gramaticais que pertencem a uma mesma categoria são excludentes entre si, à exceção de alguns pronominais e de alguns sufixos temporais, os quais podem promover um tipo bastante ativo de junção, ou fusão, de morfemas.

Em relação à estrutura fonológica das raízes verbais, as do tipo monossilábico preponderam dentre os verbos transitivos, ditransitivos e os intransitivos ativos. Nos verbos intransitivos estativos verificou-se uma maior quantidade de raízes dissilábicas.

Dentre os verbos adjetivais, os que expressam tamanho, massa ou quantidade, além dos atributivos de qualidade, são, majoritariamente, tipos monossilábicos[122]; os verbos adjetivais

[122] Verbos adjetivais monossilábicos, ou dissilábicos, podem ser reduplicados quando o falante pretende indicar que a superfície ou a totalidade do objeto descrito é uniforme, ou quando se quer enfatizar uma característica do referente, intensificando-a. Um exemplo pode ser visto com o verbo adjetival *ser azul* em, aˈlãa a**saui?**tea, arara azul, que é reduplicado na expressão para ohˈsĩna a**saui?saui?**ta, céu azul. A arara não seria completamente azul, pois tem patas, bico, olhos, de outras cores, mas o céu seria um referente completamente azul. Já outros verbos de quatro sílabas não tiveram registro de diminuição de sua reduplicação, indicando que se lexicalizaram, ou dos quais a semântica verbal registra uma característica inerentemente variada numericamente, como ser manchado, pintado, colorido, listrado, com bolinhas.

que descrevem as cores, bem como os que tratam de descrever a superfície dos objetos, variam de dissilábicos a quadrissilábicos, já que podem, em sua grande maioria, ser reduplicados.

Os verbos trissilábicos são menos comuns, mas verificaram-se exemplos para todos os tipos verbais. Normalmente, parte da raiz é formada pela cristalização de algum sufixo de origem demonstrativa, direcional ou instrumental que devido à perda de transparência, acabou se incorporando à raiz, lexicalizando-se. A maioria já não pode ser recuperada pelo falante, outros ainda podem, em contextos muito específicos. É o caso da raiz verbal em pescar {oli-}, onde, ainda é possível ver a incorporação do sufixo de plural {-li}, à raiz {o-}, pois a atividade de pesca é tradicionalmente coletiva, ou o verbo 'tirar', {sai-}, que incorporou o prefixo instrumental {sa-}, ao verbo {-i}. Outro caso interessante é o da fusão que modificou o verbo dar, originalmente, {ũ}, em [sũ-] ou [sã-], devido à incorporação do sufixo de objeto benefactivo {-sa} ou do prefixo instrumental, também {sa-}, e que parece estar em algum grau inicial de lexicalização.

Também há casos em que verbos dissilábicos reduplicam apenas uma das sílabas, ou perdem uma das sílabas, acarretando num tipo trissilábico de raiz verbal, como se vê em {uatutũ-}, 'ser redondo'. De qualquer forma a reduplicação é um processo muito icônico de formação de palavra. O quadro que segue apresenta alguns exemplos da estrutura fonológica da raiz verbal em Hahãintesu, com alguns dos tipos de verbos mais facilmente verificados:

Quadro 27 – Apresentação de estrutura fonológica de alguns verbos de Hahãintesu

Transitivos/ Ditransitvos/ Intransitivos Ativos	Intransitivos Estativos	Adjetivais
iai- (comer)	**ĩtǫ-** (estar doente)	**sate?sate?-** (ser amarelo)
ą̃i- (ir)	**ialu-** (morrer)	**uaiuai-** (ser manchado)
ũ- (dar)	**ią̃lu-** (ter sede)	**uatutũ-** (ser redondo)
ĩ?i- (chegar)	**hei?-** (ter fome)	**saui?-** (ser azul)
tẽ- (trazer/levar)	**ą̃li-** (sentir frio)	**nẽnẽ-** (ser vermelho)
so?- (pegar/casar/comprar)	**ala?-** (sentir calor)	**nene-** (estar amolado)
iũn?- (ter/possuir)	**ũki-** (estar farto de comida)	**hula?hulai-** (ser colorido)
uã- (vir)	**ą̃ti-** (estar triste)	**uil-** (ser bom/ser belo/ser gostoso)
to?- (construir casa)	**iokuą̃i-** (gostar)	**kǫ?-** (ser feio/ser mau/ser podre)
hi- (lavar)	**iųli-** (ter medo)	**naũn-** (ser doce)

2.2.3.2 Subclasses verbais

A semântica lexical está na base da caracterização das subclasses verbais, pois não há marca morfológica que diferencie um tipo verbal de outro. Eles são inerentemente transitivos ou intransitivos. A divisão tipológica do verbo é orientada semanticamente por fatores como dinamicidade ou estatividade. Essa categorização, por sua vez, tem direta relação com a escolha dos sufixos pessoais que os verbos podem ensejar.

Dentre os verbos dinâmicos, existem os intransitivos, os quais requerem apenas um argumento na posição de sujeito; os verbos transitivos, que pedem dois argumentos, sendo um sujeito e outro objeto da cláusula; e os ditransitivos, os quais requerem três argumentos, sendo um sujeito e dois objetos. Seguem exemplos desses três tipos, respectivamente:

(448) ʔtaina a̱inála
ʔtai-na **a̱i** -ná -la
1sg-LC ir -1sg/NFP-M/PF
‘Eu fui’

(449) uauailia tulia sultiu
ua- uai -li -a tu -li -a **sul** -ø -ø -tiu
2POSS-cachorro-?-SF cotia-?-SF matar-3obj-3sg-PASS/EN
‘Seu cachorro matou a cotia’

(450) tiahla samĩ ahla ũsanala
tiahla samĩ ahla **ũ** -sa -ø -ø -na -la
3sg/M Benjamin PRON/M dar-1obj.ind-3obj-3sg-NFP/EV-M/PF
‘Benjamin me deu (a faca)’

Os verbos intransitivos contam ainda com o tipo estativo, o qual exprime ou descreve o estado ou a condição do sujeito. São eles os verbos de cognição, os verbos descritivos, os verbos adjetivais, os verbos locativos e os verbos de cores. Ainda, existem os verbos unipessoais representados pelos numerais, os quantificadores e os que descrevem fenômenos da natureza. Esses unipessoais distinguem-se, basicamente, em relação aos demais estativos, porque apenas se conjugam na terceira pessoa. Seguem alguns exemplos de uso desses tipos verbais:

(451) hei?alana
hei? -a -la -na
ter fome-2sg-SE-M/NFP
‘Você está com fome’

(452) tiahlana unala
tiahla-na **u** -ø -na -la
3sg/M-LC estar longe-3sg-NFP/EV-M/PF
‘Ele estava longe’

(453) aika anẽka nẽheheinala
aik -a a- nẽ -ʔki -a nẽ- **hehei** -ø -na -la
pássaro-SF INAL-cabeça-ósseo-SF INC:cabeça-ser vemelho-3sg-NFP/EV-M/PF
‘A cabeça do pássaro é vermelha’

(454) ahnala
ah -na -la
chover-NFP/EV-M/PF
‘Choveu’

Embora o conteúdo semântico oriente a divisão dos verbos por critérios de atividade/não atividade, nem todos os verbos estativos são tratados da mesma forma. Alguns apresentam um paradigma especial para os sufixos de pessoa, outros apresentam o mesmo paradigma dos sufixos pessoais dos verbos ativos. O primeiro tipo é formado por um grupo de verbos cognitivos, caso de: *ter fome*, *ter sede*, *ter medo*, *estar triste*, *estar feliz*, *estar cansado*, *ser preguiçoso*, *morrer*, *querer*, *gostar*. Para esse tipo de estativo, os sufixos de primeira e segunda pessoa do singular coincidem com as formas dos objetos de primeira e segunda pessoa dos verbos transitivos e ditransitivos. Nos exemplos seguintes, é possível ver o alinhamento que a segunda pessoa promove, como sujeito de verbo estativo e como objeto de verbo dinâmico:

(455) heiʔalana
hei**ʔ** **-a** -la -na
ter fome-2sg-SE-M/NFP
‘Você está com fome’

(456) ũahátua
ũ **-a** -há -tu -a
dar-2obj-1sg-FUT-M/IMPF
‘Eu vou te dar’

O segundo tipo, formado pelos verbos estativos descritivos, adjetivais, locacionais, além dos que representam as cores, alinham os sufixos de sujeito com os mesmos sujeitos de verbos transitivos, ditransitivos e intransitivos dinâmicos. Os exemplos que seguem mostram que o mesmo morfema sufixal de primeira pessoa é usado para o verbo estativo ‘ser bom’ e para o verbo dinâmico ‘ver’.

(457) uilái
uil **-á** -i
ser bom/estar bem -1sg/NFP-M/IMPF
‘Estou bem’

(458) ĩá
ĩ **-á**
ver-1sg/NFP
‘Eu vi’

Os verbos ativos apresentam marcação zero para a terceira pessoa do singular ou do plural, tanto para os argumentos em posição de sujeito como para os objetos. No nível suprassegmental, a primeira e a terceira pessoas podem ser evidenciadas através de distinção tonal.

Os verbos unipessoais apresentam marcação pronominal apenas para a terceira pessoa, que é zero. O sufixo verbal de natureza dual não demonstra variação quando marca verbos ativos ou estativos. O morfema sufixal com função de sujeito desconhecido ou indefinido de terceira pessoa {-ai}, atua diante de verbos dinâmicos, como {-nai}, por junção do morfema temporal/evidencial com o sufixo para pessoa desconhecida, ou como {-sai}[123], com sufixo estativo mais pessoa desconhecida, tanto em contextos de singular como de plural de pessoa.

A posição dos sufixos pronominais é linear nos verbos transitivos e intransitivos dinâmicos. Em verbos intransitivos estativos ou dinâmicos, eles ocupam os mesmos *slots* destinados à entrada de sujeitos experienciadores de verbos transitivos e ditransitivos.

2.2.3.2.1 Morfologia interna dos verbos em Hahãintesu

Dentre os verbos dinâmicos, algumas características podem ser destacadas sobre os de moção investigados, como a restrição semântica ao recebimento de alguns sufixos. Em decorrência de serem monoargumentais e serem pouco tendentes à incorporação de morfemas de parte do corpo, nominalizadores, agentivos ou quantitativos e fracionários, e não apresentarem sufixos benefactivos e de alvo e fonte, reflexivos e recíprocos, tendem a conter menos morfologia interna. Os verbos transitivos e ditransitivos são os que apresentam maior potencial para recebimento de afixos, por questões de ordem semântica. Na cláusula intransitiva (459), abaixo, o verbo, claramente, apresenta potencial menor para o recebimento de afixos verbais, em comparação com a cláusula transitiva (460), logo abaixo dela:

(459) taina tina hãuʔinála

tai-na ti -na hãuʔi **-ná** **-la**
1sg-LC DEM-LC dormir-1sg/NFP-M/PF
‘Eu dormi aqui’

[123] Esse tipo pronominal claramente funde-se com o morfema de tempo/evidencialidade nos verbos dinâmicos e com o morfema de experimentação pessoal, em verbos estativos.

(460) uauailia uahkalia sulkialatiuni

ua- uai -li -a uahka-li-a
2POSS-cachorro-? -SF jacaré-?-SF
sul **-ki** **-a** **-la** **-ø** **-ø** **-tiu** **-ni**
matar-ben/alv/font-2obj.ind-SE -3obj-3sg-EN-F/PF/EFR
'O jacaré matou o cachorro dela'

Os verbos intransitivos descritivos e os unipessoais, embora apresentem menor potencial do que os transitivos para o recebimento de sufixos, podem receber nominalizadores e agentivos.

Numa cláusula em que os constituintes nominais e verbais são palavras independentes, predominantemente, o verbo é o último elemento e os argumentos se alinham da direita para a esquerda, como, aliás, foi verificado em todas as línguas da família Nambikwára pesquisadas, à exceção do Sabanê (ANTUNES 2004):

Quadro 28 – Alinhamento mais à esquerda dos constituintes de cláusulas do tipo mais analítico

Sujeito	Objeto	Adj. Adverbial	**VERBO**

Internamente ao verbo, o alinhamento dos afixos segue uma ordem mais à direita do núcleo verbal, com poucos *slots* para o preenchimento de prefixos. Os sufixos derivacionais são os elementos mais internos do verbo, mais próximos do núcleo, enquanto os sufixos flexionais situam-se na periferia, mais à margem. Para Fortecue, Mithun & Evans (2017), essa característica é verificada em línguas do tipo polissintético, onde algumas tipologias posicionam a ordem dos sufixos inversamente à ordem das palavras:

Quadro 29 – Alinhamento mais à direita dos constituintes verbais de cláusulas de tipo mais sintético

2pref	*1pref*	**Núcleo**	*1suf*	*2suf*	*3suf*	*4suf*	*5suf*	*6suf*	*7suf*	*8suf*

A ordem dos sufixos derivacionais e flexionais no verbo não é rígida, mas apresenta certa regularidade. Os morfemas lexicais ficam mais próximos da raiz verbal e são seguidos de outros sufixos derivacionais de valor mais gramatical. Os últimos sufixos do *template* são os

flexionais. Por motivação semântica não se constatou exemplo do preenchimento de todos os *slots* contendo cada um dos tipos de sufixos e prefixos apontados como constituintes verbais.

2.2.3.3 Constituintes Verbais

2.2.3.3.1 Aplicativos

São tipos de afixos verbais que ocupam os *slots* notadamente mais próximos da raiz, e que formam, juntamente com ela, o radical. De acordo com Mithun (2017), línguas que contêm afixos pronominais geralmente apresentam aplicativos. Como nos paradigmas de afixos pronominais e na incorporação nominal, aplicativos se desenvolvem de várias formas e mostram graus variados de elaboração, apoiando-se em verbos ou nomes. Eles são facilmente identificáveis e explicáveis pelos falantes, devido ao seu elevado grau de transparência. Muitos desses afixos resultam de processos derivacionais que transformaram posposições em aplicativos. Eles podem, por exemplo, aumentar a carga de valência do verbo, como acontece em Hahãintesu com os que recebem o sufixo benefactivo e de alvo-fonte {-ki}.

Os aplicativos variam bastante em qualidade e variedade de tipos no Hahãintesu e são facilmente reconhecidos na estrutura clausal. Alguns são prefixais, como os instrumentais, os locativos e os agentivos; outros são sufixais, como o morfema benefactivo e de alvo-fonte e o classificador verbal. Há ainda tipos que ocupam tanto posições de prefixo quanto de sufixo, caso dos posicionais:

a) Instrumentais: descrevem o tipo de ação resultante da interação entre um sujeito e um determinado objeto. Os variados tipos de manipulação representados pelos instrumentais podem ser modificados por morfemas de parte do corpo que são acrescidos à raiz verbal, ampliando a capacidade do verbo de receber prefixos[124]. Na ordem dos morfemas prefixais o instrumental ocupa sempre a última posição à esquerda do verbo. É importante destacar que alguns dos morfemas tratados como instrumentais, notadamente, expressam mais do que a informação do tipo de manipulação que é exercida sobre determinado objeto, eles também incluem moção. Ao tratar sobre o AM (Movimento Associado) em, pelo menos, 66 línguas da América do Sul, Guillaume (2016, p. 1-7), fez um minucioso estudo com línguas que

[124] Ainda assim, essa capacidade não ultrapassa os dois *slots* prefixais preenchidos.

apresentavam afixos de movimento associado, os quais mostravam deslocamento/mudança de locação e que, funcionavam associando, de formas diversas, diferentes tipos de moção para um evento verbal. Esses morfemas mostraram que os chamados "fatores-de-moção" podiam ser codificados, gramaticalmente, por meio de afixos ou outros elementos gramaticalizados. O caso apresentado para os instrumentais de Hahãintesu parece não se ajustar perfeitamente ao modelo tipológico descrito por Guillaume, pois, o tipo de instrumento é relevante para a escolha do morfema instrumental que é usado. Ainda assim, por consequência de um estudo mais aprofundado sobre esses prefixos, será possível entender melhor seu comportamento e função dentro da cláusula[125]:

{sa-} - segurar com a mão

(461) sahainála
sa- hai -ná -la
INST-abrir-1sg/NFP-M/PF
'Eu abri'

(462) tiahlana saũsanali
tiahla-na sa -ũ -sa -ø -na -li
3ps/M-LC INST-dar-1obj-3sg-NFP/EV-M/PF/EFR
'Ele me deu'

(463) ʔtaina iʔsa saioufinná
ʔtai-na iʔ -sa sa- iou- fin -ná
1sg-LC segurar-ADIT INST-INC:boca-fechar-1sg/NFP
'Eu segurei e fechei a porta'

(464) ʔtaina sanẽhainá
ʔtai-na sa- nẽ- hai -ná
1sg-LC INST-INC:cabeça-abrir-1sg/NFP
'Eu abri a torneira'

{si-} - mover usando as mãos:

(465) ʔtaina kunẽha sisoʔia
ʔtai-na kunẽh-a si -soʔ -ia
1sg-LC cipó -SF INST-pegar-SV
'Eu puxei o cipó'

[125] Semanticamente, muitos verbos expressam atividades específicas e dispensam os prefixos instrumentais, como *cortar com faca* [ũʔ-], *com machado* [toʔ-] ou *com tesoura* [nih-]

(466) siso?teláa

si- so? -tel -á -a
INST-pegar-DES-1sg/NFP -M/IMPF
'Eu vou empurrar (o carrinho de mão)'

(467) sisaionáli

si- sai- o -ná -li
INST-tirar-colocar a mão-1sg/NFP-M/PF
'Eu pus a mão, tirei e puxei (o tatu)'

{ua-} - movimento com o braço

(468) uahohnáteláa

ua- hoh -ná -tel -á -a
INST-nadar-1sg/NFP-DES-1sg/NFP-M/IMPF
'Eu vou nadar'

(469) uãina uahohnia

uãi-na **ua-** hoh -ni -a
2sg-LC INST- nadar-2sg-SV
'Você nada'

{ti-} - movimento com o pé:

(470) ?taina taiu?kia tiiouhainá

?tai-na ta- iu -?ki -a **ti-** iou- hai -ná
1sg-LC 1POSS-pé-CL:ósseo-SF INST-INC:boca-abrir-1sg/NFP
'Eu abri a porta com o pé'

(471) tiiutikinahálana

ti- iu- ti -ki -na -há -la -na
INST-pé-pisar-ben/alv/font-2obj-1sg/NFP-SE-M/NFP
'Eu pisei o seu pé'

(472) tihitikisanã

ti- hi- ti -ki -sa -nã
INST-mão-pisar-ben/alv/font-1obj-F/IMPF
'Você pisou minha mão (falando para mulher)'

(473) kãiiąulia tisatiliihnáia

kãi -iąu -li -a **ti-** są -ti -li -ih -ná -ia
pó-líquido-?-SF INST-deitar-pisar-PL-correr-1sg/NFP-SV
'Eu corri, pisei e caí na lama'

{ũni-} - colocar sobre

(474) ũnihẽhteláia
ũni- hẽh -tel -á -ia
INST-cobrir-DES-1sg-SV
‘Eu vou cobrir’

(475) ũnihẽhnitea
ũni- hẽh -ni -te -a
INST-cobrir-IMIN-NOM-SF
‘O que está quase coberto’

b) Posicionais: ações como sentar, deitar ou levantar são promovidas por morfologia sufixal ou prefixal alocada em verbos como estar de pé {hai}, deitar {sa̱}, ou ficar/morar, {ia̱u}. Os morfemas posicionais indicam o sentido da ação, como o movimento de subida, através de sufixos como {nũh ~ hanũh}, derivado da raiz nominal de braço, ou de descida, de cima para baixo, com os prefixos {iuh-} ou {haiuh-}, que derivam claramente da raiz nominal da palavra chão, pé ou terra:

{-nũh ~ -hanũh} - descreve o deslocamento de baixo para cima, mas é sufixal:

(476) hainũhsĩ
hai **-nũh** -ø -sĩ
estar de pé-POS-3sg-COP
‘Ele está de pé (Ele levantou-se)’

(477) kãnsa ia̱usa haihanũhnái
kãnsa ia̱u -sa hai **-hanũh** -ná -i
Adv.temp sentar-ADIT estar em pé-POS-1sg/NFP-M/IMPF/EFR
‘Eu estava sentado e levantei’

{iuh-} ~ {haiuh-} - descreve o deslocamento de cima para baixo e é prefixal:

(478) iuhsa̱ná
iuh- sa̱ -ná
POS-deitar-1sg/NFP
‘Eu deitei’

(479) he̱ilia haiuhahia
he̱ -li -a **haiuh-** ahi -a
caju-?-SF POS- cair -SV
‘O caju caiu’

c) Locacionais: são prefixos que se adjungem a verbos indicando deslocamento do sujeito para dentro de algum lugar ou indicando continência[126]. O prefixo {ĩ-} - indica direção para dentro ou localização e continência:

(480) ʔtaina kanati hĩnina ahua tiahla asĩha ĩiąukisĩná
ʔtai-na kanati hĩnina ahua tiahlo-a
1sg-LC 'à noite' adv.temp Avá PRON/M-SF
a- sĩh -a **ĩ** -iąu -ki -sĩ -ná
3POSS-casa-SF Loc-ficar-ben/alv/font-1pl-1sg/NFP
'À noite, nós ficamos na casa de Avá'

(481) ihákaʔtu tasĩha ĩuiʔná
ih -á -kaʔtu ta- sĩh -a **ĩ-** uiʔ -ná
correr-1sg/NFP-FINAL 1POSS-casa-SF Loc-entrar-1sg/NFP
'Eu corri para minha casa'

(482) ualuta iiąua ĩsaiẽnsu
ualut -a i -iąu -a **ĩ-** sai -ẽn -su
garrafa-SF água-líquido-SF Loc-tirar-CL:cavo-SF
'tirar água de dentro da garrafa'

(483) ualuta soʔteláa iiąua ĩsaitelá nąnáhũ
ualut-a soʔ -tel -á -a i -iąu -a
garrafa-SF pegar-DES-1sg/NFP-M/IMPF água-líquido-SF
ĩ- sai -tel -á -a nąˌ -ø -ná -hũ
Loc-tirar-DES-1sg/NFP-M/IMPF beber-3obj-1sg/NFP-FUTP
'Eu vou pegar e tirar água da garrafa para beber'

d) Agentivo: verbos ativos e estativos podem receber o prefixo agentivo {a-} ~ {ã-}. Em verbos estativos descritivos, adjetivais, numerais e de cores eles podem funcionar como nominalizadores. Diante de verbos ativos, o prefixo só se realiza se houver a presença de um sufixo com valor de passado anterior, um classificador ou outros sufixos de valor temporal, similarmente ao que acontece em Latundê com o morfema agentivo diante de verbos estativos (TELLES 2002, p. 238):

(484) kũĩa ãtuʔtsu
kũĩ -a **ã-** tuʔt -su
anum-SF AG-ser preto-SF
'anum preto'

[126] Alguns verbos, como {hãuʔi}, dormir, {houʔi}, tomar banho, e {tiũʔi}, ser pouco, apresentam à direita do radical o que provavelmente seria um aplicativo, o qual se incorporou à raiz do verbo e, sobre o qual, os falantes já não conseguem definir o valor de significado.

(485) iãnalia anẽnẽsu

iãna -li -a **a**- nẽnẽ -su
onça -?-SF AG-ser vermelho-SF
‘onça parda’

(486) tiahlana anẽueiia

tiahla-na **a** -nẽuei -ia
3sg/M-LC AG-ser inteligente-SV
‘rapaz inteligente’

(487) ahelia ti?ãna iutũhnaiua

a- heli -a ti-ãna iutũh-naiu-a
AG-ser dois-SV 3DA beijar-RECIP-SV
‘O casal beijou-se’

(488) aioufinsĩta

a- iou- fĩn -sĩ -ta
AG-INC:boca-fechar-COP-NFP/EN
‘A porta está fechada’

(489) aiouhaisĩta

a- iou- hai -sĩ -ta
AG-INC:boca-abrir-COP-NFP/EN
‘A porta está aberta’

(490) ahua uãina aholisĩla

ahua uãi-na **a**- holi -sĩ -la
Avá 2sg-LC AG-ser bom em-COP-M/PF
Avá, você é bom de plantar!

e) Quantitativos e fracionários: esses prefixos exprimem quantidade ou fracionamento do objeto. Alguns derivam de verbos numerais e funcionam como paucais, como {hali-}, {heli-} e {tiũ-}, outros indicam porção, fração ou pedaço de um objeto, como {hait-}, e outros promovem aumento quantitativo do objeto, como {kaĩn}[127]:

(491) uaisa kaĩnsaitesu

uais -a **kaĩn**-sai-te-su
palmito-SF Q/F-tirar-NOM-SF
‘Muito palmito tirado’

[127] Dois desses prefixos têm origem clara nos advérbios quantificadores, ou nos verbos adjetivais, {kaĩn} e {tiũ?i}.

(492) housa s̃ina tiũtiufitelanai

hous -a s̃in -a **tiũ-** tiufi -tel -á -nai
macaco-SF carne-SF Q/F-alimentar-DES-1sg/NFF-F/IMPF/EFR
'Vou comer pedaço de macaco assado'

(493) ʔtuha tiũsilitiula

ʔtuh -a **tiũ** -sili -ø -tiu -la
mulher-SF Q/F-assar-3sg-PASS/EN-M/PF
'A mulher está assando um pouco do porco'

(494) haitiũnʔ iũnʔsanũ

hait-iũnʔ iũnʔ-sá -nũ
Q/F-ter ter -1sg/SE-CONT
'Tenho um pouco (de macaco)'

(495) ʔtaina tauẽsa housa s̃ina haitũáli

ʔtai-na ta- uẽns -a hous -a s̃in -a
1sg-LC 1POSS-criança-SF macaco-SF carne-SF
hait- ũ -ø -á -li
Q/F- dar -3obj -1sg/NFP-M/PF/EFR
'Eu dei um pedaço de carne de macaco para meu filho'

(496) ʔtaina iia̯ua haliso?ná

ʔtai-na i -ia̯u -a **hali**- soʔ -ná
1sg-LC água/gasolina-líquido-SF Q/F-comprar/pegar-1sg/NFP
'Eu comprei um pouco de gasolina'

f) Benefactivo/Alvo/Fonte: esse aplicativo tem a propriedade de aumentar a valência verbal, caracterizando-se por codificar os papéis de beneficiário e de alvo e fonte. É importante destacar que esse aplicativo é dependente semanticamente do tipo de verbo ao qual se liga, como bem destacou (KROEKER 2001, p. 7), para a língua Nambikwára:

(497) a̯is̃ili olikikis̃itaili

a̯i -s̃i -li oli **-ki** -ki -s̃i -tai -li
ir -1pl-HORT brincar-ben/alv/font-dual-1pl -p.col -M/PF/EFR
'Vamos jogar bola!'

(498) iua haiʔkitelahẽla

iu -a haiʔ **-ki** -tel -á -hẽ -la
mel-SF cantar-ben/alv/font-DES-1sg/NFP-TI-M/PF
'Eu vou cantar a música do mel'

(499) ʔtihʔata kǫ̃ʔkitelahẽla
ʔtihʔ -a -ta kǫ̃ʔ **-ki** -tel -á -hẽ -la
cobra-SF-ALV tirar couro-ben/alv/font-DES-1sg/NFP-TI-M/PF
'Eu vou tirar o couro da cobra'

(500) kaʔtikia olikinála
kaʔti -ki -a oli **-ki** -ná -la
mangaba-redondo-SF brincar-ben/alv/font-1sg/NFP-M/PF
'Eu joguei bola'

sĩha uilsa iąukisĩsũ
sĩh -a uil -sa iąu **-ki** -sĩ -sũ
casa-SF ser bom-ADIT morar/ficar-ben/alv/font-1pl-COP
'A casa é boa para nós morarmos'

g) Classificador Verbal: morfema que se aloca em determinados tipos de verbos exprimindo valor reflexivo ou indicando que o corpo é a referência ou alvo para a ação do verbo. São verificados, sobremaneira, em verbos transitivos, mas têm a função de aumentar a valência de verbos intransitivos, como acontece no exemplo (492) com o verbo {uiʔ}, entrar:

(501) iuuiʔkihnáhã
iu- uiʔ **-kih** -ná -hã
INC:pé-entrar-CV-1sg/NFP-DEC
'Eu me calcei'

(502) talana ʔtuha ątikihnaia
tala-na ʔtuh -a ąti **-kih** -ø -na -ia
3sg/F-LC mulher-SF pintar-CV-3sg-NFP/EV-SV
'A índia pintou-se'

(503) uãina uaiuʔkia ũʔiukihniia
uãi-na ua -iu -ʔki -a ũʔ -iu **-kih** -ni -ia
2sg -LC 2POSS-pé-CL:ósseo-SF cortar-INC:pé-CV-2sg-SV
'Você cortou seu pé'

(504) uasikihná teʔsána
uasi **-kih** -ná teʔ -sá -na
enxugar-CV-1sg/NFP querer-1sg/SE -M/NFP
'Eu quero me enxugar'

(505) uąkihnátuĩ
uą **-kih** -ná -tu -ĩ
molhar-CV -1sg/NFP-FUT-F/IMPF/EFR
'Eu vou molhá-la'

2.2.3.3.2 Outros constituintes verbais

Outros constituintes do verbo aqui tratados, embora ocupem, preferencialmente, as mesmas posições dos aplicativos, têm maior liberdade de movimento no interior da cláusula e atuam de forma diversa, formando tipos composicionais ou comportando-se como objetos verbais, como os morfemas de parte do corpo. Outros são raízes verbais que se apoiam na raiz principal promovendo serialização. Há, ainda, aqueles mais ligados aos contextos pragmáticos em que se dá a ação, os quais são tipos mais opcionais, caso dos referenciais demonstrativos e dos objetos benefactivos. Diferentemente do que ocorre com os aplicativos, a grande maioria desses afixos têm correspondentes entre as classes abertas de palavras ou são nomes livres que, ocasionalmente, incorporam-se à estrutura verbal como pró-formas, caracterizando estruturas polissintéticas mais típicas:

a) Morfemas de parte do corpo: os tipos de incorporação que envolvem morfemas de parte do corpo formam uma espécie de composto que, por um lado podem gerar novas lexias através de reestruturação, e por outro, têm na incorporação a inserção de argumentos verbais, como instrumentos, locativos ou objetos incorporados no verbo, muito similar ao que fora descrito em (TELLES 2002, p. 238-239), para o Latundê/Lakondê. O *locus* desse lexema pode ser o *slot* pós ou pré-verbal, quando se trata de morfemas de parte do corpo com valor de objeto, o que, aliás é o tipo mais comum em línguas polissintéticas que apresentam incorporação nominal (BYBEE 1985, p. 105). Em atenção à fonologia, é importante destacar que os nomes de partes do corpo incorporados podem requerer uma consoante oclusiva /-ʔk/, em posição de coda, derivada do sufixo classificador ósseo, que só se realiza se o verbo hospedeiro for iniciado por vogal ou, na superfície, pelos glides [w-] e [j-]:

(506) iuuiʔkihnáhã
iu -uiʔ -kih -ná -hã
pé-entrar-CV-1sg/NFP-DEC
‘Eu me calcei’

(507) hiʔkũhnana
hiʔk -ũh -ná -na
mão-usar-1sg/NFP-F/PF
‘Usei (a pulseira)’

(508) anũa uaila iuualoia

anũ-a uai-li-a **iu-** ualo -ia
índio-SF espinho-?-SF INC:pé-furar em espinho-SV
'O índio furou o pé no espinho'

(509) tiahlana hiuẽna ahi^{ʔ}kia hiuiʔia

tiahla-na hiu -ẽn -a a- hi -^{ʔ}ki -a **hi** -uiʔ -ia
3sg/M-LC buraco-cavo-SF 3POSS-mão-ósseo-SF mão-entrar-SV
'O índio colocou a mão no buraco'

(510) tala soʔsa ieta^{ʔ}kũhnana

tala soʔ-sa **ieta^{ʔ}k** -ũh -ø -na -na
3sg/F pegar-ADIT pescoço-usar-3sg-NFP/EV-F/PF
'Ela pegou e usou o colar (de penas)'

(511) uaiekia kuataliẽna uiliouna

ua- ieki -a kuata-li -ẽn -a
2POSS-RN-SF copo-?-cavo-SF
uil **-iou** -ø -na
ser bonito-boca-3sg-NFP/EV
'O seu copo é bonito'

(512) sauaiousĩná

sa- ua **-iou** -sĩ -ná
INST-abrir girando-boca-COP-1sg/NFP
'Eu girei a torneira'

(513) ^{ʔ}taina sanẽhainá

^{ʔ}tai-na sa **-nẽ** -hai -ná
1sg-LC INST-cabeça-abrir-1sg/NFP
'Eu abri a torneira'

Ainda que o objeto seja expresso como um lexema livre, pode haver sua incorporação no verbo, demonstrando um tipo duplo de marcação que revela concordância entre os dois termos:

(514) ina taiu^{ʔ}kia iu^{ʔ}kũʔsahẽla

in -a ta -iu -^{ʔ}ki -a **iuk** -ũʔ -sa -ø -hẽ -la
raia-SF 1POSS-pé-CL:ósseo-SF pé- furar-1obj -3sg-PASS/EV-M/PF
'A raia furou meu pé'

(515) tiahlana anm̃^{ʔ}ika nm̃tauia

tiahla-na a- nm̃ -^{ʔ}ki -a **nm̃** -tau -ia
3sg/M-LC 3POSS-braço-ósseo-SF braço-picar -SV
'(A cobra) picou o braço dele'

(516) anɰ̃ʔkia nɰ̃kaluia

a- nɰ̃ -ʔki -a **nɰ̃-** kalu -ia
INAL-braço-ósseo-SF braço-ser.sujo/fedido-SV
'O braço que está fedido'

A incorporação de lexias que não representam nomes de parte do corpo também acontece no verbo, embora tenha sido pouco verificada nos dados analisados. Em geral, esse tipo de construção acontece mediante o auxílio de nominalizadores e sufixos finais de valor referencial típicos dos nominais, indicando mudança de categoria. Também acontecem composições de nome-verbo, ocasião em que o verbo nominaliza-se. A dificuldade de se traduzir esse tipo de estrutura está no fato de que os nomes resultantes desses arranjos aproximam-se semanticamente de formas apassivadas ou infinitivas de verbos[128]:

(517) iaʔksilitea

iaʔk -sili -te -a
caititu-assar-NOM-SF
'caititu assado'

(518) houʔiuouounãutesu

houʔi-uɰ̃uɰ̃uɰ̃ -nãu -te -su
banhar-IDEO -flexível-NOM-SF
'ação de passar o sabonete no corpo'

(519) nẽhẽinátea

nẽ -hẽi -ná -te -a
cabeça-colocar-1sg/NFP-NOM-SF
'ato de colocar (algo) na minha cabeça'

(520) kuikuikianaũntesu

kuikui -ki -a -naũn -te -su
pocã do mato-redondo-SF-ser doce-NOM-SF
'pocã do mato que é doce'

[128] Arranjos maiores envolvendo sufixos nominais em verbos e sua nominalização foram verificados muito mais facilmente na fala dos manairisu mais velhos. É possível que cláusulas inteiras contendo verbos e toda uma série de argumentos sejam nominalizados nessa língua. A atitude de nominalizar trechos de texto e ações completas parece estar se reduzindo entre os mais jovens, mas ainda é bastante operante entre os indígenas mais velhos. O exemplo da palavra relógio, abaixo, o qual é praticamente a nominalização de uma holofrase, foi dito por um Manairisu de meia idade:

haihikũhnákitesu

hai -hiʔk -ũh -ná -ki **-te** -su
segurar-mão-usar-1sg/NFP-redondo-NOM-SF
'relógio'

2.2.3.4 Raiz verbal

As raízes verbais dividem-se em dinâmicas e estativas, por critérios semânticos. Como revelado anteriormente, podem ser monossilábicas, dissilábicas, trissilábicas ou quadrissilábicas. Podem unir-se a algum aplicativo formando com ele o radical verbal e associar-se a outras raízes resultando em serialização de ações ou tipos de compostos verbais, com um dos verbos atuando como auxiliar:

(521) ʔtaina iaukaʔt ãą̃ininánhẽ
ʔtai-na au -kaʔt **ã-** ą̃i -ni -ná -hẽ
1sg-LC faca-longo levar -ir -? -1sg/NFP-PASS/IMPF
'Eu levei a faca'

(522) uãina haisa koua aufiʔilialiti
uãi-na hais-a kou-a aut **-ĩʔi** -li -ali -ti
2sg-LC roça-SF terreiro-SF ir(col)-chegar-PL-2sg-INTER
'Vocês chegaram da roça?'

(523) ʔtuhtalunãa autuãliaina
ʔtuh -talu -nã -a aut **-uã** -li -ai -na
mulher-SEX/F-GR-SF ir(col)-vir-PL-3desc-NFP/EV
'A meninada está vindo'

(524) luka ahla iaʔkataa aʔkatu asaiĩʔitiula
luka ahla iaʔk -a -ta -a
Luca PRON/M caititu-SF-AUM-SF
aʔ -katu a- sai- **ĩʔi** -ø -ø -tiu -la
matar-FINAL AG-tirar-chegar-3bj-3sg-PASS/EN-M/PF
'Luca matou, tirou e chegou com o porcão'

(525) uẽnsa heiʔialuʔkisatiu
uẽns-a heiʔ **-ialuʔ** -ki -ø -sa -tiu
criança-SF ter fome-morrer-ben/alv/font-3sg-SE-PASS/EN
'A criança morreu de fome'

2.2.3.5 Raiz nula verbal (RNV)

O Hahãintesu apresenta ainda uma raiz nula verbal {**nẽ**}, com função referencial, de uso muito comum na língua, sobretudo em narrativas, e que pode abarcar toda a morfologia sufixal tipicamente destinada aos verbos nucleares de uma cláusula. Ela substitui um verbo proferido, anteriormente, ou indica que aquela ação descrita pelo verbo trata-se de informação velha.

Uma análise preliminar apontou que alguns conectivos podem ancorar-se nessa raiz nula, como {**nẽ**ka^{ʔ}te}, que marca aversão, ou o interjectivo {**nẽ**aha^{ʔ}tai}, que pode ser traduzindo como 'então', para evitar a repetição do verbo principal da cláusula como suporte do conectivo. É importante frisar que, nos dados analisados, a raiz nula mostrou-se mais propensa a substituir verbos de moção, como {**a̱i**} 'ir' ou {**uã**} 'vir', o que pode indicar que o verbo da anáfora não seja, necessariamente, o referente da cláusula mais próxima, ao menos em textos.

O exemplo (528) é bastante ilustrativo. Ele apresenta três orações justapostas. A primeira, mais à esquerda, estabelece relação causativa com a segunda. Mas, o verbo comer, na segunda cláusula, está no modo imperativo. A terceira, por conseguinte, retoma a primeira, mas evita a repetição do verbo mandar, substituindo-o pelo {**nẽ**}, anaforicamente:

(526) (...) nẽaha^{ʔ}tai ekinátiukalu (...)
nẽ-aha^{ʔ}tai **e** **-**ki **-**ø **-**ná -tiu -kalu
RNV-INT falar-ben/alv/font-3obj-1sg/NFP-PASS/EN -EXP
'Aí, eu falei com ele' (trecho de mini texto)

(527) ĩseti^{ʔ} nẽsa ĩsaisĩ
ĩ- seti^{ʔ} **nẽ** -sa ĩ -sai -sĩ
Loc-conter pouco RNV-ADIT Loc-tirar-DEC
'Tem pouca (água) dentro para tirar' (Lit: Tem pouca água para tirar o que tem)

(528) uẽnsa kuaiahãnáli iaituli nẽnali
uẽns -a kuaiahã -ø -ná -li
criança-SF mandar -3obj-1sg/NFP-M/PF/EFR
iai -tu -li **nẽ** -ø -ná -li
comer-IMP-M/FOR RNV-3obj-1sg/NFP-M/PF/EFR
'Eu mandei a criança comer' (Lit: Eu mandei a criança: coma! Eu mandei.)

(529) uãina uãina nẽnasa a̱uthĩnati
uãi-na uãi-ina **nẽ** -na -sa a̱ut -hĩ -na -ti
2sg-LC 2sg-LC RNV-NFP/EV-ADIT ir(col)-ED-NFP/EV-INTER
'Quem vai, você ou você?'

2.2.3.6 Sufixos de *status* argumental

Nesta classe encerram-se os demonstrativos, os objetos benefactivos e os causativos, os quais relacionam-se diretamente com os argumentos sujeitos e objetos como referenciadores,

indicadores de causatividade ou marcadores dêiticos discursivos, além dos indicadores numerais e os anafóricos pronominais reflexivos e recíprocos, os quais são mais opcionais e, normalmente, apresentam-se em ocasião da ausência dos pronomes livres na cláusula. Além deles, há o sufixo estativo que, como o nome diz, indica a estatividade do sujeito ou do objeto. De acordo com Telles (2002, p. 246), esses morfemas diferenciam-se dos demais sufixos verbais por apresentarem funções gramaticais distintas, tendo sempre como escopo a própria cláusula, e por apresentarem a propriedade de substituírem alguns dos argumentos da cláusula, demonstrando função anafórica. Em Latundê/Lakondê, eles ocupam a posição imediatamente após o sufixo objetivo. Em Hahãintesu, há maior variabilidade de posição dentro da cláusula. São eles:

a) Demonstrativo: os sufixos demonstrativos também atuam junto ao verbo, tendo como referência algum argumento da cláusula. Como acontece na classe aberta de demonstrativos, a distância, ou o lugar específico de referência, podem ser definidores do tipo de demonstrativo adotado em cada cláusula onde eles aparecem:

(530) tiahlana sĩhiena iąute?lia
tiahla-na sĩh -ien -a iąu-te? -li -a
3sg/M-LC casa-INC:rosto-SF ficar-DEM-PL-SV
'Eles ficaram lá na aldeia'

(531) ?taina ãnihĩna sĩa sĩhkaĩnte?na iąunáhẽ
?tai-na ãni-hĩna sĩ -a sĩh- kaĩn -te? -ø -na
1sg-LC pass-temp DEM-SF INC:casa-ser muito-DEM-3sg-NFP/EV
iąu -ná -hẽ
ficar-1sg/NFP -PASS/IMPF
'Eu morava naquela casa grande'

b) Objeto benefactivo: de acordo com Kroeker (2001, p. 07), alguns verbos prescindem de um segundo objeto, como o verbo dar, por exemplo. Para outros verbos ativos da língua, o sufixo benefactivo e de alvo fonte é {-ki} e classifica-se como aplicativo verbal, como fora visto anteriormente. O objeto benefactivo em questão é {-sa} e liga-se diretamente aos argumentos verbais, embora não seja compulsório. Esse morfema não funciona necessariamente como um objeto indireto, pois, ele pode indicar a direção ou alvo da atenção do falante ou aumentar a valência de verbos intransitivos e transitivos. Em cláusulas que contam com sujeito e objeto sufixais, o objeto benefactivo se interpõe entre esses argumentos, como acontece nos exemplos

(535), (536) e (537). Com o verbo ditransitivo {-ũ} (dar/entregar/emprestar/doar/presentear) ele é mais comum, no entanto:

(532) uãina ekiiaisanáli
uãi-na e -ki -iai **-sa** -ná -li
2sg-LC falar-ben/alv/font-comer-OB-1sg/NFP-M/PF/EFR
'Eu falei para você comer' (Falando para um homem)

(533) uãikala iaisaninali
uãi-ka-la iai **-sa** -ni -na -li
2sg-ENF-EXC comer-OB-2sg-NFP/EV-M/PF/EFR
'Você já comeu!' (Falando para um homem)

(534) uãina uetsaninĩ iaisananĩ
uãi-na uet **-sa** -ni -nĩ iai **-sa** -ø -na -nĩ
2sg-LC fazer-OB-2sg-F/PF/EF comer-OB-3sg-NFP/EV-F/PF/EFR
'Você preparou e ele comeu' (Falando para uma mulher)

(535) uanũ uãina kuą̃likisasanili
uanũ uãi-na kuą̃li -ki -sa **-sa** -ni -li
PERM 2sg-LC rir -ben/alv/font-1obj-OB-2sg-M/PF/EFR
'Você pode rir de mim'

(536) ʔtaina iuhkaʔt soʔnũla ũasanáli
ʔtai-na iuh-kaʔt soʔ -nũ -la
1sg-LC faca-longo pegar-CONT-M/PF/EFR
ũ -a **-sa** -ná -li
dar-2obj-OB-1sg/NFP-M/PF/EFR
'Eu pegue e dei a faca para você' (Falando para um homem)

(537) uãliakaloa ũasanána
uã -li -a -kalo -a ũ -a **-sa** -ná -na
roupa-?-SF -liso -SF dar-2obj-OB-1sg/NFP-F/PF
'Eu te dei a camisa' (Falando para uma mulher)

(538) ʔtaina ũsaná
ʔtai-na ũ -ø **-sa** -ná
1sg-LC dar-3obj-OB-1sg/NFP
'Eu dei (algo) a ele'

c) Sufixos Estativos (SE): são tipos específicos de morfemas que indicam inatividade do sujeito em verbos estativos e adjetivais. A primeira pessoa do singular distingue-se da terceira através da variação melódica provocada pela inserção do componente tonal sobre a vogal baixa do sufixo estativo {-sa}, o qual altera o seu tom para alto. Todas as outras pessoas são

acompanhadas pelo sufixo estativo não obrigatório {-la}, como o sufixo argumental de segunda pessoa do singular e o morfema zero de terceira pessoa do singular e plural de verbos estativos cognitivos e de alguns adjetivais. A terceira pessoa singular estativa pode ser seguida, também, do sufixo estativo {-la}.

É importante comentar que, em sua gramática da língua Nambikwára, Kroeker (2001, p. 8-9), destaca que a oração estativa: *"expressa um estado no qual o paciente (a pessoa que experimenta o estado descrito) é o objeto gramatical da oração e aquilo que se experimenta funciona gramaticalmente como sujeito.* Nesse tipo de cláusula, o sufixo objetivo de primeira pessoa é seguido por um sufixo {-nha}, que indica algo interno ao paciente, uma sensação, por exemplo. Os sujeitos de primeira pessoa de verbos estativos em Hahãintesu não apresentam marca semelhante. Além disso, o mesmo *slot* que suporta o sufixo descrito por Kroeker é preenchido pelo sufixo temporal {-na}, nessa língua do Vale. Nos exemplos que seguem, a glosa fonética indica as alturas tonais como [ˊ], para o tom alto e [¯], para o tom *default*:

(539) [jɑ̰ˈl̰usāna]
iɑ̰lusana
iɑ̰lu -ø **-sa** -na
ter sede-3sg-SE-M/NFP
'Ele está com sede'

(540) [jɑ̰ˈl̰usáhna]
iɑ̰lusána
iɑ̰lu **-sá** -na
ter sede-1sg/SE-M/NFP
'Eu estou com sede'

(541) [ˈwẽnsa jaˈluʔkisãna]
uẽnsa ialuʔkisana
uẽn-sa ialuʔ -ki -ø **-sa** -na
criança-SF morrer-ben/alv/font-3sg-SE-M/NFP
'A criança morreu'

(542) [ˈheiʔᵗsáhnĩ:]
heiʔsánĩ
heiʔ **-sá** -nĩ
ter fome-1sg/SE-F/NFP/EFR
'Eu estou com fome'

(543) heiʔalana
hei ʔ -a **-la** -na
ter fome-2sg-SE-M/NFP
'Você tá com fome'

(544) tiahlinaʔãna uiltililana
tiahla-inaʔãna uil -tili -ø **-la** -na
3sg/M-COL ser bonito-PL -3sg-SE-M/NFP
'Eles são bonitos'

(545) ʔtãualinaʔãna uiltililana
ʔtãuala-inaʔãna uil -tili **-la** -na
1sg(INC)-COL ser bonito-PL-SE -M/NFP
'Nós somos bonitos'

d) Causativo: o sufixo {-ti} indica o resultado de uma ação voluntária, causa da ação de um sujeito sobre um determinado objeto, enquanto que os causativos {-li} ~ {-ni}, ou a ausência morfológica de um marcador, indicam que a ação descrita é involuntária.[129] Em todo caso, a restrição semântica parece implicar num número pequeno de verbos afeitos ao recebimento desses morfemas[130]. Seguem exemplos dos tipos relatados:

(546) hanẽa ũliia
hanẽ-a ũ **-li** -ia
fogueira-SF apagar-CAUS-SV
'A fogueira apagou'

(547) anũa hanẽa ũtiia
anũ -a hanẽ -a ũ **-ti** -ia
índio-SF fogueira-SF apagar-CAUS-SV
'O índio apagou a fogueira'

(548) ioukuą̃lisanáa
iou- kuą̃li -sa -ná -a
INC:boca-rir -OB-1sg/NFP-M/IMPF
'Estou rindo'

[129] Em Hahãintesu, diante de sugestões de tradução de exemplos do português para cláusulas que indicavam causatividade, envolvendo um sujeito de primeira sobre um de terceira pessoa, do tipo '*Eu fiz o menino comer*' pareceram estranhas aos indígenas consultados e não se mostraram possíveis de tradução, pelo menos através do uso de morfemas causativos. O que ocorreu para esse tipo de cláusula foi que, em todos os casos elicitados, os manairisu consultados mostraram entender que um agente de primeira pessoa só pode causar mudança de comportamento de um paciente de segunda pessoa, nunca de terceira.

[130] Com exceção dos tipos de construções de verbos seriais, as quais não fazem uso de morfemas específicos com fins de causativização.

(549) ioukuą̃litiiñ̃
iou- kuą̃li -**ti** -i -ñ̃
INC:boca-rir-CAUS-2sg-F/NFP/EFR
‘Você é engraçada’ (Eu fiz você rir)

(550) taka?tehẽna ãtuttiná
ta- ka?teh -ẽn -a ãtut -**ti** -ná
1POSS-copo-cavo-SF quebrar-CAUS-1sg/NFP
‘Eu quebrei meu copo’

(551) tasĩha ounisĩtá
ta- sĩh -a ou -**ni** -sĩ -tá
1POSS-casa-SF queimar-CAUS-COP-PASS/EN
‘Minha casa queimou’ (Minha casa está queimada)

(552) ?taina sĩha outinála
?tai-na sĩh -a ou -**ti** -ná -la
1sg-LC casa-SF queimar-CAUS-1sg/NFP-M/PF
‘Eu queimei minha casa’

(553) ita i?hãia
it-a i? -hã -ia
vento-SF soprar-DEC -SV
‘O vento soprou’

(554) ?tuha hanẽa i?tiia
?tuh-a hanẽ-a i? -**ti** -ia
mulher-SF fogueira-SF soprar-CAUS-SV
‘A moça soprou a fogueira’

Ainda, foi possível verificar um tipo de causativização lexical que resulta do uso do verbo falar em construções de verbos seriais. Nesse tipo de construção, o morfema benefactivo/alvo/fonte se interpõe entre os dois verbos, mas, o primeiro deles tem função auxiliar. Esse tipo causativo só se manifesta entre a primeira e a segunda pessoa:

(555) uãina ekiiaisanali
uãi-na **e**- ki- iai -sa -na -li
2sg-LC falar-ben/alv/font-comer-OB-NFP/EV-M/PF/EFR
‘Eu fiz você comer’

(556) uãina ekisisaninali
uãi-na **e**- ki- si -sa -ni -na -li
2sg-LC falar-ben/alv/font-levantar-OB-2sg-NFP/EV-M/PF/EFR
‘Eu fiz você levantar’

e) Número: há três morfemas que adicionam pluralidade ao verbo, {-ti}, {-li} e {-tili}. Eles são acionados, geralmente, quando os pronomes livres estão ausentes da cláusula ou quando esses estão na forma singularizada, mas a cláusula exprime pluralidade. Mesmo assim, podem ocorrer com o sem a presença de pronomes livres:

(557) tiahlana sĩhiena iąuteʔlia
tiahla-na sĩh -ien -a iąu -teʔ **-li** -a
3sg/M-LC casa-INC:rosto-SF ficar-DEM-PL-SV
'Eles ficaram lá na aldeia'

(558) uẽnlinãa nątia
uẽn -li -nã-a nąˉ **-ti** -a
criança-?-PL-SF chorar-PL-SV
'Crianças chorando'

(559) kiĩita uãuãia kaĩnlia
kiĩit -a uãuãi -a kaĩn **-li** -a
esp. marimbondo-SF esp. marimbondo-SF ser muito-PL-SV
'São muitos marimbondos (das duas espécies)'

(560) sĩha outilia
sĩh -a ou **-tili** -a
casa-SF queimar-PL-SV
'As casas queimaram'

(561) ʔtaikata kaĩnsĩiliná
ʔtai-kata kaĩn -sa ĩ **-li** -ø -ná
1sg-ENF ser muito-ADIT ver-PL-3obj-1sg/NFP
'Eu vi muitos (peixes)'

(562) tiahlana kuale uãtilia
tiahla-na kuale uã-**tili**-a
3sg/M-LC 'agora/já' vir-PL-SV
'Eles já vieram'

(563) uãininaʔãna haisa autlia
uãi-na-inaʔãna hais-a aut **-li** -a
2sg-LC-COL roça-SF ir(col)[131]-PL-SV
'Vocês foram para a roça'

[131] Existem algumas raízes verbais que indicam ação coletiva, como {-aut}, 'ir'.

f) Reflexivo: a reflexividade pode se dar por adição de um classificador verbal em determinados tipos de verbos, como visto na sessão que tratou dos aplicativos, ou por adição de um sufixo reflexivo à raiz verbal, {nu-}:

(564) ʔtaina soli ũʔnukihnána
ʔtai-na soli ũʔ **-nu** -kih -ø -ná -na
1sg-LC adv.só/mesmo cortar-REFL-CV-3obj-1sg/NFP-F/PF
'Eu cortei minha própria mão'

(565) ʔtaina soli ununána uailiẽna
ʔtai-na soli u **-nu** -ná -na uai -li -ẽn -a
1sg-LC adv.'só' furar-REFL-1sg/NFP-F/PF espinho-?-CL:cavo-SF
'Eu me furei com o espinho'

g) Recíproco: o sufixo de status argumental que indica que uma ação se desenvolve de maneira recíproca entre os agentes verbais é {-naiu}:

(566) tiahlinaʔãna alatilinaiua
tiahla-inaʔãna ala -tili **-naiu** -a
3sg/M-COL abraçar-PL-RECIP-SV
'Eles se abraçaram'

(567) tiahlana talana iutũhnaiua
tiahla-na tala-na iutũh **-naiu** -a
3sg/M-LC 3sg/F-LC beijar-RECIP-SV
'Eles se beijaram'

(568) tiahlana talana ũilihnaiua
tiahla-na tala-na ũilih **-naiu** -a
3sg/M-LC 3sg/F-LC fazer sexo-RECIP -SV
'Eles fizeram sexo'

(569) tiahlinaʔãna ahiʔkia uaitikihnaiua
tiahla-inaʔãna a- hi -ʔki -a
3sg/M-COL 3POSS-mão-ósseo-SF
uaiti -kih **-naiu** -a
apertar as mãos-CV-RECIP -SV
'Eles apertaram as mãos'

2.2.3.7 Sufixos modais/aspectuais

Os modificadores verbais sufixais alteram, salientam ou adicionam informação ao significado da cláusula. São tratados como sufixos de status adverbial e podem ter correspondentes entre os nomes adverbiais livres. São eles:

Repetitivo: há dois sufixos com valor adverbial de repetitivo em Hahãintesu. Um deles é {-ḭ}, o qual indica que uma ação é repetida várias vezes antes de se completar, como girar uma torneira. Esse sufixo é indicativo de que a ação repetida se prolongou no tempo:

(570) anũa iiąua kaĩnį̰nąi
anũ -a i -iąu -a kaĩn **-ḭ** -nąˀ -ø -i
índio-SF água-líquido-SF ser muito-REPET-beber-3sg-EFR
'O índio continua bebendo água'

(571) hãuʔḭá
hãuʔ **-ḭ** -á
dormir-REPET-1sg/NFP
'Dormi de novo'

(572) iouhaiį̰nũla iouĩná
iou- hai **-ḭ** -nũ -la
INC:boca-abrir-REPET-CONT-M/PF
iou -ĩ -ná
INC:boca-fechar-1sg/NFP
'Eu abri de novo e fechei'

(573) sauatiliį̰sĩ iouhainá
sa- ua -tili **-ḭ** -sĩ iou- hai -ná
INST-girar-PL-REPET-DEC INC:boca-abrir-1sg/NFP
'Eu abri a porta girando (a maçaneta)'

O segundo tipo de sufixo repetitivo, {-sã}, indica que uma ação já foi finalizada no passado e está sendo novamente realizada. No exemplo (577), é possível ver a congruência dos dois tipos de repetitivo, pois a ação de comer, que é continuativa, está também sendo repetida:

(574) hãuʔinisãtelái
hãuʔi -ni **-sã** -tel -á -i
dormir-IMIN-REPET-DES/1sg/NFP-M/IMPF/EFR
'Eu vou dormir de novo'

(575) nąsãáli
na -**sã** -á -li
beber-REPET-1sg/NFP-M/PF/EFR
‘Eu bebi (chicha) de novo’

(576) ʔtausãnána
ʔtau -**sã** -ʔ -ná -na
trabalhar-REPET-NEG-1sg/NFP-F/PF
‘Não vou trabalhar de novo’

(577) iaiį̃nisãtelai
iai -į̃ -ni -**sã** -tel -á -i
comer-REPET-IMIN-REPET-DES-1sg/NFP-M/IMPF/EFR
‘Eu vou comer de novo’

(578) ʔtaina tiufisãtelai
ʔtai-na tiufi -**sã** -tel -á -i
1sg-LC alimentar-REPET-DES-1sg/NFP-M/IMPF/EFR
‘Vou me alimentar de novo’

Inclusivo: a forma sufixal {-nũ} expressa a inclusão do participante na ação ou estado do verbo. Esse sufixo é formalmente idêntico ao sufixo continuativo, porém, ocupa o slot imediatamente após a raiz, enquanto que o continuativo sucede os sufixos pessoais:

(579) uãnũnátui
uã -**nũ** -ná -tu -i
vir-INC-1sg/NFP-FUT-M/IMPF/EFR
‘Eu também virei’

(580) aʔnũáli
aʔ -**nũ** -á -li
matar-INC-1sg/NFP-M/PF/EFR
‘Eu também matei’

(581) hę̃lia iokuąisána naũnnũna
hę̃ -li -a iokuąi -sá -na naũn -**nũ** -ø -na
caju-ʔ-SF gostar-1sg/SE-M/NFP ser doce-INC-3sg-M/NFP
‘Eu gosto de caju porque ele é doce também’

Negação: a expressão negativa apresenta variações para as três pessoas do discurso, realizando-se, para a primeira e para a terceira pessoa, mediante a entrada de um morfema negativizador {-ʔ}. A negação, assim, pode se realizar apenas pela inserção desse morfema imediatamente

após a raiz verbal, ou imediatamente antes ou depois do sufixo pessoal objetivo ou do sujeito de verbos estativos, o que pode ser facilmente reconhecido, foneticamente, através de uma pequena pausa na pronúncia. Os exemplos seguintes apresentam o contraste entre a forma afirmativa e a negativa, foneticamente, apenas pela inserção do morfema pós raiz verbal:

(582) [ˈwiˌnàa]
uil -ø -nà -a
ser bom-3sg-NFP/EVC-M/IMPF
‘Ele é bom’

(583) [ˈwiɾʔnà]
uil -ʔ -ø -nà
ser bom-NEG-3sg-NFP/EVC
‘Ele é ruim’ (Ele não é bom)

(584) [ˈjũnʔnà]
iũnʔ-ø -nà
ter -3sg-NFP/EV
‘Tem’ (açaí no cesto)

(585) [ˈjũnʔʔnà]
iũnʔ-ʔ -ø -na
ter -NEG-3sg-NFP/EV
‘Não tem’ (açaí no cesto)

(586) [ˈheiʔᵗsana]
heiʔ -ø -sa -na
ter fome-3sg-SE -M/NFP
‘Ele está com fome’

(587) [ˈheiʔʔsana]
heiʔ -ʔ -ø -sa -na
ter fome-NEG-3sg-SE-M/NFP
‘Ele não está com fome’

A inserção do morfema de negação após a raiz verbal, no entanto, pode causar a mudança tonal dos morfemas pessoais que o seguem, os pessoais de primeira pessoa {-ná} e de terceira pessoa {-a}, com abaixamento e laringalização da vogal baixa.

A primeira pessoa negativa de verbos estativos, no entanto, apresenta uma diferença. Para essa pessoa, o morfema negativo, que é inserido após o sufixo que conjuga estatividade e

pessoa, também é seguido do morfema {-na}, e tipifica a primeira pessoa singular para os verbos ativos na língua. Nesses casos em que já existe um morfema {-sá}, indicativo de primeira pessoa estativa, o sufixo pós negação evidencia-se como um morfema *dummy*, ou uma cópia semanticamente vazia para, assim, manter as distinções de pessoa conforme as regras de alinhamento pronominal do sistema de caso:

(588) heiʔsána
hei ʔ -sá -na
ter fome-1sg/SE-M/NFP
'Eu estou com fome'

(589) heiʔsáʔnana
hei ʔ -sá -ʔ -na -na
ter fome-1sg/SE-NEG-dum-M/NFP
'Eu não estou com fome'

(590) ʔtaikata hãuʔisánai
ʔtai-kata hãuʔi -sá -na -i
1sg-ENF ter sono-1sg/SE-M/NFP-M/EFR
'Eu estou com sono'

(591)ʔtaikat̰a hãuʔisáʔnana
ʔtai-kat̰a hãuʔi -sá -ʔ -na -na
1sg-ENF NEG ter sono-1sg/SE-NEG-dum-M/NFP
'Eu não estou com sono'

O *slot* preferencial para a inserção da negação é o campo logo após a raiz verbal. Em razão disso e, apenas para a primeira pessoa de verbos estativos, o sufixo negativo pode se posicionar, também, imediatamente após a raiz. Fonologicamente, quando isso ocorre, tanto o morfema indicativo de pessoa e estatividade quanto o *dummy* têm seu tom abaixado, laringalizando-se. Esse movimento, porém, não altera o resultado semântico final:

(592) [jɑ̰ˈl̰usáhna]
iɑ̰lu -sá -na
ter sede-1sg/SE-M/NFP
'Estou com sede'

(593) [ˈɗaikaʔt̰ɑ̰ jɑ̰ˈluʔsɑ̰nɑ̰ʰna]
ʔtaikaʔt̰ɑ̰ iɑ̰luʔsánana
ʔtai-kaʔt̰ɑ̰ iɑ̰lu -ʔ -sá -na -na
1sg-ENF-NEG ter sede-NEG-1sg/SE-dum-M/NFP
'Eu não estou com sede'

(594) [ˈɗaikatą̰ hãuʔˈiʔsą̰nàhna]
ʔtaikaʔtą̰ hãuʔiʔsánana
ʔtai-kaʔtą̰ hãuʔi -ʔ -sá -na -na
1sg-ENF-NEG dormir-NEG-1sg/SE-dum-M/NFP
‘Eu não vou dormir’

(595) [ˈɗaikaɗą̰ ˈheiʔʔsą̰nàhna]
ʔtaikaʔtą̰ heiʔʔsánana
ʔtai -kaʔtą̰ heiʔ -ʔ -sá -na -na
1sg-ENF/NEG ter fome-NEG-1sg/SE-dum-M/NFP
‘Eu não estou com fome’

(596) [ˈɗaina ˈjũnʔʔsàná]
ʔtai-na iũnʔ -ʔ -sá -na
1sg-LC ter -NEG-1sg/SE-M/NFP
‘Eu não tenho’

(597) [ˈiją̰ua ãˈkaa ˈnąnáhẽ nẽˈkaɗe ją̰ˈluʔsą̰nàhna]
iią̰ua ãkaa nąnahẽ nẽkaʔte ią̰luʔsanána
i -ią̰u -a ãkaa ną̰ -ná -hẽ nẽ-kaʔte
água-líquido-SF adv:pass beber-1sg/NFP-PASS/IMPF RND-ADVERS
ią̰lu -ʔ -sá -na -na
ter sede-NEG-1sg/SE-dum-F/PF
‘Eu bebi água, mas não estou com sede’

A segunda pessoa diferencia-se das outras duas porque sua negação é marcada pela adição do morfema negativo {-(n)a}, e não pelo sufixo negativo {-ʔ} comum às outras duas pessoas do discurso. Ele contrasta com o sufixo pessoal de primeira pessoa, o qual se manifesta foneticamente como [-ną̰] e também com o sufixo pessoal de terceira pessoa, o qual se realiza como [-ą̰], na superfície, através do alomorfe {-a}. O abaixamento do tom nos morfemas pessoais de primeira e terceira pessoas é decorrente da inserção do sufixo negativo à sua esquerda, na cláusula. Embora a negação seja codificada pelo morfema oclusivo {-ʔ}, para essas duas pessoas, ela se realiza, foneticamente, como as formas conjuntas [-ʔną̰] e [-ʔą̰], para marcar contraste com a segunda pessoa negativa {-n(a)}. Na subjacência, no entanto, os sufixos {-ná} e {-a}, mantêm as suas qualidades, como indicadores de pessoa e tempo/evidencialidade, enquanto que o sufixo de segunda pessoa apresenta valores de pessoa e negação. As pessoas plurais apresentam a mesma forma negativa destinada às formas singulares e caracterizam-se apenas pela inserção da morfologia de número e pessoa específicas:

Quadro 30 – Contraste, na superfície, entre as três pessoas da negação

1p	2p	3p
[ʔnə̀] ◄	[na] ~ [a]	► [ʔə̀]

Quadro 31 – Modelo morfológico mostrando o que acontece na subjacência de cláusulas negativas

Pessoas	Negação em verbos ativos ou estativos transitivizados	Negação em verbos estativos
1p	{-ʔ} (sufixo negativo) + {-ná} (primeira pessoa + tempo/evidencialidade)	{-ʔ} (sufixo negativo) + {-na} (morfema *dummy*)
2p	{-na} ~ {-a} (segunda pessoa da negação)	{-na} ~ {-a} (segunda pessoa da negação)
3p	{-ʔ} (sufixo negativo) + {-a} (tempo/evidencialidade)	{-ʔ} (sufixo negativo) + {-a} (tempo/evidencialidade)

A proposta de um modelo descritivo para a negação em Hahãintesu deve considerar o seguinte padrão: a) *simetria* marcada pela presença da oclusão glotal nas construções negativas de primeira e terceira pessoa e por {n(a)} em construções negativas de segunda pessoa; b) *assimetria* no paradigma de primeira e terceira pessoa promovida pela mudança de tom. Ou seja, a marca de negação é uma só, a oclusão glotal, mas ocorre uma mudança no paradigma dos morfemas pessoais (MIESTAMO 2010). Os exemplos que seguem mostram a expressão fonética da negação, entre colchetes, e sua representação fonológica para as três pessoas do discurso:

Primeira Pessoa:

(598) [ˈteʔnaʔnə̀na]
te ʔ -na -ʔ -ná -na
querer-2obj-NEG-1sg/NFP-M/NFP
‘Não quero você’

(599) [ˈɗainã joˈkwa̰iʔna̰na]
ʔtai-na io̰kua̰i -**ʔ** -ø -ná -na
1sg-LC gostar-NEG-3obj-1sg/NFP-M/PF
‘Eu não gosto dela’

(600) [haʔˈɗena̰a ˈsoʔʔna̰hẽ]
haʔte -na̰ -a soʔ -**ʔ** -ø -ná -hẽ
dinheiro-INC:folha-SF pegar-NEG-3obj- 1sg/NFP-PASS/IMPF
‘Eu não peguei o dinheiro’

(601) [ĩˈnũʔna̰na]
ĩ -nũ -ø -**ʔ** -ná -na
ver-INC-3obj-NEG-1sg/NFP-F/PF
‘Eu também não o vi’

(602) [ko̰uʔˈiʔna̰hna]
ko̰uʔi -ø -**ʔ** -ná -na
fazer roça-3obj-NEG-1sg/NFP-F/PF
‘Eu não faço roça’

Segunda Pessoa:

(603) [ˈwãina ko̰ˈko̰lanana]
uãi-na ko̰ko̰ -la -**na** -na
2sg-LC ser feio-SE-2NEG-F/PF
‘Você não é feia’

(604) [ˈwãina ˈũsananali]
uãi-na ũ -sa -**na** -na -li
2sg-LC dar-1obj-2NEG-NFP/EV-M/PF
‘Você não me deu’

(605) [ˈwãina haʔˈena̰a ˈjũnʔanai]
uãi-na haʔte -na̰ -a iũnʔ -**a** -na -i
2sg-LC dinheiro-INC:folha-SF ter -2NEG -M/NFP -M/IMPF/EFR
‘Você não tem dinheiro’

(606) [ˈwaika ˈnẽ ˈjũnʔnanasĩn]
uãi-ka nẽ iũnʔ -**a** -na -sĩ
2sg-ENF NEGAT ter -2NEG-NFP/EV-COP
‘Você é pobre’ (Você não tem)

Terceira Pessoa:

(607) [jãˈnala ˈjũnʔʔa̰hẽ saˈwena]
iãna-li-a iũnʔ -ʔ -ø -a -hẽ sau -ien -a
onça-?-SF ter-NEG-3sg-NFP/EV-PASS/IMPF mata-rosto-SF
‘Não tinha onça na mata’

(608) [ˈa̰ina ajekaˈloa ˈjũnʔa̰ʔia]
a̰in -a a- ie -kalo -a iũnʔ -ʔ -ø -a -ia
peixe-SF 3POSS- RN -liso -SF ter -NEG-3sg-3NEG-SV
‘Peixe que não tem escamas’

(609) [ˈjũnʔʔa̰tesu]
iũnʔ -ʔ -ø -a -te -su
ter -NEG-3sg-NFP/EV-NOM-SF
‘Não tem mais, não.’

(610) [ˈhḛra ˈteʔana ˈwilhẽn nẽˈkade ˈwaika ˈwiɾʔa̰hẽn]
hḛ-li-a teʔ -a -na uil -ø -hẽ nẽ -kaˀte
caju-?-SF DEM-SF-NFP/EV ser bom-3sg-PASS/IMPF RNV-ADVERS
uai -ki -a uil -ʔ -ø -àhẽ
açaí-redondo-SF ser bom-NEG-3sg-PASS/IMPF/EV
‘O caju era mais gostoso do que o açaí’ (O caju era gostoso, mas o açaí não)

Esse mesmo processo pode se dar com verbos ativos que, por força da perda de agentividade podem receber morfologia estativo-negativa, como acontece nas cláusulas seguintes (612) e (614), que são comparadas com outras afirmativas:

(611) a̰inála
a̰i -ná -la
ir -1sg/NFP-M/PF
‘Eu vou’

(612) a̰iʔsánana
a̰i -ʔ -sá -na -na
ir-NEG-1sg/SE-dum-M/NFP
‘Eu não vou’

(613) ˀtaikata ãkaa ahisáhẽ
ˀtai-kata ãkaa ahi -sá -hẽ
1sg-ENF adv:pass cair-1sg/SE-PASS/EN
‘Eu caí faz tempo’

(614) ʔtaika ahiʔsánahẽ
ʔtai-ka ahi -ʔ -sá -na -hẽ
1sg-ENF cair-NEG-1sg/SE-dum-PASS/EN
‘Eu não caí’

Asseverativo: o sufixo {-kai ~ -kaiʔi} indica veracidade de uma informação dada, dando ênfase à ação descrita pelo verbo, chamando a atenção do sujeito para o objeto. Os exemplos (608) e (609) mostram que, em expressões copulativas, esse morfema se converte em verbo estativo ou, ao contrário, o adverbial é uma forma derivada do verbo estativo *kaili* ‘ser verdadeiro’:

(615) kuĩa teasolikaisĩla
kʊ̃ĩ -a teasoli -**kai** -sĩ -la
anum-SF ser um-ASS-COP-M/PF/PF
‘É um anum mesmo’

(616) sauiena uailia iũnʔkaiʔinala
sau -ien -a uai -li -a iũnʔ -**kaiʔi** -ø -na -la
mata-rosto-SF cachorro-?-SF ter -ASS -3sg-NFP/EV-M/PF
‘Tem cachorro no mato mesmo’

(617) uilkaiʔisĩla
uil -**kaiʔi** -sĩ -la
ser bom-ASS-COP-M/PF
‘É gostosa mesmo (a fruta)’

(618 kuatalinãua kailisĩla
kuata -li -nãu -a **kaili** -sĩ -la
esp. de cascavel-?-flexível-SF ser verdadeiro-COP-M/PF
‘É cobra cascavel mesmo’

(619) teʔa housa kailisĩla
teʔ -a hous-a **kaili** -sĩ -la
DEM-SF macaco-SF ser verdadeiro-COP-M/PF
‘É macaco mesmo’

Dubitativo: o morfema {-tehũ} exprime noção de dúvida, incerteza, e têm função modal. Indica incerteza do falante quanto ao teor de verdade da informação veiculada. Como foi verificado para o Latundê/Lakondê, Telles (2002, p. 270) explica: “*Este morfema não é raiz independente e sua posição é medial, seguindo a raiz verbal com seus formativos locais, quando estes estão*

presentes e precedendo o sufixo de pessoa e aspecto.". No entanto, o dubitativo pode ocorrer sem a presença de um sujeito que expresse a dúvida, como no exemplo (624):

(620) heiʔtehũná
hei ʔ -**tehũ** -ø -ná
ter fome-DUB-3obj-1sg/NFP
'Eu acho que ele está com fome'

(621) heiʔtehũanáli
hei ʔ -**tehũ** -a -ná -li
ter fome-DUB-2obj-1sg/NFP-M/PF/EFR
'Eu acho que você está com fome'

(622) kaiuhsĩna uiltehũnhẽla
kaiuh-sĩn-a uil -**tehũ** -hẽ -la
bicho-carne-SF ser bom-DUB-PASS/IMPF-M/PF
'A carne parecia ser boa'

(623) aliʔtehũnáli
aliʔ-**tehũ** -ø -ná -li
sair-DUB-3obj-1sg/NFP-M/PF/EFR
'Eu acho que ele saiu (Parece que ele saiu)'

(624) ahtehũnali
ah -**tehũ** -na -li
chover-DUB-NFP/EV-EFR
'Parece que choveu'

Iminentivo: o estado de iminência de um acontecimento é marcado pelo morfema {-ni}, em verbos estativos, e {-hi}, em verbos ativos. O dubitativo {-tehũ}, foi verificado em cláusulas que tratavam de ações iminentes, embora mais raramente:

(625) ualuta iiɨ̨ua ĩsaisetiʔnisĩ
ualut-a i -iɨ̨u -a
garrafa-SF água-líquido-SF
ĩ -sai -setiʔ -**ni** -sĩ
Loc-tirar-conter-IMIN-COP
'Tirar água da garrafa quase cheia'

(626) alatiʔnisĩ
alatiʔ -**ni** -sĩ
estar cheio-IMIN-COP
'(copo) está quase cheio'

(627) setiʔnisĩ
seti ʔ -**ni** -sĩ
conter-IMIN-COP
‘(copo) quase vazio’

(628) tala a̱itelaninũnali
tala a̱i -tel -ø -a -**ni** -nũʔ -ø -na -li
3sg/F ir-DES-3sg-NFP/EV-IMIN-DEM-3sg-NFP/EV-M/PF/EFR
‘Ela está quase indo até a cidade’

(629) ahisáhihẽ
ahi -sá -**hi** -hẽ
cair-1sg/SE-IMIN-PASS/IMPF
‘Eu quase caí’

(630) ũhikihnáhinahẽ
ũ -**hi** -kih -ná -hi -nahẽ
cortar-INC:mão-CV-1sg/NFP-IMIN-PASS/IMPF
‘Eu quase cortei a mão’

Desiderativo: a noção de desejo, vontade, expressa pelo verbo {teʔ-}, ‘querer’, está na origem do sufixo adverbial desiderativo {-tel-}, o qual é largamente usado em expressões que indicam futuro próximo ou imediato. Embora o verbo *querer* seja semanticamente estativo, o sufixo desiderativo recebe os argumentos típicos do tipo de verbo que o antecede, pois é a semântica do verbo principal que define que sufixos pessoais serão apresentados pelo morfema. Dessa forma, os desiderativos recebem morfologia sufixal condizente com as pessoas pronominais de verbos ativos. Diante de verbos estativos, no entanto, o desiderativo apresenta restrições, não podendo, assim, inserir-se como auxiliar após o verbo principal, numa única sentença. A segunda pessoa singular e a terceira pessoa desconhecida são codificadas por acréscimo de morfologia sufixal logo após o morfema desiderativo. O plural é feito por justaposição de morfemas ao desiderativo:

Quadro 32 – Modelo de representação do sufixo aspectual desiderativo e as formas dos sufixos pronominais que o seguem

Desiderativo	Sufixo pessoal	
tel-	-á	1sg
	-aî	2sg

	-ø	3sg
	-ai	3desc

(631) iua haiʔkitelahẽla
iu-a haiʔ -ki -**tel** -á -hẽ -la
mel-SF cantar-ben/alv/font -DES-1sg/NFP-TI -M/PF
‘Eu vou cantar agora (a música do mel)’

(632) ũnihẽhteláia
ũni -hẽh -**tel** -á -ia
INST-cobrir-DES-1sg/NFP-SV
‘Eu vou cobrir’

(633) huaiulia saitelahẽla
huaiu-li-a sai -**tel** -á -hẽ -la
lobó-? -SF tirar-DES-1sg/NFP -TI-M/PF
‘Vou tirar lobó agora’

(634) kaiuha a̱itelaîna
kaiuh-a a̱i -**tel** -aî -na
bicho-SF ir-DES-2sg-F/PF
‘Você vai (caçar) bicho’

(635) tala a̱itelaninũʔnali
tala a̱i -**tel** -ø -a -ni -nũʔ -ø -na -li
3sg/F ir-DES-3sg-NFP/EV-IMIN-DEM-3sg-NFP/EV-M/PF/EFR
‘Ela está quase indo até a cidade’

(636) alo̱kia ietaa tala ĩnẽnẽʔkũhtelahẽla
alo̱ -ki -a ieta-a tala
tucum-redondo-SF pescoço-SF 3sg/F
ĩ- nẽnẽʔk- ũh -**tel** -ø -a -hẽ -la
Loc-orelha-usar-DES-3sg-NFP/EV-TI-M/PF
‘Ela já vai usar brinco de tucum’

(637) ãla ĩʔitelaainai
ãla ĩʔi -**tel** -ai -na -i
IMIN chegar-DES-3desc-NFP/EV-M/IMPF
‘Ele está quase chegando’

(638) tiahla a̱itelaaina
tiahla a̱i **-tel** -ai -ø -na
3sg/M ir-DES-3desc-3sg-NFP/EV
'Ele vai (para a cidade)'

(639) tiahla aũnsĩla iaitelanẽsĩla heiʔsana
tiahla aũn -sĩ -la iai **-tel** -ø -a -nẽ -sĩ -la
3sg/M comer(col)-COP-M/PF comer-DES-3pl-NFP/EV -?-COP-M/PF
heiʔ -ø -sa -na
ter fome-3pl-SE -M/NFP/IMPF
'Eles vão comer porque estão com fome'

(640) ʔtainainaʔãna ekitelaiasĩnáhẽla
ʔtai-na-inaʔãna e -ki **-tel** -a -i -a -sĩná -hẽ -la
1sg-LC-COL falar-ben/alv/font-DES-NFP/EV -? -2obj -1pl -TI -M/PF
'Nós vamos falar com você'

(641) ʔtaina tiufisãtelái
ʔtai-na tiufi -sã **-tel** -á -i
1sg-LC alimentar-REPET-DES-1sg/NFP-EFR
'Vou me alimentar de novo'

Habitual: o sufixo {-tito} expressa valor de habitualidade, recorrência e constância de um evento ou ação realizada. Pode indicar ações imperfectivas e se realizar em contextos de atividades reiteradas e ações continuativas:

(642) kaluta elititonà
kalut -a e -li **-tito** -ø -nà
morcego-SF falar-PL-HAB-3sg-NFP/EVC
'O morcego continua gritando'

(643) hãuʔititosánĩ
hãuʔi **-tito** -sá -nĩ
dormir-HAB-1sg/SE-F/PF/EFR
'Eu estou dormindo'

(644) anihĩna tala ueitkititohãi
ani-hĩna tala ueit -ki **-tito** -ø -hãi
pass-adv.temp 3sg/F fazer-ben/alv/font -HAB-3sg-REM
'Ela cozinhava bem'

(645) tauẽnsa hua̱lititosĩ
ta- uẽns -a hua̱li **-tito** -ø -sĩ
1POSS-criança-SF estudar -HAB-3sg -COP
'Meu filho está estudando muito'

Proibitivo: o sufixo {-ta} é um tipo modal de adverbial que ocupa a primeira posição após raiz e que tem escopo sobre toda a cláusula. Esse sufixo é usado em contextos em que se quer provocar a cessação de uma ação verbal. Da mesma forma como acontece com as cláusulas imperativas, não apresentam os argumentos formalmente marcados. De acordo com a entonação e a força de ilocução podem se caracterizar como formas de pedido ou de ordem:

(646) sultahẽla
sul **-ta** -hẽ -la
bater-PROIB-TI-M/PF
'Parem de brigar'

(647) nãtahẽla
nã **-ta** -hẽ -la
chorar-PROIB-TI-M/PF
'Pare de chorar'

(648) talikia aʔtahẽla kasoliasa
tali -ki -a aʔ **-ta** -hẽ -la
pedra-redondo-SF matar -PROIB -TI -M/PF
kaso -li -a -sa
cachorro-?-SF-SOD
'Parem de jogar pedra no cachorro'

Esse mesmo sufixo pode funcionar como sessativo, ou negação, em contextos indicadores de finalização de uma atividade ou que exprimem intenção de não mais realizar algo:

(649) ʔtaina talana hituta teʔsaʔnahẽ
ʔtai-na tala-na hitu-**ta** teʔ -sá -ʔ -na -hẽ
1sg-LC 3sg/F-LC sonhar-PROIB querer-1sg/SE-NEG-dum-TI
'Eu não quero sonhar com ela'

(650) ʔtaisoli ãiá aĩʔitai
ʔtai-soli ãi-á ãĩʔi **-ta** -i
1sg-só ir-1sg/NFP parar-PROIB-EFR
'Eu andei e parei'

Sessativo – o sufixo modal {-sati-} exprime o término de uma ação verbal:

(651) kaluta uaisatina
kalut -a uai **-sati** -ø -na
morcego-SF gritar-SESS-3sg-NFP/EV
'O morcego parou de gritar'

(652) uẽnsa nã̱satilana
uẽns-a nã̱ **-sati** -ø -la -na
criança-SF chorar-SESS-3sg-SE-NFP/EV
'A criança parou de chorar'

Completivo – as formas dos sufixos aspectuais {hata ~ ha} descrevem a completude de uma ação realizada. Esse sufixo ocupa o *slot* imediatamente após a raiz verbal. Pode ser interpretado com valor de objeto direto 'tudo', ou como o predicativo do objeto 'todo':

(653) uanãna tiuekinahẽ tũnhatatiu
uanãn -a ti -ue -ki -náhẽ
banana-SF DEM-deixar-ben/alv/font-1sg/PASS/IMPF
tũn **-hata** -ø -ø -tiu
chupar-COMPL-3obj.pl-3sg-PASS/PF/EN
'Chuparam todas as bananas que eu deixei aqui'

(654) tiahla ãhata tẽsa a̱itiu
tiahla ã **-hata** tẽ -sa a̱i -ø -ø -tiu
3sg/M levar-COMPL erguer-ADIT ir-3obj-3sg-PASS/PF/EN
'Ele levou tudo e se foi'

(655) ĩkalo na̱hasanitii
ĩkalo na̱ **-ha** -sa -ni -ti -i
QU:por que beber-COMPL-OB-2sg -INTER-M/IMPF/EFR
'Por que você bebeu tudo?'

(656) a̱ina iainahatanála
a̱in-a iai **-hata** -ø -ná -la
peixe-SF comer-COMPL-3obj-1sg/NFP-M/PF
'Comi o peixe inteiro'

Possibilitivo - Esse sufixo adverbial, {-hĩ}, é utilizado em construções interrogativas modais coocorrendo com o adverbial {hĩnesa}. Ele se apresenta logo após a raiz verbal:

(657) hĩnesa iiąua saũhĩsanátii
hĩnesa i -iąu -a
QU:como água -líquido-SF
sa -ũ **-hĩ** -sa -ná -ti -i
INST-furar/pilar-POSB-OB-1sg/NFP-INTER-EFR
'Como eu faço chicha?'

(658) hĩnesa ąihĩsanátii
hĩnesa ąi **-hĩ** -sa -ná -ti -i
QU:como ir-POSB-OB-1sg/NFP-INTER-EFR
'Como eu vou (à gruta)?'

(659) sohanãua hĩnesa so?hĩsanáti
soh -a -nãu -a hĩnesa
banana do mato-SF-flexível-SF QU:como
so? **-hĩ** -sa -ná -ti
pegar-POSB-OB-1sg/NFP-INTER
'Como eu pego coró? (larva da banana do mato)'

(660) ?taika hĩnesa ueithĩsaásila kǫ?inahẽ
?tai-ka hĩnesa ueit -ø **-hĩ** -sa -á -sĩ -la
1sg-ENF QU:como fazer-3obj-POSB-OB-1sg/NFP-COP-M/PF
kǫ?i -ø -nahẽ
ser ruim-3sg-PASS/IMPF
'Como eu ajeito (a moto) que eu quebrei?'

2.2.3.8 Sufixos argumentais

2.2.3.8.1 Sufixos objetivos

Em relação à estrutura sufixal e hierárquica da cláusula, os pronominais objetivos posicionam-se sempre à esquerda dos sufixos pronominais subjetivos. Ambos apresentam função referencial e sua presença independe da presença dos pronomes livres. Os pronomes pessoais livres com valor de objeto, por sua vez, posicionam-se imediatamente à direita do pronome livre sujeito, em alinhamento inverso ao dos sufixos argumentais. Em Hahãintesu, a

inclusão de pronomes livres no interior da cláusula desobriga a presença dos sufixos pronominais e vice-versa. Ainda assim, nos registros obtidos através da fala dos colaboradores Manairisu mais velhos, a escolha por estruturas polissintéticas integrativas dos sufixos pronominais dentro do verbo prevaleceu sobre o uso dos pronomes livres e, quando houve registro de uso de pronomes pessoais livres, estes, ocorreram em concomitância com os sufixos argumentais verbais, na maioria dos casos.

Na sequência, apresentam-se dois exemplos contrastivos de cláusulas intransitivas ativas faladas por colaboradores de faixas etárias diferentes. Na primeira delas, a de número (661), expressada por um adolescente, os argumentos se inserem apenas como pronomes livres no interior da cláusula. No segundo exemplo, de número (662), dito por um colaborador de meia idade, o verbo apresenta maior complexidade interna e o sufixo argumental verbal coocorre com o pronome livre de mesma função:

(661) ʔtaina a̰ia
ʔtai-na a̰i-a
1sg-LC ir-SV
'Eu estou indo/fui'

(662) ʔtaina a̰inála
ʔtai-na a̰i -ná -la
1sg-LC ir -1sg/NFP-M/PF
'Eu estou indo/fui'

Os verbos transitivos dinâmicos e os ditransitivos recebem marcas objetivas para a primeira e a segunda pessoa do singular. A primeira pessoa objetiva singular {-sa} deriva claramente do sufixo estativo.

À exceção da primeira pessoa do singular, qualquer outro arranjo pronominal objetivo poderá ser acompanhado do sufixo estativo {-la}. A terceira pessoa objetiva do singular e do plural, além do sufixo identificador de pessoa desconhecida, são marcados com zero {-ø}. Ao contrário do que acontece com os pronomes livres de terceira pessoa, eles não fazem distinção formal de masculino e feminino. O sufixo objetivo dual é marcado pelo morfema {-la}. A primeira e a segunda pessoa do plural {-sĩ} e {-(n)ali}, respectivamente, não apresentam mudança mórfica, tanto em posição de sujeito, como em posição de objeto, mas também podem ser acompanhadas do sufixo estativo {-la}. Se os verbos estativos receberem dois argumentos,

sendo um sujeito e outro objeto, esses sufixos pessoais serão idênticos aos dos verbos dinâmicos. Sufixos pronominais com valor de objetos diretos e indiretos não apresentam distinção formal. O quadro seguinte apresenta os sufixos objetivos de Hahãintesu:

Quadro 33 – Representação dos sufixos objetivos de Hahãintesu

Pronomes pessoais	*Sufixos objetivos*
1pessoa singular	-sa-
1pessoa dual	-la-
2pessoa singular	-a- ~ -na-
1pessoa plural	-sĩ-
2pessoa plural	-(n)ali-
3pessoa singular 3pessoa desconhecida 3pessoa plural	-ø-

Primeira pessoa singular – {-sa}

(663) ina iukũsahẽla
in -a iuk- ũ -**sa** -ø -hẽ -la
raia-SF INC:pé-furar-1obj-3sg-PASS/IMPF-M/PF
'A raia furou meu pé'

(664) tiahlana ũsa̱sanali
tiahla-na ũ -**sa** -sa -ø -na -li
3sg/M-LC dar-1obj-OB-3sg-NFP/EV-M/PF/EFR
'Ele me deu'

Segunda pessoa singular – {-a}

(665) uãina uaiekisa ũasanali

uãi-na ua- ieki -sa ũ **-a** -sa -ø -na -li
2sg-LC 2POSS-RN-SF dar-2obj -OB- 3sg -NFP/EV-M/PF/EFR
‘Ele te deu (algo)’

(666) hą̃ʔtenã̱a ũhũahátua

hą̃ʔte -nã̱ -a ũhũ **-a** -há -tu -a
dinheiro-folha-SF dar-2obj-1sg/NFP-FUT-M/IMPF
‘Eu vou te dar dinheiro’

(667) uahẽnẽksu ũasą̃nali

ua- hẽnẽk -su ũ **-a** -sa -ná -li
2POSS-remédio-SF dar-2obj-OB-1sg/NFP-M/PF/EFR
‘Eu te dei o remédio’ (Falando para um homem)

Terceira pessoa singular – {-ø}

(668) anũa haiesa tauẽnsa ũtiu

anũ -a haies -a ta -uẽns -a ũ **-ø** -ø -tiu
índio-SF presente-SF 1POSS-criança-SF dar-3obj-3sg-PASS/PF/EN
‘O índio deu presente para meu filho’

(669) ʔtaina housa tiahlana silisa ũtelái

ʔtai-na hous-a tiahla-na
1sg-LC macaco-SF 3sg/M-LC
sili-sa ũ -tel **-ø** -á -i
assar-ADIT dar-DES-3obj-1sg/NFP -M/IMPF/EFR
‘Eu vou assar o macaco para ele’

Primeira pessoa plural – {-sĩ}

(670) talikia atãna ũsaisĩhẽ

tali -ki -a a- tã -ø -na
pedra-redondo-SF AG-jogar-3sg-NFP/EV
ũ- sai **-sĩ** -ø -hẽ
dar-bater-1pl.obj-3pl-PASS/IMPF
‘Jogaram pedra em nós’

(671) tala ũlasĩna

tala ũ -la **-sĩ** -ø -na
3sg/F dar-SE-1pl.obj-3sg-NFP/EV
‘Ela nos deu’

Pronome dual – {-la}

(672) talana ualia ũlalana
tala-na uali -a ũ **-la** -la -na
3sg/F-LC mandioca-SF dar-D.obj-SE-F/PF
‘Ela deu mandioca para mim e para você’

(673) tauĩna hualitanaka ahelia kitiʔãna ũlalana
ta- uĩn -a hualit -a -na -ki -a
1POSS-pai-SF mangaba-SF-casa de cupim-redondo-SF
a- heli -a ki -tiana ũ **-la** -la -ø -na
AG-ser dois-SV 1DUAL-COL dar-D.obj-SE-3sg-M/NFP
‘Meu pai deu a bola para mim e para você’

Segunda pessoa plural – {-(n)ali-}

(674) tiahlana iiu̯ua ũtilialilaʔnata
tiahla-na i -iu̯u -a
3sg/M-LC água-líquido-SF
ũ -tili **-ali** -la -ʔ -ø -nata
dar-PL-2pl.obj-SE-NEG-3sg-NFP/EN
‘Ele não deu água para vocês’

(675) ʔtaina hẽlia ũtilialiátui
ʔtai-na hẽ -li -a
1sg-LC caju-?-SF
ũ -tili **-ali** -á -tu -i
dar-PL-2pl.obj-1sg/NFP-FUT-M/IMPF/EFR
‘Vou dar caju para vocês’

Terceira pessoa plural – {-ø}

(676) ʔtaina kaiuhsĩna soʔsĩsa tialinaʔãna ũtilisĩná
ʔtai-na kaiuh-sĩn -a soʔ -sĩ -sa tiahla-inaʔãna
1sg-LC bicho-carne-SF pegar-1pl-ADIT 3sg -COL
ũ -tili **-ø** -sĩná
dar-PL-3pl.obj-1pl/NFP
‘Nós pegamos carne para eles’

(677) ʔtaina kaiuhsĩna soʔsa ũtiliná
ʔtai-na kaiuh-sĩn -a soʔ -sa ũ -tili **-ø** -ná
1sg-LC bicho-carne-SF pegar-ADIT dar-PL-3pl.obj-1sg/NFP
‘Eu peguei carne e dei para eles’

Nos casos em que há três argumentos, o objeto da relação direta tende a ser expresso por um lexema independente, paralelo ao pronome sujeito, sempre à sua direita. Nesses casos, é comum que o objeto indireto apenas seja expresso na morfologia sufixal verbal. Embora a terceira pessoa seja marcada como zero, a ordem interna da adjunção de morfemas pronominais no verbo alinha os argumentos da direita para a esquerda da cláusula, como [OI < OD < S]:

(678) ʔtaina kaiuhsĩna ũahátua
ʔtai-na kaiuh-sĩn -a ũ **-a** **-ø** -há -tu -a
1sg-LC bicho-carne-SF dar-2obj.ind-3obj-1sg/NFP -FUT-M/PF
'Eu vou te dar carne de bicho'

(679) ʔtaina kuaiakia ũátua
ʔtai-na kuaia -ki -a ũ **-ø** **-ø** -á -tu -a
1sg-LC milho -redondo -SF dar -3obj.ind-3obj-1sg-FUT-M/IMPF
'Vou dar milho (para a galinha)'

(680) tiahlana iiạua ũsanala
tiahla-na i -iạu -a ũ **-sa** **-ø** -ø -na -la
3sg/M-LC água-líquido-SF dar-1obj.ind-3obj-3sg-NFP/EV-M/PF
'Ele me deu água'

As partes do corpo humano e animal não se constituem como sufixos argumentais. Nos casos em que o objeto é um membro, essa parte pode se expressar na forma de um lexema livre, através de incorporação da parte do corpo, por prefixação, ou ainda, através de ambas as formas, num processo de co-referenciação. Nesses casos, o objeto direto é marcado como {-ø} na morfologia verbal, a menos que a forma final do verbo seja um (SV), como no exemplo (683):

(681) ina iuʔkũsahẽla
in -a iuʔk -ũ **-sa** **-ø** -ø -hẽ -la
raia-SF INC:pé-furar-1obj.ind-3obj-3sg-PASS/IMPF-M/PF
'A raia furou meu pé'

(682) tiahlana anm̃ʔkia nm̃ʔtauia
tiahla-na a- nm̃ -ʔki -a nm̃- ʔtau -ia
3sg/M-LC 3POSS-braço-CL:ósseo-SF INC:braço-picar-SV
'A cobra picou o braço dele'

(683) ʔtuhtalua anẽẽna nẽunaia
ʔtuh -talu -a a- nẽ -ẽn -a
mulher-SEX/F-SF 3poss-cabeça -cavo-SF
nẽ- u -ø -ø -na -ia
INC:cabeça-furar-3obj-3sg-NFP/EV-SV
'A índia furou a orelha'

É possível que os verbos possam dispor de mais do que um sufixo objetivo indireto no interior da cláusula:

(684) ʔtaina kaiuhsĩna uãina talana ũnahátua
ʔtai-na kaiuh-sĩn-a uãi-na tala-na
1sg-LC bicho-carne-SF 2sg-LC 3sg/F-LC
ũ -na -ø -ø -há -tu -a
dar-2obj.indir-3obj.indir-3obj-1sg/NFP-FUT-M/IMPF
'Eu vou dar carne para você e para ela'

2.2.3.8.2 Sufixos subjetivos

São marcadores argumentais que codificam os participantes agentivos de verbos dinâmicos e os marcadores inativos, ou pacientivos, de verbos estativos. A primeira e a terceira pessoa do singular, no entanto, contrastam, superficialmente, devido às mudanças de altura provocadas pela inserção do componente tonal no morfema de tempo ou no sufixo estativo de primeira pessoa, que resultam nas formas {-ná ~ -á} e {-sá}, respectivamente. A forma {-há} só ocorre imediatamente após o sufixo de segunda pessoa do objeto.

Em oposição, o sujeito de terceira pessoa não é codificado por incidência de morfologia tonal sobre os marcadores de tempo e evidencialidade {-na ~ -a}, ou sobre o estativo {-sa}. A terceira pessoa é marcada como zero {-ø}, tanto nos verbos ativos como nos verbos estativos, e ocupa sempre o slot que antecede os morfemas de tempo/evidencialidade ou estado. Ainda, o tempo passado recente é codificado pelo tom baixo que incide sobre o sufixo marcador de tempo/evidencialidade {-nà}, de terceira pessoa. Na superfície, porém, ocorrem contrastes

entre o tom alto dos sufixos de primeira pessoa/tempo e os tons baixo e *default* dos sufixos de tempo/evidencialidade de terceira pessoa[132].

O paradigma de segunda pessoa apresenta os alomorfes {-i} e {-ni}, como formas pronominais básicas. Porém, o interlocutor de segunda pessoa também é expresso através de morfologia específica no interior da cláusula, fazendo com que a língua apresente um sujeito de segunda pessoa de quem se fala e outro sujeito de segunda pessoa com quem se fala. Essas formas diferentes de se referir à segunda pessoa promovem mudanças profundas na estrutura argumental do verbo. A terceira pessoa desconhecida é marcada como {-ai} e pode se fundir ao sufixo temporal de verbos ativos ou ao sufixo estativo dos verbos adjetivais cognitivos.

O dual apresenta duas formas, {-ki} e {-asa}. A primeira é sempre inclusiva e pode indicar mais do que dois participantes na ação descrita, funcionando, assim, como um tipo paucal. Além disso, esse sufixo sempre indica que a ação codificada pelo verbo é uma atividade conjunta. A forma {-asa} não é sempre inclusiva e demonstra uma atitude do falante para com seu referente direto, o ouvinte. É possível que o ouvinte seja o alvo de sua atitude ou que o alvo seja uma terceira pessoa. É como se o sujeito provocasse no outro o interesse pela realização da ação conjunta. A primeira e segunda pessoas plurais apresentam formas regulares para todos os tempos. A primeira pessoa do plural {-sĩ}, no entanto, pode se unir ao morfema de tempo e primeira pessoa, resultando na forma {-sĩná}. Para os verbos estativos não há mudança formal dos sufixos pessoais plurais, mas, é comum que eles se juntem aos sufixos estativos, resultando em formas dissilábicas ou trissilábicas pronominais, como {-(n)alila} ou {-sĩla}. Nesses casos, o sufixo estativo {-la} pode preceder ou suceder o pronome pessoal plural[133]:

[132] Sobre a escolha por marcar a terceira pessoa sufixal como zero, ou como uma não-pessoa, Cysouw (2003), argumenta que a terceira pessoa não marcada apresenta alta probabilidade de ser zero, embora, dizer que uma língua tem terceira pessoa zero é, em princípio, uma escolha perigosa. Ainda, de acordo com (CYSOUW 2003, p. 61) "*Quando ocorre de uma raiz flexionada ser paradigmaticamente equivalente à primeira e segunda pessoa, e que esta está, funcionalmente, em distribuição complementar com a primeira e segunda pessoa, então é seguro propor uma terceira pessoa zero*".

[133] Há, ainda, um sufixo de valor plural subjetivo que foi menos verificado, {-tai}.

Quadro 34 – Representação dos sufixos subjetivos de Hahãintesu

Pronomes Pessoais	Sufixos subjetivos (verbos dinâmicos)	Sufixos subjetivos (verbos estativos)
1ª pessoa singular	-[´]- (*marcação por tom alto no sufixo temporal* ***-na*** ~ ***-a ~ -ha***)	-[´]- (*marcação por tom alto no sufixo estativo* ***-sa***)
2ª pessoa singular	-i ~ -ni (*a alternância entre as duas formas de apresentação do sufixo é dependente da sílaba precedente. Se a sílaba fechada terminar em coda nasal, a preferência é pela vogal. Se for uma sílaba aberta ou nasalizada, há preferência pelo tipo que se inicia por consoante*)	-na ~ -a (*a alternância entre as duas formas de apresentação do sufixo é dependente da sílaba precedente. Se a sílaba fechada terminar em coda nasal, a preferência é pela vogal. Se for uma sílaba aberta ou nasalizada, há preferência pelo tipo que se inicia por consoante*)
3ª pessoa singular	-ø	-ø
3ª pessoa desconhecida (plural ou singular)	-ai (*pode unir-se ao morfema temporal* ***-na*** *em verbos dinâmicos*)	-ai (*pode unir-se ao morfema estativo* ***-sa*** *em verbos estativos*)
1ª pessoa dual	-ki -asa	-ki -asa
1ª pessoa plural	-sĩ ~ -sĩna	-sĩ ~ -sĩna
2ª pessoa plural	-(n)ali	-(n)ali
3ª pessoa plural	-ø	-ø

Nos exemplos que seguem, apresenta-se o uso dos sufixos subjetivos do Hahãintesu, em verbos dinâmicos e estativos. As distinções de tom são a justificativa para a apresentação dos exemplos fonéticos representados pelo diacrítico [´] simbolizando o tom alto e pela ausência de marcação para indicar o tom *default*:

Primeira pessoa

(685) [ˈdainã ˈa̰iná]
ʔtaina a̰iná
ʔtai-na a̰i **-ná**
1sg-LC ir -1sg/NFP
‘Eu fui’

(686) [ˈtihna ˈnũʔa ˈa̰iála]
tihna nũʔa a̰iála
tih-na nũʔ-a a̰i **-á** -la
estrada-LOC DEM-SF ir -1sg/NFP-M/PF
‘Eu andei pela estrada’

(687) [ˈheiʔtsáhnĩː]
heiʔsánĩ
heiʔ **-sá** -nĩ
ter fome-1sg/SE-F/PF/EFR
‘Eu estou com fome’

(688) [ˈeisa ˈsoʔsa ˈũnahá^{h}tua]
eisa soʔsa ũahátua
eis -a soʔ -sa ũ -a -ø **-há** -tu -a
fumo-SF pegar/comprar-ADIT dar-2obj.ind-3obj-1sg/NFP-FUT-M/IMPF
‘Eu vou te dar fumo’

Segunda pessoa

(689) uanũ uãina kua̰likisasanili
uanũ uãi-na kua̰li -ki -sa -sa **-ni** -li
PERM 2sg-LC rir -ben/alv/font-1obj-OB-2sg-M/PF/EFR
‘Você pode rir de mim’

(690) uãina a̰ii
uãi-na a̰i**-i**
2sg-LC ir-2sg
‘Você vai’

(691) uãina satenana

uãi -na saten **-a** -na
2sg-LC ser pesado-2sg-M/FNP
‘Você está pesado’

(692) uãina uãnʔlia kalaninala

uãi-na uãnʔ -li -a kalan **-i** -na -la
2sg-LC morro-?-SF subir -2sg-NFP/EV-M/PF
‘Você subiu o morro’

Terceira pessoa

(693) [ˈwaɪra ˈa̰ina]

uailia a̰ina
uai -li -a a̰i-**ø** -na
cachorro-?-SF ir-3sg-NFP/EV
‘O cachorro andou’

(694) [ˈĩjena]

ĩiena
ĩ -ie **-ø** -na
ver-RN-3sg-NFP/EV
‘Ele viu (algo)’

(695) [heiʔsana]

heiʔsana
heiʔ **-ø** -sa -na
ter fome-3sg-SE-M/NFP
‘Ele está com fome’

(696) tiahlana ũsasanali

tiahla-na ũ -sa -sa **-ø** -na -li
3sg/M-LC dar-1obj-OB-3sg-NFP/EV-M/PF/EFR
‘Ele me deu’

Sujeito desconhecido:

(697) ʔtuhtalunãa uãaina

ʔtuh -talu -nã -a uã **-ai** -na
mulher-SEX/F-GR-SF vir-3pl.desc-NFP/EV
‘A criançada está vindo’

(698) iũnʔainàta

iũnʔ-**ai** -nà -ta
ter-3desc-NFP/EVC-NFP/EN
‘Não tem ninguém’

Primeira pessoa dual

(699) ʔtaina ihiekaloa kuẽla sasoʔsa a̰ikitu

ʔtai-na ih- ie -kalo -a kuẽla
1sg-LC correr-RN-liso-SF agora
sa -soʔ -sa a̰i-**ki**-tu
INST-pegar-ADIT ir-dual-FUT
‘Vou pegar o carro para nós irmos agora’

(700) uãlinaʔãna haʔtena̰a iũnʔkinali

uãla-inaʔãna haʔte -na̰ -a iũnʔ-**ki** -na -li
1pl-COL dinheiro-INC:folha-SF ter -dual-NFP/EVC-M/PF/EFR
‘Nós temos dinheiro’

Primeira pessoa dual [-asa]:

(701) a̰isa haiʔasanĩ

a̰i-sa haiʔ -**asa** -nĩ
ir-ADIT dançar/cantar-dual-F/PF/EFR
‘Eu dancei com você’ (Falando para uma mulher)

(702) kaiuhsĩna iaiasali

kaiuh-sĩn-a iai -**asa** -li
bicho-carne-SF comer-dual-M/PF/EFR
‘Vamos comer carne’ (Falando para um homem)

(703) iia̰ua autsa houʔasali

i -ia̰u- a aut- sa houʔ -**asa** -li
água-líquido-SF ir(col)-ADIT tomar banho-dual-M/PF/EFR
‘Vamos tomar banho!’ (Falando para um homem)

(704) tauẽnsa ãʔlikaʔtu hikiasanala

ta -uẽns -a ãʔli-kaʔtu
1poss-criança-SF ajudar-FINAL
hi -ki -**asa** -na -la
lavar-ben/alv/font -dual-NTP/EV-M/PF
‘Meu filho me ajudou a lavar (o cachorro)’

Primeira pessoa plural

(705) ʔtainina**ʔ**ãna sanãia sĩna iũnʔsĩasĩ
ʔtai-na-ina**ʔ**ãna sanãi-a sĩn-a
1sg-LC-COL tatu-SF carne-SF
iũnʔ **-sĩná** -sĩ
ter- 1pl/NFP-COP
'Nós temos carne de tatu para você'

(706) uãlinaãna iąlutelasĩtui
uãla -ina**ʔ**ãna
DUAL-COL (exc.)
iąlu -tel -a **-sĩ** -tu -i
ter sede-DES-1sg-1pl-FUT-M/IMPF/EFR
'Nós vamos ficar com sede'

Segunda pessoa plural

(707) uãinina**ʔ**ãna hai**ʔ**tilialitua
uãi-na-ina**ʔ**ãna hai**ʔ** -tili **-ali** -tu -a
2sg-LC-COL cantar-PL-2pl-FUT-M/IMPF
'Vocês vão cantar'

(708) uãinina**ʔ**ãna ĩtǫ̃kilialilana
uãi-na-ina**ʔ**ãna ĩtǫ̃ -ki -li **-ali** -la -na
2sg-LC-COL adoecer-ben/alv/font-PL-2pl-SE -M/NFP
'Vocês estão doentes'

Terceira pessoa plural

(709) tiahlina**ʔ**ãna hai**ʔ**tilitua
tiahla-ina**ʔ**ãna hai**ʔ** -tili **-ø** -tu -a
3sg/M-COL cantar-PL-3pl-FUT-M/IMPF
'Eles vão cantar'

(710) tauailinãa ialukisatiu
ta- uai -li -nã -a ialu -ki **-ø** -sa -tiu
1POSS-cachorro-?-GR-SF morrer-ben/alv/font-3sg-SE-EN/PASS/PF
'Meus cachorros morreram'

2.2.3.9 O morfema (SV)

Os verbos dinâmicos e estativos podem dispensar os sufixos marcadores do tipo *portmanteau*, indicadores de tempo, evidencialidade, gênero e aspecto e apresentar uma forma sufixal única em seu lugar. Esse tipo é resultado da junção de uma raiz verbal com uma das formas sufixais {-ia ~ -a}. Essa expressão mais 'simples' do verbo é largamente usada por eles quando pronunciam cláusulas analíticas[134]. Com morfologia sufixal mínima, construções formadas por verbos desse tipo requerem que a morfologia dispensada pela ausência dos morfemas *portmanteau* seja inserida na forma de palavras livres, no interior da cláusula. Parte dessa informação, no entanto, é irrecuperável, pois não há palavras livres que representem cada informação veiculada pelos sufixos, caso do aspecto, da evidencialidade e do gênero. A pessoa e o tempo, no entanto, são indispensáveis para a formação de uma cláusula estável e gramaticalmente possível na língua. Assim, os pronomes livres tornam-se obrigatórios e o sufixo em questão, portanto, deve expressar o tempo para todas as pessoas[135], de maneira análoga ao que acontece quando há a presença do sufixo {-na}. O sufixo em questão é, aqui, chamado de SV[136].

O paradigma abaixo apresenta exemplos dessa forma de uso do verbal em questão[137]:

Quadro 35 – Apresentação de exemplos de cláusulas que incluem o sufixo final verbal (SV)

ʔtaina hãuʔ**ia**	Eu durmo/dormi
uãina hãuʔ**ia**	Tu dormes/dormiste
tiahlana hãuʔ**ia**	Ele dorme/dormiu
talana hãuʔ**ia**	Ela dorme/dormiu

[134] Os jovens Manairisu costumam ser criticados pelos mais velhos sob alegação de que não sabem falar direito e não respeitam a língua Hahãintesu. A preocupação com as mudanças sofridas pela língua nos últimos tempos tem começado a chamar a atenção dos Manairisu para uma possível perda da língua. Esse é um dos fatores que tem despertado neles o interesse pelo ensino de língua materna na aldeia. Apesar disso, os mais velhos, em quantidade bem menor, também fizeram uso dessa forma mínima do verbal, em ocasião de elicitações diretas e, até mesmo, pôde-se observar seu uso em contação de histórias.

[135] As distinções de tempo/evidencialidade promovidas pela inserção do componente tonal sobre o sufixo {-na} de terceira pessoa não foram verificadas quando ele é substituído pelo sufixo {-ia ~ -a}.

[136] A razão pela qual o sufixo em questão é tratado como SV, ou sufixo verbal, diz respeito ao fato de essa morfologia carecer de uma descrição mais acurada. Por hora, entende-se que, semanticamente, eles apresentam informação de tempo.

[137] A elicitação do paradigma verbal em questão teve um jovem de 18 anos de idade como colaborador manairisu.

uãlana hãuʔ**ia**	Nós dormimos/dormimos
uãinina**ʔ**ãna hãuʔtili**ia**	Vocês dormem/dormiram
tiahlina**ʔ**ãna hãuʔtili**ia**	Eles dormem/dormiram
talina**ʔ**ãna hãuʔtili**ia**	Elas dormem/dormiram

Os exemplos que seguem mostram expressões semanticamente equivalentes. No entanto, os morfemas flexionais de tempo/evidencialidade e aspecto/gênero, foram substituídos pelo sufixo verbal em (700) e (702), demonstrando o contraste entre os tipos:

(711) ʔtaina kasolia iũa ilokinála
ʔtai-na kaso -li -a iũʔ -a ilo -ki -ná -la
1sg-LC cachorro-?-SF carrapato-SF catar-ben/alv/font-1sg/NFP-M/PF
'Eu catei o carrapato do cachorro'

(712) ʔtaina kasolia iũa ilokia
ʔtai-na kaso -li -a iũʔ-a ilo -ki **-a**
1sg-LC cachorro-?-SF carrapato-SF catar-ben/alv/font-SV
'Eu catei o carrapato do cachorro'

(713) ʔtaina sauiena a̱inála
ʔtai-na sau-ien-a a̱i-ná -la
1sg-LC mata-rosto-SF ir -1sg/NFP-M/PF
'Eu vou para a mata (caçar)'

(714) ʔtaina sauiena a̱ia
ʔtai-na sau-ien-a a̱i-**a**
1sg-LC mata-rosto-SF ir-SV
'Eu vou para a mata (caçar)'

2.2.3.10 Sufixos flexionais de tempo

Em Hahãintesu, o tempo é manifestado através da adjunção de sufixos flexionais específicos à raiz verbal, os quais, normalmente, ocupam o penúltimo *slot* do template. Esses morfemas referem-se, basicamente, a um tempo, no passado, em que uma ação foi praticada, ou a um tempo, no futuro, em que uma ação vai acontecer. Isso não implica dizer que não há expressão de presente na língua, mas, sim, que o presente é codificado por sufixos que também categorizam passado. A expressão de presente ou de passado recente são, portanto, dependentes, pragmaticamente, da situação de fala.

Ao tratar das distinções de presente e passado recente, tanto Eberhard (2009, p. 465) quanto Telles (2002, p. 300) descreveram o presente como sendo uma forma não-marcada nas línguas que estudaram, enquanto que o passado recente era promovido por adição de sufixos específicos nas línguas Mamaindê e Latundê/Lakondê.

Sobre a marcação de tempo presente e passado recente, em Hahãintesu, é importante ressaltar que, a ausência de morfologia temporal foi observada em cláusulas da língua que tratam da segunda pessoa do singular, embora, com pouco frequência. O dado que segue é bastante ilustrativo:

(715) uãina a̰ii
uãi-na a̰i-i
2sg-LC ir-2sg
'Você foi.'

Além de indicar que o tempo não precisa ser formalmente marcado nesse tipo de cláusula, o exemplo mostrou que a ausência de um sufixo temporal não significou, necessariamente, que a sentença estivesse tratando sobre o momento presente da fala. Acredita-se que uma clara distinção entre o presente e o passado recente seja pragmaticamente dependente, pois, nos registros de elicitação, os morfemas relativos a esses tempos verbais, nas três pessoas do discurso, não se mostraram formalmente distintos[138]. Esse fato colaborou para o entendimento de que o presente também é uma forma não marcada, em Hahãintesu, e que essa língua apresenta, na verdade, oposição entre **não-futuro** e **futuro**, em seu sistema temporal, (COMRIE 1985).

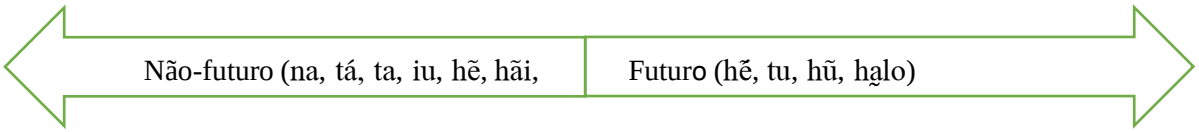
No exemplo seguinte, é possível ver que o tempo, codificado pelo sufixo {-na}, pode ser interpretado como uma ação realizada há pouco tempo atrás ou como uma ação que está se realizando no momento da fala:

(716) ʔtaina sauiena a̰inála
ʔtai-na sau-ien -a a̰i -**ná** -la
1sg-LC mata-rosto-SF ir -1sg/NFP-M/PF
'Eu *estou indo/fui* para a mata'

[138] Os resultados obtidos a partir da análise dos dados de Hahãintesu não foram suficientes para se comprovar se o presente e o passado recente de primeira pessoa diferenciam-se por alternância dos sufixos aspectuais e de gênero finais, no verbo, como bem descreveu Costa (2020, p. 355-357), sobre o Nambikwára do Campo. Embora a língua tenha mostrado sensibilidade para com a escolha do sufixo final de primeira pessoa, indicativo de perfectividade ou imperfectividade, a variação desses sufixos não mostrou claramente uma disposição da língua para diferenciar presente e passado recente quando da escolha de um ou outro tipo.

A representação de um continuum para acomodar os morfemas flexionais de tempo, então, poderia pôr, à esquerda, aqueles que se referem ao **não-futuro** e, à direita, aqueles que se referem ao **futuro**. O eixo do não-futuro serviria para indicar uma categoria que acomoda todos os tempos que não se enquadram na categoria de futuro, incluindo-se aí o presente, (COMRIE 1985).

Quadro 36 - Representação dos sufixos flexionais de tempo no continuum



Os marcadores temporais designam passado, passado remoto, passado memorial, não-futuro próximo, tempo imediato, futuro, futuro próximo e futuro negativo. Devido a operações na Morfossintaxe, alguns desses morfemas podem hospedar sufixos argumentais, através de mudanças tonais, e acumular funções típicas dos marcadores de aspecto e gênero, devido a sua fusão com outros morfemas gramaticais, tornando-se tipos *portmanteau*. Em razão de sua natureza aglutinadora, o Hahãintesu pode admitir a entrada de mais de um sufixo temporal por verbo.

A morfologia temporal integra tempo e evidencialidade em morfemas do tipo *portmanteau* em muitas línguas do mundo, (AIKHENVALD 2018, p. 08). Como bem citou Eberhard (2007, p. 463): "*O tempo em Mamaindê é inexoravelmente interligado com a evidencialidade*"[139]. Ainda que parte da morfologia temporal, necessariamente, esteja interligada com o sistema de evidencialidade, em Hahãintesu, escolheu-se por tratá-los separadamente. A descrição da morfologia de tempo será o alvo principal desta sessão, enquanto que o complexo sistema de evidencialidade será melhor abordado mais adiante, na sessão seguinte.

Para uma melhor compreensão sobre a marcação de tempo na língua Hahãintesu, dividimos os sufixos temporais em três grupos, segundo critérios semânticos: a) os que tratam sobre o tempo não-futuro, mas também podem indicar tempo presente; b) os que apenas tratam sobre o passado; c) os que tratam da expressão de futuro.

[139] Tradução própria

Quadro 37 - Apresentação dos sufixos verbais indicadores de não-futuro próximo

Pessoa	Não-futuro próximo	Não-futuro próximo	Não-futuro próximo
1ª – { ´ }	-na ~ -a	#	#
2ª - {-i ~ -ni}	-na	-tá	-ta
3ª - {-ø }	-na ~ a -nà	-tá	-ta

Sufixo Temporal/Evidencial (-na ~ -a): uma satisfatória descrição do sufixo verbal {-na ~ -a}, em Hahãintesu, tem se revelado num grande desafio. Trata-se de um morfema transcategorial que se insere em verbos (nesta sessão), nomes (p. 5-6), pronomes (p.12-13), demonstrativos (p. 121) ou advérbios (p. 282-283) da língua. A dificuldade para defini-lo enquanto categoria pode se somar à dificuldade de entender seu comportamento no interior do sintagma.

Em consequência disso, o sufixo temporal/evidencial {-na} recebeu o rótulo de não-futuro próximo. Esse mesmo marcador, no entanto, apresentou distinções de tom para a terceira pessoa que, num primeiro momento, pareceram diferenciar um tempo presente de um passado recente. O tom baixo no morfema {-nà} indicaria tempo presente, enquanto que a forma *default* {-na} caracterizaria o tempo passado recente. O fenômeno da mudança tonal foi também verificado para o Nambikwára do Campo que, de acordo com Costa (2020, p. 363) pôde ser explicado, morfofonologicamente, da seguinte maneira:

> "(...) esse contraste em estruturas idênticas acontece apenas na superfície, visto que, na subjacência, os morfemas de tempo/pessoa são alomorfes: o de 1ª pessoa de sentenças afirmativas é {-a} e o de 3ª pessoa do singular é {-na}. Além disso, para que essa distinção seja realizada exclusivamente pelo tom, é preciso que a raiz verbal termine com sílaba tônica com coda nasal, a qual será ressilabificada para o *onset* da sílaba seguinte, no caso, o morfema de tempo/pessoa de 1ª pessoa do singular em sentenças afirmativas {-a}, que se realizará, então, como [-na]"

Mas, ao menos para o Hahãintesu, a diferença de tom verificada no morfema temporal de terceira pessoa pareceu relacionar-se com a evidencialidade e com o tipo de informação veiculada no ato comunicativo e, não, necessariamente, com a mudança temporal da cláusula. Na sessão seguinte, que se ocupa da descrição do sistema de evidencialidade da língua, esse assunto será melhor abordado.

No verbo, ele exprime tempo e/ou evidencialidade visual e pode abrigar tons indicadores de pessoa, os quais são: tom alto para indicar a primeira pessoa singular, tom baixo para indicar não-futuro próximo/evidencialidade visual de terceira pessoa e tom *default* para expressar não-futuro próximo/evidencialidade visual compartilhada de terceira pessoa. Diante da segunda pessoa o sufixo {-na} apresenta tom *default*. Portanto, esse morfema pode apresentar três tons distintivos. Como exemplo, citamos:

(717) ʔtaina uãlia iũnʔná
ʔtai-na uã -li -a iũnʔ-ø **-ná**
1sg-LC roupa-?-SF ter -3obj-1sg/NFP
'Eu tenho uma camisa'

(718) anũa ialialinàla
anũ -a ialiali -ø **-nà** -la
índio-SF ser escuro-3sg-NFP/EV-M/PF
'O índio é escuro' (a informação é conhecida do falante e nova para ouvinte)

(719) ʔtuha uita uãnala
ʔtuh -a uita uã-ø **-na** -la
mulher-SF no centro vir-3sg-NFP/EVC-M/PF
'A índia veio pelo centro (da aldeia)' (a informação é de conhecimento de ambos)

Sobre a marcação de tempo e evidencialidade de terceira pessoa, Lowe (1999, p. 274/275) explica que, para a língua Kitãulhu, o tempo presente e o passado recente são codificados por mudança de tom no sufixo {-na}. O primeiro deles, {-na^2}, indica que a ação foi observada recentemente pelo falante e, portanto, trata-se de informação nova para o ouvinte. Já o segundo {-na^3}[140] informa que a ação está sendo observada correntemente pelo falante e pelo ouvinte e, portanto, trata-se de informação velha, já conhecida dos dois. Dessa forma, o

[140] Lowe (1999), assim como Kroeker (2001), considerou três tons distintivos para a morfologia gramatical das línguas Nambikwára do Sul que estudaram. Um tom alto, marcado pelo número {1}, um tom médio, identificado por {2}, e um tom baixo, marcado com {3}.

autor parece sugerir que as nuanças de tom estão relacionadas não apenas com o tempo verbal, mas também com o tipo de evidencialidade descrita e com o que o autor chamou de *newness*, relativo às distinções entre *dado* e *novo*.

Tanto os verbos ativos quanto os verbos estativos mostraram bastante estabilidade ao exibirem morfologia final de gênero e aspecto, sobremaneira os tipos {la^2} e {wa^2}, dentro da morfologia verbal de Nambikwára, de acordo com Kroeker (2001, p. 8-11).

O exemplo seguinte é uma típica cláusula estativa, retirada de (CORREIA 2021, p.144). Nele, é possível ver que, em Nambikwára do Campo, o verbo ainda exibe o sufixo final indicativo de imperfectividade {-ua}, o que, aliás, é a forma mais comum de expressão desse tipo de clausula:

(466) ʔtaina ãũʔin-ná-ua
eu dormir-1S.PRES-IMPF
'estou dormindo' (atividade)

Os dados analisados de Hahãintesu, no entanto, não mostraram a mesma estabilidade. Embora a presença desses sufixos seja, relativamente, comum entre as cláusulas ativas da língua, o uso deles é raro em final de cláusula estativa. Por isso, na língua do Vale, os sufixos temporais de verbos estativos cognitivos normalmente encerram a cláusula[141].

A perda de um sufixo que designa gênero, aspecto e/ou evidencialidade proporcionou ao morfema temporal precedente, o {-na}, receber a informação que antes era expressa pelo sufixo ausente. Essa adaptação provavelmente é uma compensação promovida pela língua em razão da queda do sufixo final no verbo estativo, com consequente deslocamento de informação para os morfemas precedentes. Os exemplos seguintes mostram, na prática, esse processo:

(Com mais slots para a expressão da morfologia verbal estativa)

[141] Embora seja preponderante em verbos estativos, essa não ocorrência do sufixo final pode ser observada em qualquer tipo de verbo da língua. Mesmo assim, é possível ver expressões estativas com o sufixo final integrado, embora raramente, como: hei?-sá-na-ua, (ter fome-1sg/SE-FNP-M/IMPF), “Estou com fome”.

(720) heiʔsánaãi

heiʔ -sá **-na** **-ã** **-i**
ter fome-1sg/SE-NFP-F/IMPF-EFR
‘Eu tenho fome’ (Falando para uma mulher)

(Com menos slots para a expressão da morfologia verbal estativa)

(721) heiʔsáñi

heiʔ -sá **-ñi**
ter fome-1sg/SE-NFP/F/IMPF/EFR
‘Eu tenho fome’ (Falando para uma mulher)

Quadro 38 – Representação dos sufixos *portmanteau* resultantes da fusão entre sufixos temporais e sufixos finais em verbos estativos.

Sufixo temporal	Gênero	Evidencial de fala reportada	Forma resultante
-na (+)	-ã (IMPF/Fem) (+)	-i (=)	**-ñi**
-na (+)	-a (IMPF/Masc) (+)	-i (=)	**-ni**

Quadro 39 – Sufixos TAME em verbos dinâmicos

RAIZ-	-na- (O morfema de tempo hospeda tom distintivo para primeira pessoa e indica evidencialidade visual para segunda e terceira pessoas.)	-la/-li/-na/-ñi/-ua ~ -a/-ã (Acumulam informação de gênero da segunda pessoa discursiva, aspecto perfectivo ou imperfectivo e/ou evidencialidade de fala reportada.)

Quadro 40 – Sufixos TAME em verbos estativos

RAIZ	-sa- (O sufixo estativo /-sa-/ pode hospedar tom de primeira pessoa.)	-na/-nã/-ni/-ñi (O morfema de tempo passa a hospedar gênero, aspecto imperfectivo e/ou evidencialidade de fala reportada.)

Exemplos de uso do sufixo {-na} com verbos ativos, em Hahãintesu:

(722) a̱inála
a̱i -**ná** -la
ir-1sg/NFP-M/PF
'Eu fui'

(723) a̱isaninali
a̱i -sa -ni -**na** -li
ir-OB-2sg-NFP/EV-M/PF/EFR
'Você foi'

(724) a̱inala
a̱i -ø -**na** -la
ir-3sg-NFP/EVC-M/PF
'Ele foi/está indo' (a informação é compartilhada por falante e ouvinte)

(725) a̱inàla
a̱i -ø -**nà** -la
ir -3sg-NFP/EV-M/PF
'Ele foi/está indo' (a informação é nova para o ouvinte)

(726) uãsĩnaã
uã -sĩ -ø -**na** -ã
vir-COP-3sg-NFP/EVC-F/IMPF
'Ela está vindo'

(727) uãliakaloa ũasanána
uã -li -a -kalo -a ũ -a -sa -**ná** -na
roupa-?-SF-liso-SF dar-2obj-OB-1sg/NFP-F/PF
'Eu te dei a camisa'

Exemplos de uso do sufixo {-na} com verbos estativos cognitivos, verbos adjetivais, verbos indicadores de fenômenos meteorológicos:

(728) heiʔsáñi
heiʔ -sá -**ñi**
ter fome-1sg/SE-NFP/F/IMPF/EFR
'Tenho fome'

(729) ʔtaina ia̱lusána iia̱ua na̱telá
ʔtai-na ia̱lu -sá -**na** i -ia̱u -a na̱ -tel -á
1sg-LC ter sede-1sg/SE-NFP/M/IMPF água-líquido-SF beber-DES-1sg/NFP
'Estou com sede, vou beber água'

(730) ĩtọʔalana
ĩtọʔ -a -la **-na**
adoecer-2sg-SE-M/NFP/IMPF
‘Você está doente’

(731) tiahlana ialuʔnã
tiahla-na ialuʔ -ø **-nã**
3sg/M-LC morrer-3sg-F/NFP/IMPF
‘Ele morreu’ (falando para uma mulher)

(732) alãa heheinala
alã -a hehei -ø **-na** -la
arara-SF ser vermelho-3sg-NFP/EVC-M/PF
‘A arara é vermelha’

(733) alĩna
alĩ **-na**
ser frio-M/NFP/IMPF
‘Está frio’

O sufixo temporal {-tá} codifica não-futuro próximo de verbos ativos. Ele ocupa o mesmo slot destinado ao sufixo temporal {-na}, mas distingue-se dele quanto à marcação de evidencialidade. Ele diferencia-se, por meio do tom, do sufixo {-ta}, indicador de tempo presente de verbos estativos. Ambos só são usados em cláusulas de segunda e terceira pessoas, mas o {-tá}, usado em verbos ativos, apresenta tom alto, enquanto que o {-ta} de verbos estativos apresenta tom *default*. Semanticamente, eles exprimem informação temporal e evidencial parecida, mas são usados em tipos verbais diferentes e em circunstâncias diversas. Por esse motivo, a glosa indicativa tratará o primeiro sob o rótulo de EN (evidencial narrativo) e o segundo de EC (evidencial circunstancial):

EN (não-futuro próximo + evidencial narrativo)

(734) uailia kuẽla ãitá
uai-li-a kuẽla ãi-ø-**tá**
cachorro-?-SF ‘agora’ ir-3sg-FNP/EN
‘O cachorro está andando agora’

(735) tala a̰litiuʔa teʔnatá a̰itá uãliakaloa sauiena elãia

tala a̰li -ø -tiu -ʔ -a teʔ -ø -na **-tá**
3sg/F sair-3sg-PASS/EV-NEG-NFP/EV querer-3sg-NFP/EV-FNP/EN
a̰i -ø-**tá** uãli -a -kalo-a sau-ien-a elã -ia
ir-3sg-FNP/EN roupa-SF-liso-SF mata-rosto-SF jogar-SV
'(...) Ela não sai mais e quer jogar as roupas no mato (...)' (Trecho retirado de mini texto)

(736) uãina iainisĩtái

uãi-na iai -ni -sĩ **-tá** -i
2sg-LC comer-2sg-COP-FNP/EN -M/IMPF/EFR
'Você já comeu!'

(737) ekisaaina taihiekaloa anãukisaitáhẽ

e -ki -sa -ai -na ta- ih- ie -kalo -a
falar-ben/alv/font-1obj-3desc-FNP/E 1POSS-correr-RN-liso-SF
anãu -ki -sa -ai **-tá**hẽ
quebrar-ben/alv/font-1obj-3desc-PASS/EN
'Disseram que minha moto quebrou'

(738) aiouhaisĩtá

a -iou -hai -sĩ **-tá**
AG-INC:boca-abrir-COP-FNP/EN
'A porta está aberta'

EC (não-futuro próximo + evidencial circunstancial)

(739) ĩtọ̰ʔalata

ĩtọ̰ʔ -a -la **-ta**
adoecer-2sg-SE-NFP/EC
'Você está doente'

(740) heiʔalata

heiʔ -a -la **-ta**
ter fome-2sg-SE-NFP/EC
'Você está com fome'

(741) anũa heiʔta iaitea iũnʔʔàta

anũ-a heiʔta iai -te -a iũnʔ -ʔ -ø -à **-ta**
índio-SF NEG comer-NOM-SF ter-NEG-3sg -NFP/EVC-NFP/EC
'O índio não tem nada para comer'

(742) ekinaháli ĩtọ̰asĩtai

e -ki -na -há -li ĩtọ̰ -a -sĩ **-ta** -i
falar-ben/alv/font-2obj-1sg/NFP-M/PF/EFR adoecer-2sg-COP-P/EC-M/EFR
'Eu te disse que você está doente'

Quadro 41 - Os sufixos flexionais de tempo passado

Pessoa	Passado (Imperfectivo)	Passado (Perfectivo)	Passado Remoto	Passado Memorial
1ª	-hẽ	-iu	-hãi	-hai
2ª	-hẽ	-iu	-hãi	-hai
3ª	-hẽ	-iu	-hãi	-hai

Os sufixos de tempo passado podem ocupar a penúltima posição na cadeia sufixal verbal, logo após os sufixos argumentais e antes dos morfemas de gênero e aspecto, mas, normalmente, encerram a cláusula. São dois os morfemas que exprimem circunstância de tempo passado, {-hẽ} e {-iu}[142], os quais diferenciam-se quanto ao aspecto. O sufixo {-hẽ} é normalmente empregado na indicação de tempo passado de cláusulas estativas, pois, expressa valor semântico durativo. Com verbos ativos, os dados analisados indicaram sua preponderância em cláusulas de ação continuada ou imperfectiva, já que o passado nessa língua não recebe os sufixos finais {-a, -ã, -i, -ĩ}, indicativos de imperfectividade. São passíveis, assim, do recebimento de outros sufixos de valor adverbial, como o continuativo {-nũ}, ou o habitual {-tito}, os quais ampliam o valor de duração da ação:

(743) uãina iãtea aʔnilanũhẽ
uãi-na iãte-a aʔ -ø -ni -la -nũhẽ
2sg-LC bicho-SF matar-3obj-2sg -SE -CONT/PASS/IMPF
‘Você matava bicho’

(744) talana anihĩna sĩa iąulahẽ
tala-na anihĩna sĩ-a iąu -ø -la -hẽ
3sg/F-LC adv.temp DEM-SF morar-3sg-SE-PASS/IMPF
‘Ela morava numa casa’

[142] Na superfície, o morfema {-tiu} tem como alomorfe a forma [-tu]. Essa variação do sufixo apresenta tom sempre alto e demonstra oposição ao sufixo indicador de futuro {-tu}, o qual apresenta tom *default*.

(745) ʔtaina hehniháhẽ

ʔtai-na heh -ni -**náhẽ**
1sg-LC atear fogo-CAUS-1sg/PASS/IMPF
'Eu pus fogo (na mata)'

(746) iiąua ialu̱sána hene naʔnáhẽ

i -iąu -a ialu̱ -sá -na hene na̱ -**náhẽ**
água-líquido-SF ter sede-1sg/SE-M/NFP adv.temp beber-1sg/PASS/IMPF
'Eu estava com sede, então bebi água'

(747) uãlinaʔãna iãtea aʔtitosĩnáhẽ

uãla-inaʔãna iãte -a aʔ -tito -sĩná -**hẽ**
DUAL-COL animal-SF matar-HAB -1pl -PASS/IMPF
'Nós matávamos bicho'

(748) ĩtǫ̱ʔsáhẽ

ĩtǫ̱ʔ -sá -**hẽ**
adoecer-1sg/SE-PASS/IMPF
'Eu adoeci'

O sufixo {-iu}, diferentemente, indica pontualidade ou perfectividade da ação expressa pelo verbo. Normalmente, para a segunda e terceira pessoas, esse sufixo apresenta-se como {-tiu}, sendo esse o resultado de sua união com o sufixo de tempo {-tá}. Como a primeira pessoa não permite evidencialidade, a forma conjugada é restrita às outras duas pessoas apenas, pois o sufixo {-tá} também exprime evidencialidade quotativa:

(749) ʔtaina sĩha uiʔnáiu

ʔtai-na sĩh -a uiʔ -**náiu**
1sg-LC casa-SF entrar-1sg/PASS/PF
'Eu entrei em casa'

(750) huʔka aʔnákaʔte a̱unáiu

huʔk-a aʔ -ná -kaʔte a̱u -**náiu**
espingarda-SF atirar/matar-1sg/NFP-ADVERS errar-1sg/PASS/PF
'Eu atirei, mas errei'

(751) uãina iãtea aʔnilatiu

uãi-na iãte-a aʔ -ø -ni -la -**tiu**
2sg-LC bicho-SF matar-3obj-2sg-SE -PASS/PF/EN
'Você matou bicho'

(752) tiahla ihiekaloa soʔkaitiu

tiahla ih- ie -kalo -a soʔkai -ø -ø -**tiu**
3sg/M correr-RN-liso -SF vender -3obj-3sg-PASS/PF/EN
'Ele vendeu a moto'

(753) taseala ieka uilueitatiu

ta- se -a -la iek -a uil- ueit -ø- a -**tiu**
1POSS-esposa-SF-SEX/F comida-SF ser bom-fazer-3sg-NFP-PASS/PF/EN
'Minha esposa fez comida boa'

(754) uauailia ʔtulia sultiu

ua -uai -li -a ʔtu -li -a sul -ø -ø -**tiu**
2POSS-cachorro-?-SF cotia-?-SF matar-3obj-3sg-PASS/PF/EN
'Seu cachorro matou a cotia'

(755) talana sĩa sĩhkaĩniena iạulatiu

tala-na sĩ -a sĩh -kaĩn -ien -a
3sg/F-LC DEM-SF INC:casa-ser grande-rosto-SF
iạu -ø -la -**tiu**
morar-3sg-SE -PASS/PF/EN
'Ela morou numa casa grande'

A indexação de outros sufixos temporais/evidenciais ou adverbiais pode alterar os valores temporais desses sufixos. Essas continuações internas criam subsistemas que combinam categorias e que requerem uma interpretação mais holística do fenômeno[143], como, aliás, acontece diversamente em outras línguas indígenas sul-americanas (GILDEA & GUILLAUME 2018). Assim, sempre que possível, alguns desses arranjos serão avaliados conjuntamente, aqui, como blocos semânticos:

(756) uãina iãtea aʔnilanũhẽ

uãi-na iãte-a aʔ -ø -ni -la -**nũhẽ**
2sg-LC bicho-SF matar -3obj -2sg -SE- CONT/PASS/IMPF
'Você matava bicho'

(757) uãina talana nẽsa ạitáhẽ

uãi-na tala-na nẽ -sa ại -ø -**táhẽ**
2sg-LC 3sg/F-LC RNV-ADIT ir -3pl-PASS/IMPF/EN
'Você e ela foram (pescar)'

[143] Um trabalho de investigação mais acurado sobre os subsistemas resultantes da combinação dos sufixos que ocupam os slots pós sufixos argumentais deverá será feito futuramente.

Como fora dito, os verbos estativos, normalmente, tomam o sufixo {-hẽ} como indicador de passado. Porém, há casos em que a semântica verbal interfere na escolha do morfema. É o caso do verbo morrer que, embora seja estativo, indica uma ação pontual e, por isso recebe, normalmente, o sufixo {-tiu}. Outra forma de uso desse sufixo em verbos de estado é quando há sucessão de ações, em textos, pois pode haver concordância com o sufixo temporal da cláusula precedente. Diferentemente do que ocorre com o sufixo {-hẽ}, esse sufixo apresenta maior mobilidade no interior do verbo, podendo ocupar o slot destinado aos sufixos de não-futuro próximo, o slot posterior ao ocupado por esse sufixo, ou até se antecipando a ele, como se vê no exemplo (758):

(758) uauailia ialutiunala
ua- uai -li -a ialu **-tiu** -ø -na -la
2POSS-cachorro-?-SF morrer-PASS/PF/EN-3sg-NFP/EV-M/PF
'Teu cachorro morreu'

(759) takasolia heifinaitiu nẽha^{ʔ}tai ĩtǫ̃naitiu
ta- kaso -li -a heit- ĩn -ai -ø **-tiu**
1POSS-cachorro-?-SF Q/F-morder-3desc-3sg-PASS/PF/EN
nẽha^{ʔ}tai ĩtǫ̃ -nai -tiu
então adoecer-3desc- PASS/PF/EN
'Meu cachorro mordeu o meu vizinho, então, ele adoeceu (...)' (Trecho retirado de mini texto)

O tempo passado exibe ainda outras duas formas de sufixo para especificar relações de tempo passado. A primeira delas indica o tempo passado remoto, mais distante da fala atual do locutor, codificado pelo sufixo {-hãi}. Foneticamente, esse morfema se expressa como [-hæ̃:n-] e diferencia-se do morfema de passado {-hẽ} pelo alongamento da vogal média nasal e pelo espraiamento do tom alto ao longo do morfema:

(760) haisa kãsa ^{ʔ}taunáhãi
hais-a kãsa ^{ʔ}tau -ná**hãi**
roça-SF adv.temp trabalhar-1sg/REM
'Eu trabalhei na roça faz tempo'

(761) haloa iąunáhãi
halo-a iąu -ná**hãi**
campo-SF morar -1sg/REM
'Eu morava no campo'

(762) ʔtaina ãnihĩna ualinũa tufĩtitoáhãi
ʔtai-na ãni-hĩna uali -nũ -a
1sg-LC pass-adv.temp mandioca-massa-SF
tufi -tito -á**hãi**
alimentar-HAB-1sg/REM
'Eu comi pão faz tempo'

Há ainda um tipo memorial que marca um tempo bem mais distante. Nesse tempo, é comum constarem as histórias dos antepassados, os feitos de outrora e as explicações do universo cultural do povo, ou as lembranças de ações realizadas há um tempo muito distante em relação ao presente da fala, indicado pelo sufixo {-hai}. Em casos mais raros, ele pode ser reduplicado e preceder também o sufixo de pessoa, provavelmente, como uma forma de ênfase:

(763) uãina ãnihĩna uilhititoihai
uãi-na ãni-hĩna uil -hi -tito -i -**hai**
2sg-LC pass-adv.temp ser bom-?-HAB-2sg-MEMO
'Você era legal'

(764) kuika ãkaaãnihĩna tiufihainá**hai**la
kuik-a ãka-ãni-hĩna
inhame-SF pass-pass-adv.temp
tiufin -**hai** -ná**hai** -la
alimentar-MEMO-1sg/MEMO-M/PF
'Eu comi inhame faz muito tempo'

(765) iãnalia uailia tiufiiɰunũhai
iãna-li-a uai -li -a
onça-?-SF cachorro-?-SF
tiufi -iɰu -ø -ø -nũ**hai**
alimentar-ficar-3obj-3sg-CONT/MEMO
'A onça ficou sentada comendo o cachorro' (em contação de causo)

(766) tiahlana iãtea aʔnũhai
tiahla-na iãte-a aʔ -ø -ø -nũ**hai**
3sg/M-LC bicho-SF matar-3obj-3sg-CONT/MEMO
'Ele matava bicho'

Quadro 42 - Sufixos indicativos de tempo futuro

Pessoa	Indicativo de ação que se realizará logo após o momento da fala	Indicativo de futuro breve (preciso)	Indicativo de futuro mais distante (impreciso)	Indicativo de futuro negativo
1ª	-hɛ̃	-hũ	-tu	-hɑ̰lo
2ª	-hɛ̃	-hũ	-tu	-hɑ̰lo
3ª	-hɛ̃	-hũ	-tu	-hɑ̰lo

O Futuro é marcado pelo menos de quatro formas diferentes na língua. Através do sufixo desiderativo, como fora contado anteriormente na sessão que tratou dos sufixos adverbiais, ou por meio de sufixos específicos de futuro. O primeiro deles, indicador de uma ação que se realizará logo após a fala do agente, é, semanticamente, similar ao futuro promovido pela entrada do desiderativo {-tel}. Esse marcador de tempo imediato é o {-hɛ̃-}, o qual é conjugado para qualquer uma das três pessoas do discurso e ocorre, principalmente, após o sufixo desiderativo[144]. Ele apresenta tom alto e se opõe, assim, fonologicamente, ao sufixo de tempo passado, {-hɛ̃-}, o qual recebe tom *default*[145]:

(767) [jãˈkoteɾáhɛ̃ɾa]
iãkoteláhɛ̃la
iãko -tel -á **-hɛ̃** -la
tocar flauta-DES-1sg/NFP-TI-M/PF
'Eu vou tocar flauta'

[144] Diante de consoante líquida, oclusiva ou fricativa, esse sufixo perde sempre a nasalidade, expressando-se como a forma de superfície [-he].

[145] É importante ressaltar que Kroeker (2001, p. 44), considera os tipos de cláusulas formadas por sufixos semelhantes a esse temporal como imperativas. E esses sufixos são, para o autor, indicadores de imperatividade fraca. Em Hahãintesu, ele se expressa para as três pessoas discursivas. Além disso, ele comumente sucede o sufixo adverbial {-tel}, marcador de futuro próximo, de expressões no modo indicativo.

(768) [ˈdainã niˈrateɾáhéˌli]
ʔtaina nilateláhẽli
ʔtai-na nila -tel -á **-hẽ** -li
1sg-LC cortar cabelo-DES-1sg/NFP-TI-M/PF/EFR
‘Eu vou cortar (o cabelo)’

(769) [houʔˈiteɾahẽn]
houʔitelahẽ
houʔi -tel -a **-hẽ**
limpar-DES-NFP-TI
‘Vá limpar!’

(770) [jãˈnala ˈjũnʔàhẽn saˈwena]
iãnalia iũnʔʔahẽ sauiena
iãna-li-a iũnʔ -ʔ -a **-hẽ** sau -ien -a
onça-?-SF ter-NEG-3sg-TI mata-rosto-SF
‘Não tem onça na mata’

(771) [ˈwaihaˌkloa ˈsoʔtahẽn ˈhaiʔitu]
uaihakaloa soʔtahẽ haiitu
uaiha-kalo-a soʔ -ta **-hẽ** hai-i-tu
mesa-liso-SF pegar-PROIB-TI deixar-2sg-IMP
‘Não pega. Deixa na mesa.’

O segundo tipo de sufixo futuro é marcado pelo morfema {-hũ}, o qual indica que uma ação está mais próxima de se realizar em relação à fala atual[146] ou revela certeza da realização de uma ação:

(772) ʔtaina uãina a̱ikihũa
ʔtai-na uãi-na a̱i -ki **-hũ** -a
1sg-LC 2sg-LC ir-dual-FUTP-M/IMPF
‘Eu vou com você’

(773) ãkanaha ʔtaina kaʔtikia soʔkináhũa
ãkanaha ʔtai-na kaʔti -ki -a
amanhã 1sg-LC mangaba-redondo-SF
soʔ -ki -ø -ná**hũ** -a
comprar-ben/alv/font-3obj-1sg/FUTP-M/IMPF
‘Amanhã, eu vou comprar uma bola’

[146] Da mesma maneira que outros sufixos nasais, ele pode apresentar sua contraparte alofônica [-hu-], não nasalizada, se estiverem diante de consoantes fricativas, oclusivas ou líquidas. Mas, apenas, em nível de superfície.

(774) iãtu iąunáhũ
iã -tu iąu -náhũ
andar.rápido-IMPER ficar-1sg/FUTP
‘Vai, eu vou ficar (em casa)’

(775) ualuta soʔtelá iiąua ĩsaitelá nąnáhũ
ualut-a soʔ -tel -á i -iąu -a
garrafa-SF pegar-DES-1sg/NFP água-líquido-SF
ĩ- sai -tel -á nąˀ -náhũ
Loc-tirar-DES-1sg/NFP beber-1sg/FUTP
‘Eu vou pegar a água, tirar da garrafa e beber’

(776) hikia kaĩnhateʔta kainãtu ąikihũa
hi -ki -a kaĩn -hateʔ -ta kainãtu
lua-redondo-SF ser muito-estar pronto-NFP/EC CONDIC
ąi -ki -hũ -a
ir-dual-FUTP-M/IMPF
‘Se a lua estiver cheia, nós vamos (pescar)’

O sufixo {-tu} indica que o tempo para a realização de uma ação está mais distante em relação ao tempo atual da fala, ou trata sobre um futuro incerto. Ele ocupa o penúltimo slot, antes dos sufixos que indicam aspecto, imperfectivo e pessoa, mas pode vir no final da cláusula. Esse sufixo diferencia-se de seu homônimo marcador de imperativo por apresentar tom *default*:

(777) aʔnátu
aʔ -nátu
matar-1sg/FUT
‘Vou matar’

(778) uãina haiʔnitua
uãi-na haiʔ -ni -tu -a
2sg-LC cantar-2sg -FUT-M/IMPF
‘Você vai cantar’

(779) haiʔtua
haiʔ -ø -tu -a
cantar-3sg-FUT-M/IMPF
‘Ele vai cantar’

(780) haʔtenąa ũhũahátua
haʔte -nąˀ -a ũhũ -a -ø -hátu -a
dinheiro-INC:folha-SF dar-2obj.ind-3obj-1sg/FUT-M/IMPF
‘Eu vou te dar dinheiro’

(781) uãla soli autkitu
uãla soli aut -ki **-tu**
1pl só/apenas ir(col)-dual-FUT
'Nós vamos (pescar)'

(782) ʔtainina**ʔ**ãna helanãua iaisĩnátua
ʔtai-na-ina**ʔ**ãna he -li -a -nãu -a
1sg-LC-COL coró-?-SF-flexível-SF
iai -sĩná **-tu** -a
comer-1pl(exc)-FUT-M/IMPF
'Nós vamos comer coró'

Futuro negativo

O morfema sufixal {-hą̰lo-} codifica o futuro negativo. Ele ocupa sempre o penúltimo *slot* à direita do verbo, sucedendo o morfema de pessoa e precedendo o sufixo de gênero, evidencialidade e aspecto. Embora não seja obrigatório, é comum que uma palavra adverbial de negação, {haiti} ~ {haita}, se apresente antes do verbo principal, ou de um auxiliar, reforçando o valor de negação da cláusula. Essa palavra adverbial pode, inclusive, ocupar a primeira posição dentro da sentença:

(783) ʔtaina ãką̰naha haiti ą̰isa olikináhą̰loli
ʔtai-na ãką̰naha haiti
1sg-LC adv.amanhã adv.NEG
ą̰i -sa oli -ki -**náhą̰lo** -li
ir -ADIT pescar-ben/alv/font-1sg/FUTN-M/PF/EFR
'Eu não vou pescar amanhã'

(784) ʔtaina haiti ialu**ʔ**náhą̰loli
ʔtai-na haiti ialu**ʔ** -**náhą̰lo** -li
1sg-LC adv.NEG morrer-1sg/FUTN-M/PF/EFR
'Eu não irei morrer'

(785) haiti uãina ĩtọ̰nahą̰loli
haiti uãi-na ĩtọ̰ -na -**hą̰lo** -li
adv.NEG 2sg-LC adoecer-2sg-FUTN-M/PF/EFR
'Você não vai ficar doente'

(786) tiahla haita housa sĩna iainahą̰loli
tiahla haita hous-a sĩn-a
3sg/M NEG macaco-SF carne-SF
iai -ø -na**hą̰lo** -li
comer-3sg-FUTN-M/PF/EFR
'Ele não vai comer carne de macaco'

(787) iãnalia sultaĩ aʔhạ̰loli tala aũtsili
iãna-li-a sul -ta -ĩ aʔ -**hạ̰lo** -li
gato-?-SF bater/matar-PROIB-F/IMPF/EF matar-FUTN-M/PF/EFR
tala aũt -ø -sĩ -li
3sg/F arranhar-3sg-COP-M/PF/EFR
'Não bata no gato, ele arranha'

2.2.3.11 Sufixos evidenciais

O sistema de evidencialidade opera por meio de sufixos que adicionam informação testemunhal à cláusula, referente à fonte da informação. De acordo com Aikhenvald (2018, p. 5), evidencialidade, ou evidencial, não implica evidência, como erroneamente acreditaram outros pesquisadores. Evidência relaciona-se a fato, circunstâncias e objetos que provam a validade ou existência de algo. O que a evidencialidade faz é fornecer a fonte da informação, embora, de fato, um evidencial possa ter valor de verdade em si. De acordo com a autora, as línguas da Família Nambikwára são famosas no meio científico por exibirem sistemas bastante complexos de evidencialidade. Ainda, de acordo com ela: "*Expressões fusionadas de evidencialidade criam as bases para dependências entre os sistemas gramaticais de tempo, aspecto e modo (ou tipos de sentenças), com evidenciais*" (AIKHENVALD 2018, p. 10).

Em Hahãintesu, alguns sufixos evidenciais ocorrem fundidos aos sufixos de tempo, enquanto outros fundem-se aos sufixos aspectuais finais. Há ainda os que se comportam exclusivamente como evidenciais, caso do quotativo {-kilo ~ -kiloʔ} e do dedutivo {-hĩ}.

O sistema de evidencialidade, em Hahãintesu, abrange dois tipos maiores em importância e uso: os que identificam se a ação tem como fonte o testemunho visual do falante e aqueles que indicam que o fato narrado é originário de uma fonte secundária. Outros sufixos evidenciais identificados têm uso mais restrito e foram verificados em menor número, nos dados analisados.

Como a polissíntese prima pela concatenação e pela indexação de morfologia, os sufixos temporais que codificam evidencialidade visual, em verbos transitivos e intransitivos ativos, não são excluídos quando da entrada dos sufixos indicativos de tempo passado, passado remoto e passado memorial. Por isso, o fenômeno do tempo/evidencialidade é, aqui, descrito a partir

da análise dessas estruturas em blocos, os quais podem abarcar pessoa, tempo, aspecto, modo ou evidencialidade:

(788) uãina iãtea aʔnilanũhẽ
uãi-na iãte-a aʔ -ø -ni -la -**nũhẽ**
2sg-LC bicho-SF matar-3obj-2sg-SE-[CONT+PASS/IMPF]
'Você matava bicho'

(789) uãina talana nẽsa a̱itáhẽ
uãi-na tala-na nẽ -sa a̱i-**táhẽ**
2sg-LC 3sg/F-LC RNV-ADIT ir-[FNP/EN+PASS/IMPF]
'Você e ela foram (pescar)' (evidencialidade quotativa)

(790) a̱ináhẽla
a̱i-**náhẽ**-la
ir-[1sg/PASS]-M/PF
'Eu fui'

(791) a̱inahẽla
a̱i -ø -**nahẽ** -la
ir-3sg-[PASS/EV]-M/PF
'Ele foi'

Quadro 43 – Apresentação do quadro dos sufixos de tempo e/ou evidencialidade

Pessoa	Evidencialidade visual de ação observada + (tempo não-futuro próximo)	Evidencialidade narrativa + (tempo não-futuro próximo)	Evidencialidade circunstancial + (tempo não-futuro próximo)	Evidencialidade dedutiva	Evidencialidade quotativa
2	-na	-tá	-ta	-hĩ	kilo ~ kiloʔi
3	-na -nà	-tá	-ta	-hĩ	kilo ~ kiloʔi

De acordo com Lowe (1999, p. 274), o sufixo temporal {-na} codifica não apenas evidencialidade visual, mas também o que ele chamou de *newness*. Para o autor, o {-na[3]}, comparável aqui com o tom baixo, indica se a informação de cunho evidencial visual é um dado

compartilhado entre o falante e o ouvinte, enquanto que o {-na^2}, comparável ao tom *default*, indica que a informação veiculada é nova, sabida apenas pelo falante e contada, então, para o ouvinte.

Para Kroeker, o sistema temporal, em Nambikwára, integra mais dois aspectos, os quais não são encontrados normalmente em outras línguas: a verificação e a observação. Ao tratar sobre as relações entre o sistema temporal e o evidencial, Kroeker (2001, p.85-89), explicou que: "*Embora sejam dois traços diversos do sistema sufixado, eles são descritos na mesma seção por estarem interligados os respectivos sufixos*.". A *Verificação*, similar ao *newness* descrito por Lowe, relaciona-se com quem pode verificar a declaração do evento. Já o segundo tipo é chamado de *Orientação* pelo autor e diz respeito à fonte da informação dada pelo falante. O jogo promovido pela combinação de diferentes sufixos pessoais, aspectuais e temporais no interior da cláusula indica se a ação é coletiva ou individual e se tem orientação narrativa, dedutiva ou costumeira.

Em Hahãintesu, a evidencialidade não é marcada no morfema temporal que designa a primeira pessoa, e é, obrigatoriamente, marcada no sufixo que indica não-futuro próximo para as outras duas. Para a cláusula de segunda pessoa, o sufixo de tempo/evidencialidade visual {-na}, com tom *default*, indica sempre que o fato narrado é de conhecimento do falante e do ouvinte e, se trata, portanto, de um dado. No tocante à terceira pessoa, as distinções de tom revelam diferenças quanto ao tipo de marcação de evidencialidade: o tom baixo do sufixo revela que a informação veiculada trata-se de um *dado*, enquanto o tom *default* revela que a ação descrita é um fato *novo* para o ouvinte.

É importante ressaltar que, embora a terceira pessoa não esteja inserida no sufixo temporal, ela prescinde desse sufixo após o morfema de pessoa, pois, as distinções por tom no paradigma pessoal estão diretamente subordinadas às regras do sistema de caso da língua. Além disso, a segunda pessoa também apresenta contraste tonal no sufixo de tempo/evidencialidade {-na}, em relação às outas, como se pode observar no quadro seguinte:

Quadro 44 – Representação do contraste causado pelos três diferentes tons do sufixo {-na} para as três pessoas do discurso

PESSOA	Tempo não-futuro próximo de verbos dinâmicos		
	Forma	Evidencialidade visual	Exemplo
1ª	{-ná}	Não marcada	a̰i-**ná**-la (eu estou indo/eu fui)
2ª	{-na}	Marcada (dado)	a̰i-ni-**na**-la (você está indo/você foi)
3ª	{-nà}	Marcada (dado)	a̰i-ø-**nà**-la (ele está indo/ele foi)
	{-na}	Marcada (novo)	a̰i-ø-**na**-la (ele está indo/ele foi)

(792) ʔtaina sĩa hãuʔinála
ʔtai-na sĩ-a hãuʔi -**ná** -la
1sg-LC DEM-SF dormir-1sg/NFP-M/PF
'Eu dormi ali'

(793) iaininali
iai -ni -**na** -li
comer-2sg-NFP/EVC-M/PF/EFR
'Você comeu' (a informação é conhecida de ambos)

(794) uailia a̰inala
uai -li -a a̰i -ø -**na** -la
cachorro-?-SF ir -3sg-NFP/EVC-M/PF
'O cachorro andou' (a informação é conhecida de ambos)

(795) anũa ialukisa̰sĩnàla
anũ-a ialu -ki -sa -sĩ -ø -**nà** -la
índio-SF morrer-ben/alv/font-OB-COP-3sg-NFP/EVC-M/PF
'O índio está morto' (a informação é nova para o ouvinte)

A evidencialidade quotativa é marcada de duas formas em Hahãintesu. A primeira delas foi descrita por Kroeker (2001, p. 86) como um tipo narrativo e é representada pelo morfema temporal {-tá}. Segundo o autor: *"(...) indica que a atividade sobre a qual o falante ouviu falar ele agora relata ao(s) outro(s)*". Morfema similar a esse foi tratado por Lowe (1999) como sendo um tipo quotativo de evidencial (LOWE 1999, p. 275).

Embora o morfema {-tá} expresse, claramente, evidencialidade quotativa, escolheu-se glosá-lo como evidencial narrativo, posto que há dois tipos de quotativos em Hahãintesu, os quais diferenciam-se formal e funcionalmente. O sufixo {-tá} não identifica um possível sujeito como fonte da informação indireta. Nesses casos, seria possível traduzi-lo como algo do tipo 'Ouvi dizer que (...)'. Como o fato narrado é de conhecimento de todos (ou de alguns), ele é revelado sem a pretensão de se apontar um autor específico, ou inespecífico, da informação. A forma pretérita da expressão é indicada pela fusão de (**tá**+**iu**), como indicam os três últimos exemplos, logo abaixo:

(796) uailia kuẽla a̱itá
uai -li -a kuẽla a̱i -ø **-tá**
cachorro-? -SF agora ir-3sg-NFP/EN
'O cachorro está andando agora'

(797) aiouhaisĩtá
a- iou- hai -sĩ **-tá**
AG-INC:boca-abrir-COP-NFP/EN
'A porta está aberta'

(798) uãina iainisĩtái
uãi-na iai -ni -sĩ **-tá** -i
2sg-LC comer-2sg-COP-NFP/EN-M/IMPF/EFR
'Você já comeu!'

(799) uailia a̱itiu
uai -li -a a̱i-ø **-tiu**
cachorro-?-SF ir-3sg-PASS/PF/EN
'O cachorro andou'

(800) ahinitiu
ahi-ni **-tiu**
cair-2sg-PASS/PF/EN
'Você caiu'

(801) a̱tisánai taseala a̱itiuli
a̱ti -sá -na -i ta- se -a -la
estar triste-1sg/SE-M/NFP/IMPF-EFR 1POSS-esposa-SF-FEM
a̱i -ø **-tiu** -li
ir-3sg-PASS/PF/EN-M/PF/EFR
'Eu fiquei triste porque minha mulher foi embora'

O segundo tipo de sufixo indicativo de evidencialidade quotativa tratado aqui é {kilo ~ kiloʔi}. Esse morfema indica que a informação veiculada pelo sujeito tem outra fonte de origem, pois ele não é testemunha do ocorrido. Ao narrar o fato para um ouvinte, ele repassa a informação que recebeu de alguém que a presenciou, algo como: 'Disseram-me que (...)'. O responsável pela informação passada é alguém desconhecido ou propositadamente ocultado. Esse sufixo, ao contrário da maioria dos evidenciais de Hahãintesu, não se hospeda em um morfema temporal:

(802) ekiloainali tiahlanasu
e -**kilo**-ai -na -li tiahla -na -su
falar-EQ -3desc-NFP-M/PF/EFR 3sg/M-LC-SOD
'Alguém disse que tem homem (na lua)'

(803) iãnalia ũkiloaihaili
iãna-li-a ũ -**kilo** -ai -hai -li
onça-?-SF ser bravo-EQ-3desc-MEMO-M/PF/EFR
'Disseram que havia onça brava'

(804) uãina ahikiloinaina ekisaina
uãi-na ahi-**kiloʔi**-nai-na e -ki -sa -ai -na
2sg-LC cair-EQ-3desc-M/NFP falar-ben/alv/font-1obj-3desc-NFP/EV
'Alguém me disse que você caiu'

(805) tasũna iãnala kaĩntea aʔsãkiloʔina
ta- sũn -a iãna-li-a kaĩn -te -a aʔ -ø -sã -**kiloʔi** -ø -na
1POSS-avô-SF onça-?-SF ser grande-NOM-SF matar-3sg-REPET-EQ-3sg-NFP/EV
'Meu avô matou uma onça grande novamente.'

(806) tiahlana huaiailinãua ialuʔkilo esanali
tiahla-na huaiai -li -nãu -a
3sg/M-LC cobra venenosa -? -flexível-SF
ialuʔ -ø -**kilo** e -sa -ø -na -li
morrer-3sg-EQ falar-1obj -3sg-NFP/EV-M/PF/EFR
'Ele me disse que a cobra morreu'

O alomorfe {kiloʔi} apresenta função dedutiva diante de verbos estativos cognitivos. Nesse caso, a fonte da informação é a percepção do próprio sujeito sobre o estado experimentado/sofrido por uma terceira pessoa e que ele narra para seu ouvinte:

(807) talana hitutakiloʔisanali

tala -na hitu -ta **-kiloʔi**-sa -ø -na -li
3sg/F-LC sonhar-EC-EQ -1obj-3sg-NFP/EV-M/PF/EFR
‘Ela sonhou comigo’

(808) talana ĩtǫ̃kiloʔinali

tala-na ĩtǫ̃ **-kiloʔi** -ø -na -li
3sg/F-LC adoecer-EQ -3sg -NFP/EV-M/PF/EFR
‘Ela está doente’

(809) talana nẽialunikiloʔina

tala-na nẽ- ialu -ni **-kiloʔi** -na
3sg/F-LC INC:cabeça-morrer-IMIN-EQ -M/NFP
‘Ela está com dor de cabeça’ (Lit: ela quase morre por causa da cabeça)

O sufixo {-ta} foi descrito como um tipo de evidencial indicador de circunstância observada, em (LOWE 1999, p. 275). De fato, esse sufixo é empregado em verbos estativos cognitivos. Porém, acredita-se que ele não se refira diretamente a um tipo visual de evidencial, pois, semanticamente, esse tipo de verbo expressa estado. Ele ocupa o mesmo *slot* comumente destinado ao sufixo {-na}, nos verbos estativos. Acredita-se que ele se relacione, preponderantemente, como um tipo de dedutivo circunstancial de verbos estativos e, por isso, é glosado aqui como EC:

(810) ĩtǫ̃ʔalata

ĩtǫ̃ʔ -a -la **-ta**
adoecer-2sg-SE-NFP/EC
‘Você está doente’

(811) ekinaháli ĩtǫ̃ʔasĩtai

e -ki -na -há -li ĩtǫ̃ʔ -a -sĩ **-ta** -i
falar-ben/alv/font-2obj-1sg/NFP-M/PF/EFR adoecer-2sg-COP-NFP/EC-M/EFR
‘Eu te disse que você está doente’

(812) anũa heʔta iaitea iũnʔʔata

anũ -a heʔta iai -te -a iũnʔ -ʔ -ø -a **-ta**
índio-SF NEG comer-NOM-SF ter-NEG-3sg-NFP/EV-NFP/EC
‘O índio não tem nada para comer’

{-hĩ} - sufixo comumente usado em cláusulas de verificação individual de orientação dedutiva, em ocasiões em que o sujeito toma uma atitude baseada em algo que não viu, mas percebeu pelos outros sentidos. Interessante é verificar que, devido à constatação de o fato se

dar por questão involuntária, em (802), os sujeitos podem receber morfologia argumental estativa:

(813) aina a̰isa olikináhĩ
ain-a a̰i-sa oli -ki -ná **-hĩ**
peixe-SF ir-ADIT pescar-ben/alv/font-1sg/NFP-ED
'Vou pescar' (Contexto: sentindo que o tempo está bom para essa atividade)

(814) iaisanáhĩ
iai -sa -ná **-hĩ**
comer-OB-1sg/NFP-ED
'Vou comer' (Contexto: sua barriga roncou)

(815) ta̰nilahĩ
ta̰nil -a **-hĩ**
peidar-2sg-ED
'Você peidou' (Contexto: questionando o outro por causa do odor)

(816) nẽkanána hei?lahĩ
nẽka -ná -na hei? -ø -la **-hĩ**
ouvir-1sg/NFP-F/PF ter fome-3sg-SE-ED
'Ouvi que ele está com fome' (Contexto: o sujeito não é testemunha visual)

Evidencial de Fala Reportada (EFR)

O sufixo verbal {-i} codifica evidencialidade de fala reportada e, normalmente, ocorre fundido ao sufixo final designador do ouvinte e do aspecto, dentro da cláusula. Ocorre tanto em verbos ativos quanto em verbos estativos e pode coocorrer com outros evidenciais no interior da mesma cláusula. Segundo (AIKHENVALD 2018, p. 10) "*Em muitos casos, os evidenciais reportados ficam à parte do significado dos outros evidenciais, em termos de seu status gramatical e de suas propriedades. Em línguas que permitem que a evidencialidade possa ser marcada mais de uma vez na cláusula, as combinações, na grande maioria das vezes, incluem evidenciais reportados*". Para a língua Nambikwára, (KROEKER 2001, p. 105), tratou o sufixo {-i[1]}, com as mesmas características do evidencial aqui tratado, como um clítico de fala direta:

(817) hei?sáñĩ
hei? -sá **-ñĩ**
ter fome-1sg/SE-F/NFP/EFR
'Estou com fome' (Estou te dizendo que estou com fome)

(818) uilnàli

uil -ø -nà -**li**
ser bonito-3obj-NFP/EVC-M/PF/EFR
‘É bonito’

(819) tiahlana saũsanali

tiahla-na sa- ũ -sa -ø -na -**li**
3p.s/M-LC INST-dar-1obj-3sg-NFP/EVC-M/PF/EFR
‘Ele me deu’

(820) ʔtaina nilateláhẽli

ʔtai-na nila -tel -áhẽ -**li**
1sg-LC cortar cabelo-DES-1sg/TI -M/PF/EFR
‘Vou cortar meu cabelo’

(821) uãlakaloa uãina uaiekalosa saũánĩ

uã -li -a -kalo -a uãi-na
roupa-?-SF-liso-SF 2sg-LC
ua- ie -kalo -sa sa- ũ -á -**nĩ**
2POSS-RN-CL:liso-SF INST-dar-1sg/NFP-F/PF/EFR
‘Eu dei o vestido a você’

(822) uãina ueitsanánĩ iaisananĩ

uãi-na ueit -sa -ná -nĩ iai -sa -ná -**nĩ**
2sg-LC fazer-OB-1sg/NFP-F/PF/EFR comer-OB-1sg/NFP-F/PF/EFR
‘Eu fiz você comer’

(823) tasĩna iokɰaisáʔnani

ta- sĩn -a iokuɰi -sá -ʔ -na -**ni**
DEM-carne-SF gostar-1sg/NFP-NEG-dum-M/NFP/EFR
‘Dessa carne eu não gosto’

(824) iulɰ̃sáni

iulɰ̃ -sá -**ni**
ter medo-1sg/SE-M/NFP/EFR
‘Estou com medo’

(825) haʔtenɰ̃a ũhũnaháhũi

haʔte -nɰ̃ -a ũhũ -na -há -hũ -**i**
dinheiro-INC:folha-SF dar -2obj-1sg/NFP-FUTP-M/IMPF/EFR
‘Eu vou te dar o dinheiro’

2.2.3.12 Sufixos aspectuais

O indicativo de que uma ação finalizada ocorreu em um espaço continuado de tempo ou de que uma ação apresenta habitualidade ou processo é {-nũ}. Esse sufixo pode ainda se adjungir à esquerda dos sufixos de tempo passado {-hẽ, -hãi, -hai}, ampliando a ideia de imperfectividade/habitualidade veiculada por eles:

(826) tiahlana iãtea aʔnũhai
tiahla-na iãte -a aʔ -ø -ø **-nũ**hai
3sg/M-LC animal-SF matar-3obj-3sg-CONT/MEMO
'Ele matava bicho'

(827) uailia iũnʔʔatá ihnũ a̱iteta
uai -li -a iũnʔ-ʔ -ø -atá ih -ø **-nũ** a̱i -ø -teta
cachorro-?-SF ter -NEG-3sg-NFP/EN correr-3sg-CONT ir -3sg-INTER
'O cachorro não está. Ele fugiu?'

(828) uailia hainũsĩ
uai -li -a hai -ø **-nũ** -sĩ
cachorro-?-SF erguer -3sg-CONT-COP
'Meu cachorro está levantando-se'

(829) ʔtaina ialananẽka ueitánũla ũnáteláa
ʔtai-na ialana -nẽk -a ueit -ø -á **-nũ** -la
1sg-LC cocar-INC:cabeça-SF fazer-3obj-1sg/NFP-CONT-M/PF
ũ -ø -ø -ná -tel -á -a
dar-3obj.ind-3obj-1sg/NFP-DES-1sg/NFP-M/IMPF
'Estou fazendo um cocar para dar a ela'

(830) ʔtaina olikinũáli
ʔtai-na oli -ki **-nũ** -á -li
1sg-LC jogar bolar-ben/alv/font-CONT-1sg/NFP-M/PF/EFR
'Eu jogo bola'

(831) uãina iãtea aʔnilanũhẽ
uãi-na iãte-a aʔ -ø -ni -la **-nũ**hẽ
2sg-LC bicho-SF matar-3obj-2sg -SE-CONT/PASS/IMPF
'Você matava bicho'

(832) ʔtainina ʔãna iãtea aʔsĩnánũhẽ
ʔtai-na-ina ʔãna iãte-a aʔ -ø -sĩná **-nũ**hẽ
1sg-LC-COL animal-SF matar-3obj-1pl-CONT/PASS/IMPF
'Nós matávamos bicho'

2.2.3.13 Sufixos modais

Alguns sufixos modais observados na língua descrevem as atitudes e as opiniões dos falantes, seus atos, suas necessidades e a influência desses atos sobre os interlocutores:

Os verbos estativos, por exemplo, têm a forma sufixal {-hã} como indicadores declarativos mais comuns, os quais não são empregados com verbos de ação:

(833) ʔtaina iuhiąusáhã
ʔtai-na iuh-iąu -sá **-hã**
1sg-LC POS-ficar-1sg/SE-DEC
'Eu estou sentado'

(834) alį̨ahã
alį̨ -a **-hã**
sentir frio-2sg -DEC
'Você está com frio'

(835) iukĩnahã
iuk- ĩ -na **-hã**
INC:pé-doer-2sg-DEC
'Seu pé está doente'

(836) iokuą̨inahã
iokuą̨i -ø -na **-hã**
gostar-3sg-NFP/EVC-DEC
'Ela gostou (do cocar)'

O exclamativo {-ku} é usado quando o sujeito quer confirmar a intenção de realizar uma ação, ou quando ele monologa. O sufixo {-kã} é usado em contextos de entusiasmo positivo ou negativo a respeito de um acontecimento:

(837) ą̨iteláku
ą̨i -tel -á **-ku**
ir-DES-1sg/NFP-EXC
'Eu vou!'

(838) alukuį̨lakaʔtsu ueitákaku
alukwį̨-li-a -kaʔt -su ueit -á -kaʔt **-ku**
taboca-?-SF-longo-SF fazer-1sg/NFP-CL:longo-EXC
'Eu quero fazer flecha'

(839) uilnàkã
uil -ø -nà **-kã**
ser bonito-3sg-NFP/EV-EXP
‘É bonito! (o sapato)’

(840) kitikisánakã
kiti -ki -sá -na **-kã**
coçar-ben/alv/font-1sg/SE-M/NFP-EXP
‘Estou me coçando!’

A declarativa pode ainda ser promovida pela entrada dos morfemas sufixais {-ti}, de segunda pessoa, ou {-sĩ}, para a terceira pessoa. Esses morfemas são preponderantes em cláusulas de verbos adjetivais cognitivos e não foram verificados para a primeira pessoa do discurso. Eles preenchem o último ou o penúltimo slot da expressão declarativa, logo após o morfema de pessoa. Por questões de ordem pragmática, a cláusula de segunda pessoa tende a posicionar o morfema declarativo no último slot, enquanto que as de terceira pessoa podem trazer um morfema indicador de pessoa e aspecto após o declarativo:

(841) heiʔati
heiʔ -a **-ti**
ter fome-2sg -DEC
‘Você está com fome’

(842) heiʔsĩla
heiʔ -ø **-sĩ** -la
ter fome-3sg-DEC-M/PF
‘Ele está com fome’

(843) iąluati
iąlu -a **-ti**
ter sede-2sg-DEC
‘Você está com sede’

(844) iąlusĩla
iąlu -ø **-sĩ** -la
ter sede-3sg-DEC-M/PF
‘Ele está com sede’

(845) teʔsĩ
teʔ -ø **-sĩ**
querer-3sg-DEC
‘Ele quer (a espingarda)’

2.2.3.14 Sufixos interrogativos

A entonação característica promovida pelo contorno melódico interrogativo caracteriza uma das formas de se fazer perguntas em Hahãintesu. Há também formas livres interrogativas que podem ou não acompanhar os sufixos interrogativos, quando a cláusula os pede. São eles:

{-teta} - Normalmente, ocupa o último lugar nos sufixos verbais. É usado, sobremaneira, em contextos de desconhecimento, estranheza, falta. Em Kroeker (2001, p. 36), o autor descreve um sufixo interrogativo parecido como: "*verificação individual, orientação de resultado dedutivo*":

(846) uailia iũnʔa̱ta hinũ a̱iteta
uai -li -a iũnʔ-ʔ -ø -a -ta ih -ø -nũ a̱i -ø **-teta**
cachorro-?-SF ter -NEG-3sg-NFP-NFP/EC correr-3sg-CONT ir-3sg-INTER
'Onde o cachorro está?'

(847) ualoniahloa iaisateta
ua -lon -iahlo -a iai -sa -ø **-teta**
2POSS-irmão-SEX/M-SF comer-OB-3sg-INTER
'Teu irmão comeu?'

(848) aiãukitena iekaʔttetetai
aiãukitena ie -kaʔt -te **-teta** -i
Quem RN-longo-CL:desc-INTER-M/IMPF/EFR
'De quem é esse relógio?'

(849) tetateʔa
teta -teʔ -a
INTER-DEM-SF
'O que é isso?'

(850) uãina iainitetai
uãi-na iai -ni **-teta** -i
2sg-LC comer-2sg-INTER-EFR
'Você já comeu?'

{-hã} - usado para se construir questões abertas:

(851) iokua̱inahã
iokua̱i -ø -na **-hã**
gostar -3obj-NFP/EV-INTER
'Ela gosta?'

(852) uãina uilnanahã

uãi-na uil -na -na **-hã**
2sg-LC ser bom-2sg-2NEG-INTER
‘Você não é bom?’

(853) ualinũa ahlihã

uali -nũ -a ahli **-hã**
mandioca-massa-SF ser.ter ainda-INTER
‘Tem beiju ainda? (na tua casa)’

(854) uilihã

uil -i **-hã**
ser bom-2sg-INTER
‘Você está bem?

{-ti} - normalmente acompanha os pronomes interrogativos livres, porém, preso ao verbo. Esse sufixo tem relativa mobilidade no interior da holofrase, mas, preferencialmente, ocupa os últimos *slots*, entre os sufixos flexionais:

(855) uãkotinali

uãko **-ti** -na -li
sobrar-INTER-NFP/EV-M/PF/EFR
‘Sobrou alguma coisa?’

(856) huãina a̱isaahinati

huãina a̱i-sa-ahina-**ti**
COMIT ir-OB-ST-INTER
‘Quem de nós vai?’

(857) ĩnũna huka?ta ieisanitila

ĩnũna hu -ka?t -a iei -sa -ni **-ti** -la
onde flecha-longo-SF colocar-OB-2sg-INTER-M/PF
‘Onde você colocou a flecha?’

(858) ĩhĩnta ĩ?iite?ti

ĩhĩnta ĩ?i -i -te? **-ti**
quando chegar-2sg-DEM-INTER
‘Quando você chegou?’

(859) hĩnesa a̱ihĩnasanátii

hĩnesa a̱i -hĩna -sa -ná **-ti** -i
como ir-ST-OB-1sg/NFP-INTER-M/IMPF
‘Como eu chego? (na gruta)’

{-hĩna} - esse sufixo interrogativo geralmente precede o interrogativo {-ti-}, codificando tempo:

(860) uãina uãina nẽnasa a̰uthĩnati
uãi-na uãi-ina nẽ -na -sa a̰ut-**hĩna**-ti
2sg-LC 2sg-LC RNV-NFP/EV-ADIT ir(col)-ST-INTER
'Quem vai, você ou você?'

(861) huãina a̰isahĩnati
huãina a̰i-sa-**hĩna**-ti
COMIT ir-OB-ST-INTER
'Quem de nós vai?'

(862) ĩhĩnta ĩʔihĩnatii
ĩhĩnta ĩʔi -**hĩna** -ti -i
quando chegar-ST-2sg-INTER-M/IMPF/EFR
'Quando você vem de novo?'

2.2.3.15 Modais deônticos

2.2.3.15.1 Imperativo

O sufixo verbal {-tu} codifica o imperativo em Hahãintesu. Ainda, assim, é possível que cláusulas indicativas, com força ilocutória e contorno melódico característicos, possam indicar esse modo. É fato que, muitas vezes quando produzem frases imperativas, as mulheres Manairisu baixam drasticamente o tom da última sílaba, alongando a vogal, de forma diferente do que é produzido, em geral, pelos homens, quando usam imperativos. Uma investigação mais acurada, sobretudo no campo da prosódia, poderá confirmar se esse fenômeno é uma característica distintiva da fala de homens e mulheres.

Morfofonologicamente, através de sufixos finais distintos e mudanças na força entoacional, o Hahãintesu distingue imperativo forte de imperativo fraco, usando os sufixos finais {-la}, {-li}, {-na} {-ni} e {-nĩ}. Os sufixos distinguem também se a ordem é dada para uma segunda pessoa do sexo masculino ou feminino. Essa distinção é importante, mas não necessária. Em contextos de ordem para pessoas de ambos os sexos, por exemplo, é comum que eles optem por não usar nem uma marca nem a outra, indicando que a falta do sufixo possa

marcar neutralidade. Não há plural morfológico para o imperativo na língua. A mesma expressão imperativa serve para um ou mais de um indivíduo.

A cláusula imperativa é formada, basicamente, pela raiz verbal, o sufixo imperativo {-tu} e algum sufixo final indicador de perfectividade[147]. Por razões de ordem semântica e pragmática, apenas as informações relativas às distinções de gênero são mantidas no morfema final. A presença desses sufixos, porém, aliada a mudanças na entonação e força ilocutória típicos desse tipo de expressão, orientam a divisão do imperativo em dois tipos: o primeiro deles, caracterizado como o tipo forte, é promovido quando a cláusula imperativa toma um dos sufixos finais {-li}, {-ni} ou {-nĩ}. Se o imperativo toma um dos tipos {-la} ou {-na}, como forma final, tem-se a modalidade fraca:

(863) iãtu
iã **-tu**
andar.rápido-IMP
'Vão!' (fala de homem para várias crianças de ambos os sexos)

(864) aʔtu
aʔ -ø **-tu**
matar-3obj-IMP
'Mata ele!' (Fala de um homem para o outro, enquanto caçam)

O imperativo fraco é resultado da união do marcador de imperativo {-tu}, seguido das formas finais de masculino e feminino {-la} e {-na}, respectivamente:

(865) sakalantula
sa- kalan **-tu** **-la**
INST-subir-IMP -M/FR
'Levante-se'

(866) uãina uãtuna
uãi-na uã **-tu** **-na**
2sg-LC vir-IMP-F/FR
'Vem!' (Maria disse para uma outra)

(867) ahua tiahla uãtula
ahua tiahlo-a uã **-tu** **-la**
Avá Masc-SF vir-IMP-M/FR
'Avá, vem. (A esposa chamou)'

[147] Esse tipo de cláusula não permite o uso de alguma de suas contrapartes imperfectivas: {-a, -ua, -i, -ĩ}

(868) uãina ualia ueituna
uãi-na uali -a ueit **-tu** **-na**
2sg-LC mandioca-SF fazer-IMPER-F/FR
‘Você, vá fazer farinha (ordem do pai para a filha)’

O imperativo forte é expresso por meio do sufixo {-tu}, seguido dos sufixos finais {-li}, {-ni} ou {-ñĩ}. Eles são acompanhados também por mudança entoacional, pois há alteamento do tom da última sílaba e alongamento da vogal alta.

(869) uãina a̱isatuli
uãi-na a̱i -sa **-tu** **-li**
2sg-LC ir-OB-IMP-M/FOR
‘Vá caçar!’

(870) soʔtuñĩ
soʔ **-tu** **-ñĩ**
pegar-IMP-F/FOR
‘Pegue (para mulher)’

(871) soʔtuli
soʔ **-tu** **-li**
pegar-IMP-M/FOR
‘Pegue (para homem)’

(872) uãisoli a̱ituli
uãi-soli a̱i **-tu** **-li**
2sg-só/apenas ir-IMP -M/FOR
‘Vá sozinho. (para homem)’

(873) iãtuñĩ
iã **-tu** **-ñĩ**
andar.rápido-IMP -F/FOR
‘Anda! (para mulher)’

Os sufixos {-le} e {-ne} também podem ocupar o slot logo após o sufixo imperativo codificando um tipo continuativo de ordem. Não há grande variação prosódica entre as alturas das sílabas pronunciadas, mas a vogal média do sufixo final é alongada, conforme intensidade e força que se quer exprimir:

(874) iãtule
iã -**tu** -**le**
andar.rápido-IMP-M/CONT
‘Continue andando’

(875) iaitune
iai -**tu** -**ne**
comer-IMP-F/CONT
‘Continue comendo’

O tipo imperativo negativo de cláusula pode ser promovido através do uso de lexemas livres de significado negativo ou putativo, como {haiaʔka ~ huaiaʔka}:

(876) uailia huaiaʔka sultula
uai-li-a **haiaʔka** sul -tu -la
cachorro-?-SF PUT bater/matar-IMP-M/FR
‘Pare de bater no cachorro (Não bata no cachorro)’

(877) huaiaʔka uanelatuna
huaiaʔka uane -ø -la -tu -na
PUT varrer-3obj-SE-IMP-F/FR
‘Pare de varrer a casa (Não varra a casa)’

Em casos de serialização de ações verbais imperativas, apenas o último verbo recebe os sufixos específicos. É possível perceber que há casos em que o sufixo pessoal de segunda pessoa pode anteceder o morfema imperativo:

(878) kaiuhsĩna soʔsa tẽnʔana uiʔtu
kaiuh-sĩn-a soʔ -sa tẽ -a -na uiʔ -**tu**
bicho-carne-SF pegar-ADIT trazer-SF-NFP/EV entrar/colocar-IMP
‘Pega a carne, traz e coloca lá’

(879) uaihakaloa soʔnahẽ haiitu
uaiha-kalo-a soʔ -na -hẽ hai -i -**tu**
mesa-liso -SF pegar-2NEG-TI deixar-2sg-IMP
‘Não pega, deixa em cima da mesa’

2.2.3.15.2 Hortativo

Há ainda um sufixo verbal que codifica o hortativo, {-li}. Esse sufixo insere-se diretamente à direita da raiz verbal e caracteriza-se por ser um pedido, um chamado, um convite, o qual não exige adesão do interlocutor:

(880) a̰ili
a̰i-**li**
ir-HORT
'Vamos!'

(881) a̰isili olikikisĩtaili
a̰i-sĩ **-li** oli -ki -ki -sĩ -tai -li
ir-1pl-HORT brincar-ben/alv/font-dual-1pl-grupo-M/PF/EFR
'Vamos jogar bola!'

(882) (...) kalanli nũʔa aʔni-tu-i (...)
(...) kalan-**li** nũʔ-a aʔ -ni -tu -i
subir-HORT DEM-SF matar-2sg-FUT-M/IMPF/EFR
(...) 'sobe nele, lá, e você vai matar (...) (trecho da narrativa: '*O homem que precisa de penas*', que trata da ida do personagem da terra até o céu)

2.2.3.16 Sufixos dêiticos finais

Esses sufixos não obrigatórios inserem-se nos verbos dinâmicos e estativos, normalmente, ocupando o *locus* mais à direita, na cadeia estrutural da cláusula e apresenta características muito particulares. Eles codificam uma porção de informações que têm relação direta com o conteúdo semântico expresso pelo verbo e com os falantes no momento discursivo. Aqui, várias informações típicas do contexto pragmático comunicativo são gramaticalizadas e se inserem no sistema linguístico como tipos morfológicos. Esses morfemas conjugam gênero, aspecto e segunda pessoa dêitica num tipo de *portmanteau* e, assim, possibilitam que, com menos slots ocupados seja agrupada uma quantidade bem maior de informação.

Os gêneros masculino e feminino são codificados pelos morfemas {-la}, para o masculino, e {-na} para expressão do feminino da pessoa com quem se fala, o ouvinte[148]. Esses

[148] De acordo com Levinson (1983, p. 68) "Como os falantes, o centro dêitico, onde o resto do sistema dêitico está suspenso, é abruptamente mudado de participante para participante. (...) Embora a deixis de pessoa se reflita

morfemas podem, ainda, acumular evidencialidade de fala reportada, através da inclusão dos sufixos {-i}, o qual foi descrito na sessão dirigida aos sufixos evidenciais:

Quadro 45 – Apresentação dos sufixos indicadores de aspecto, gênero e evidencialidade finais de verbos estativos e dinâmicos

-la	gênero masculino + perfectivo
-na	gênero feminino + perfectivo
-li	gênero masculino + perfectivo + evidencial
-nĩ	gênero feminino + perfectivo + evidencial

(883) ʔtaina kasola iũnʔa ilokinála

ʔtai-na kasol-a iũnʔ -a ilo -ki -ná **-la**
1sg-LC cachorro-SF carrapato-SF tirar/catar-ben/alv/font-1sg/NFP-M/PF
'Eu tirei o carrapato do cachorro'

(884) ahnala

ah -na **-la**
chover-NFP-M/PF
'Choveu'

(885) ʔtaina iuhla nilanána

ʔtai-na iuh-li-a nila -ná **-na**
1sg-LC faca-?-SF cortar cabelo-1sg/NFP-F/PF
'Eu cortei meu cabelo com faca'

(886) tiahlana saũsanali

tiahla-na sa- ũ -sa -ø -na **-li**
3sg/M-LC INST-dar-1obj-3sg-NFP/EVC-M/PF/EFR
'Ele me deu'

(887) ʔtaina nilateláhẽli

ʔtai-na nila -tel -áhẽ **-li**
1sg-LC cortar cabelo-DES-1sg/TI-M/PF/EFR
'Vou cortar meu cabelo'

diretamente na categoria gramatical de pessoa, pode-se dizer que nós precisamos desenvolver uma estrutura pragmática independente dos papéis dos participantes. Então, podemos ver como, e em que medida, esses papéis são gramaticalizados em diferentes línguas. Esse tipo de estrutura observaria que os falantes, porta-vozes, poderiam ser distintos da fonte do enunciado, o recipiente distinto do alvo e os ouvintes, ou platéia, distintos do endereço ou alvo e que, às vezes, essas distinções são gramaticalizadas de maneiras não-óbvias."

Além de expressarem o gênero do interlocutor, os sufixos tratados acima apresentam informação aspectual de perfectividade ou imperfectividade. As formas imperfectivas são verificadas apenas para as cláusulas que tratam do tempo não-futuro próximo e do futuro, enquanto que as formas perfectivas somente foram observadas em cláusulas que tratam do tempo não-futuro próximo e as que tratam dos tempos passados. As formas de imperfectivo[149] {-a ~ -ua} codificam o masculino, em quanto que o morfema {-ã}, codifica o feminino:

(888) ʔtaina haiʔnátua
ʔtai-na haiʔ -nátu **-a**
1sg-LC cantar-1sg/FUT-M/IMPF
'Eu vou cantar'

(889) iaisãteláua
iai -sã -tel -á **-ua**
comer-REPET-DES-1sg/NFP-M/IMPF
'Quero comer de novo'

(890) uãsĩnaã
uã -sĩ -ø -na **-ã**
vir-COP-3sg-NFP/EV-F/IMPF
'Ela está vindo'

(891) ũĩa aiiąua ueitsa nąteláua
ũĩ-a a- i -iąu -a ueit-sa nąˌ -tel -á **-ua**
batata 3POSS-água-líquido-SF fazer-ADIT beber-DES-1sg/NFP-M/IMPF
'Vou cozinhar batata na água para beber (chicha)'

Os verbos estativos cognitivos apresentam um mecanismo diferenciado, em Hahãintesu, para descrição desses morfemas. De acordo com Kroeker (2001, p. 8-11) a estrutura do verbo estativo na língua Nambikwára do Sul também mostra um sufixo final nos moldes do que acontece com os verbos dinâmicos, terminado em {-la^2} ou {-wa^2}. O Hahãintesu, embora raramente apresente esse tipo de estrutura, não perdeu a capacidade de equacionar as informações de gênero, aspecto e modo no último sufixo do verbo. O morfema temporal {-na} pode portar essas informações. Se a informação de perfectividade é necessária, no

[149] Em Nambikwára do Campo, os sufixos -wa e -ã, codificam, respectivamente o masculino e o feminino imperfectivo (KROEKER, 2001)

entanto, um sufixo {-la}, para o masculino, ou {-na}, para o feminino, é acrescido para expressar aspecto perfectivo à cláusula:

Quadro 46 – Apresentação dos sufixos de aspecto, gênero e evidencialidade em sufixos *portmanteau* de verbos estativos

-na	tempo + masculino
-nã	tempo + feminino
-ni	tempo + masculino + evidencial
-nĩ	tempo + feminino + evidencial

(892) uãina iokuạinalana
uãi-na iokuại-na-la-**na**
2sg-LC gostar-2sg-SE-M/NFP
'Você gostou (do meu colar)'

(893) ĩtọalanã
ĩtọ -a -la **-nã**
adoecer-2p.s-SE-F/NFP
'Você está doente'

(894) tasĩna iokuaisaʔnani
ta- sĩn -a iokuại -sá -ʔ -na **-ni**
1POSS-carne-SF gostar-1sg/SE-NEG-dum-M/NFP/EFR
'Dessa carne eu não gosto'

(895) iulị̃sáni
iulị̃ -sá **-ni**
ter medo-1sg/SE-M/NFP/EFR
'Estou com medo'

(896) heiʔsánĩ
heiʔ -sá **-nĩ**
ter fome-1sg/SE-F/NFP/EFR
'Estou com fome'

(897) iiạua iạlusanĩ
i -iạu -a iạlu -sa **-nĩ**
água-líquido-SF ter sede-1sg/SE-F/NFP/EFR
'Estou com sede'

Caso o verbo estativo cognitivo exiba o sufixo de aspecto perfectivo {-**tiu**}, recebe a morfologia final típica dos verbos dinâmicos, com toda informação da *dêixis* sendo veiculada pelo sufixo final. Caso a cláusula apresente o sufixo de tempo passado imperfectivo {-**hẽ**}, a informação veiculada pelo sufixo final perfectivo não representará um paradoxo, pois, o sufixo temporal refere-se à duração da ação veiculada, enquanto que o sufixo final indica que ela teve fim:

(898) taloniahla ĩtǫnainàla
ta- lon -iahlo -a ĩtǫ -nai -nà **-la**
1POSS- irmão -SEX/M-SF adoecer-3desc-NFP/EVC-M/PF
'Meu irmão estava doente'

(899) ʔtaina ą̃tisáhẽla
ʔtai-na ą̃ti -sá **-hẽ** **-la**
1sg-LC estar triste-1sg/SE-PASS/IMPF-M/PF
'Eu fiquei triste'

(900) uauailia ialuʔtiunala
ua -uai -li -a ialuʔ -ø **-tiu** -na **-la**
2POSS-cachorro-?-SF morrer-3sg-PASS/PF/EN-NFP/EV-M/PF
'Teu cachorro morreu'

2.2.4 Advérbio

Segundo Schachter & Shopen (2007, p. 19-20), o conceito de advérbio é normalmente aplicado a grupos de palavras, numa língua, os quais não necessariamente têm muito em comum entre si, seja nocionalmente ou gramaticalmente. Para Payne[150] (1997, p.69):

> "Qualquer palavra com conteúdo lexical [...] que não é claramente um nome, um verbo ou um adjetivo é usualmente colocada na classe dos advérbios. Semanticamente, formas que têm sido chamadas de advérbios cobrem um grupo grande de conceitos, ainda que não possam ser identificadas em termos de estabilidade temporal ou qualquer outro parâmetro semântico bem definido. [...] Formalmente, advérbios podem se caracterizar, primeiramente, em

[150] Tradução própria

> termos de sua distribuição. Eles são, tipicamente, a categoria gramatical mais irrestrita em termos de sua posição nas sentenças."

Advérbios são uma classe aberta em Hahãintesu, cujos representantes formam um conjunto, relativamente, pequeno de membros, os quais, predominantemente, apresentam valor de tempo, localização e modo. Esse número é explicado, em parte, pelo fato de muitos dos conceitos expressados tipicamente por advérbios, em línguas indo-europeias, existirem como formas verbais nessa língua. No entanto, o quantitativo de palavras adverbiais aumenta, consideravelmente, porque muitas dessas raízes verbais podem converter-se em advérbios deverbais, mediante operações morfossintáticas, ou através do recebimento de sufixos nominalizadores. De acordo com Schachter & Shopen (2007, p. 22): "*em algumas línguas, o significado equivalente de certos advérbios é expressado por verbos, o que é, particularmente, mais comum no caso de advérbios comparativos e de grau superlativo*"[151]. Outras noções epistêmicas dos advérbios são expressas através de morfemas presos ao verbo, como os que foram descritos na sessão que tratou dos aspectuais/modais.

De acordo com Telles (2002, p. 329-330), o Latundê apresenta um número reduzido de itens os quais são considerados como primitivos adverbiais, além de adverbiais deverbais. Noções adverbiais são expressas também na forma de sufixos verbais, como morfologia advérbio-modal, segundo a autora. O entendimento de que a classe adverbial é reduzida, em parte, pelo fato de o inventário de tipos verbais apresentar itens com valor locativo é também o entendimento de Eberhard (2009, p. 524) sobre o advérbio em Mamaindê. O Sabanê, segundo Antunes (2004, p. 195), apresenta duas classes de advérbios: os que se comportam como palavras prosódicas independentes e os que são usados apenas com função verbal.

Ao tratar da língua Nambikwára do Sul, Kroeker (2001, p. 102-103), explica que os advérbios são palavras facultativas que ocorrem perto do início das orações, podendo ser divididos em: temporais, locativas e modais. Além desses tipos, o autor cita a existência de locuções adverbiais do tipo verbo-verbo, verbo-advérbio, substantivo-advérbio e adjetivo-advérbio que modificam o verbo principal de uma oração.

A estrutura da palavra adverbial em Hahãintesu é relativamente simples, com poucos *slots* destinados ao recebimento de afixos privativos dessa classe. Assim, há tipos em que não se verificou variação da forma primitiva, tipos que recebem apenas uma forma ou duas de afixos

[151] Tradução própria

e algumas raízes adverbiais temporais mais propensas ao recebimento de prefixos e sufixos diversos qualitativa e quantitativamente.

Quando pronunciados fora de contexto linguístico, alguns advérbios podem receber o sufixo nominalizador {-te}, seguido do sufixo final {-su}, o que lhes confere mais estatividade e proximidade com os nominais[152]. Por isso, se usados em textos, ou nos contextos de fala natural, os mesmos advérbios recebem o morfema nominalizador seguido do sufixo final {-a}, ou, ainda, um nominalizador e um sufixo final na forma conjugada {-ta}. Alguns são tipos composicionais formados pela concatenação de raízes e sufixos nominais e verbais ou até cláusulas inteiras. Os exemplos seguintes mostram a formação de palavras adverbiais por adjunção de sufixos nominalizadores:

Quadro 47 – Apresentação de advérbios em tipos composicionais através do acréscimo do sufixo nominalizador {-te}

kãnatesu / kãnata	noite
ualiato?tesu	meia-noite
uanẽkakatesu	meio-dia
sũnitesu	período da tarde
ualiatesu	uma hora da tarde
tesolitesu	um minuto
ãtukta	cedo
ãialita	tarde
alitea	que vem de fora
ianatea	que está longe

[152] Alguns dos advérbios apresentados parecem descrever atividades ou circunstâncias do dia-dia dos manairisu, como /wa'liato?tesu/ que traduzido daria: wali=mandioca, a=SFR, to?=derrubar,cortar, te=NOM su=SF (relativo ao horário em que os manairisu vão à roça tirar mandioca) ou uanẽkakatesu, ua=2poss nẽ=cabeça ʔki=CL:ósseo a=SF kaʔt=CL:reto/duro te=NOM su=SF (relativo ao horário em que o sol está sobre a sua cabeça)

Os advérbios são considerados como uma categoria à parte, não como uma subcategoria dos nomes, por exemplo, pois não funcionam como argumento interno ou externo de verbos, não recebem prefixos de posse, sufixos finais ou classificadores nominais; eles também não foram listados na categoria verbal porque os tipos de afixos que alguns podem receber diferem formal e funcionalmente daqueles verificados para a morfologia verbal.

Algumas das palavras adverbiais primitivas não apresentaram disposição para o recebimento de sufixos de quaisquer tipos, como se verifica no quadro seguinte:

Quadro 48 – Apresentação de exemplos de advérbios dos tipos primitivos

kualeki	perto
oha	sobre, em cima de
iuha	embaixo de
a	já
tika	aqui
tẽha	ainda
uila	devagar
hẽne ~ hẽna ~ hẽta	nunca mais

(901) a a̱ina

a a̱i -ø -na
já ir -3sg-NFP/EV
'Ele já foi'

(902) tiahlana s̃iha kualeki s̃ihĩa

tiahla-na s̃ih-a **kualeki** s̃ih- ĩ -a
3sg/M-LC casa-SF perto INC:'casa'- ver -SV
'Ele viu a casa perto'

(903) iiąua ialụsána henẽ nąnáhẽ

i -iąu -a iąlu -sá -na
água-líquido-SF ter sede-1sg/SE-M/NFP
henẽ nąˌ -ná -hẽ
'nunca mais' beber-1sg/NFP-PASS/IMPF
'Estou com sede, nunca mais bebi água'

(904) ʔtaina sĩhakiioua wila sahaia

ʔtai-na sĩh -a -ki -iou -a uila sa- hai -a
1sg-LC casa-SF-redondo-boca-SF **lento** INST-abrir-SV
'Eu abri a porta devagar'

(905) ahiʔkia oha heiʔkia

a- hi -ʔki -a **oha** heiʔk -ia
3POSS-mão-ósseo-SF sobre estar.em -SV
'A mão está sobre a mesa'

Verbos são uma importante fonte para a criação de advérbios. Muitos verbos adjetivais dão origem aos advérbios deverbais através de sufixação de nominalizadores às raízes. Alguns outros são resultado da adição do sufixo adverbializador {-ti} ou {-li} ao núcleo verbal, similar ao que foi verificado por (KROEKER 2001, p. 102), para o Nambikwára do Sul. São exemplos:

Quadro 49 – Representação do processo de formação de advérbios por meio da entrada dos sufixos nominalizadores e adverbializadores

utesu	u- (ser longe) -te- (NOM) -su (SF)	longe
kaĩtesu	kaĩ- (ser muito/ser grande) -te- (NOM) -su (SF)	muito, mais
tiũʔitesu	tiũʔi- (ser menos/ser pequeno) -te- (NOM) -su (SF)	pouco, menos
halotesu	halo- (ser de fora/ser do cerrado) -te- (NOM) -su (SF)	de fora, do cerrado
uasuti	uasu- (ser rápido) -ti (ADZ)	rapidamente
ialiti	iali- (ser tarde) -ti (ADZ)	ontem
kalaʔti	kalaʔ- (ser muito/ ser bastante) -ti (ADZ)	muito

kanati	kana- (ser tarde/anoitecer) -ti (ADZ)	à noite
uli	u- (ser longe) -li (ADZ)	longe
akuakali	akua- (estar próximo) -ka- (REDUP) -li (ADZ)	muito perto
soli	so- (estar só/ser apenas) -li (ADZ)	só, somente, apenas
heli	he- (ser pouco/ser dois) -li (ADZ)	poucos

(906) ʔtaina sĩhkiioua uasuti safia
ʔtai-na sĩh -kaʔt -iou -a **uasu** **-ti** safi -a
1sg-LC casa-longo-boca-SF ser rápido-ADZ fechar-SV
'Eu fechei a porta rapidamente'

(907) ʔtaina soli haisa kọua kualikia
ʔtai-na **so** **-li** hais -a kọu -a
1sg-LC só/somente-ADZ campo-SF limpo/roçado-SF
kuali -ki -a
ir à roça-ben/alv/font-SV
'Somente eu cheguei à roça'

(908) ãkanáha ạika kaĩtea aʔá
ãkanáha ạik-a **kaĩn** **-te** -a aʔ -ø -á
amanhã mutum-SF ser muito-NOM-SF matar-3obj.-1sg/NFP
'Amanhã, eu vou matar um mutum grande'

(909) ialiti hinĩna sãnaia sĩniainánhẽla
iali **-ti** hĩ-nĩna sãnai -a sĩn- iai -náhẽ -la
ser tarde-ADZ adv:temp tatu canastra-SF INC:'carne'-comer-1sg/PASS/IMPF-M/PF
'Eu comi carne de tatu ontem'

Algumas raízes verbais adjetivais podem ser usadas como adverbiais ainda que não recebam sufixos adverbializadores. Isto acontece, principalmente, com os de grau superlativo e diminutivo:

(910) tiahlana kaĩn hãuʔia
tiahla-na **kaĩn** hãuʔ -ø -ia
3sg/M-LC muito dormir-3sg -SV
'Ele dormiu muito'

(911) ʔtuha tiũ silitiula

ʔtuh -a **tiũ** sili -ø -tiu -la
mulher-SF pouco assar-3sg-PASS/PF/EN-M/PF
'A mulher assou pouco'

Todos os três tipos de advérbios descritos para o Hahãintesu, os temporais, os locativos e os modais, ocupam, preferencialmente, as posições mais à esquerda do verbo principal, no interior da cláusula. Apesar disso, alguns advérbios de modo preferem a primeira posição dentro da cláusula, a que antecede os argumentos verbais. A posição dos advérbios dentro da sentença, no entanto, pode estar ligada ao foco, a relação estabelecida entre esses advérbios e outros elementos no interior da cláusula, e aos contextos de produção de fala. Ao tratar sobre um de três tipos de foco mais comuns verificados em estudos tipológicos de línguas, Payne (1997, p. 268) explicou que *"(...) o foco tem um status pragmático especial que não é evidente em todas as sentenças. Às vezes essa concepção de foco é chamada de Foco Marcado. Assim, eles se desviam em suas nuances pragmáticas do padrão, do tipo mais comum verificado para a língua. (...) A maior distinção na tipologia do foco marcado recai sobre a direção do 'escopo do foco'. O escopo do foco de uma sentença é o valor de verdade da sentença inteira ou um constituinte da sentença.*"[153].

O valor de advérbio, portanto, manifesta-se, gramaticalmente, pelo menos, de quatro maneiras: na forma de palavras adverbiais primitivas, na forma de afixos verbais, como adverbiais deverbais ou como verbos adjetivais com valor locacional ou espacial.

Os locativos são o tipo menos verificado, quantitativamente, dentre as palavras adverbiais de Hahãintesu. O número reduzido desse tipo de advérbio pode estar ligado ao fato de a língua dispor de formas sufixais variadas que concorrem para a indicação de espaço e localização no verbo, como aplicativos locativos e posicionais, demonstrativos ou direcionais[154]. Além disso, há, ainda, verbos adjetivais como: {u-} 'estar longe', {halo-} 'ser de fora/ser do cerrado', {nẽki-} 'estar cheio', {nẽwalolo-} 'estar meio', {heiʔk-} 'estar em', {uaitsa-} 'estar à direita' ou {nesa-} 'estar à esquerda', os quais têm valor semântico locacional ou espacial. Seguem alguns exemplos de uso de advérbios locativos:

[153] Tradução própria
[154] Os afixos verbais tratados de aplicativos, além de outros tipos de sufixos verbais indicativos de localização ou direção, são assunto da sessão sobre os sufixos verbais, (p. 183).

(912) uailia teʔa haloà teʔa taiekisasĩ

uai -li -a teʔ -a **halo** -ø -à teʔ -a ta- ieki -sa -sĩ
cachorro-?-SF DEM-SF ser de fora-3sg-NFP/EVC DEM-SF 1POSS- RN-OB-COP
'O cachorro que está lá fora é meu'

(913) iuha sa̱ia

iuha sa̱ -ø -ia
debaixo de deitar-3sg -SV
(algo) está debaixo da (mesa)

(914) ahiʔkia oha heiʔkia

a- hi -ʔki -a **oha** heiʔk -ø -ia
3POSS-mão-ósseo-SF sobre estar em-3sg-SV
'A mão está sobre a mesa'

(915) tiahlana sĩha uli ĩa

tiahla -na sĩh-a **u** -li ĩ -a
3p.s/M-LC casa-SF estar longe-ADZ ver -SV
'Ele viu a casa longe'

Alguns verbos com valor semântico locativo dispensam outras formas de expressão de localização, como palavras adverbiais livres ou prefixos locativos e direcionais, caso dos estativos unipessoais apresentados nos exemplos seguintes:

(916) uailia halonali

uai -li -a **halo** -ø -na -li
cachorro-?-SF ser de fora-3sg-NFP/EV-M/PF/EFR
'O cachorro está fora'

(917) aiuʔkia iuheiʔkia

a- iu -ʔki -a iu- **heiʔk** -ia
3POSS-pé-ósseo-SF INC: 'pé'-estar em -SV
'O pé está sobre (a mesa)'

(918) nẽkikaʔtia

nẽki -kaʔt -ia
estar cheio-longo -SV
'O (copo) está cheio'

Os advérbios de tempo representam um conjunto maior de entes dentre os três tipos investigados para a língua. Como apontado anteriormente, alguns apresentam-se como formas

primitivas não segmentáveis, outros assemelham-se a locuções adverbiais, expressões ou cláusulas temporais nominalizadas. O fato é que, diferente do que acontece com a localização, a direção, o espaço, ou mesmo o modo, o momento no tempo ou o período do dia, por exemplo, em que se desenvolve um evento, raramente podem ser descritos por meio de sufixação verbal em Hahãintesu, pelo menos no nível da cláusula. Também são raros os verbos de valor semântico temporal e, portanto, raros os advérbios deverbais de mesmo valor. Esses fatores colaboram para que haja mais tipos adverbiais de tempo manifestando-se livremente no interior da cláusula. Alguns exemplos podem ser verificados abaixo:

(919) iiąua iąlusána henẽ nąnáhẽ
i -iąu -a iąlu -sá -na **henẽ** nąˌ -ná -hẽ
água-líquido-SF ter sede-1sg/SE-M/NFP nunca mais beber-1sg/NFP-PASS/IMPF
'Estou com sede, nunca mais bebi água'

(920) ʔtaina ãtukata iehãuʔikináia
ʔtai-na **ãtukata** ie- hãuʔi -ki -ná -ia
1sg-LC cedo ter sono-dormir-ben/alv/font-1sg/NFP-SV
'Eu tive sono cedo'

(921) uãininaʔãna ãialita hãuʔilia
uãi-na-inaʔãna **ãialita** hãuʔi-li -a
2sg-LC-COL tarde dormir-PL-SV
'Vocês dormiram tarde'

(922) ãkanáha ąika kaĩtea aʔá
ãkanáha ąik -a kaĩn -te -a aʔ -ø -á
amanhã mutum-SF ser muito -NOM-SF matar-3obj-1sg/NFP
'Amanhã, eu vou matar um mutum grande'

(923) ialiti hiñina sãnaia sĩniainánẽla
iali **-ti** hĩñina sãnai -a
ser tarde-ADZ adv:temp tatu canastra-SF
sĩn- iai -náhẽ -la
INC:'carne'-comer-1sg/PASS/IMPF-M/PF
'Eu comi carne de tatu ontem'

Alguns advérbios temporais, no entanto, apresentam maior complexidade, já que permitem a inserção de uma série de afixos os quais podem modificar o tempo ou aspecto da informação veiculada. Os sufixos e prefixos que se adjungem às raízes adverbiais temporais adicionam informação aspectual e temporal de presente, passado e futuro, mas também de

brevidade, continuidade e pontualidade. Há pelos menos, três raízes adverbiais de maior importância: {-kuẽ}, {-ka} ~ {-kã} e {-hĩ}.

A primeira delas é {kuẽ}, que forma palavras adverbiais em três tempos através da união de sufixos à raiz:

Quadro 50 – Formação dos advérbios temporais através da raiz {-kuẽ}

a-	**-kuẽ-**	-lana	tempo futuro
kuẽ-		-la	tempo presente
kuẽ-		-nũke	tempo passado

(924) uãina akuẽlana kaiuhiahloa
uãi-na **akuẽlana** kaiuh -iahlo -a
2sg-LC futuramente bicho -SEX/M -SF
'Você será caçador'

(925) ʔtaina akuẽlana hualitanaka olikinatua
ʔtai-na **akuẽlana** hualit -a -na -ki -a
1sg-LC futuramente mangaba-SF-casa de cupim-redondo-SF
oli -ki -nátu -a
jogar-ben/alv/font-1sg/FUT-M/IMPF
'Eu vou jogar futebol'

(926) kuẽla tiufĩnánai
kuẽla tiufi -ná -na -i
agora alimentar-1sg/NFP-F/PF-EFR
'Estou me alimentando agora'

(927) talia kuẽla ahitiu
tali -a **kuẽla** ahi -ø -tiu
pedra-SF agora cair-3sg-PASS/PF/EN
'A pedra caiu agora'

(928) ʔtaina kuẽnũke tisatiliihnáia
ʔtai-na **kuẽnũke** ti- sati -li -ih -ná -ia
1sg-LC há pouco tempo INST-escorregar-PL-correr-1sg/NFP-SV
'Eu escorreguei faz pouco tempo'

O segundo tipo de raiz adverbial, {-ka- ~ -kã-}, promove a criação de lexemas adverbiais por meio de afixos[155]/[156]. Estes, adicionam informação temporal e/ou aspectual, como o morfema {-na}, recorrente em quase todas as formas de advérbios apresentadas. Enquanto alguns participam da criação de lexias na língua, outros, mais gramaticais, só se fazem presentes no interior da cláusula:

Quadro 51 – Representação da formação de lexemas adverbiais temporais através da raiz adverbial {-ka}

+ lexicais

	ka-	-na-	-ta	à noite
ã-	**-ka-**	-na-	-ha	período da manhã, madrugada, durante o dia
kã-		-nosa		De hoje há alguns dias depois, alguns dias atrás, algum tempo depois
ã-	**-ka-**	-na		ontem
ã-	**-ka-**	-ná-	-ha	amanhã

Quadro 52 – Representação da formação de lexemas adverbiais temporais através da raiz adverbial {-ka}

+ gramaticais

(ã)-	**-ka-**	-a -na	indicação de tempo passado
kã-		-sĩna -sa	indicação de tempo passado distante
kã-		-hĩnna -nihĩnna	indicação de tempo passado mais distante (faz muito tempo que...)

[155] O alongamento da vogal da raiz promove intensificação e distância temporal. Ex: [ãkaa] ‘adv. tempo passado’ ou [ãka:a] adv. tempo passado mais distante em relação à fala atual.

[156] O prefixo pode variar entre {a-} e {ø-} para o advérbio {ã'kaa} ~ {kaa}, o que justifica o uso de parênteses. O valor desse tipo de prefixo não foi definido.

(929) ãkana iaititoáhai
ãka -na iai -tito -áhai
adv:temp-NFP comer-HAB-1sg/MEMO
‘Faz tempo que eu comi’

(930) taikata kãhĩna soli ĩána
tai-kata **kã-hĩnna** soli ĩ -ø -á -na
1sg-ENF adv:temp-pass só/somente ver-3obj-1sg/NFP-F/PF
‘Só eu vi (a onça)’

(931) kuika ãkanihĩna tiufinhainάhaila
kuik -a **ãka** **-nihĩna** tiufi -hai -náhai -la
inhame-SF adv:temp-temp.pass alimentar-MEMO -1sg/MEMO-M/PF
‘Eu comi inhame faz muito tempo’

(932) tũlia ãkaa ahia
tũ -li -a **ãka** -a ahi -a
besouro-?-SF adv:temp-NFP cair -SV
‘O besouro caiu’

(933) kãsa nẽkatitoáhai
kãsa nẽka -tito -áhai
adv:temp.pass ouvir-HAB-1sg/REM
‘Faz tempo que ouvi (aquela música)’

(934) marfizin kãnosa motoka$^{?}$ta iũn?natiuli
marfizin **kãnosa** moto -ka$^{?}$t -a iũn? -ø -natiu -li
Martinzinho adv:temp moto-longo-SF ter -3sg -NFP/EN-M/PF/EFR
(...) a moto de Martinzinho apareceu, tempos depois (...) (Trecho de mini-texto)

O terceiro tipo de raiz adverbial, {-hĩ-}, não concorre para a formação de palavras adverbiais, mas são apenas morfemas gramaticais que se realizam no âmbito do discurso. Esse morfema pode dar origem a expressões temporais completas, inclusive. O quadro que segue apresenta algumas de suas variações:

Quadro 53 – Representação da formação de palavras adverbiais temporais através da união de sufixos diversos à raiz adverbial {-hĩ}

hĩ-		-na			agora (neste momento)
hĩ-		-nũ			ontem (passado recente) onde (com referência temporal)
(ã)-	**-hĩ-**	-na- -nĩ-	-na		na época de hoje
ãni-	**-hĩ-**	-na			era uma vez / faz muito tempo
ãni-	**-hĩ-**	-nũ-	-tai	-na	há muito tempo atrás
ta-	**-hĩ-**	-na			nesta época, no tempo em que...
ĩ-	**-hĩ-**	-na			Que horas são?
ĩ-	**-hĩ-**	-tate-	-na		Que dia é hoje?

(935) tasĩha uilsĩhsai hĩna kọ̃na

ta- sĩh -a uil -sĩh -ø -sa -i **hĩna** kọ̃ -ø -na
1POSS-casa-SF ser bom-INC:‘casa’-3sg-SE-EFR agora ser ruim-3sg-M/NFP
‘Minha casa era boa, agora é ruim’

(936) ãnihĩna tala ueitkititohẽ

ãnihĩna tala ueit -ki -ø -titohẽ
adv:pass 3sg/F fazer-ben/alv/font-3sg-HAB/PASS/IMPF
‘A mulher (que eu tive) cozinhava bem’

(937) ʔtaina ãnihĩna ualinũa tiufĩtitoáhai
ʔtai-na **ãnihĩna** uali -nũ -a
1sg-LC pass-adv:pass mandioca-massa-SF
tiufi -tito -ø -áhai
alimentar-HAB-3obj-1sg/MEMO
‘Eu comi pão faz muito tempo’

(938) ialiti hinĩna sãnaia sĩniainãhẽla
iali-ti **hĩnĩna** sãnai -a
ser tarde-ADZ adv:temp tatu canastra-SF
sĩn -iai -náhẽ -la
INC:‘carne’-comer-1sg/PASS/IMPF-M/PF
‘Eu comi carne de tatu ontem’

Os advérbios modais formam um grupo pequeno de formas livres em Hahãintesu. Alguns deles possuem similaridade com outros sufixos modais do verbo, outros só existem como formas livres. Esses advérbios, diferentemente dos advérbios locativos e temporais, ocorrem, preferencialmente, no início da cláusula:

Quadro 54 – Apresentação das formas livres adverbiais modais

uanũ	Permissivo
hũãina / -hiʔka	Comitativo
heiʔta	Negativo
haiaka	Proibitivo
nẽ	Exclusivo/Negativo
ãla	Iminentivo

O modal permissivo {uanũ} realiza-se, predominantemente, diante da segunda pessoa, pois se trata de uma permissão concedida pelo falante ao ouvinte. O advérbio modal ocupa

geralmente a cabeça da cláusula, antecedendo o argumento sujeito[157] e tem por escopo a cláusula inteira:

(939) uanũ uãila sasaninali
uanũ uãi -la sa -sa -ni -na -li
PERM 2sg-EXC pentear-OB-2sg-NFP/EV-M/PF/EFR
'Penteie o cabelo'

(940) uanũ uãina ũhnũatula
uanũ uãi-na ũh -nũ -a -tu -la
PERM 2sg-LC empurrar-CONT-NFP-IMP-FR
'Pode empurrar (a porta)'

(941) uanũ uãina ĩtua
uanũ uãi-na ĩ -tu -a
PERM 2sg-LC ver-FUT-M/IMPF
'Você vai poder ver'

(942) uanũ uãina uãlakaloa ui?kihnali
uanũ uãi-na uãla -kalo-a ui? -kih -na -li
PERM 2sg-LC roupa-liso-SF entrar/vestir-CV-NFP/EV-M/PF/EFR
'Você pode vestir a roupa'

São dois os tipos de comitativos apresentados para a língua, os quais têm por escopo os argumentos verbais. Eles se assemelham, funcionalmente, embora apresentem diferença quanto à sua forma de manifestação. Os modais {hũãina} e {-hi?ka} podem alocar-se imediatamente após os argumentos externos da cláusula ou antes do verbo principal. Esses advérbios não exigem pronomes livres no interior da cláusula para se realizar, pois o verbo pode apresentar sufixos argumentais. O primeiro deles, {hũãina}, trata-se de uma palavra adverbial primitiva:

(943) talana auẽnsa hũãina haisa a̱iia
tala-na a- uẽns -a **hũãina** hais-a a̱i-ø -ia
3sg/F-LC 3POSS-criança-SF COMIT roça-SF ir-3pl-SV
'Ela vai com o filho para a roça'

(944) tauẽnsa hũãina a̱inátui
ta- uẽns -a **hũãina** a̱i -nátu -i
1POSS-criança-SF COMIT ir-1sg/FUT-EFR
'Eu vou com meu filho'

[157] Foi verificada a existência de um verbo estativo permissivo também, o qual pode se referir também à primeira pessoa: uanũ-tel-a-i a?-nũ-a-li 'PERM-DES-1sg-M/IMPF matar-INC-1sg-M/PF/EFR' Eu também posso, eu vou matar também'.

(945) ʔtaina uãina hũãina a̰iia
ʔtai-na uãi-na **hũãina** a̰i-ia
1sg-LC 2sg-LC COMIT ir-SV
‘Eu vou com você’

(946) uãina hũãina a̰ikisĩanà
uãina **hũãina** a̰i -ki -sĩá -nà
2sg-LC COMIT ir -dual-1pl-NFP/EVC
‘Você andou com a gente’

O segundo tipo de comitativo origina-se do sintagma nominal {-hiʔka}, “mão+CL:ósseo+SF”, precedido por um de três prefixos de posse: {ta-}, 1ªpessoa, {ua-} 2ª pessoa, {a-} 3ª pessoa. Esse prefixo concorda com o pronome objeto da relação comitativa, caso ele seja expresso na cláusula. Por outro lado, como se pode verificar no exemplo (939), o prefixo possessivo pode substituir a pessoa pronominal, como objeto comitativo:

(947) ʔtaina talana ahiʔka a̰iia
ʔtai-na tala-na a- **hiʔka** a̰i-ia
1sg-LC 3sg/F-LC 3POSS-COMIT ir-SV
‘Eu fui com ela’

(948) ʔtaina talana nẽ ahiʔka a̰iia
ʔtai-na tala-na nẽ a- **hiʔka** a̰i-ia
1sg-LC 3sg/F-LC EXC/NEG 3POSS- COMIT ir-SV
‘Eu fui sem ela’

(949) talana tahiʔka a̰iia
tala -na ta- **hiʔka** a̰i-ia
3sg/F-LC 1POSS-COMIT ir-SV
‘Ela foi comigo’

O advérbio negativo {heiʔta} pode atuar reforçando o grau de negação de uma cláusula. Pode funcionar, também, como um tipo de locução adverbial negativa do tipo: *de forma alguma, nunca mais, de jeito nenhum* ou uma aditiva negativa *nem*:

(950) heiʔta tulisaʔasĩla heiʔta au̯iʔa u̯ihikihanasĩla ãtuʔtia̰ua na̰saasĩla
heiʔta tuli -sa -ʔ -ø -a -sĩ -la
NEGAT acordar -OB -NEG-3sg -NFP/EV-COP-M/PF
‘Ele nem acordou (...)’

heiʔta a- uɻiʔ -a uɻiʔ- hi -kih -ʔ -ø -a -na -sĩ -la
NEGAT 3POSS- dente-SF INC:dente-lavar-CV -NEG-3sg -NFP/EV-dum-COP-M/PF
(...) ‘nem escovou os dentes’ (...)
ã -tuʔt -iɑ̨u -a nɑ̨ -sa -ʔ -ø -a -sĩ -la
AG-ser preto-líquido-SF beber-OB-NEG-3sg-NFP/EV-COP-M/PF
(...) ‘nem tomou café.’
‘Ele nem acordou, nem escovou os dentes e nem tomou café.’

(951) heiʔta nɑ̨kisála
heiʔta nɑ̨ -ki -sá -la
NEGAT beber-ben/alv/font-1sg/SE-M/PF
‘Eu nem bebi’

(952) heiʔta ahɑ̨hluna
heiʔta ah -ɑ̨hlu -na
NEGAT chover-FUTN-M/NFP
‘Não vai chover, não’

(953) ʔtaina kasolia heiʔta iũnʔsáʔnana
ʔtai-na kaso -li -a **heiʔta** iũnʔ -sá -ʔ -na -na
1sg-LC cachorro-?-SF NEGAT ter -1sg/SE-NEG-dum-M/NFP
‘Eu nunca mais tive cachorro’

O advérbio modal proibitivo realça o valor de ordem de uma ação, promovendo intensidade. Há uma tendência a que esse adverbial ocupe a primeira posição dentro da cláusula, a do foco, pois seu escopo é a cláusula inteira:

(954) uailia haiaka sultula
uai -li -a **haiaka** sul -tu -la
cachorro-?-SF PROIBIT bater-IMP-M/FR
‘Pare de bater no cachorro’

(955) haiaka nɑ̨ʔatelai aĩʔiteʔsanai
haiaka nɑ̨ -ʔ -ø -a -tel -ai
PROIBIT beber-NEG -3sg -NFP/EV-DES -3sg
aĩʔi -teʔ -ø -sa -na -i
parar-querer-3sg-SE-M/NFP-EFR
‘Ele não quer parar de beber’

(956) haiaka houʔitula
haiaka houʔi-tu-la
PROIBIT dormir-IMP-M/FR
‘Parem de tomar banho’

(957) haiaka kasolia talikia haittakitula
haiaka kaso -li-a tali -ki -a
PROIBIT cachorro-?-SF pedra-redondo-SF
hait -ta -ki -tu -la
Q/F- lançar -ben/alv/font-IMP-M/FR
‘Pare de jogar pedra no cachorro’

(958) haiaka nãtula
haiaka nã -tu -la
PROIBIT chorar-IMP-M/FR
‘Pare de chorar’

O advérbio modal {nẽ} estabelece relação exclusiva ou negativa. Seu escopo pode ser apenas um dos referentes da cláusula, como no exemplo (949), ou pode ele atuar sobre a cláusula inteira, à maneira de outros morfemas negativos:

(959) ʔtaina talana nẽ ahiʔka ai̯ia
ʔtai-na tala-na nẽ a- hiʔka ai̯-ia
1sg-LC 3sg/F-LC EXC/NEG 3POSS-COMIT ir-SV
‘Eu fui sem ela’

(960) ʔtakita nẽ ai̯iná teʔsáʔnana
ʔta-kita nẽ ai̯-iná teʔ -sá -ʔ -na -na
1sg-ENF EXC/NEG ir-1sg/NFP querer-1sg/SE-NEG-dum-F/PF
‘Eu não quero ir (com vocês)’

(961) sĩha nẽ ounia
sĩh -a nẽ oun -ia
casa-SF EXC/NEG queimar -SV
‘Não tem casa queimada’

(962) heiʔsána nẽ iainahẽ
heiʔ -sá -na nẽ iai -náhẽ
ter fome-1sg/SE-M/NFP EXC/NEG comer-1sg/PASS/IMPF
‘Eu estou com fome, eu nem comi’

A palavra adverbial que codifica o iminentivo é {ãla}. Ela ocupa a primeira posição dentro da cláusula, exercendo influência sobre toda ela:

(963) ãla ĩʔitelaainai
ãla ĩʔi -tel -ai -na -i
IMIN chegar-DES-3desc-M/NFP -EFR
‘Ele está quase chegando’

2.2.5 Palavras interrogativas

Formam um pequeno grupo de tipos os quais ocupam, predominantemente, a primeira posição da cláusula. Como fora verificado para o Latundê (TELLES 2002, p. 339), eles podem ser divididos em: pronominais, adverbiais ou de causa/razão externa e contam com um tipo pronominal para não-humanos. Seu uso, no entanto, não dispensa o verbo de receber outros marcadores interrogativos sufixais. O quadro a seguir, apresenta-os:

Quadro 55 – Apresentação das palavras interrogativas do tipo QU

Formas Interrogativas	
Pronominais	
aiãuka / aiãukatena	*Humano*
iãta	*Não humano*
Adverbiais	
hĩnesa	*Modo*
ĩnũna	*Local*
ĩhĩta / ĩhĩnaita	*Tempo*
Causa/Razão	
ĩkaloasa / ĩkalo	

Pronominais

Os pronominais interrogativos humanos do tipo QU {aiãukata ~ aiãukatena}, são usados em posição de sujeito (*quem*) ou de objeto indireto (*de quem*) da cláusula.:

(964) aiãuka uãina uãina a̱iahĩniti hai?ia̱usu

aiãuka	uãi-na	uãi-na	a̱i-a	-hĩni-ti	hai? -ia̱u -su
QU:quem	2sg-LC	2sg-LC	ir-NFP-ST-INTER		cantar-líquido-SF

‘Quem de vocês vai à festa?’

(965) teʔa sĩna aiãukatena iekatateta

teʔ -a sĩn-a **aiãukatena** ieka -ta -teta
DEM-SF carne-SF QU:de quem carne de bicho-NFP/EN-INTER
'De quem é essa carne?'

(966) aiãukatena iiɨ̰ua nɨ̰satetai

aiãukatena i -iɨ̰u -a nɨ̰ -sa -teta -i
QU:quem água-líquido-SF beber-OB-INTER-EFR
Quem bebeu a água?

(967) aiãukatena ɨ̰iásĩhĩnihã

aiãukatena ɨ̰i -ási -hĩni -hã
QU:quem ir -1pl(exc)-ST -INTER
'Quem de nós vai?'

(968) aiãukatena iekaʔtateta

aiãukatena ie -kaʔt -a -teta
QU:de quem RN-CL:longo-SF -INTER
'De quem é o relógio?'

O pronome interrogativo do tipo QU que designa o referente não-humano é {iãta}:

(969) iãta ãlisanitetai

iãta ã -li -sa -ni -teta -i
QU:o que plantar-PL-OB-2sg-INTER-M/IMPF/EFR
'O que você plantou?'

(970) iãta teʔa

iãta teʔ -a
QU:o que DEM-SF
'O que é isso?'

(971) ɨ̰ha iãta ʔtɨ̰uhĩnsanatii

ɨ̰h -a **iãta** ʔtɨ̰u -hĩ -sa -ø -na -ti -i
machado-SF QU:o que cortar-POSB-OB-3sg-NFP/EV-INTER-EFR
'O que o machado corta?'

(972) teʔa iãtatea

teʔ-a **iãta** -te -a
DEM-SF QU:o que-CL:desc.-NFP/EV
'Que bicho é esse?'

(973) iãta ʔtitẽnisaniti

iãta ʔti -tẽ -ni -sa -ni -ti
QU:o que INST-portar/carregar-OB-F/PF-INTER
'O que você tem na sua mão?'

(974) iãta nąsa uetelaî
iãta nąsa -sa ue -tel -aî
QU:o que beber-ADIT colocar-DES- 2sg
'O que você vai botar para beber?'

A palavra interrogativa de significado *quanto* também foi identificada dentre os tipos descritos. Ela, no entanto, coincide com o tipo pronominal não-humano {iãta}, provavelmente, proveniente de empréstimo da própria língua, já que o sistema monetário é relativamente recente para os Manairisu:

(975) iãta iũnʔsaniti
iãta iũnʔ-sa -ni -ti
QU:o que ter -OB -2sg/NFP-INTER
'Quanto você tem?'

(976) iãta teʔnisaniti
iãta teʔ -ni -sa -ni -ti
QU:o que querer-IMIN-OB-2sg -INTER
'De quanto você precisa'

(977) ʔtaina iãta ąitakaʔta soʔkiteláa
ʔtai-na **iãta** ąi -ta -kaʔt -a
1sg-LC QU:o que ir-RN-CL:liso-SF
soʔ -ki -tel -á -a
comprar-ben/alv/font-DES-1sg/NFP-M/IMPF
'Quanto é a moto que eu vou comprar?'

Adverbiais

Os interrogativos do tipo adverbial apresentam valores de: modo, local ou tempo.

O interrogativo modal é {hĩnesa}. Como fora verificado também para o Latundê, Telles (2002, p. 344), esse interrogativo, geralmente, é acompanhado por um sufixo possibilitivo preso ao verbo:

(978) hĩnesa iiąua saũhĩsanátii
hĩnesa i -iąu -a
QU:como água -líquido -SF
sa -ũ -hĩ -sa -ná -ti -i
INST-furar-POSB-OB-1sg/NFP-INTER-EFR
'Como eu faço chicha?'

(979) hĩnesa a̱ihĩsanatii

hĩnesa a̱i -hĩ -sa -na -ti -i
QU:como ir-POSB-OB-1sg/NFP-INTER-EFR
'Como eu vou (à gruta)?'

(980) sohanãua hĩnesa soʔhĩsanáti

soh -a -nãu -a **hĩnesa**
banana do mato-SF-flexível-SF QU:como
soʔ -hĩ -sa -ná -ti
pegar-POSB-OB-1sg/NFP-INTER
'Como eu pego coró?'

(981) ʔtaika hĩnesa uethĩsasila ko̱ʔinahẽ

ʔtai -ka **hĩnesa** uet -hĩ -sa -ø -sĩ -la
1sg-ENF QU:como fazer-POSB-OB-3obj-COP-M/PF
ko̱ʔi -ø -náhẽ
ser ruim-3obj-1sg/PASS/IMPF
'Como eu ajeito (a moto) que eu quebrei?'

O interrogativo adverbial de valor local é {ĩnũna}. Como acontece com o tipo anteriormente visto, o verbo pode apresentar um sufixo locativo {-nau} similar ao locativo nominal, nesse tipo de construção:

(982) ĩnũna kaĩnitiahla sĩha iũnʔnaulati

ĩnũna kaĩn- it -iahlo -a sĩh-a
QU:onde ser muito-homem-CL:SEX/M-SF casa-SF
iũnʔ-nau -ø -la -ti
ter-LOCT-3sg-SE-INTER
'Onde fica a casa do cacique?'

(983) ĩnũna iia̱ua iũnʔnaulati

ĩnũna i -ia̱u -a iũnʔ -nau -ø -la -ti
QU:onde água-líquido-SF ter -LOCT-3sg-SE-INTER
'Onde fica o rio?'

(984) ĩnũna hukaʔta ieisanisĩla

ĩnũna hu -kaʔt -a iei -ø -sa -ni -sĩ-la
QU:onde flecha-longo-SF colocar-3obj-OB -2sg -?-M/PF
'Onde você colocou a flecha?'

(985) ĩnũna tũʔkaʔta iũnʔnaulatia

ĩnũna tũʔ -kaʔt -a iũnʔ-nau -la -ti -a
QU:onde bodoque-longo-SF ter-LOCT-SE-INTER-M/IMPF
'Onde é que tem bodoque?'

O interrogativo adverbial de valor temporal é {ĩhĩta}. Como acontece com os outros tipos vistos, precede, normalmente, a cláusula:

(986) ĩhĩta ĩʔiitetai
ĩhĩta ĩʔi -i -teta -i
QU:quando chegar-2sg-INTER-EFR
'Quando você chegou?'

(987) ĩhĩta toʔniteta
ĩhĩta toʔ -ni -teta
QU:quando construir-2sg-INTER
'Quando você construiu?'

(988) ĩhĩta ĩʔihĩsanitai
ĩhĩta ĩʔi -hĩ -sa -ni -ta -i
QU:quando chegar-POSB-OB-2sg-NFP/EN-M/IMPF/EFR
'Que dia você chega?'

(989) ĩhĩta a̰ihĩsanitai
ĩhĩta a̰i -hĩ -sa -ni -ta -i
QU:quando ir-POSB-OB-2sg-NFP/EN-M/IMPF/EFR
'Quando você vai caçar?'

O interrogativo que indica razão ou causa é {ĩkalo ~ ĩkaloasa}:

(990) ĩkaloasa a̰isanatetai
ĩkaloasa a̰i-sa-na-teta-i
QU:por que ir-OB-2NEG-INTER
'Por que você não vai?'

(991) ĩkalo na̰hasanitii
ĩkalo na̰ -ha -sa -ni -ti -i
QU:por que beber-COMPL-OB-2sg-INTER-EFR
'Por que você bebeu tudo?'

(992) ĩkaloasa uẽnsa iaisaʔnatii
ĩkaloasa uẽns-a iai -ø -sa -ʔ -na -ti -i
QU:por que criança-SF comer-3sg-OB-NEG-NFP/EVC-INTER-EFR
'Por que a criança não come?'

(993) ĩkaloasa iuʔtũsasanatii
ĩkaloasa iuʔtũ -sa -sa -na -ti -i
QU:por que beijar-1obj- OB-2NEG-INTER-EFR
'Por que você não me beijou?'

As chamadas palavras interrogativas, vistas acima, constituíram a última categoria de palavras descrita para a língua Hahãintesu, neste trabalho. A ela, somam-se, ainda: nome, demonstrativo, verbo e advérbio. Cada uma delas foi analisada considerando-se a sua forma e o seu funcionamento no interior da cláusula. Os principais constituintes internos que integram os representantes dessas classes, na forma de sufixos, foram analisados e divididos de acordo com o lugar que ocupam dentro da palavra, do sintagma ou da cláusula, de acordo com o seu significado e com seu uso no momento discursivo em que as gravações foram feitas. As notas sobre elas não são conclusivas e poderão, mais à frente, ganhar novos contornos e diferentes avaliações sobre sua morfologia e funcionamento.

3 SINTAXE

3.1 INTRODUÇÃO

No capítulo anterior, os constituintes que integram as palavras nominais e verbais foram formalmente descritos com base em sua ocorrência e distribuição no interior da cláusula. O modelo de análise baseado no template mostrou como a ordem dos constituintes nominais e verbais, relativamente estável, é determinada morfossintaticamente[158], e como a presença ou ausência de afixos não-obrigatórios pode ser determinada pragmaticamente no interior das palavras da língua, do sintagma nominal, do sintagma verbal, ou ainda, da holofrase.

Na sintaxe, as palavras alinham-se compondo a cadeia clausal, preponderantemente, na ordem SOV, a mais tipicamente encontrada na grande maioria das línguas que formam a Família Nambikwára, com exceção do Sabanê (ANTUNES 2004). Essa forma mais analítica de expressão da língua é verificada quando a dispensa de morfologia interna nos verbos é compensada pela presença de formas livres com as suas mesmas características funcionais[159].

Este capítulo apresenta um estudo prévio acerca da sintaxe oracional de Hahãintesu, conforme análise e descrição dos principais tipos de cláusulas encontrados na língua, sejam elas construções mais extensas ou combinações de cláusulas e períodos. O estudo é realizado mediante observação do comportamento morfológico e das relações semântico-gramaticais dos principais elementos que compõem a cadeia clausal[160]. A análise tratará: a) da palavra gramatical, no nível frasal; b) da frase, como subconstituinte da cláusula; c) da combinação entre cláusulas para a formação da sentença; d) da sentença.

---

[158] De acordo com Mattisen (2017), além da holofrase, parâmetros mais profundos mostram correlações entre os elementos e servem de base para a caracterização dos tipos de línguas polissintéticas, como o número de participantes codificados no verbo, a evolução das estruturas em que eles se inserem "*onion type*", a expansão interna "*sandwich type*", a coalescência e o design característico da forma verbal complexa e o acúmulo de categorias gramaticais (com integração de informação não-gramatical ao invés de gramatical), recategorização, *head* ou *dependent-marking*, incorporação produtiva, composição de raízes e estruturas do tipo "*building blocks*".

[159] Ainda assim, em boa parte dos dados analisados, principalmente os de fala dos Manairisu mais velhos, a existência de palavras livres no interior da cláusula não desabilitou o verbo de receber morfologia sufixal com as mesmas características semânticas e gramaticais daquela que se encontrava distribuída fora do núcleo verbal.

[160] A principal fonte de informação são os dados recolhidos de textos, fala espontânea e diálogos.

3.2 A TIPOLOGIA DA ORDEM DAS PALAVRAS

O verbo é preferencialmente o último elemento da cláusula. Os argumentos o antecedem, alinhando-se a ele, da direita para a esquerda, e compondo a ordem SOV, aliás, da mesma forma como fora verificado para o Latundê (TELLES 2002, p. 348), o Mamaindê (EBERHARD 2006, p. 532) e o Nambikwára do Sul (KROEKER 2001, p. 6-8). Em Hahãintesu, os pronomes pessoais livres mostraram-se obrigatórios quando houve ausência de marcação pronominal no interior do verbo, mas dispensáveis quando o verbo exibiu morfologia sufixal argumental. Ainda assim, a coocorrência de pronomes livres e sufixos verbais com as mesmas funções gramaticais que eles, dentro de uma mesma cláusula, mostraram-se extremamente comuns.

O sujeito, normalmente, mantém a primeira posição dentro da cláusula. Nos casos em que o objeto direto foi alçado à primeira posição, o sujeito passou a ocupar unicamente o interior do verbo, como se pode observar no exemplo que segue, em que o objeto {cachorro} ocupa a cabeça da oração:

(994) uailia sulála
uai -li -a sul -ø -á -la
cachorro-? -SF matar/bater-3obj-1sg/NFP-M/PF
'Eu matei o cachorro'

Quando a cláusula exibiu objetos diretos e indiretos, os primeiros, preferencialmente, antecederam os segundos. Porém, a inversão de posições entre argumentos objetos foi verificada em diversos contextos de uso, o que, provavelmente, tem motivação pragmática. Da mesma forma como fora tratado por Telles (2002, p. 348), para o Latundê/Lakondê, os argumentos já conhecidos pelos interactantes do ato discursivo mostraram-se altamente dispensáveis. De acordo com Telles (2002, p. 348): "*Esse comportamento é típico de línguas que, além de apresentarem afixos pronominais, os quais têm função referencial e por isso não carecem de pronomes livres ou frases nominais no nível da sentença, também possuem outras características, tais como: ordem pragmaticamente determinada, alta proporção de verbos em discurso contínuo, verbos morfologicamente muito complexos, e frequentemente incorporação nominal (...)*".

Para o Nambikwára do Sul, Kroeker (2001, p. 7) descreve a ordem dos constituintes na oração transitiva, apresentando a seguinte fórmula de distribuição de seus componentes, aí incluindo-se os elementos facultativos:

<+/- temporal +/- locativo +sujeito +/- objeto benefactivo + objeto +/- maneira + verbo>

O modelo formulado por Kroeker (2001) para ordenar os constituintes obrigatórios do Nambikwára do Sul coincide com a ordem mais comum verificada para o Hahãintesu, mas, alguns dos elementos definidos como não-obrigatórios apresentaram menor rigidez de posicionamento dentro da sentença, para a língua do Vale. A título de exemplos, pode-se citar uma série de advérbios temporais e modais os quais sempre ocupam a primeira posição da cláusula e tipos adverbiais que mostram maior liberdade de posição, os quais evitam, apenas, os extremos à direita ou à esquerda da sentença. Essa restrição também se aplica aos verbos que indicam grau, aos locativos e aos modais, adverbializados ou nominalizados. Esses elementos, porém, nunca ocorrem todos numa única cláusula. Seguem exemplos dessa distribuição de constituintes, onde S refere-se ao sujeito, O ao objeto direto, A ao advérbio e V, ao verbo:

S O A V
(995) uẽnsa hẹlikia ãkaa iaia
uẽns -a hẹ -li -ki -a ãkaa iai -a
criança-SF caju-?-redondo-SF adv:temp comer-SV
‘A criança já comeu caju’

S A O V
(996) ʔtaina ãkaa kunẽha sisoʔia
ʔtai-na ãkaa kunẽh-a si- soʔ -ia
1sg-LC adv:temp cipó -SF INST-pegar-SV
‘Eu puxei o cipó’

O A V
(997) tahiʔkia kalaʔti iũnʔná
ta -hi -ʔki -a kalaʔ -ti iũnʔ-ná
1sg-mão-ósseo-SF ser muitos-ADVB ter-1sg/NFP
‘Tenho muitos dedos’

A O A V
(998) ãkanáha uạika kaĩntea aʔá
ãkanáha uạik-a kaĩn -te -a aʔ -ø -á
amanhã mutum-SF ser muito-NOM-SF matar-3obj-1sg/NFP
‘Amanhã, eu vou matar um mutum grande’

Quando o objeto direto tomou o primeiro lugar dentro da cláusula, o sujeito ficou expresso somente como sufixo verbal. Esse alçamento do objeto à primeira posição pode indicar que se trata de informação nova. O alçamento de pronomes, como acontece na cláusula (1000) de segunda pessoa, para o início da cláusula, pode também tratar-se de topicalização:

(999) ualia a̱isa saisanáhũi
uali -a a̱i -sa sai -sa -ná -hũ -i
mandioca-SF ir-ADIT tirar-OB-1sg/NFP-FUTP-M/IMPF/EFR
'Eu vou andar e buscar mandioca'

(1000) uãina uaiekisa ũsanàli
uãi-na ua- ieki -sa ũ -sa -ø -nà -li
2sg-LC 2POSS-RN-SF dar-OB-3sg-NFP/EVC-M/PF/EFR
'Ele te deu'

(1001) uailia asua soʔkiteláa
uai -li -a a -su -a soʔ -ki -tel -á -a
cachorro-?-SF 3POSS-osso-SF pegar-ben/alv/font-DES-1sg/NFP-M/IMPF
'Eu vou pegar o osso do cachorro'

É importante perceber que, em cláusulas formadas com o verbo dar, acontece a inserção de um arranjo possessivo que correferencia o objeto direto. Esse, que se assemelha a um predicativo do objeto, geralmente, toma uma raiz nula nominal para referir-se ao objeto direto da cláusula, sucedendo o objeto indireto:

(1002) uãina uaiekisa ũsanali
uãi-na **ua- ieki -sa** ũ -sa -ø -na -li
2sg-LC 2POSS-RN-SF dar-OB-3sg-NFP/EV-M/PF/EFR
'Ele te deu (algo)'

(1003) uãlakaloa uãina uaiekaloa saũnanĩ
uãla-kalo-a uãi-na **ua- ie -kalo -a**
roupa-liso-SF 2sg-LC 2POSS-RN-CL:liso-SF
sa- ũ -ø -ná -nĩ
INST-dar-3obj-1sg/NFP-F/PF/EFR
'Eu te dei o vestido'

O deslocamento do objeto direto para a última posição dentro da cláusula é menos comum, mas, quando acontece, um sufixo, normalmente, se insere no final desse argumento, sendo {-su} ou {-sa}. Esse componente é aqui tratado como sufixo objetivo direto (SOD). Os

exemplos (1004) e (1005) mostram o contraste entre duas cláusulas semanticamente idênticas. No entanto, a segunda mostra o movimento do objeto para a posição final da cláusula e a inserção do sufixo objetivo:

(1004) ʔtaina a̱ina iaiasañ̃i
ʔtai-na a̱in -a iai -asa -ñ̃i
1sg-LC peixe-SF comer-dual-F/PF/EFR
'Eu vou comer peixe contigo'

(1005) ʔtaina * iaiasañ̃i a̱ina**su**
ʔtai-na iai -asa -ñ̃i a̱in -a -**su**
1sg-LC comer-dual-F/PF/EFR peixe-SF-SOD
'Eu vou comer peixe contigo'

(1006) hĩna ãteláa kuaiatasa
hĩna ã -tel -á -a kuaiat-a-**sa**
agora plantar-DES-1sg-M/IMPF milho-SF-SOD
'Vou plantar milho agora'

(1007) iuiau na̱sa uenáli uãsẽnasu
iu -ia̱u na̱ -sa ue -ná -li uãs -ẽn -a -**su**
mel-líquido beber-ADIT deixar-1sg/NFP-M/PF/EFR panela-cavo-SF-SOD
'Bebi o mel e deixei na panela'

(1008) a̱ina a̱isa ositeláa huaiulasa
a̱in -a a̱i -sa o -si -tel -á -a huaiu-li-a -**sa**
peixe-SF ir-ADIT pescar-INST-DES-1sg/NFP-M/IMPF traíra-?-SF-SOD
'Eu vou pescar traíra'

Sistema de caso em Hahãintesu

Na seção reservada à morfologia verbal, no capítulo anterior, foi possível ver que a escolha dos sufixos pessoais é orientada semanticamente. Os verbos intransitivos ativos recebem marcadores argumentais diferentes daqueles reservados aos verbos intransitivos estativos.

Mas, há um grupo de verbos estativos que recebem os mesmos argumentos típicos dos verbos ativos, em Hahãintesu. O fato de haver uma subdivisão entre os verbos estativos que orienta a escolha dos sufixos pessoais indica que, provavelmente, alguma informação lexical orienta a língua a escolher os sufixos de acordo com o tipo x ou y de verbo.

Se parâmetros de ordem semântica podem colaborar para a escolha dos sufixos de pessoa nos verbos estativos, cabe considerar que fatores como agentividade ou controle possam estar na base das escolhas dos sufixos pronominais nessa língua.

Sistemas desse tipo, em que os sufixos pessoais de verbos intransitivos estativos alinham-se ora com os sujeitos S_A ora com os objetos S_O de verbos dinâmicos são tratados como um tipo de intransitividade cindida pela literatura linguística:

Quadro 56 – Representação dos sufixos pronominais apresentando os tipos de alinhamento

(Em azul) Quadro de sufixos pronominais apresentando alinhamento S_O
(Em preto) Quadro de sufixos pronominais apresentando alinhamento S_A

Pessoas	Argumentos de verbos intransitivos ativos	Argumentos de verbos intransitivos estativos (cognitivos e psicológicos)	Argumentos de verbos transitivos e ditransitivos (ou estativos transitivizados)	
	sujeito	sujeito	objeto	sujeito
1ª	n(á) (morfema temporal + 1pessoa tonal)	sá (morfema estativo + 1pessoa tonal)	sa	n(á)
2ª	n(i)	a	a	n(i)
dual	ki	ki	la	ki
3desc	ai	ai	ø	ai
1ªpl	sĩ	sĩ	sĩ	sĩ
2ªpl	ali	ali	ali	ali

No quadro acima, é possível ver o alinhamento entre os argumentos sujeitos de verbos estativos que se alinham com os objetos de verbos ativos. Ainda assim, vê-se que as formas plurais, além da terceira pessoa do singular, não apresentam distinção morfológica de seus sufixos argumentais, de ordem semântica. O objeto dual e a terceira pessoa desconhecida apresentam formas defectivas, em relação ao tipo ativo-estativo de alinhamento, correspondendo com tipos mais próximos de casos nominativo-acusativos.

3.2.1.1 Cisão de caso em Hahãintesu

Segundo (DIXON 2010, p. 122), uma cláusula intransitiva envolve um argumento principal na função S. Por razões de economia, não há necessidade de marcação diferente se S ocorre numa cláusula diferentemente de A e O. No entanto, o que acontece, de fato, é que as línguas costumam apresentar ao menos dois tipos de padrões. No primeiro, S e A são marcados da mesma forma (como nominativos), e O é marcado diferente (como acusativo). No segundo, S e O são marcados igualmente (como absolutivos), enquanto A é marcado de forma diferente (como ergativo).

Ainda conforme Dixon (2010, p. 124), verbos intransitivos variam em razão de seu significado. Verbos como correr, levantar ou conversar tem um referente de S tipicamente controlador da atividade, como faz um argumento A. Para outros, como 'tossir', 'espirrar' ou 'morrer', o referente de S é um controlador impreciso, similar ao argumento O.

Nos sistemas cindidos, os verbos intransitivos dividem-se em duas classes: uma marca S como A, a outra marca S como O, enquanto um pequeno grupo apresenta ambas as possibilidades. Verbos S_A têm sido chamados de ativos, verbos S_O têm recebido o nome de estativos, com o título de ativo-estativo sendo largamente empregado para classificar esse tipo de sistema de caso.

Embora, em Hahãintesu, o tipo seja importante para a escolha dos sufixos pessoais que os verbos podem portar, há um pequeno grupo de verbos que apresentam certa flexibilidade para o recebimento de sufixos ativos ou estativos de pessoa, em decorrência de fatores como agentividade e controle. No exemplo que segue, o verbo sentar da primeira cláusula é descrito pela perspectiva da realização do evento:

(1009) iuhiąuná
iuh- iąu **-ná**
POS-ficar-1sg/NFP
'Eu sentei'

Na segunda cláusula, a escolha é por descrever o estado em que se encontra o sujeito, então a cláusula toma uma forma estativa:

(1010) iuhiąusá
iuh- iąu **-sá**
POS-ficar-1sg/SE
'Eu estou sentado'

Dessa maneira, muitos verbos ativos podem receber sufixos pronominais típicos de verbos estativos, ou vice-versa, a depender da maneira como o sujeito age ou é afetado pela informação expressa pelo verbo. Verbos como cair ou dormir, que normalmente recebem sufixos pronominais de verbos dinâmicos no Hahãintesu, também podem ser marcados com sufixos do tipo estativo. Verbos de movimento como *ir*, *vir*, *chegar*, *sair*, *andar*, *correr*, *nadar*, no entanto, não apresentaram esse comportamento porque, como adiantou Dixon (2010), são controladores típicos da ação. Seguem alguns exemplos:

(1011) ahinitiu
ahi **-ni** -tiu
cair-2sg-PASS/PF/EN
'Você caiu'

(1012) ahisáhẽ
ahi **-sá** -hẽ
cair-1sg/SE-PASS/IMPF
'Eu caí'

(1013) hãuʔisána
hãuʔi **-sá** -na
dormir-1sg/SE-M/NFP
'Eu dormi'

(1014) ãkana hãuʔináhẽ
ãkana hãuʔi **-ná** -hẽ
ontem dormir-1sg/NFP-PASS/IMPF
'Eu dormi ontem'

Outra explicação para as escolhas dos sufixos pessoais nos verbos estativos é dizer que eles, com exceção dos cognitivos, na verdade seriam interpretados como dinâmicos pela língua Hahãintesu e, por isso, se alinhariam com os sufixos agentivos de verbos transitivos e ditransitivos. De fato, eles poderiam ser tratados como uma subcategoria dos verbos dinâmicos, a julgar pelos sufixos pessoais que carregam. Porém, uma análise mais profunda os identifica facilmente como tipos estativos, já que: a) seus argumentos relacionam-se de forma pacientiva com eles; b) não apresentam agentividade, volição ou controle; c) não possibilitam aumento de valência; d) como acontece com os estativos cognitivos, têm menor capacidade para o recebimento de morfologia sufixal e prefixal.

Mesmo entre a classe de intransitivos estativos é possível apontar alguns aspectos da semântica verbal que diferenciam os cognitivos dos demais tipos de estativos do Hahãintesu, à exceção dos unipessoais:

Quadro 57 – Apresentação de aspectos da semântica verbal que influenciam no tipo de alinhamento dos verbos cognitivos e dos adjetivais, descritivos e de cores

Verbos cognitivos	**Verbos adjetivais, descritivos e de cores**
+ Experimentação/Sensação pessoal	- Experimentação/Sensação pessoal
- Descrição/Caracterização Externa	+ Descrição/Caracterização Externa
+ Mudança de estado	- Mudança de estado

Em 1991, a linguista Marianne Mithun publicou um artigo intitulado *Active/agentive Case Marking and its Motivations*, no qual apresenta um estudo aprofundado sobre possíveis motivações para a marcação de caso em sistemas do tipo *ativo-estativo*, aqui tratado sob o rótulo de *Split Intransitivity*, em línguas como o Guarani, da América do Sul e o Caddo, o Lakhota e o Pomo, da América do Norte. A autora antecipou que além da semântica lexical, agentividade (performance, afetação, instigação e controle), interações entre a diversidade e a estabilidade semântica dos verbos, gramaticalização e lexicalização podem ter bastante relevância quando o assunto é entender como as línguas diferem em seus sistemas de marcação de caso.

Ela destacou ainda que, embora agentes prototípicos de cláusulas transitivas e intransitivas dividam certas características, pois eles fazem coisas, e os pacientes prototípicos não performem, efetuem, instiguem ou controlem eventos, pois são afetados, existem algumas poucas situações em que o evento não é instigado nem controlado pelo falante, como cair ou morrer, ou podem ser instigados, mas não controlados, como tossir e espirrar (MITHUN 1991, pg. 538). Ainda, para a compreensão desses grupos menores de verbos, ela revela que, no sistema de marcação de caso de línguas como o Guarani coloquial, por exemplo, o aspecto lexical é o fator mais importante para a explicação das motivações por trás do sistema de caso, enquanto para o Lakhota, performance/instigação sobressaem-se e, para o Caddo, o controle é relevante para explicar o comportamento dos argumentos no sistema de marcação de caso.

Línguas cujos sistemas de caso são do tipo *Split*, ou cindido, e que a influência de fatores como agentividade ou controle podem direcionar a escolha dos afixos gramaticais de pessoa, foram tratadas por Creissels (2008, pg. 154) como casos de *Fluid Intransitivity*, e que, segundo

ele: "*what distinguishes such fluid-S systems from the commonest type of split-S systems is that the semantic nature of the verb does not entirely determine the choice of S alignment*". Esse tipo seria extremamente raro, conforme destacou Nichols (2006, pg. 264) sobre as únicas cinco línguas do tipo descritas por (DIXON 1994:78ff apud. NICHOLS 2006) dentre as quais se encontra uma língua amazônica, o Baniwa. Segundo a autora, há ainda algumas outras poucas línguas que apresentam fluidez para uma ou duas classes de verbos.

Segundo Dixon (2010, pg. 78): "*there is a further group of languages, of fluid-S type. That is, some intransitive verbs must mark their core argument as Sa, some as So, but others allow either of these possibilities, with Sa generally referring to a volitional and So to a non-volitional sense of the verb*"[161]. Ele explica que conceitos como escorregar, espirrar, embebedar-se ou perder peso, em exemplo de uma língua caucasiana, o Batsbi, orientam a marcação de S_A ou S_O, por critérios de volição. Mesmo assim, o autor defende cautela no trato com esse tipo específico, pois línguas fluidas também são línguas do tipo ativo-estativo, o que torna o termo inexplícito e confuso.

Embora o Hahãintesu tenha apresentado algumas variações na marcação de caso que o expõem ao questionamento de se uma possível fluidez na marcação dos sufixos de pessoa poderia reorientar sua classificação para o tipo mais raro de intransitividade fluida, apenas um pequeno grupo de verbos apresentou disposição para essa mudança.

Alguns verbos intransitivos cognitivos apresentaram ambos os argumentos sujeito e objeto, em decorrência do aumento de sua valência. Nesses casos, o sujeito do verbo estativo passa a se alinhar ao sujeito de verbos dinâmicos, bem como o objeto alinha-se ao objeto dos verbos dinâmicos, o que leva ao entendimento de que verbos cognitivos só apresentam argumentos estativos se forem intransitivos. Nas cláusulas seguintes, apresentam-se exemplos desse comportamento:

(1015) iuḽisána
iuḽi -sá -na
ter medo-1sg/SE-M/NFP
'Estou com medo'

(1016) iuḽinahána
iuḽi -na -há -na
ter medo-2obj-1sg/NFP-M/NFP
'Você está com medo de mim'

[161] Tradução: "Existe um outro grupo de línguas, do tipo fluid-S. Então, alguns verbos intransitivos devem marcar seus argumentos principais com S_A, outros como S_O, mas outros permitem qualquer uma das possibilidades, com S_A geralmente se referindo a um volicional e S_O a um tipo não-volicional de verbo"

(1017) iokuạisána
iokuại-sá -na
gostar-1sg/SE-M/NFP
‘Eu gosto’

(1018) tala iokuạiána
tala iokuại -ø -á -na
3sg/F gostar-3obj-1sg/NFP-M/NFP
‘Eu gosto dela’

(1019) heiʔsána
heiʔ -sá -na
ter fome-1sg/SE-M/NFP
‘Estou com fome’

(1020) heiʔtehũanáli
heiʔ -tehũ -a -ná -li
ter fome-DUB-2obj-1sg/NFP-M/PF/EFR
‘Eu acho que você está com fome’

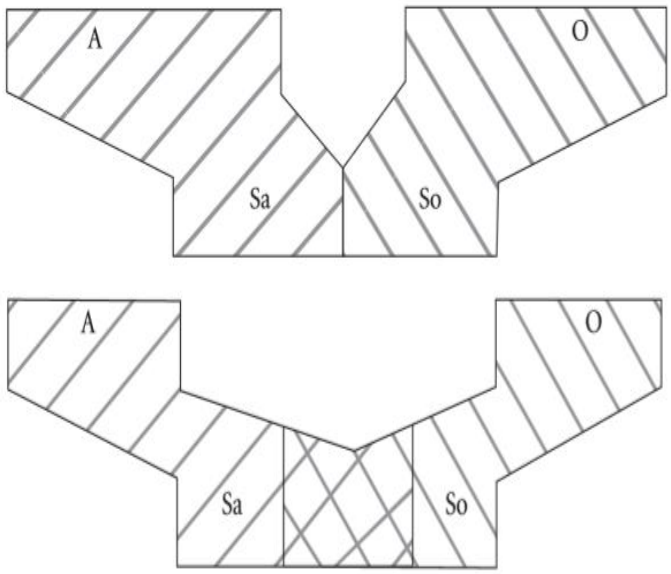
É importante considerar, para além do que é discutido nesta sessão, que os modelos que pretendem explicar os diferentes sistemas de caso cindido, numa perspectiva tipológica, oferecendo exemplos de comparação entre línguas, podem apresentar diferenças entre si. As línguas diferem na maneira como apresentam seus sistemas de caso e nem sempre uma perspectiva teórica oferece uma solução totalmente possível, ou desejável, para a explicação do fenômeno. O caso apresentado para o Latundê é bastante ilustrativo desse fato (TELLES 2002, p. 226-231). Embora o modelo elaborado por Dixon (1994 p. 71-78), que acrescenta a noção de controle/não controle, para a explicação de línguas do tipo *Split-S*, justifique parcialmente o tipo de caso encontrado em Lakondê/Latundê, ou a explicação de uma tipologia ativa de (KLIMOV 1974: 11-25, *apud*. TELLES 2002) não se adeque perfeitamente para explicar o fenômeno Nambikwára do caso, a convergência dessas tipologias orienta grandemente o desenvolvimento de uma explicação possível.

É permitido, como foi descrito por Telles (2002, p. 230-231), equacionar os modelos clássicos sem descartar uma teoria em razão de outra. O tipo de cisão de caso em Hahãintesu parece apontar para um sistema *ativo cindido*, como fora descrito para o Latundê e o Lakondê, em (TELLES 2002). Há várias outras línguas indígenas que comungam de sistemas do tipo ativo-estativo, como o Guarani e o Kamaiurá, na América do sul, ou o Lakhota, da América do

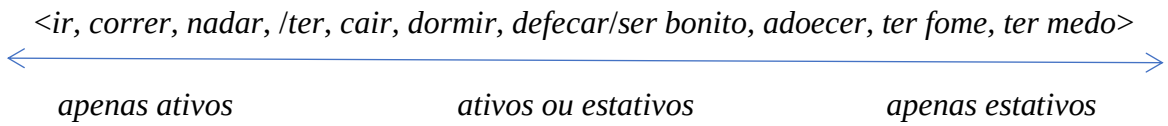
Norte. Muitos pesquisadores mantêm seus estudos sobre os sistemas de caso de línguas do tipo ativo-estativo com foco nas diversas áreas de conhecimento.

A literatura trata esses casos em que há uma divisão dos verbos intransitivos em ativos e estativos e em que há uma marcação dos argumentos de acordo com os sujeitos de verbos transitivos ou com os objetos dos verbos transitivos como *intransitividade cindida*. De acordo Dixon (2010, p. 125), sistemas do tipo *Split-S* e *Fluid-S*, poderiam ser representados como:

Figura 10 - Ilustração representativa dos tipos verbais que apresentam Split-intransitivity (acima) e Fluid-intrasitivity (abaixo), de Dixon (2010)



Se se posicionarem os tipos de verbos intransitivos de Hahãintesu num contínuo léxico-semântico, variando de (+/-) agentivo a (+/-) pacientivo, ter-se-á, por um lado, os verbos de moção ocupando as primeiras posições à esquerda do quadro tipológico, os verbos que demonstram fluidez na relação agente/paciente ocupando os espaços mediais e os que apresentam relação estativa, como os verbos adjetivais, os descritivos, os de cores e os cognitivos, ocupando as posições mais à direita da linha contínua. Acontece que os verbos estativos adjetivais, os descritivos e os de cores, como *ser bonito*, *ser fei*o, *ser branco* ou *ser inteligente*, embora expressem significado estativo recebem sufixos pessoais típicos de verbos ativos. É certo que fatores como agentividade, intencionalidade e controle medeiam as relações entre argumento e verbo e possam definir as escolhas dos sufixos de pessoa. Mas, fatores como afetação interna e descrição externa possivelmente estão, também, na base das escolhas dos sufixos pessoais dos verbos do tipo estativo:



Alguns verbos que apresentaram maior fluidez na mobilidade da marcação dos pronomes pessoais foram:

Quadro 58 – Apresentação de alguns verbos que apresentam fluidez na marcação dos sufixos pronominais pessoais

ahi- (cair)	**iǫkuai-** (gostar)
iũnʔ- (ter)	**iąu-** (ficar/morar)
są- (deitar)	**teʔ-** (querer)
hãuʔi- (dormir)	**kane-** (defecar)

3.3 TIPOS DE CLÁUSULAS

Segundo (GIVÓN 2001, p. 124), descrever os vários tipos de cláusulas simples é equivalente a descrever os vários tipos de verbos, ou predicados, usados na língua. É assim, porque os verbos, ou predicados, maquiam o núcleo semântico das cláusulas, definindo seu tipo. Ainda, segundo o autor, verbos são caracterizados primeiro pelos papéis semânticos obrigatórios dos participantes no estado ou evento que eles codificam.

Em Hahãintesu, eis os tipos de cláusulas simples verificados: intransitivas, transitivas, ditransitivas, equativas e copulativas. As intransitivas, por sua vez, são subdivididas em intransitivas ativas e intransitivas estativas, de acordo com critérios semânticos. Essa diferença é verificada na marcação dos argumentos verbais, os quais codificam caso ativo para as cláusulas intransitivas ativas e caso inativo para o tipo estativo de cláusula intransitiva, sobretudo, as de verbos cognitivos. A maioria dos verbos adjetivais descritivos, além dos verbos que descrevem cores, apresentaram a mesma marcação pronominal verificada para as cláusulas intransitivas ativas. A marcação argumental inativa ficou a cargo dos verbos adjetivais cognitivos, alguns adjetivais descritivos, como *ficar/ser forte*, *ficar/estar sujo* ou *ficar/ser*

gordo, os que indicam fenômenos naturais e os unipessoais. A cláusula equativa e a cláusula copulativa também figuram entre os tipos estativos.

3.3.1 Cláusula ativa

3.3.1.1 Intransitiva

Como fora dito, as cláusulas intransitivas apresentam uma divisão em dois tipos. Elas alinham os sufixos marcadores de objeto de cláusulas ativas com os sufixos marcadores de pessoa subjetiva de cláusulas estativas. A cláusula intransitiva ativa pode apresentar-se de forma mais analítica, alinhando os argumentos como palavras livres em seu interior, ou, de forma mais sintética, inserindo-os como sufixos nas "paredes" do verbo:

(1021) ʔtaina sauena a̰ia
ʔtai-na sau-ien -a a̰i-a
1sg-LC mata-rosto-SF ir-SV
'Eu fui para a mata'

(1022) ʔtaina sauena a̰iná̰li
ʔtai-na sau -ien -a a̰i -**ná̰** -li
1sg-LC mata-rosto-SF ir -1sg/NFP-M/PF/EFR
'Eu fui para a mata'

(1023) ahinitiu
ahi -**ni** -tiu
cair-2sg-PASS/PF/EN
'Você caiu'

(1024) uãina ahinitiu
uãi-na ahi-**ni** -tiu
2sg-LC cair-2sg-PASS/PF/EN
'Você caiu'

(1025) tialana haiʔtua
tiahla -na haiʔ -**ø** -tu -a
3sg/M-LC cantar-3sg -FUT-M/IMPF
'Ele vai cantar'

(1026) haiʔtua
haiʔ -**ø** -tu -a
cantar-3sg-FUT-M/IMPF
'Ele vai cantar'

Ainda, como dito, alguns verbos de semântica estativa, caso da maioria dos adjetivais descritivos, dos verbos que indicam cores e de alguns verbos psicológicos. Além deles, os verbos unipessoais e os que indicam fenômenos da natureza também recebem marcação pronominal ativa:

(1027) ʔtaina anẽueiia
ʔtai-na anẽuei -ia
1sg-LC ser inteligente-SV
‘Eu sou inteligente’

(1028) uãina uiliia
uãi-na uil -i -ia
2sg-LC ser bom-2sg -SV
‘Você é legal’

(1029) tialoʔtialoʔla tenala
tialoʔtialoʔ-li-a te -ø -na -la
sapo -? -SF ser venenoso-3sg-NFP/EV-M/PF
‘O sapo é venenoso’

(1030) uaila, uãina kǫ̃kǫ̃ʔiinala
uai -li -a uãi-na kǫ̃kǫ̃ʔi -i -na -la
cachorro-?-SF 2sg-LC ser feio-2sg-NFP/EV-M/PF
‘Cachorro, você é feio.’

(1031) kuẽla alaʔnaia
kuẽla alaʔ -ø -na -ia
agora ser quente-3sg-NFP/EV-SV
‘Estava quente hoje.’

(1032) alãa heheinala
alã -a hehei -ø -na -la
arara-SF ser vermelho/marrom-3sg-NFP/EV-M/PF
‘A arara é vermelha.’

(1033) ahnala
ah -na -la
chover-NFP/EV-M/PF
‘Choveu’

3.3.1.2 Transitiva

Caracteriza-se pela presença do argumento objeto no verbo, sufixado, ou do argumento objeto livre no sintagma nominal. Se o objeto é de terceira pessoa, seja do singular ou do plural, o argumento externo é necessariamente expresso se a informação veiculada por ele é nova, pois a terceira pessoa é marcada como zero {-ø}. Nas cláusulas terminadas por um sufixo verbal (SV), ambos os argumentos devem ser inseridos, pois, esse sufixo não tem função pronominal. O objeto direto é expresso apenas pela forma livre e ocupa a segunda posição do sintagma nominal, como se verifica no exemplo (1137):

(1034) ʔtaina kasola iũa ilokinála
ʔtai-na kaso -li -a iũʔ -a ilo -ki -ø -ná -la
1sg-LC cachorro-?-SF carrapato-SF catar-ben/alv/font-3obj-1sg/NFP-M/PF
'Eu catei o carrapato do cachorro'

(1035) ʔtuha hanẽa iʔtiia
ʔtuh -a hanẽ -a iʔ -ti -ia
mulher-SF fogueira-SF soprar-CAUS -SV
'A mulher soprou o fogo'

(1036) uãina uaiuka ũiukihnaia
uãi-na ua- iu -ʔki -a ũ -iu -kih -na -ia
2sg-LC 2POSS-pé-ósseo-SF cortar-INC:pé -CV -NFP/EVC -SV
'Você cortou seu pé'

(1037) ũĩʔa teʔa a̰isaiteláhẽ
ũĩʔ -a teʔ -a a̰i-sai -tel -áhẽ
batata-SF DEM-SF ir-tirar-DES-1sg/TI
'Eu vou ali tirar batata'

(1038) kiɬ̃ita usahẽ
kiɬ̃it -a u -sa -ø -hẽ
marimbondo-SF furar-1obj -3sg -PASS/IMPF
'O marimbondo me picou'

(1039) taiekaʔta ueitteláhẽla
ta -ie -kaʔt -a ueit -tel -áhẽ -la
1POSS-RN-CL:longo-SF fazer-DES-1sg/TI-M/PF
'Vou fazer minha flecha'

3.3.1.3 Ditransitiva

Como fora verificado para o Latundê/Lakondê (TELLES 2002, 355-356), apenas um verbo demonstra ambivalência em Hahãintesu, o verbo dar {ũ ~ ũhũ}. Esse verbo pode ser traduzido como: dar, presentear, doar, ceder, oferecer, conceder, emprestar, etc:

(1040) ũhũahátua
ũhũ -a -hátu -a
dar-2obj-1sg/FUT-M/IMPF
'Eu vou te dar'

(1041) uãlakaloa uãina uaiekaloa saũnanĩ
uãla-kalo-a uãi-na ua- ie -kalo -a
roupa-liso-SF 2sg-LC 2POSS-RN-CL:liso-SF
sa- ũ -ø -ná -nĩ
INST-dar-3obj-1sg/NFP-F/PF/EFR
'Eu te dei o vestido'

(1042) ʔtaina kuạlakuạlaa ũá
ʔtai-na kuạlakuạla-a ũ -ø -ø -á
1sg-LC galinha -SF dar-3obj.indir-3obj-1sg/NFP
'Eu dei (milho) para a galinha'

(1043) tauĩna huʔkaa ũsanala
ta- uĩn -a hu -kaʔt -a ũ -sa -ø -ø -na -la
1POSS-pai-SF flecha-longo-SF dar-1obj-3obj.indir-3sg-NFP/EV-M/PF
'Meu pai me deu uma flecha'

3.3.1.4 Aumento de valência

O aumento de valência verbal é promovido pela inserção de uma cláusula auxiliar que tem como núcleo um verbo claramente derivado da raiz de *dar*. Em todo caso, esse verbo muda de função, passando a aumentar a valência do verbo principal, o que está na cláusula precedente. A segunda cláusula sucede a principal e permite que um verbo intransitivo possa receber argumentos objetos. Assim, é a segunda cláusula que irá receber os sufixos verbais do tipo TAME. Verbos transitivos também podem receber esse tipo de cláusula. Nesses casos estabelece-se uma relação benefactiva com a cláusula principal:

(1044) ueitsa ũnahátua

ueit -sa **ũ** -na -hátu -a
fazer-ADIT VAL-2obj-1sg/FUT-M/IMPF
‘Eu vou trabalhar para você’

(1045) ʔtaina silisa ũnateláa

ʔtai-na sili -sa **ũ** -ø -na -tel -á -a
1sg-LC assar-ADIT VAL-3obj-2obj.ind-DES-1sg/NFP-M/IMPF
‘Vou assar (o macaco) para você’

(1046) ʔtaina iaukaʔt soʔnũla ũasanáli

ʔtai-na iau-kaʔt soʔ -nũ -la
1sg-LC faca-longo pegar-CONT-M/PF
ũ -ø -a -sa -ná -li
VAL-3obj-2obj.indir-OB-1sg/NFP-M/PF/EFR
‘Eu levei a faca para você’

(1047) ʔtaina kaiuha aʔsa ũná

ʔtai-na kaiuh-a aʔ -sa **ũ** -ø -ø -ná
1sg-LC bicho-SF matar-ADIT VAL-3obj-3obj.indir-1sg/NFP
‘Matei o bicho para ela’

(1048) uãlakaloa hikisa ũnaháhũa

uãla-kalo -a hi -ki -sa
roupa-liso-SF lavar-ben/alv/font-ADIT
ũ -ø -na -háhũ -a
VAL-3obj-2obj.ind-1sg/FUTP-M/IMPF
‘Vou lavar a roupa para você’

3.3.2 Cláusula estativa

3.3.2.1 Intransitiva

A cláusula estativa é formada pelos verbos intransitivos cognitivos e por alguns adjetivais descritivos. Esse tipo apresenta marcação obrigatória para os argumentos internos do verbo, ainda que haja pronomes livres dentro da cláusula:

(1049) uãina heiʔalana

uãi-na heiʔ -a -la -na
2sg-LC ter fome-2sg-SE-M/NFP
‘Você está com fome’

(1050) heiʔalana
hei ʔ -a -la -na
ter fome-2sg-SE-M/NFP
‘Você está com fome’

(1051) ʔtaina ĩtɰ̃ʔsána
ʔtai-na ĩtɰ̃ʔ -sá -na
1sg-LC adoecer-1sg/SE-M/NFP
‘Estou doente’

(1052) ĩtɰ̃sána
ĩtɰ̃ -sá -na
adoecer-1sg/SE-M/NFP
‘Estou doente’

(1053) iaita naũnna
iai -ta naũn -ø -na
comida-NOM ser doce-3sg-M/NFP
‘A comida é doce’

(1054) uãina kaĩnana
uãi-na kaĩn -a -na
2sg-LC ser grande-2sg-M/NFP
‘Você está gordo’

(1055) ʔtaina uetsána
ʔtai-na uet -sá -na
1sg-LC embebedar-1sg/SE-M/NFP
‘Estou bêbado’

(1056) ʔtaikata uãnsána
ʔtai-kata uãn -sá -na
1sg-ENF sentir calor-1sg/SE-M/NFP
‘Estou com calor’

Uma cláusula estativa pode passar a ativa quando recebe um segundo argumento. Nesses casos, os sufixos argumentais passam a se alinhar com os argumentos de cláusulas transitivas ativas. Ainda assim, é possível que, como se vê no exemplo (1036), o sujeito da cláusula mantenha a forma estativa. Os exemplos abaixo mostram exemplos comparativos para ilustrar o fenômeno em processo:

(1057) ʔtaina ãulisána

ʔtai-na ãuli -sá -na
1sg-LC sentir vergonha-1sg/SE-M/NFP
‘Eu estou com vergonha’

(1058) ʔtaina ãulinahána

ʔtai-na ãuli -na -há -na
1sg-LC ter vergonha-2obj-1sg/NFP-M/NFP
‘Estou com vergonha de você’

(1059) aʔtikialana

aʔtiki -a -la -na
ter raiva-2sg-SE -M/NFP
‘Você está com raiva’

(1060) aʔtikisalana

aʔtiki -sa -a -la -na
ter raiva-1obj-2sg-SE-M/NFP
‘Você está com raiva de mim’

3.3.2.2 Equativa

A cláusula equativa é construída mediante o acréscimo de um classificador de sexo ao verbo principal. Dessa forma o verbo é nominalizado e passa a correferenciar morfologicamente o argumento sujeito. Essa mudança promovida pelo classificador não impede o verbo de receber morfemas de pessoa ou de tempo, ou mesmo cópulas, como se pode constatar nos exemplos (1040) e (1041) que seguem:

(1061) anũaahloa ialĩna ihotiahloa

anũ -a -ahlo -a ialĩn -a iho -**tiahlo** -a
índio-SF-SEX/M-SF flauta-SF tocar-CL:SEX/M-SF
‘O índio é tocador de flauta’

(1062) anũaahloa iiąua uahohnatiahloa

anũ -a -ahlo -a i -iąu -a
índio-SF-SEX/M-SF água-líquido-SF
ua -hoh -ø -na -**tiahlo** -a
INST-nadar-3sg-NFP/EV-CL:SEX/M-SF
‘O índio é nadador’

(1063) uãina akuẽlana kaiuhiahloa
uãi-na akuẽlana kaiuh-**iahlo** -a
2sg-LC adv.fut bicho-CL:SEX/M-SF
'Você vai ser caçador'

(1064) ʔtaina kuẽla a̱ina saitialosãi
ʔtai-na kuẽla a̱in -a sai -**tiahlo** -sã -i
1sg-LC agora peixe-SF tirar-CL:SEX/M-COP-M/IMPF/EFR
'Eu agora virei pescador'

(1065) talinaʔãna a̱ina saitalunasãtui
tali-na -ãna a̱in -a
3sg/F-LC-COL peixe-SF
sai -**talu** -ø -na -sã -tu -i
tirar-CL:SEX/F-3pl-NFP/EV-COP-FUT-M/IMPF/EFR
'Elas vão ser pescadoras'

(1066) tialana ualia ãitahlosu
tiala-na uali -a ã -it -**ahlo** -su
3sg/M-LC mandioca-SF plantar-homem-CL:SEX/M-SF
'Ele é plantador de mandioca'

3.3.2.3 Copulativa

Segundo Givón (2001, p. 120), as cláusulas copulativas expressam, semanticamente, estado temporário ou permanente e os seus sujeitos ocupam papéis semânticos tanto de pacientes como de dativos do estado. A quase totalidade da carga léxico-semântica da predicação é carregada pelo predicado não-verbal, não pelo verbo copulativo em si, seja como adjetivo (ou frase adjetival), ou nome (ou frase nominal). Ainda, em várias línguas, o marcador de tempo não presente/habitual pode se tornar um afixo preso diretamente no adjetivo ou no predicado nominal. Às vezes, o afixo trata-se de uma cópula que se gramaticalizou, normalmente como marcador de tempo/aspecto (GIVÓN 2001, p. 121). Em Hahãintesu a expressão copulativa é codificada através dos sufixos verbais {-sũ}, {-sã} ou {-sĩ}, presos ao verbo adjetival ou a uma expressão de valor possessivo. Também é possível ver o morfema copulativo cumprindo função de um verbo auxiliar em cláusulas ativas, como no exemplo (1046):

(1067) uãina uaiekiãuasãnali
uãi-na ua- ieki -ãu -a -**sã** -na -li
2sg-LC 2POSS- RN -pele-SF-COP-M/NFP-M/PF/EFR
'A pele (de onça) é sua'

(1068) uaila taiekisãna

uai -li -a ta- ieki **-sã** -na
cachorro-?-SF 1POSS-RN-COP-M/NFP
'O cachorro é meu'

(1069) alãa teasolikaisĩla

alã -a teasoli -kai **-sĩ** -la
arara-SF ser um-ASSEV-COP-M/PF
'É uma arara mesmo'

(1070) ava uãina aholisĩla

ava uãi-na aholi **-sĩ** -la
Avá 2sg-LC ser bom em-COP-M/PF
'Avá, você é bom de (plantar)'

(1071) uãliakaloa taiekalosásĩna

uã -li -a -kalo -a ta- ie -kalo -sá **-sĩ** -na
roupa-?-SF-liso-SF 1POSS-RN-CL:liso-1sg/SE-COP-M/NFP
'A roupa é minha'

(1072) talana hẽnta taialisũʔasĩ

tala-na hẽnta ta- iali -su -ʔ -ø -a **-sĩ**
3sg/F-LC NEG 1POSS-amigo-SF -NEG-3sg-NFP/EV-COP
'Ela não é minha amiga'

(1073) kasolia teʔa anihĩna tasĩla hĩna fĩnousĩ

kaso -li -a teʔ -a anihĩna ta -ø **-sĩ** -la
cachorro-?-SF DEM-SF adv.temp/pass ser novo-3sg-COP-M/PF
hĩna fĩnou -ø **-sĩ**
agora ser velho-3sg-COP
'Aquele cachorro velho já foi novo'

(1074) uãliakaloa tiahlana aiekalosũnala

uã -li -a -kalo -a
roupa -? -SF -liso -SF
tiahla -na a- ie -kalo **-sũ** -na -la
3sg/M-LC 3POSS-RN-CL:liso-COP-NFP/EV -M/PF
'A camisa é dele'

A justaposição de sintagmas nominais e expressões verbais nominalizadas também é um recurso bastante ativo para a construção da cláusula copulativa, nessa língua. Nesses casos, o verbo adjetival, o qual ocupa a última posição dentro da cláusula, passa a receber morfologia sufixal típica de nominais:

(1075) hiakaʔta ialuʔsa ualulukaʔtsu
hia -kaʔt -a ialuʔ -sa
árvore-longo-SF morrer-ADIT
ualulu -kaʔt -su
apodrecer-CL:longo-SF
'A árvore morreu e está podre'

(1076) iiąua alaʔnaiąusu
i -iąu -a alaʔ -ø -na -iąu -su
água-líquido-SF ser quente-3sg-NFP/EV-CL:líquido-SF
'A água está quente'

(1077) itiahloa kaĩniahloa
it -iahlo -a kaĩn -iahlo -a
homem-SEX/M-SF ser muito/ser grande-CL:SEX/M-SF
'O homem é grande'

(1078) anũa ʔtuhtalua uilũnkitalusu
anũ -a ʔtuh -talu -a
índio-SF mulher-SEX/F-SF
uilũn -ki -talu -su
ser cheiroso-ben/alv/font-CL:SEX/F-SF
'A índia é cheirosa'

3.3.3 Verbos seriais

O Hahãintesu apresenta construções com raízes verbais em série, as quais podem indicar consecutividade ou coordenação de ações, e que envolvem verbos auxiliares, normalmente indicadores de movimento, ou incorporam uma segunda raiz verbal ao verbo principal[162]. Em relação à sua posição dentro da cláusula, os auxiliares não apresentam fixidez, podendo suceder ou anteceder o verbo principal, de acordo com a dinâmica da ação descrita. Também é possível, como foi discutido em (TELLES 2002, p. 360), a ocorrência de orações cujo núcleo predicativo é composto de verbos seriais. Sintaticamente, não há diferença entre esses tipos de arranjo. A

[162] Em (GIVÓN 2001, p. 167-169), o autor trata sobre línguas da América do Norte cujos verbos contêm elementos que codificam direção ou moção, provavelmente de origem adverbial, adjetival ou verbal. Esses elementos formam tipos compostos de verbos. Ele destaca processos parecidos, mas que envolvem afixos de origem adverbial que estão na base da formação de muitas raízes verbais em línguas Atabascam, esclarecendo que o processo, nessas línguas, tem origem recente e ainda está em processo.

distinção assenta-se no nível pragmático e semântico, o que demanda um estudo muito específico sobre a formação desse tipo de construção.

Algumas raízes verbais são produto da lexicalização de verbos seriais, caso de {teuã-} ‘trazer’, claramente derivado da união dos verbos {tẽ-} ‘pegar’ e {uã-} ‘vir’. Mesmo assim, é possível verificar a ocorrência de cláusulas coordenadas, em que cada uma dessas raízes verbais ocorre em um sintagma verbal independente, com o mesmo resultado semântico[163], como nos exemplos seguintes:

(1079) ʔtaina tauẽnsa teuãnáli
ʔtai-na ta -uẽns -a **teuã** -ø -ná -li
1sg-LC 1POSS-criança-SF trazer-3obj-1sg/NFP-M/PF/EFR
‘Eu trouxe meu filho’

(1080) uailia tẽsa uãnáli
uai -li -a **tẽ** -sa **uã** -ø -ná -li
cachorro-?-SF pegar-ADIT vir-3obj-1sg/NFP-M/PF/EFR
‘Eu trouxe o cachorro’

Estruturas com verbos em série, no entanto, são menos produtivas quando comparadas com os tipos coordenativos de cláusulas. Na coordenação, as raízes verbais distribuem-se em sintagmas independentes no interior da cláusula, legando ao último verbo da estrutura a morfologia pessoal, os sufixos modais, evidenciais, temporais e aspectuais[164]. Fenômeno muito parecido foi tratado como serialização em Sabanê (ANTUNES 2004, p. 189), e como coordenação para o Nambikwára do Sul, em (KROEKER 2001, p. 24-25).

O fenômeno da serialização, tal como foi descrito para as línguas do ramo Nambikwára do Norte, como em Telles (2002, p. 360) e Eberhard (2006, p. 403), e que envolve arranjos de duas raízes verbais, ou mais, contidas no mesmo sintagma, também foi verificado em Hahãintesu. Alguns tipos de verbos, precisamente os que indicam movimento, mostraram-se mais afeitos a compor esse tipo de arranjo, como: {a̱i-} ‘ir’ {soʔ-} ‘pegar’ {uiʔ-} ‘entrar’ {sai-} ‘tirar’. Outros verbos auxiliares, de valor modal, também formam combinações com raízes verbais, mas o critério fonológico permite que se possa distingui-los enquanto verbos independentes, dentro da cláusula.

[163] A lexicalização de raízes verbais seriais também foi objeto de estudo no Mamaindê, em (EBERHARD 2009, p. 403).
[164] A cláusula coordenativa será tratada mais adiante.

Há basicamente cinco tipos de arranjos verbais em série:

1) ação + ação

(1081) ʔtaina ʔtihʔa sulaʔnála
ʔtai-na ʔtihʔ-a **sul -aʔ** -ø -ná -la
1sg-LC cobra-SF bater-matar-3obj-1sg/NFP-M/PF
'Eu matei a cobra'

(1082) ʔtaina kasola iũa iosoʔkinána
ʔtai-na kaso -li -a iũʔ -a
1sg-LC cachorro-?-SF carrapato-SF
io -soʔ -ki -ná -na
catar-pegar-ben/alv/font-1sg/NFP-F/PF
'Eu tirei o carrapato do cachorro'

(1083) ũĩʔa teʔa a̰isa soʔsaiteláhẽ
ũĩʔ -a teʔ-a a̰i-sa
batata-SF DEM-SF ir-ADIT
soʔ -sai -tel -áhẽ
pegar-tirar-DES-1sg/TI
'Vou buscar a batata lá'

2) ação + movimento

(1084) ʔtaina iauka ãa̰inináhẽ
ʔtai-na iau-kaʔt **ã -a̰i** -ni -ná -hẽ
1sg-LC faca-SF pegar/tirar-ir-IMIN-1sg/NFP-PASS/IMPF
'Eu levei a faca'

3) movimento + movimento

(1085) uãina haisa koua aufiʔilialiti
uãi-na hais-a kou-a **aut -ĩʔi** -li -ali -ti
2sg-LC roça-SF campo-SF ir(col)-chegar-PL-2pl -INTER
'Vocês chegaram da roça?'

(1086) tuhtalunãa uãa̰ina
tuh -talu -nã -a **uã-a̰i**-ø -na
mulher-SEX/F-GR-SF vir-ir-3pl-NFP/EVC
'A meninada está vindo'

4) ação + estado

(1087) iãnalia uailia tiufiiąunũhai

iãna-li-a uai -li -a **tiufi** **-iąu** -ø -nũhai
onça-?-SF cachorro-?-SF alimentar -ficar-3sg-CONT/MEMO
'A onça ficou sentada comendo o cachorro'

5) estado + estado

(1088) taika hãu?itɏnináhẽ

tai-ka **hãu?i** **-tɏni** -ná -hẽ
1p.s-ENF dormir-roncar-1sg/NFP-PASS/IMPF
'Eu ronquei'

(1089) uãnialunisána ala?na

uãn **-ialu** -ni -sá -na ala? -na
esquentar-morrer-IMIN-1sg/SE-M/NFP fazer calor-NFP/EV
'Estou morrendo de calor, porque está quente'

3.3.4 Sentença complexa

3.3.4.1 A cláusula coordenativa

De acordo com Haspelmath (2007, p. 01), a coordenação refere-se às construções sintáticas em que duas ou mais unidades do mesmo tipo são combinadas numa unidade maior e mantêm a mesma relação semântica com outros elementos ao redor. Segundo o autor, todas as línguas parecem possuir construções coordenativas, embora haja muita variação na forma como o fenômeno se processa entre elas. A parataxe em Hahãintesu apresenta-se com os seguintes tipos de construções coordenativas:

Quadro 59 – Apresentação dos tipos de construções sindéticas coordenativas e de sufixos coordenativos

Tipo de construção sindética	Sufixo coordenativo
coordenada aditiva	-sa

coordenada aditiva numerativa	-nĩ
coordenada alternativa	-tą̃nna
coordenada adversativa	-ka^{ʔ}te
coordenada explicativa.	-hakąi

A cláusula coordenada aditiva apresenta um morfema sufixal que se insere logo após a raiz verbal de todos as unidades coordenadas {-sa}, com exceção do último verbo da cláusula, o qual carreia toda a morfologia pronominal, modal, aspectual, temporal e evidencial. Segundo Haspelmath (2007, p. 06), há línguas que diferem em relação ao número de posições dos elementos de coordenação usados em construções coordenativas. O autor apresenta um modelo de tipos de padrões que explica a posição dos elementos de conjunção em relação às unidades coordenadas. Os padrões apresentam também tipos bissindéticos, nos quais as duas unidades verbais carregam morfemas aditivos[165]:

a. (asyndetic)	**A B**	
b. (monosyndetic)	**A co-B**	(prepositive, on second coordinand)
	A-co B	(postpositive, on first coordinand)
	A B-co	(postpositive, on second coordinand)
	co-A B	(prepositive, on first coordinand)
c. (bisyndetic)	**co-A co-B**	(prepositive)
	A-co B-co	(postpositive)
	A-co co-B	(mixed)
	co-A B-co	(mixed)

(HASPELMATH 2007, p. 06)

O modelo que melhor reflete o fenômeno da coordenação em Hahãintesu é representado pelo padrão **A-co B**. Mas, nessa língua, em geral, todas as unidades que indicam ação coordenativa aditiva e que precedem o verbo final recebem um sufixo, o que resulta num tipo de adição polissindética mais próximo de um modelo tipo [A-co B-co...X], ou de múltiplos coordenadores[166]:

[165] Não se verificou a presença de cláusulas coordenativas do tipo assindético nos dados analisados.

[166] O autor cita a língua Lesgian, tipo que se aproxima bastante do modelo verificado em Hahãintesu: "A-co B-co...N (Lezgian; Haspelmath (1993:327)) K'¨ud warz-**ni**, k'¨ud juˇg-**ni**, k'¨ud deq'iq'a alat-na. '*nine month-and nine day-and nine minute pass-past 'Nine months, nine days and nine minutes passed*'.

> "So far we have only examined binary coordinations, but for conjunction and disjunction, all languages seem to allow an indefinite number of coordinands, i.e. multiple or n-ary coordination. This will be symbolized by a sequence of letters A, B, C, . . . M, N, where A, B, C stand for the initial coordinands, and M, N for the final coordinands (...)"[167]
> (HASPELMATH 2007, p.11)

(1090) ahelia tiʔãna uilsa anẽueia

a -heli -a tiʔãna uil-**sa** anẽuei -a
AG-ser dois-SV 3DA ser bonito-ADIT ser inteligente-SV
'Os dois são bonitos e inteligentes'

(1091) aueia uiʔsa aĩetãlia tũnia

auei-a uiʔ -**sa** aĩetã -li-a tũn -ia
abelha-SF entrar-ADIT colmeia-?-SF chupar-SV
'A abelha está entrando na colmeia e chupando (mel)'

(1092) uãlina soli a̰isa sauena aʔia

uãla-na soli a̰i-**sa** sau-ien -a aʔ -ia
DUAL-LC somente ir-ADIT mata-rosto-SF matar-SV
'Nós fomos sozinhos para a mata e caçamos'

(1093) tala soʔsa ietakũnnana

tala soʔ -**sa** ietak -ũh -ø -na -na
3sg/F pegar-ADIT pescoço-usar-3sg-NFP/EV-F/PF
'Ela pegou e usou (o colar)'

(1094) ka̰ʔteha soʔsa ĩsaisa na̰telá ia̰lusána

ka̰ʔteh-a soʔ-**sa** ĩ-sai-**sa**
copo-SF pegar-ADIT Loc-tirar-ADIT
na̰ -tel -á ia̰lu -sá -na
beber-DES-1sg/NFP ter sede-1sg/SE-M/NFP
'Vou pegar o copo e tirar a água para beber, pois estou com sede'

(1095) tiahla a̰ina tẽsa uãsa ũhũsana

tiahla a̰in -a tẽ -**sa** uã -**sa** ũhũ -ø -sa -ø -na
3sg/M peixe-SF pegar-ADIT vir-ADIT dar -3obj.ind-1obj-3sg-M/NFP
'Ele trouxe peixe e me deu'

---

[167] Tradução: "*Até então, nós apenas analisamos coordenações binárias, mas, para conjunção e disjunção, todas as línguas parecem mostrar um número indefinido de coordenações, ex: coordenações múltiplas ou n-árias. Isto será simbolizado por uma sequência de letras A, B, C...M, N, onde A, B, C representam as coordenações iniciais e N, M, as finais (...)*"

(1096) ʔtaina sĩhkkiioua sahaisa uiʔsa sa̱naia
ʔtai-na sĩh -ki -iou -a sa -hai **-sa**
1sg-LC casa-redondo-INC:boca-SF INST-abrir-ADIT
uiʔ **-sa** sa̱ -ná -ia
entrar-ADIT deitar-1sg/NFP-SV
'Abri a porta, entrei e deitei'

Cláusulas coordenadas aditivas apresentam ainda um tipo mais específico, o qual codifica a ação coordenativa enumerativa, promovida pela inserção do sufixo {-nĩ}. Esse sufixo apõe-se à raiz verbal indicando que as ações são realizadas reiteradamente, ou dentro de um mesmo campo semântico, e operam sobre objetos diretos diferentes. Da mesma forma como acontece com o tipo aditivo anterior, cada verbo recebe um sufixo enumerador, com exceção do último:

(1097) he̱lia tũnnĩ naũtasaha tũnnanĩ sailakia iainĩ nẽnánĩ
he̱ -l i-a tũn **-nĩ** naũtasah -a tũn -ná **-nĩ**
caju-?-SF chupar-ENUM esp.de fruto-SF chupar-1sg/NFP-ENUM
saila -ki -a iai **-nĩ** nẽ -ná -nĩ
esp.de fruta-redondo-SF comer-ENUM RNV-1sg/NFP-F/PF/EFR
'Eu chupei caju, chupei banana do mato e comi castanha'

(1098) uẽnsa he̱likia iainĩ uaikia tũnnĩ uãnãna tũnia
uẽns -a he̱ -li -ki -a iai **-nĩ**
criança-SF caju-?-redondo-SF comer-ENUM
uai -ki -a tũn **-nĩ** uãnãn-a tũn -ø -na -ia
açaí-redondo-SF chupar-ENUM banana-SF chupar-3sg-NFP/EV-SV
'O menino comeu castanha de caju, chupou açaí e chupou banana'

(1099) uãlia hãnʔta kaloa iũnʔanĩ atuʔta iũnʔanĩ anẽnẽ iũnʔanĩ asate̱li iũnʔanĩ (...)
uã -li -a hãnʔ -ta -kalo -a iũnʔ-á **-nĩ**
roupa-?-SF ser branco-NOM-CL:liso-SF ter-1sg/NFP-NUM
a -tuʔt -a iũnʔ-á **-nĩ** a- nẽnẽ iũnʔ-á **-nĩ**
AG-ser preto-SF ter-1sg/NFP-ENUM AG-ser vermelho ter-1sg/NFP-ENUM
a- sate̱li iũnʔ -á **-nĩ**
AG-ser amarelo ter -1sg/NFP-ENUM
'Eu tenho camisa branca, tenho camisa preta, tenho camisa vermelha e tenho camisa amarela (...)' (Trecho de mini-texto)

É importante salientar que, em caso de ações não sequenciais, ou quando sujeitos diversos promovem ações diferentes, ou concomitantes, dentro de uma mesma cláusula, cada um dos sintagmas verbais apresentará seus próprios afixos gramaticais. Se houver unidades

coordenativas presentes, apenas elas receberão elementos de coordenação aditiva, como bem se verifica nos exemplos (1102) e (1103):

(1100) ʔtaina ĩnala sĩhiena anũa kasola iũa iosokinala
ʔtai-na ĩ -ná -la sĩh -ien -a
1sg-LC ver-1sg/NFP-M/PF casa-rosto-SF
anũ -a kaso -li -a iũʔ -a
índio-SF cachorro-?-SF carrapato-SF
io -soʔ -ki -ø -ø -na -la
tirar-pegar-ben/alv/font-3obj-3sg-NFP/EV-M/PF
'Eu vi na aldeia o índio tirando carrapato do cachorro'

(1101) ʔtaina anũa ĩnála enala
ʔtai-na anũ -a ĩ -ná -la e -ø -na -la
1sg-LC índio-SF ver-1sg/NFP-M/PF falar-3sg-NFP/EV-M/PF
'Eu vi o índio falar'

(1102) ũĩʔa a̰isa saisanáhũi houʔatihũĩ
ũĩʔ -a a̰i-sa sai -sa -ná -hũ -i
batata-SF ir-ADIT tirar-OB-1sg/NFP-FUTP-M/IMPF/EFR
houʔ -a -ti -hũ -i
comer (col)-1sg/NFP-CAUS-FUTP-M/IMPF/EFR
'Eu vou buscar batata e todos vamos comer'

(1103) tiukila ãa soʔsa iuuiʔkihnanahũ
tiu -ki -ø -la ãa soʔ -sa
partir/arrebentar-ben/alv/font-3sg-M/PF outro pegar-ADIT
iu -uiʔ -kih -nau -náhũ
pé-entrar-CV-LOC-1sg/FUTP
'Arrebentou, vou pegar outro (sapato) para usar'

O elemento coordenativo que codifica alternância de ações é {-ta̰na}. Ele pode se inserir à direita de uma raiz verbal, ou pode também se afixar numa raiz nominal:

(1104) uãika ĩteli a̰ihĩnsaniti kualakualia iaitãnna ñĩla iakataa sĩna
uãi-ka ĩte -li a̰i-hĩ -sa -ni -ti kualakua-li -a
2p.s-ENF ?-M/PF/EFR ir-POSB-OB-2sg-INTER galinha -? -SF
iai-**ta̰nna** ñĩ -la iaʔk -a -ta -a sĩn-a
comer-ALTERN escolher-M/PF caititu-SF-AUM-SF carne-SF
'Você vai escolher comer galinha ou porcão?'

(1105) ihiekaloana a̱ihĩnnateláku takaloana a̱itã̱na ĩʔhĩnnateláku nĩnána
ih-ie-kalo-a-na a̱i -hĩna -tel -á -ku
correr-RN-liso-SF-NFP/EV ir-POSB-DES-1sg-EXC
ta -kalo -a -na a̱i-**tã̱na**
RN-liso-SF-NFP/EV ir-ALTERN
ĩʔ -hĩna -tel -á -ku nĩ -ø -ná -na
ir embora-POSB-DES-1sg -EXC escolher-3sg-1sg/NFP-F/PF
'Ou eu vou de carro ou vou de moto'

(1106) tanũ̱nkilatã̱na tahikilatã̱na nĩnila
ta- nũ̱nk -la -**tã̱nna** ta- hik -la -**tã̱na** nĩ -ni -la
DEM-braço-SE-ALTERN DEM-mão-SE-ALTERN escolher-2sg-M/PF
'Escolha, esta mão ou esta?'

(1107) uẽn tiahla sĩhnũlatã̱na ʔtaina ahua tiahla sĩha uiʔteláa
uẽn tiahla a- sĩh -nũ -la -**tã̱nna** ʔtai-na
Menno PRON/M 3POSS-casa-INC:índio-SE-ALTERN 1sg-LC
ahua tiahla a- sĩh -a uiʔ -tel -á -a
Avá PRON/M 3POSS-casa-SF entrar-DES-1sg/NFP-M/IMPF
'Ou eu vou para a casa de Menno ou para a casa de Avá'

A expressão adversativa é codificada pelo sufixo verbal {-kaʔte}. Esse tipo de sufixo coordenativo marca o contraste entre uma expressão positiva e uma negativa. O sufixo normalmente prende-se a uma raiz nula verbal, mas, é possível encontrar expressões em que ele se aloca no verbo principal ou num verbo auxiliar, como ir {a̱i-}. A raiz nula, por sua vez, é correferenciadora do verbo da oração positiva, que está sempre à direita:

(1108) iia̱ua kãʔa na̱náhẽ nẽkaʔte ia̱lusáʔnana
i -ia̱u -a kãʔa na̱ -náhẽ
água-líquido-SF adv.temp beber-1sg/PASS/IMPF
nẽ-**kaʔte** ia̱lu -sá -ʔ -na -na
RNV-ADVS ter sede-1sg/SE-NEG-dum-M/NFP
'Eu bebi água, mas não estou com sede'

(1109) e̱ha uitatalahẽ nẽkaʔte iouhaisĩna
e̱h-a uitata -ø -la -hẽ
chave/machado-SF enferrujar-3sg-SE-PASS/IMPF
nẽ -**kaʔte** iou- hai -sĩ -ø -na
RNV-ADVS boca-abrir-COP -3sg -NFP/EV
'A chave estava enferrujada, mas abriu (a porta)'

(1110) iãnʔihtiu nẽkaʔte susakiʔnatiu

iã -ih -ø -tiu nẽ **-kaʔte**
andar rápido-correr-3sg-PASS/PF/EN RNV-ADVS
susa -ki -ʔ -ø -natiu
cansar-ben/alv/font-NEG-3sg-PASS/PF/EN
'Ele correu, mas não cansou'

(1111) kaiuha aʔnakaʔte a̰uná

kaiuh-a aʔ -ná **-kaʔte** a̰u -ø -ná
bicho-SF matar-1sg/NFP-ADVS errar-3obj-1sg/NFP
'Atirei no bicho, mas errei'

(1112) kaiuha a̰inákaʔte ahtenahẽ

kaiuh-a a̰i -ná **-kaʔte** ahte -náhẽ
bicho-SF ir-1sg/NFP-ADVS não encontrar-1sg/PASS/IMPF
'Eu fui caçar, mas não encontrei bicho'

O elemento coordenativo adversativo integra as cláusulas comparativas. Nesses casos, as unidades justapõem-se. A da esquerda é a que indica o grau aumentativo ou diminutivo, enquanto a segunda é composta por uma expressão de negação. Em caso de verbos antônimos, a comparação negativa será feita apenas através da conjunção, como se verifica nos exemplos (1115 e 1117):

(1113) kua̰iaiaua uilna nẽkaʔte kua̰laiaua uilʔana

kuaia̰ -ia̰u -a uil -ø -na
milho-líquido-SF ser bom-3sg-M/NFP
nẽ-**kaʔte** kua̰ -li -ia̰u -a uil -ʔ -ø -a -na
RNV-ADVS abacaxi-?-líquido-SF ser bom-NEG-3sg-NFP/EV-M/NFP
'A chicha de milho é melhor que a de abacaxi'

(1114) tuhtalua tala uilnà nẽkaʔte tala uilʔà

tuh-talu-a tala uil -ø -na
mulher-SEX/F-SF 3sg/F ser bonito-3sg-NFP/EVC
nẽ-**kaʔte** tala uil -ʔ -ø -à
RNV-ADVS 3sg/F ser bonito-NEG-3p.s-NFP/EVC
'A mulher é mais bonita que a outra'

(1115) a̰ina teʔana kaĩnnà nẽkaʔte a̰ina teʔana tiũlinà

a̰in -a teʔ-a-na kaĩn -ø -nà nẽ-**kaʔte**
peixe-SF DEM-SF-NFP/EV ser grande-3sg-NFP/EVC RNV-ADVS
a̰in -a teʔ -a -na tiũli -ø -nà
peixe-SF DEM-SF-NFP/EV ser pequeno-3sg-NFP/EVC
'Esse peixe é menor do que o outro'

(1116) hę̣lia teʔana uilhẽ nẽkaʔte uaika uilʔahẽ
hę̣ -li -a teʔ -a -na uil -ø -hẽ
caju-?-SF DEM-SF-NFP/EV ser bom-3sg-PASS/IMPF
nẽ -**kaʔte** uai -ki -a uil -ʔ -ø -ahẽ
RNV-ADVS açaí-redondo-SF ser bom-NEG-3sg-PASS/EV/IMPF
'Aquele caju era mais gostoso do que o açaí'

(1117) ʔtaina anẽueinai nẽkaʔte uãina kǫ̣ʔinali
ʔtai-na anẽuei -ná -i
1sg-LC ser inteligente-1sg/NFP-M/IMPF/EFR
nẽ -**kaʔte** uãi-na kǫ̣ʔi -na -li
RNV-ADVS 2sg-LC ser ruim/ser feio-NFP/EV-M/PF/EFR
'Eu sou mais inteligente que você'

A cláusula explicativa tem no sufixo {-haką̣i} seu elemento de conjunção. Esse sufixo insere-se no verbo que expressa a razão/causa motivadora da ação descrita pelo segundo verbo da cláusula. Por isso, a ordem das unidades coordenadas pode se alterar, mas o sentido da expressão não muda:

(1118) ʔtaina uailia tunihaką̣i sulkisa sainá
ʔtai-na uai -li -a tuni-**haką̣i**
1sg-LC cachorro-?-SF latir-EXPL
sul -ki -sa sai -ø -ná
bater-ben/alv/font-ADIT tirar-3obj-1sg/NFP
'O cachorro latiu, por isso eu bati e tirei ele fora'

(1119) taikatą̣ iią̣ua teʔsáʔnahẽ kaluiahaką̣i
tai-katą̣ i -ią̣u -a teʔ -sá -ʔ -na -hẽ
1sg-ENF/NEG água-líquido-SF querer-1sg/SE-NEG-dum-PASS/IMPF
kalu -ia -**haką̣i**
ser podre/ruim-SV-EXPL
'Eu não gosto da água porque é ruim'

(1120) tiahlana ahina ueihaką̣i
tiahla-na ahi -ø -na uei -**haką̣i**
3sg-LC cair-3sg-M/NFP embebedar-se-EXPL
'Ele caiu porque estava bêbado'

(1121) uailia ĩtǫ̣haką̣i ahinala
uai -li -a ĩtǫ̣ -**haką̣i**
cachorro-?-SF estar doente-EXPL
ahi -ø -na -la
cair-3sg-NFP/EV-M/PF
'O cachorro caiu porque estava doente'

(1122) uailisu ialuʔhakɰ̃i kaluna

uai -li -su ialuʔ-**hakɰ̃i** kalu -ø -na
cachorro-?-SF morrer-EXPL feder-3sg-M/NFP
‘O cachorro está fedendo porque morreu’

(1123) iɰ̃lisáhẽ ʔtaisolinahakɰ̃i

iɰ̃li -sá -hẽ ʔtai-soli -na -**hakɰ̃i**
estar triste-1sg/SE-PASS/IMPF 1sg-estar só-NFP-EXPL
‘Fiquei triste porque estou só’

3.3.4.2 A cláusula subordinativa

A subordinação caracteriza-se em Hahãintesu pela inserção de marcadores funcionais que codificam as relações de dependência entre uma cláusula subordinada e uma principal. Como se verificou para o Latundê/Lakondê (TELLES 2002, p. 376), os complementos não apresentam sufixo subordinador. A cláusula apresenta o verbo como núcleo, enquanto que a sentença complexa tem a cláusula principal como núcleo. A cláusula principal ocupa a última posição dentro da sentença, enquanto a subordinada ocupa a posição inicial. Quatro são os tipos de cláusulas subordinativas verificadas para o Hahãintesu:

Quadro 60 – Apresentação dos tipos de sufixos subordinativos e as relações semânticas que estabelecem entre as cláusulas

Relação de subordinação	Sufixo subordinativo
Final	-kaʔtu
Temporal	-nãua
Condicional	-kainãtu
Concessiva	-kaʔtenũ

Subordinada Final

O tipo final de subordinação é feito através da inserção do sufixo {-kaʔtu} no verbo que integra a expressão subordinada. Como fora dito antes, essa construção ocupa,

preferencialmente, a primeira posição dentro sentença, embora possa haver variações quanto à sua posição:

(1124) tauailia soʔuiʔkaʔtu tasĩha hauĩnĩtiuna
ta- uai -li -a soʔ-uiʔ-**kaʔtu**
1poss-cachorro-?-SF pegar-entrar-FINAL
ta- sĩh -a hau -ĩ -nĩ -tiu -na
1POSS-casa-SF guardar/criar-Loc-IMIN-PASS/PF/EN-F/PF
'Peguei meu cachorro para guardar dentro de casa'

(1125) a̰iteka ʔtu ieka kaĩkisátiu tasĩha
a̰i -te **-kaʔtu** iek -a
ir-CL:desc-FINAL comida-SF
kaĩki -sá -ø -tiu ta-sĩh-a
roubar-1obj-3sg-PASS/PF/EN POSS-casa-SF
'O (índio) desconhecido foi à minha casa para roubar a comida'

(1126) (...) a̰ina saoia saikaʔtu alisanahĩ (...)
a̰in-a sa -o -ia sai -o -ø -ø **-kaʔtṵ**
peixe-SF INST-pescar-SV tirar-pescar-3obj-3sg-FINAL
ali -sa -ø -na -hĩ
sair-OB-3sg-NFP/EV-ED
'Ele meteu a mão para tirar o peixe e saiu' (Trecho do texto: A história da Onça)

(1127) ʔtaina sauena a̰inakaʔtu elia a̰isoʔnáhãi (...)
ʔtai-na sau -ien -a a̰i -na **-kaʔtu**
1sg-LC mata-rosto-SF ir-1sg/NFP-FINAL
e -li -a a̰i -soʔ -náhãi
pupunha-?-SF ir-pegar-1sg/REM
'Eu fui à mata para buscar pupunha' (Trecho de mini-texto)

(1128) anũala auẽnsa ũia kũkaʔtu hãukia
anũ -a -la a- uẽns -a ũ -ia
índio-SF -FEM 3POSS-criança-SF dar-SV
kũ **-kaʔtu** hãu -ki -a
mamar-FINAL dormir-ben/alv/font-SV
'A índia deu de mamar para o filho dormir'

Subordinada Temporal

A cláusula subordinada temporal caracteriza-se pela presença do sufixo verbal {-nãua}, o qual é sufixado à cláusula dependente:

(1129) ʔtaina ĩánãua ãhãuʔitehũnali

ʔtai-na ĩ -á **-nãua**
1sg-LC ver-1sg/NFP-TEMPOR
ã- hãuʔi -tehũ -ø -na -li
AGEN-dormir-DUB-3sg-NFP/EVC-M/PF/EFR
'Eu vejo que, neste momento, (Luka) está dormindo'

(1130) (...) nẽnãua tauta uẽnlinãa ũlia

nẽ **-nãua** taut -a uẽn -li -nã -a ũ -li -a
RNV-TEMPOR gavião-SF criança-?-GR-SF dar-PL-SV
'Então, o gavião deu (o rato) para seus filhotes' (Trecho de mini-texto)

(1131) iąusa ĩkilotanãua teʔnasĩtanãua ĩːiautanãua kuãʔkuãʔianai

iąu -ø -sa ĩ -kilo -ø -ta **-nãua**
ficar-3sg-SE ver-EQ-3sg-NFP/EN-TEMPOR
teʔ -na -sa ĩ -ø -ta **-nãua**
DEM-LC-DIR ver-3sg-EN-TEMPOR
ĩ -iąu -ø -ta **-nãua** kuãʔkuãʔ -ia -ø -na -i
ver-ficar-3sg-EN-TEMPOR estar limpo-SV-3sg-NFP/EV-M/IMPF/EFR
'Quando ele ficou e olhou, ficou olhando para lá, ficou olhando, estava limpo (...)' (Trecho retirado de: A história da onça)

(1132) (...) ąitanãua kųatiaitealusu ahaki soʔkitiuli

ąi -ø -ta **-nãua** kųat -iai -te -a -lu -su
ir-3sg-NFP/EN-TEMPOR feijão-comer-NOM-SF -SEX/F-SF
ahaki soʔ -ki -ø -tiu -li
tudo comprar -ben/alv/font-3sg-PASS/PF/EN-M/PF/EFR
'(...) Quando foi uma branca e comprou tudo' (Trecho de mini-texto)

Subordinada Condicional

A cláusula condicional é caracterizada pela inserção do sufixo {-kainãtu} à cláusula dependente, a qual ocupa a primeira posição dentro da sentença:

(1133) uãina huʔka sasikikainãtu soʔnahĩnnali

uãi-na huʔk-a sasi -ki **-kainãtu**
2sg-LC arco-SF desarmar-ben/alv/font-CONDIC
soʔ -na -ø -hĩ -na -li
pegar-2obj-3sg-POSB-NFP/EV-M/PF/EFR
'Se você for sem arco (a onça) vai te pegar'

(1134) nąnikainãtu soʔahátui

nąˀ -ni **-kainãtu** soʔ -a -hátu -i
chorar-2sg-CONDIC pegar-2obj-1sg/FUT-M/IMPF/EFR
'Se chorar, eu vou te pegar'

(1135) heiʔsákainãtu iainάhũa

hei? -sá **-kainãtu** iai -náhũ -a
ter fome-1sg/SE-CONDIC comer-1sg/FUTP-M/IMPF
‘Se eu ficar com fome, eu como’

(1136) hãuʔisákainãtu sąsá

hãuʔi -sá **-kainãtu** są -sá
dormir-1sg/SE-CONDIC deitar-1sg/SE
‘Se eu tiver sono, eu deito’

(1137) iią̃ua iũnʔkainãtu uãliakaloa hihatuĩ

i -ią̃u -a iũnʔ-**kainãtu**
água-líquido-SF ter-CONDIC
uã -li -a -kalo -a hi -hátu -ĩ
roupa-?-SF-plano-SF lavar-1sg/FUT-F/IMPF/EFR
‘Só lavarei a roupa se tiver água’

Subordinada Concessiva

Esse tipo de cláusula apresenta o sufixo {-kaʔtenũ} sempre na primeira cláusula que encabeça a sentença concessiva. Além desse sufixo, é muito comum que se posicione, logo após o sufixo verbal, uma palavra de valor adverbial, {iuuãli}, que pode ser traduzida por ‘ainda’:

(1138) uẽhiią̃ua ahkatenũn iuuãli ą̃inakatu ̃ainatuĩ

uẽhi -ią̃u -a ah -**katenũ**
chuva-líquido-SF chover-CONCES
iuuãli ą̃i-ná -kaʔtu ą̃i -nátu -ĩ
ainda ir-1sg/NFP-FINAL ir-1sg/FUT-F/IMPF/EFR
‘Mesmo que chova, eu vou (pescar)’

(1139) ĩtǫ̃sakatenũ iuuãli houʔinatuĩ

ĩtǫ̃ -sá **-katenũ** iuuãli
adoecer-1sg/SE-CONCES ainda
houʔi -nátu -ĩ
banhar-se-1sg/FUT-F/IMPF/EFR
‘Ainda que eu adoeça, vou tomar banho’

(1140) kateiʔsakatenũ iainatuĩ

katei? -ø -sa **-katenũ** iai -ø -nátu -ĩ
estar cru-3sg-SE-CONCES comer-3obj-1sg/FUT-F/IMPF/EFR
‘Mesmo que esteja cru, vou comer (o porcão)’

(1141) iukĩsakatenũn iuuãli kaʔtikia hehanatui

iuk -ĩ -sá -**katenũ** iuuãli
INC:pé-doer-1sg/SE-CONCES ainda
kaʔti -ki -a hela -nátu -i
mangaba-redondo-SF jogar bola-1sg/FUT-M/IMPF/EFR
'Mesmo com o pé doendo, vou jogar bola'

No capítulo anterior foi apresentada a ordem dos constituintes oracionais do Hahãintesu que, tal como fora verificado para outras línguas da Família Nambikwára, é SOV, com exceção de Sabanê. Processos de serialização envolvendo a agência de mais de um verbo dentro do mesmo sintagma e o aumento de valência também foram discutidos no capítulo. Ainda, foram apresentados os tipos de orações ativas e estativas simples e, por fim, os tipos de orações complexas, os quais foram subdivididos de acordo com a semelhança que apresentam com os tipos coordenativos e subordinativos de orações de línguas como o português.

4 APÊNDICE DA FONOLOGIA DO HAHÃINTESU

4.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo, apresentam-se os resultados do trabalho de análise e descrição dos fonemas segmentais e suprassegmentais e da sílaba, na língua Hahãintesu, de forma resumida. Essa descrição toma como modelo a tese recém defendida por Costa (2020) sobre a Fonologia Segmental e suprassegmental do Nambikwára do Campo (Nambikwara do Sul)[168], língua aparentada ao Hahãintesu e que apresenta bastante semelhança com ela[169]. Ainda, outros trabalhos, os quais debruçaram-se sobre o estudo da fonologia de línguas da Família Nambikwára, foram de enorme importância, como os de Kroeker (2001) e Souza Netto (2018), que versam sobre o Nambikwara do Sul, ou Nambikwára do Campo, Telles (2002) que trata sobre o Latundê/Lakondê, Eberhard (2009), sobre o Mamaindê, Braga (2018), sobre o Negarotê, e Antunes (2004), sobre a mais isolada das línguas Nambikwára, o Sabanê.

4.2 CONSOANTES

Os fonemas consonantais identificados para o Hahãintesu são dez: as oclusivas /t, k, ʔ/, a nasal /n/, as fricativas /s, h/ e a lateral /l/, além das ejetivas /ˀt, ˀk/ e a nasal glotalizada /ˀn/[170].

Os fonemas vocálicos são dezoito: /a, ã, a̰, ã̰, e, ẽ, ḛ, ḛ̃, i, ĩ, ḭ, ḭ̃, o, o̰, u, ũ, ṵ, ṵ̃/.

---

[168] De acordo com Costa (2020, p. 3), o trabalho sobre a fonologia segmental e suprassegmental do Nambikwara do Campo tem como base: "(...) *pressupostos das teorias fonológicas não-lineares, como a fonologia autossegmental, lexical e prosódica e a geometria dos traços presentes em Goldsmith (1979; 1990; 1996), Clements (1990; 1991; 1999); Clements e Hume (1995), Spencer (1986; 1996), Kenstowicz (1994), Hayes (1995), Nespor e Vogel (1986), Vogel (2008), entre outros*"

[169] É importante destacar que o Hahãintesu carece de um estudo mais acurado sobre sua fonologia, especificamente. Mas, essa língua é identificada pelos próprios Manairisu como quase igual a língua falada pelos parentes do Campo. Essa também é a conclusão apresentada por Paula Mendes Costa, quando em conversas e análises feitas conjuntamente, nos anos de 2017, 2018 e 2019, comparamos exemplos das duas variantes: o Nambikwára do Campo e o Hahãintesu. As poucas diferenças resultantes do trabalho comparativo entre os fonemas das duas línguas foram devidamente expostas neste trabalho.

[170] De acordo com o que diz (COSTA 2020, p. 39): "Foram identificados 13 fonemas consonantais para o Nambikwara do Campo. (...)". Em Hahãintesu, no entanto, não se identificaram as consoantes bilabiais /p e ˀp/ nem a fricativa /ɾ/, como fonemas. Apenas uma palavra apresentou o som [paˈpaulisu], 'sandália', o que parece empréstimo da língua aparentada do Campo, além de alguns empréstimos do português, como a palavra [ˈponsu] 'boi'. A fricativa [ɾ] é comum, mas está sempre em variação com a líquida /l/, o que a identifica como seu alofone.

O Hahãintesu apresenta distinção morfológica de dois tons, sendo um alto e outro que se pode classificar como um tom default. Eles operam principalmente no domínio da palavra nominal e na morfologia verbal, mormente nos sufixos marcadores de tempo[171].

Quadro 61 – Representação dos fonemas consonantais

	Alveolar	Velar	Glotal
Oclusivas	t	k	ʔ
Ejetivas	ˀt	ˀk	
Nasal	n		
Nasal glotalizada	ˀn		
Lateral	l		
Fricativas	s		h

Oposições consonantais

/n/ : /ˀk/

[ˈa̰ina] /a̰ina/ ‘peixe’
[ˈa̰iˀka] ~ [a̰ikʰa] /a̰iˀka/ ‘mutum’

/n/ : /k/

[ˈa̰ina] /a̰ina/ ‘peixe’
[aˈlũka] ~ [aˈrũka] /alũka/ ‘macaíba’

[171] O sufixo temporal indicador de presente de terceira pessoa apresenta, ainda, um terceiro tom gramatical, considerado baixo, {-nà}, o qual fora também verificado para o Nambikwára do Cerrado, por (KROEKER 2001) e (LOWE 1999), e apresentado como {-na[3]}.

/s/ : /l/

[aˈsua] /asua/ ‘osso’
[aˈlua] /alua/ ‘rato’

/ʔt/ : /t/

[ˈɗuhsu] /ʔtuhsu/ ‘mulher’
[ˈtuhsu] /tuhsu/ ‘urucum’

/n/ : /ʔ/

[ˈw̃i̯na] /ũ̃ina/ ‘pai’
[ˈw̃i̯ʔa] /ũ̃i̯ʔa/ ‘batata’

4.2.1 Oclusivas não-glotalizadas

Dentre as consoantes oclusivas verificadas no Hahãintesu, diferentemente do que foi constatado nas outras línguas da família Nambikwára anteriormente pesquisadas[172], as quais apresentam a série /p t k ʔ/, não se verificou a ocorrência de consoantes bilabiais. Assim, no inventário fonológico de Hahãintesu foram identificadas as oclusivas /t k ʔ/, apenas. Souza Netto (2018, pg. 90), ao tratar sobre os fonemas do Nambikwára do Campo, chamou atenção para a escassez de oclusivas e nasais bilabiais[173] na língua.

A oclusiva velar surda /k/ ocorre nas posições de onset e, mais raramente, em coda. Esse fonema pode se realizar como suas contrapartes sonora [g] e aspirada [k^h], devido ao ambiente sonoro e/ou à variação livre.

(1142) /kũĩsu/ [ˈkũĩsu]
kũĩ-su
anum-SF
‘anum’

[172] No quadro das consoantes de Nambikwára do Sul, Kroeker (2001, pg. 108), apresenta também o fonema /kw/ ao rol das oclusivas da língua, além de /j / para representar a africada em posição de onset silábico.
[173] O Nambikwára do Campo, ou do Cerrado, é a variedade falada por diversas etnias Nambikwára que se distribuem ao longo da T.I Nambikwára, na Chapada dos Parecis, formando uma imensa área dialetal. Dentre os falantes desses letos estão os Halotesu, os Sawentesu, os Kitãulhu e os Wakalitesu.

(1143) /uahkalisu/ [ˈwaklisu] ~ [waʔˈkalisu]
uahka-li-su
jacaré-NEU-SF
‘jacaré’

(1144) /kaulisu/ [ˈkauʰlisu]
kau-li-su
macaco da cara vermelha-NEU-SF
‘macaco da cara vermelha’

(1145) /kuilisu/ [ˈkwiɾisu]
kui-li-su
bagre-NEU-SF
‘bagre’

(1146) /iaʔktasu/ [jaʔkˈtasu]
iaʔk-ta-su
caititu-AUM-SF
javali ‘porcão’

(1147) /iaĩkaʔtsu/ [jaĩŋˈgasu]
iaĩ -kaʔt -su
flauta-longo-SF
‘flauta’

(1148) /ioka/ [joˈkʰa]
iok-a
‘fumo’

A oclusiva alveolar surda / t / é abundante na língua, e pode ocorrer como onset ou coda. Em onset, se realiza também por seus alofones [tʰ] [t’] [tʃ] [d] e [dʃ] e, em coda, na forma [t] apenas.

(1149) /ãtuʔtsu/ [ãˈtuʔtsu]
ã- tuʔt -su
AG-ser preto-SF
‘preto’

(1150) /ialikihãnʔtesu/ [jaḷikiˈhatsu]
iali -ki -hãnʔ -te -su
testículo-redondo-ser branco-NOM-SF
‘macaco chuim’

(1151) /iʔtea/ [iːʔˈtea]
iʔ -te -a
arder-NOM-SF
‘ser ardido’

(1152) /sɨ̃hatasu/ [sɨ̃haˈtaʰsu]
sɨ̃h -a -ta -su
casa-SF-AUM-SF
‘casa grande’

(1153) /hiakaʔta/ [hiaˈʔkaʔda]
hia -kaʔt -a
árvore-longo-SF
‘pau’

(1154) /alititiia/ [alít͡ʃiˈt͡ʃia]
ali-titi-ia
sair-IDEO-SV
‘saltitar’

(1155) /tuhlia/ [ˈɗuʰla] ~ [ˈtuhla]
tuh -li -a
cotia-NEU-SF
‘cotia’

(1156) /tonála/ [ˈt’onaɾa]
to -ná -la
construir-1sg/NFP-M/PF
‘Eu construí’

A oclusiva glotal /ʔ/ é um fonema bastante comum. Ocupa sempre a posição de coda silábica e pode estar presente diante de qualquer vogal. Ela também pode sofrer apagamento, seja pelo ambiente sonoro em que se realiza ou por variação livre, ou ainda por alongamento vocálico:

(1157) /kuiʔtatasu/ [kuiʔtaʔˈtasu]
kuiʔta-ta-su
veado-AUM-SF
‘bode’

(1158) /kãuʔtihnãusu/ [kãuʔtihnãusu] ~ [kãuʔtiːnãsu]
kãuʔtih -nãu -su
cobra coral-flexível-SF
‘cobra coral’

(1159) /kuinẽhãnʔtesu/ [kwinẽˈhãʔtesu]
kuinẽ -hãnʔ -te -su
carcará-ser branco-NOM-SF
‘carcará’

(1160) /kuą̱ʔkisu/ [ˈguą̱ʔkisu] ~ [ˈkwą̱kisu]
kuą̱ʔ-ki-su
feijão-redondo-SF
‘feijão’

(1161) /ɰ̃ĩʔa/ [ˈw̃ĩːa]
ɰ̃ĩʔ-a
batata-SF
‘batata’

4.2.2 As consoantes glotalizadas

Em Hahãintesu, verificaram-se duas consoantes glotalizadas ejetivas: a oclusiva alveolar /ˀt/ e a velar /ˀk/. Além delas, há, ainda, a soante glotalizada nasal /ˀn/. A ejetiva /ˀt/ tem vasta distribuição na língua e pode se realizar como [ˀt, t, ɗ], tanto em posição de onset quanto em posição de coda:

(1162) /ˀtihʔa/ [ˈˀtiha] ~ [ˈɗihʔa]
ˀtihʔ-a
cobra-SF
‘cobra’

(1163) /ˀtuha/ [ˈˀtuha] ~ [ˈɗuha] ~ [ˈtuha]
ˀtuh-a
mulher-SF
‘mulher’

(1164) /hiakaˀta/ [hiaˈˀkaʔda]
hia -kaˀt -a
árvore-longo-SF
‘pau’

A ejetiva dorsal /ˀk/ tem realização mais restrita e pode acontecer como [k, ˀk]:

(1165) /huˀka/ [huˀˈka] ~ [huˈka]
huˀk-a
arco-SF
‘arco’

(1166) /a̰iʔka/ [ˈa̰iʔka]
a̰iʔk-a
mutum-SF
‘mutum’

(1167) /iaʔksu/ [ˈjaʔksu]
iaʔk-su
caititu-SF
‘caititu’

A soante glotalizada /ʔn/ foi atestada apenas em posição de onset. Pode se realizar como [ʔn, n], posteriormente às vogais nasais /ĩ/, /ã/ e /ẽ/, ou suas contrapartes laringalizadas:

(1168) /ʔnãnkisu/ [ˈnãnkisu] ~ [ˈˀnãnkisu]
ʔnãn -ki -su
cumbaru-redondo-SF
‘cumbaru’

(1169) /aʔnã̰su/ [aʔˈnãsu] ~ [aˈnã̰su]
a- ʔnã̰ -su
INAL-pena-SF
‘pena’

(1170) /ʔnĩna/ [ˈnĩʔna] ~ [ˈˀnĩʔna]
ʔnĩn-a
ariranha-SF
‘ariranha’

4.2.3 Fricativas

O inventário fonológico do Hahãintesu consta de duas fricativas: a alveolar surda /s/ e a glotal /h/.

A fricativa alveolar surda /s/ ocorre tanto em posição de onset como em coda. Ela se realiza diante de todas as vogais, sendo mais rara diante da vogal /e/. Sua realização alofônica inclui a africada [tʃ]:

(1171) /kaliẽnsu/ [kaɾieiˈtʃu] ~ [kaɾiˈẽnsu] ~ [kaiɾeiˈtʃu]
kali -ẽn -su
esp. de formiga-cavo-SF
‘esp. de formiga’ ou ‘nome de uma das aldeias manairisu’

(1172) /sĩha/ [ˈsĩha]
sĩh-a
casa-SF
‘casa’

(1173) /kaiuhsĩna/ [kaiu^{h}ˈsĩna]
kaiuh-sĩn-a
bicho-carne-SF
‘carne’

(1174) /sesekisu/ [seseikiˈsu]
sese -ki -su
escorpião-redondo-SF
‘escorpião’

(1175) /sat̪ikitesu/ [saˈt̪iʔkitesu] ~ [saˈd̪ik̪itesu]
sat̪i -ki -te -su
ser liso-redondo-NOM-SF
‘sabonete’

(1176) /housa/ [ˈho̪usa] ~ [ˈhousa]
hous-a
macaco-SF
‘macaco’

A fricativa glotal /h/ tem vasta distribuição na língua, realizando-se tanto em posição de onset quanto em posição de coda. Na superfície, pode ser produzida como um de seus alofones, [ɾ, h, ʔ]

(1177) /housa/ [ˈho̪usa] ~ [ˈhousa]
hous-a
macaco-SF
‘macaco’

(1178) /ahiˀkia/ [aˈhiˀka]
a- hi -ˀki -a
INAL-mão-ósseo-SF
‘mão’

(1179) /kaiuhsĩna/ [kaiuˈsĩna]
kaiuh-sĩn-a
bicho-carne-SF
‘carne’

(1180) /ʔtuha/ [ˈʔtuha] ~ [ˈɗuha]
ʔtuh-a
mulher-SF
‘mulher’

(1181) /ʔtuhsu/ [ˈɗuɾsu] ~ [ˈɗuhsu]
ʔtuh-su
mulher-SF
‘mulher’

(1182) /uaiuhlisu/ [waiˈuʔl̥u] ~ [waiˈuʔlisu]
uaiuh -li-su
esp. de peixe-?-SF
‘esp. de peixe’

4.2.4 Líquidas

O inventário fonológico do Hahãintesu apresenta, ainda, a lateral alveolar surda /l/.

A lateral alveolar surda /l/ acontece largamente, na língua, mas não ocupa a posição inicial da palavra e nem a posição de coda silábica. Esse fonema é livremente substituído por sua contraparte alofônica, a tepe [ɾ], e pela lateral surda [l̥]. Realiza-se diante de qualquer vogal, mas, mais raramente diante da vogal média /e/:

(1183) /alalia/ [aˈlala] ~ [aˈl̥al̥a]
a- la -li -a
INAL-veia-?-SF
‘veia’

(1184) /ʔtikalia/ [ˈdikla] ~ [ˈdikala]
ʔtika-li-a
tamanduá-mirim-?-SF
‘tamanduá-mirim’

(1185) /kaleina/ [kaˈleina]
kalein-a
rã -SF
‘rã’

(1186) /kalulisu/ [kaˈlulisu]
kalu-li-su
grilo-?-SF
‘grilo’

(1187) /iãnalia kaũnlia/ [jãˈnaˌla ˈkaũʰla]
iãna-li-a kaũn-li-a
onça-?-SF pequeno-?-SF
‘gato-do-mato’

A nasal /n/ é um fonema nasal largamente encontrado na língua Hahãintesu. Como revelado em (NETTO, 2018), o fonema bilabial /m/ não foi verificado na variedade de Nambikwára do Campo. É o mesmo caso da variedade falada no Vale do Guaporé. O fonema /n/ ocupa as posições de *coda* e *onset*, podendo acontecer no início, no meio e no fim das palavras. Na posição de *onset* apresentou-se apenas a forma de superfície [n].

No caso específico da *coda*, a nasal alveolar se realiza, na superfície, como [n] ou [ɲ], ou ainda, como a vogal média [i], o que foi verificado apenas para o Hahãintesu:

(1188) /kinẽnsu/ [kinẽiˈsuh]
kin -ẽn -su
copo-cavo-SF
‘copo de barro’

(1189) uatetẽnsu [wateˈtẽisu]
uatetẽn-su
borboleta-SF
‘borboleta’

(1190) /salanẽsu/ [saɾaˈnẽsu]
sala -nẽ -su
pindaíba-cabeça-SF
‘pindaíba (esp. de árvore)’

(1191) /iana/ [ˈjana]
ian -a
jenipapo-SF
‘jenipapo’

(1192) /sãnaia/ [sãˈnãɲa] ~ [sãˈnaia]
sãnai -a
tatu peba-SF
‘tatu peba’

(1193) /naha/ [ˈnaha]
nah -a
caranguejo-SF
‘caranguejo’

(1194) /ˀnĩnsu/ [ˈˀnĩnsu]
ˀnĩn -su
ariranha-SF
‘ariranha’

(1195) /ualikãia/ [waliˈkãɲa]
uali -kãi -a
mandioca-pó fino-SF
‘polvilho’

4.3 VOGAIS

A análise dos sons vocálicos do Hahãintesu apresentou, como resultado parcial, um inventário maior de vogais do que de consoantes, somando 18 segmentos. Esta, que é uma característica das línguas da família Nambikwára, também foi apontada e comentada por todos os outros pesquisadores que se ocuparam da descrição dos sons de outras línguas dessa família, sejam elas do ramo do norte ou do ramo do sul. A exceção se verificou apenas no inventário dos segmentos vocálicos da mais isolada, o Sabanê (ANTUNES 2004).

Quadro 62 –Modelo de inventário fonológico das vogais

	Vogais			Vogais laringais		
ALTAS	i		u	ḭ		ṵ
ALTAS NASAIS	ĩ		ũ	ḭ̃		ṵ̃
MÉDIAS	e		o	ḛ		o̰
MÉDIAS NASAIS	ẽ			ḛ̃		
BAIXAS		a			a̰	
BAIXAS NASAIS		ã			ã̰	

Apresentação dos Fonemas vocálicos:

/a/ : /ã/

[aˈlasu] - /alasu/ ‘tipo de frango’
[aˈlãʔsu] ~ [aˈlãːsu] - /alãʔsu/ ‘arara’

/a/ : /a̰/

[haᵈˈnẽia] ~ [haˈnẽa] - /hanẽna/ ‘fogueira’
[ha̰ʔɗeˈna̰su] - /ha̰ʔtena̰su/ ‘dinheiro’

/a̰/ : /ã̰/

[ha̰ʔɗeˈna̰su] - /ha̰ʔtena̰su/ ‘dinheiro’
[aˈʔna̰su] - /aʔna̰su/ ‘pena’

/ã/ : /ã̰/

[aˈlãʔsu] ~ [aˈlãːsu] - /alãʔsu/ ‘arara’
[aˈʔna̰su] - /aʔna̰su/ ‘pena’

/a/ : /e/

[ˈwakisu] - /ˈuaksu/ ‘vaca’
[ˈweʔkisu] - /ˈueʔkisu/ ‘castanha de pupunha’

/a/ : /o/

[ˈkaiʔa] - /kaiʔa/ ‘quati’
[ˈsoha] - /soha/ ‘coró’

/e/ : /ḛ/

[ˈheɾu] ~ [ˈhḛˌlu]- /helisu/ ‘buriti’
[ˈhḛɾu] ~ [ˈḛˌlu] - /hḛlisu/ ‘caju’

/ẽ/ : /ḛ/

[ˈtẽɾa] - /tẽlia/ ‘mutuca’
[ˈhḛɾu] ~ [ḛˌlu] - /hḛlisu/ ‘caju’

/ḛ̃/ : /ḛ/

[kwḛ̃ˈkwḛ̃ɾa] - /kuḛ̃kuḛ̃lia/ ‘abanador’
[ˈhḛɾu] ~ [ḛˌlu] - /hḛlisu/ ‘caju’

/e/ : /i/

[s**e**sei'kisu] - /seseikisu/ ‘escorpião’
[s**i**si'kisu] - /sisikisu/ ‘pássaro bico-de-pimenta’

/e/ : /o/

[a's**e**su] - /asesu/ ‘esposa’
['s**o**ha] - /soha/ ‘coró’

/ẽ/ : /ũ/

[ki'n**ẽ**isu] - /kinẽnsu/ ‘copo de barro’
[ki'n**ũ**su] - /kinũsu/ ‘areia’

/i/ : /ĩ/

['t**i**ka] - /tika/ ‘aqui’
['w̃**ĩ**na] - /ũĩna/ ‘pai’

/ĩ/ : /ĩ̯/

[kaiu's**ĩ**na] - /kaiuhsĩna/ ‘carne’
[jã̯'ɾ**ĩ̯**ngaːsu] - /ialikaʔtsu/‘flauta’

/i/ : /ĩ̯/

[ak**i**su] - /akisu/ ‘semente’
[ak**ĩ̯**su^{h}] - /akĩ̯su/ ‘vagina’

/o/ : /õ̯/

[hal**o**'tʃena] - /halo'iena/ ‘aldeia’
[ar**õ̯**'kisu] - /alõ̯kisu/ ‘guariroba’

/o/ : /u/

[wa'l**u**su] - /ualusu/ ‘urubu’
[wa'l**o**su] - /ualosu/ ‘caramujo’

/u/ : /i/

[ah**i**ʔka] - /ahiʔka/ ‘mão’
[h**u**ʔka] - /huʔka/ ‘arco’

/u/ : /ũ/

[aˈɾ**ũ**su] - /alũsu/ ‘anta’
[aˈl̥**u**su] - /alusu/ ‘rato’

/u/ : /u̯/

[jaˈɾ**u**ʔkisu] - /ialuʔkisu/ ‘bacaba (fruto)’
[aˈɾ**u̯**kisu] - /alu̯kisu/ ‘tucum (semente)’

/ũ/ : /u̯/

[ˈs**ũ**na] - /sũna/ ‘deus’
[aˈɾ**u̯**kisu] - /alu̯kisu/ ‘tucum (semente)’

/ũ̯/ : /u/

[ˈ**ũ̯**ʔa] - /ũ̯ʔa/ ‘capivara’
[ˈt**u**ha] - /tuha/ ‘urucum’

/ũ̯/ : /u̯/

[ˈi**ũ̯**a] - /iũ̯a/ ‘carrapato’
[aˈɾ**u̯**kisu] - /alu̯kisu/ ‘tucum (semente)’

4.3.1 Vogais orais

As vogais orais são /i e a o u/, as quais apresentam suas contrapartes laringais /i̯ e̯ a̯ o̯ u̯/, totalizando dez. A laringalização é comumente suavizada ou apagada, particularmente, na fala dos mais jovens[174].

Vogais /i/ e /i̯/

[174] Na fala dos mais velhos há sempre uma tendência maior à laringalização das vogais do que entre os manairisu mais novos. Eles, inclusive, corrigiam minha má pronúncia, constantemente, demonstrando a importância desse traço distintivo para o reconhecimento de muitas palavras na língua. Mesmo assim, dependendo da velocidade da fala, em alguns casos de elicitação direta, ou em pronúncia mais lenta e silabada, também se verifica uma tendência mais forte para a neutralização da laringal, mesmo na fala dos mais velhos. Em fala espontânea, ao contrário, o traço laringal é mais nitidamente marcado, principalmente em contação de histórias, rememoração de ações do passado ou em cânticos.

A vogal alta anterior não arredondada /i/ tem larga distribuição. Já, a versão laringalizada /ḭ/ tem ocorrência mais restrita, em Hahãintesu. A primeira se realiza como [i], como a alta quase fechada [ɪ] e a nasal [ĩ]. Já a segunda, realiza-se foneticamente como [ḭ] e [ḭ̃].

Essas vogais formam sílaba com qualquer segmento, excetuando-se o glide [j], ocupando a posição de núcleo silábico, ou a de núcleo ramificado, caso em que ocupam a segunda posição:

(1196) /ihia/ - [ihja] ‘correr’

(1197) /iulihnãua/ - [ˈjulihnãua] ‘minhoca’

(1198) /hikia/ - [hiʔˈkia] ‘sol’

(1199) /halaʔtḭsu/ - [haˈlaʔtḭsu] ‘pitomba’

(1200) /katḭʔkisu/ - [kaʔˈdḭʔkisu] ~ [kaʔˈt̪ḭkisu] ‘coquinho (esp.)’

(1201) /aienkihḭʔka/ - [aˈjekihɪʔkʰa] ‘olho’

(1202) /kaiʔa/ - [ˈkʰaiʔa] ‘quati’

Similar ao que foi verificado por Souza Neto (2018, pg. 122-123), para o Nambikwára do campo, em Hahãintesu as vogais /i/ e /ḭ/ também se alongam [iː] e [ḭː], em sílaba acentuada terminada pelas codas [h] ou [ʔ] , quando estas são apagadas, o que é chamado de alongamento compensatório:

(1203) /iulihnãua/ [juliːˈnãua] ~ [julihˈnãua]
‘minhoca’

(1204) /ḭʔtea/ [ˈḭʔtea] ~ [ˈḭːtea]
‘É ardido’

(1205) /ʔtihʔsu/ [ˈʔtiːsu] ~ [ˈd̪ihsu]
‘cobra’

Essa vogal pode ocupar a segunda posição de núcleo ramificado, unindo-se às vogais /a/ e /e/:

(1206) /saia/ [ˈsaidʒa]
‘tirar’

(1207) /sãnaia/ [sãˈnaia]
‘tatu bola’

(1208) /alaisu/ [aˈlaisu]
‘bicho preguiça’

(1209) /ueia/ [ˈweia]
‘pelos’

A laringal /i̯/ é mais restrita, como foi comprovado também para o Nambikwára do campo (SOUZA NETTO 2018, pg.123), após as consoantes /t k n h/:

(1210) /kati̯ʔkisu/ [kaˈdi̯ʔkisu]
‘esp. de coquinho’

(1211) /aki̯su/ [aˈki̯su]
‘vagina’

(1212) /ni̯natesu/ [ɲ̃i̯ˈnatesu]
‘tesoura’

(1213) /aienkihi̯ʔka/ [aˈjekihrʔka]
‘olho’

A vogal média anterior /e/ tem larga distribuição na língua e tem por alofones [e], [ẽ] e [i], ou ainda a vogal média aberta [ɛ], embora mais raramente:

(1214) /sesekisu/ [seˈseikisu]
‘escorpião’

(1215) /sĩhiena/ [sĩʰˈtʃena]
‘aldeia’

(1216) /hehei?teia/ [heˈhei?tea] ~ [hiˈhei?teja]
‘ser vermelho’

(1217) /ãsekalosu/ [ãˈsekalosu]
‘bermuda’

(1218) /anẽka/ [aˈnẽka]
‘cabeça’

(1219) /sateʔsateʔtesu/ [satɛsaˈtɛtesu] ~ [sateʔsaˈteʔtesu]
‘amarelo’

(1220) /asesu/ [aˈsẽsu] ~ [aˈsesu]
‘esposa’

Ela também se alonga [eː] em sílaba acentuada por consequência de apagamento da coda, acarretando o alongamento compensatório:

(1221) /ehlu/ [ˈeːɾu]
‘machado’

(1222) /teʔia/ [ˈteːja] ~ [ˈteʔja]
‘querer’

Sua correspondente laringal /e̯/, tem ocorrência mais restrita e se realiza como [e̯] ou [ẽ̯]:

(1223) /he̯lisu/ [ˈe̯ɾu] ~ [ˈhe̯ɾu]
‘caju’

(1224) /tẽ̯lia/ [ˈtẽ̯ɾa]
‘mutuca’

A vogal central baixa /a/ é a mais produtiva na língua, sendo a sua contraparte laringal /a̯/, da mesma forma, muito comum. Realiza-se foneticamente como [ɐ], [a] e [ã] para a primeira e [a̯] e [ã̯] para a segunda. Ocorre diante de qualquer consoante da língua e ocupa posição de núcleo ramificado, seguida das vogais /i/ e /u/:

(1225) /tiahlana/ [ˈtʃaʰlana]
‘ele’

(1226) /kuaiaia/ [kwaiˈaia]
‘águia’

(1227) /kalaia/ [kaˈladʒa]
‘ser muito’

(1228) /ãkaʔa/ [ãˈkaʔa] ~ [ãˈkãʔa] ~ [ãˈkãːã]
‘adv. tempo’

(1229) /alaisu/ [aˈlaisu]
‘bicho preguiça’

(1230) /halatʲisu/ [haˈl̥aʔtʲisu]
‘pitomba’

(1231) /aʔia/ [ˈaʔdʒa] ~ [ˈaːja]
‘matar (com flechadas ou tiros)’

(1232) /iǫkuą̃iia/ [jǫˈkwą̃ija]
‘gostar’

(1233) /kuą̃ʔlisu/ [ˈkwą̃hɾu]
‘abacaxi’

Essa vogal sofre alongamento compensatório, realizando-se como [aː], quando em sílaba com coda, se esta não acontecer:

(1234) /ãkaʔa[175]/ [ãˈkaʔa] ~ [ãˈkãʔa] ~ [ãˈkãːã]
‘adv. tempo’

(1235) /aʔia/ [ˈaʔdʒa] ~ [ˈaːja]
‘matar (com flechadas ou tiros)’

(1236) /alaʔa/ [aˈlaːa]
‘galinha esp.’

(1237) /kuą̃ʔlu/ [ˈkwą̃ːɾu]
‘abacaxi’

A vogal média arredondada /o/ tem baixa ocorrência, como sua contraparte laringal /ǫ/. Não se verificou ocorrência dessa vogal nasalizada:

(1238) /houia/ [ˈhouja]~ [ˈhoudʒa]
‘banhar-se’

(1239) /iãkotakaʔtsu/ [jãkotaˈkaʔsu]
‘flauta (tipo)’

[175] Particularmente, esse advérbio tem valor de tempo passado. Os Manairisu alongam ainda mais o núcleo da raiz /ãkaːʔa/ imprimindo valor semântico de tempo ainda mais remoto.

(1240) /aioua/ [aˈjoua]
‘boca’

(1241) /iuʔkalosu/ [juʔˈkalosu]
‘sapato’

(1242) /alo̰kisu/ [aˈɾo̰kisu]
‘guariroba’

(1243) /ko̰ia/ [ˈko̰dʒa] ~ [ˈkoja]
‘estar podre’

Essas vogais formam núcleo ramificado diante da vogal baixa posterior arredondada /u/:

(1244) /housu/ [ˈhousù]
‘macaco’

(1245) /houtasu/ [ˈhoutaʔsu] [houˈtaʰsu]
‘macaco quatá’

(1246) /uousu/ [ˈwousu]
‘peixe-boi’

(1247) /ualousu/ [waˈlousu]
‘mussum’

(1248) /haisa ko̰usu/ [ˈhaisa ko̰uˈsu]
‘roça’

A vogal baixa posterior arredondada /u/ é bastante produtiva, tendo por alofones [u] e [ʊ]. Forma sílaba com qualquer consoante, excetuando-se a aproximante /w/. Ela também oferece uma contraparte laringal /ṵ/, que acontece como [ṵ]:

(1249) /iuiukihnãusu/ [jujukihˈnãusu]
‘centopeia’

(1250) /ˀtuhsu/ [ˈduhsu] ~ [ˈˀtuhsu]
‘mulher’

(1251) /iuhlisu/ [ˈjuʰlisu]
‘faca’

(1252) /sulia/ [ˈsulja]
‘matar’

(1253) /huʔka/ [huʔˈkaʰ] ~ [huːˈkaʰ] ~ [huʔˈka]
‘flecha’

(1254) /alukuila/ [aɾuˈkwiɾa]
‘taboca’

(1255) /ualuluʔitesu/ [waluˈluʔitesu]
‘macaco aranha’

(1256) /iąluia/ [jąˈɾuja]
‘ter sede’

(1257) /uhsĩna/ [uhˈsĩna]
‘nuvem’

(1258) /kuaiˈakisu/ [kwaiˈakį̃su] ~ [kwaiˈakisu]
‘grão de milho’

(1259) /ukja/ [ˈʊkia]
‘furar/costurar/perfurar’

4.3.2 Vogais nasais

O Hahãintesu apresenta oito vogais nasais, sendo quatro delas laringais nasais, todas com status fonológico. De acordo com (COSTA 2020, p. 100), a presença da vogal nasal é, muitas vezes, condicionada pela existência de coda nasal tautossilábica, embora ela não seja obrigatória. As médias nasais são menos frequentes do que as vogais nasais altas e baixas. Ao tratar sobre as vogais nasais de outras variantes do ramo do Norte (BRAGA 2017, EBERHARD 2007 e TELLES 2002), explicam que elas estão condicionadas em sílaba com uma nasal em coda, sendo raros os casos de sua ocorrência em ambiente majoritariamente oral. As vogais nasais laringalizadas são, ainda, menos frequentes do que as vogais nasais.

Relativamente à vogal alta anterior não arredondada nasal /ĩ/ e à sua contraparte nasal laringal /į̃/, elas ocorrem em início, meio e final de palavra e, mesmo, podem formar sílaba /V/, sem segmentos adjacentes. A primeira tem por alofone [ĩ], enquanto que a segunda apresenta dois alofones [ĩ] e [į̃]. Elas formam sílaba com os segmentos /k t n s h l/:

(1260) /sĩihiena/ [sĩnhˈtʃena]
‘aldeia’

(1261) /kaiuhsĩna/ [kajuhsĩna]
‘carne’

(1262) /kaɲ̃ĩʔsu/ [kaˈnɲ̃ʰsu]
‘piolho’

(1263) /iaɲ̃ikaˀtsu/ [jarɲ̃ˈgasu]
‘flauta’

(1264) /ũĩna/ [ˈw̃ĩna]
‘pai’

(1265) /anẽkĩsa/ [anẽˈkĩnsa]
‘cabelo’

(1266) /ĩia/ [ˈĩdʒa] ~ [ˈĩːja]
‘ver’

(1267) /ĩnia/ [ˈĩnja]
‘morder’

A vogal baixa central nasal /ã/ e a vogal baixa central nasal laringal /ã̰/ são as mais comuns nessa língua, ocorrendo em início e meio de palavra, em sílaba tônica. Ambas formam sílaba com a vogal alta anterior arredondada /u/ e com a vogal alta posterior /i/, ocupando, nesses casos, a primeira posição da sílaba, sempre. A primeira tem como alofone [ã], e a segunda [ã̰, ã]:

(1268) /ualikãia/ [ualiˈkãdʒa]
‘polvilho de mandioca’

(1269) /ãialikalosu/ [ãiaɾikaˈlosu]
‘cueca’

(1270) /kãutihnãusu/ [kãutihˈnã̰usuʰ]
‘cobra coral’

(1271) /aˀnã̰su/ [aˈˀnã̰ʔsu]
‘pena’

(1272) /ãkaʔa/ [ãˈkaʔa] ~ [ãˈkãʔa] ~ [ãˈkãʔã] ~ [ãˈkana]
‘adv. Tempo’

(1273) /nɑ̃ia/ [ˈnɑ̃dʒa]
‘chorar’

(1274) /uaikihnãusu/ [ˈwaikihnãusu]
‘jararaca’

(1275) /sãnaisu/ [sãˈnaisu]
‘tatu’

(1276) /ʔtaina/ [ˈɗaina] ~ [ˈtainã]
‘eu’

(1277) /uãina/ [ˈwaina] ~ [ˈwainã] ~ [ˈw̃ãina] ~ [ˈwãina]
‘você’

A vogal alta anterior arredondada nasal e sua contraparte nasal laringalizada foram menos verificadas na língua. São encontradas em início e meio de palavra:

(1278) /anũsu/ [aˈnũsu]
‘índio’

(1279) /sũna/ [ˈsũna]
‘deus’

(1280) /kɰ̃ieisa/ [kɰ̃ʔˈjeisa] ~ [kɰ̃ˈjeisa]
‘algodão’

(1281) /ɰ̃ʔa/ [ɰ̃ʔa]
‘capivara’

(1282) /ũia/ [ˈũnia] ~ [ˈũʔia]
‘cortar’

(1283) /alũsu/ [aˈɾũsu]
‘anta’

(1284) /kaũka/ [ˈkaũka]
‘jatobá’

(1285) /iũʔia/ [ˈiũʔia]
‘ter’

4.4 DITONGO

A interpretação ora assumida para os ditongos em Hahãintesu, diga-se, é prévia e baseia-se, primordialmente, nas descrições e discussões feitas pelos pesquisadores que se debruçaram sobre esse fenômeno em línguas aparentadas do Norte e, principalmente, nos trabalhos de (SOUZA NETO 2018) e, mais recentemente, de (COSTA 2020), sobre o Nambikwára do Campo.

Os ditongos ocorrem com vogais orais, nasais e laringais, em posição inicial, medial e final de palavra. Para Souza Netto (2018), sobre o ditongo no Nambikwára do campo: "*Embora existam realizações fonológicas do tipo glide seguida por vogal (GV) na língua, consideramos ditongos a ocorrência de sequências do tipo VV, os quais apresentam dois nós vocálicos, decorrentes de dois pontos de articulações distintos estando licenciados para ocuparem a posição de núcleo silábico (...)*".

Segundo Braga (2017, p. 102-103), em relação à língua Negarotê, e que também é assumido para o Mamaindê (EBERHARD 2007, apud. BRAGA 2017), os ditongos são interpretados como sendo uma sequência de vogais do tipo (V+V) e não do tipo (V+G). Outra explicação seria em relação aos traços laringal e nasal que, quando ocorrem, atingem os dois segmentos do ditongo, indicando a presença de duas vogais nessa posição, e não uma vogal mais um glide.

A posição assumida para os ditongos em Hahãintesu é a defendida por (COSTA 2020), para o Nambikwára do Campo. Segundo a autora: "*Os ditongos podem ocorrer em início, meio e fim de palavra, preferencialmente em sílabas acentuadas, seja com acento primário ou secundário. Também podem ocorrer com sílaba com ou sem onset consonântico e coda, podendo, inclusive, formar sílaba sozinhos.*". Ela informa, ainda, que no caso das vogais nasais, laringais e nasais laringais, entende-se que tanto a nasalidade quanto o traço laringal pertencem a ambos os segmentos vocoides (COSTA 2020, p. 114). Os exemplos seguem:

[au]

(1286) tauta ['tauta]
'gavião'

[ãu]

(1287) kãuʔtihnãusu [kãuʔtihˈnãusu]
‘cobra coral’

[a̰u]

(1288) ha̰usu [ˈha̰usu]
‘lobo guará’

[ã̰u]

(1289) huaiãuhuaiãutea [hwaiã̰uhwaiˈã̰utea]
‘lacraia’

[aj]

(1290) kaiʔsu [ˈkajʔsu]
‘quati’

[ãj]

(1291) ualikãia [waliˈkãja]
‘polvilho’

[a̰j]

(1292) ã̰ia [ˈa̰jdʒa]
‘andar/ir’

[ã̰j]

(1293) hahã̰jtesu [haˈhã̰jtesu]
‘povo cantador’

[we]

(1294) uetisu [ˈwetisu]
‘pelos’

[w̯e̯]

(1295) /iuʔtaũnlia hue̯ka/ [juˈɗaũnla ˈhw̯e̯ga]
‘tartaruga’

[w̃ẽ]

(1296) /kũẽla/ [kw̃ẽɾa]
‘agora’

[w̯̃ẽ̯]

(1297) /uẽnsu/ [w̯̃ẽ̯nˈsu]
‘criança’

[je]

(1298) aiekalosu [ajekalosu]
‘sapato’

[j̃ẽ]

(1299) kaĩẽka [kajẽka]
‘mutuca’

[ou]

(1300) /uoua/ [ˈwoua]
‘peixe boi’

[o̯u]

(1301) /haisa ko̯usu/ [ˈhaisa ˈko̯usu]
‘roça’

[jo]

(1302) /aioua/ [aˈjoua]
‘boca/bico’

[jo̯]

(1303) /io̯kua̯i/ [jo̯ˈkwa̯i]
‘gostar’

[ju]

(1304) aiuʔka [ajuʔka]
‘pé’

[ju̯]

(1305) ka̯ju̯ha [kaju̯ha]
‘animal’

[j̃ũ]

(1306) ĩũʔia [j̃ũʔja]
‘ter’

[wi]

(1307) kuiʔta [kwiʔta]
‘veado’

[w̯i]

(1308) au̯isu [aw̯isu]
‘dente’

[w̃ĩ]

(1309) kũĩa [kw̃ĩa]
‘anum’

[w̯̃i]

(1310) ũ̯ĩʔsu [w̯̃iʔsu]
‘batata doce’

Quadro 63 – Modelo fonológico dos ditongos de Hahãintesu

DITONGOS		
VOGAIS	/u/	/i/
/a, ã, a̰, ã̰/	[au, ãu, a̰u, ã̰u]	[aj, ãj, a̰j, ã̰j] [ja, jã, ja̰]
/e, ẽ, ḛ, ḛ̃/	[we, wẽ, w̰ḛ, w̰̃ḛ̃]	[je, jḛ]
/o, o̰/	[ou, o̰u]	[jo, jo̰]
/u, ũ, ṵ/	-	[ju, jṵ, j̃ũ]
/i, ĩ, ḭ, ḭ̃/	[wi, w̃ĩ, w̰ḭ, w̰̃ḭ̃]	-

4.5 O ACENTO

O acento em Hahãintesu ainda requer discussões e uma análise mais acurada, devido à dificuldade de se descrever o fenômeno nessa língua. Dessa forma, as informações aqui escritas não são definitivas e são passíveis de questionamentos. Para a descrição do acento, os trabalhos prévios sobre outras línguas da família também foram cabais, considerando-se que, por serem línguas aparentadas, seus sistemas acentuais gozam de muita similaridade.

O Hahãintesu possui um sistema misto que evidencia a existência de tom e acento. Segundo (BRAGA 2017, p. 172-177), todas as línguas da Família Nambikwára são consideradas *weight-driven*, que é quando o peso silábico é fundamental para a determinação do acento. Nas línguas da Família Nambikwára, predominantemente polissintéticas, onde as palavras permitem uma grande quantidade de material morfológico adjungido à raiz, a palavra prosódica pode ter mais de um acento. Um na raiz, mais proeminente, e outros secundários, nos afixos.

No Negarotê, Braga (2017, p.104), explica que, caso haja sílaba pesada, ou quando há mais de uma sílaba pesada, o acento é marcado na sílaba mais à direita. E mesmo que não haja

sílaba pesada, o acento também recai sobre a mais à direita[176]. Já o acento secundário, que recai sobre os afixos e classificadores, é lexical e, por isto, não previsível.

Em relação ao Latundê, Telles (2002) considerou, primeiramente, que essa língua seria do tipo *pitch-accent,* considerando que o acento coincidia sempre com a sílaba mais pesada da raiz. Porém, num trabalho posterior (BRAGA & TELLES, 2014, p. 65), a autora concluiu que aquele também se tratava de um sistema misto, de tom e acento.

Para o Sabanê, a mais isolada da Família Linguística Nambikwára, Araújo (2004) concluiu que se tratava de um sistema acentual[177], diferentemente do modelo misto visto anteriormente.

Embora não tenha se estendido nas explicações sobre o sistema de acento do Kithãulhu, Kroeker (2001) pareceu também estar a par com o modelo misto defendido pelos pesquisadores das línguas do norte, quando afirmou que: "*A raiz recebe sempre o acento principal (...) A extensão é sempre previsível, com base na acentuação e composição das sílabas. A sílaba acentuada é sempre mais comprida. Sendo aberta, a vogal é mais comprida. Sendo fechada a sílaba, a última consoante é mais comprida*. (KROEKER 2001, p. 111-112)". Ao mesmo tempo, o autor atestou a presença de um sistema de três tons: um ascendente, um decrescente e um grave, de intensa atuação em nível lexical e na morfossintaxe da língua.

O acento em Hahãintesu segue o modelo estabelecido por (COSTA 2020, p. 243-244), sobre o sistema acentual do Nambikwára do Campo, o qual caracteriza-se por ser misto, com a presença de acento (previsível e imprevisível) e tom. O acento é previsível nas raízes e parcialmente previsível nos afixos. No caso das raízes, esse acento é primário. Já os morfemas gramaticais são ou não acentuados e têm acento lexical ou parcialmente previsível. Os classificadores nominais de sílabas pesadas são sempre acentuados, enquanto que, na palavra verbal, a tendência é pela acentuação dos afixos de sílabas pesadas, mais próximos à base. Seguem alguns exemplos:

---

[176] Comportamento diferente foi atestado no Mamaindê (EBERHARD 2007, *apud.* BRAGA 2017) em que, na falta de uma sílaba pesada, o acento pode recair sobre qualquer sílaba com material tautossilábico depois da vogal nuclear.

[177] *"(...) I argue that Sabanê has a predictable stress system in the noun domain as well as in the verbal domain that manifests itself phonetically mainly by pitch. In addition, I will show that the prosodic concept of weight, on the one hand, and the morphological entity root, on the other hand, is crucial for stress assignment*." (ANTUNES 2004, p.71). Tradução: "(...) Eu digo que o Sabanê possui um sistema acentual no domínio do nome, bem como no domínio do verbo, manifesta-se foneticamente, principalmente, por *pitch*. Além disso, eu mostrarei que o conceito prosódico de peso, por outro lado, e a a raiz da entidade fonológica, por outro lado, são cruciais para a entrada do acento"

Raízes monossilábicas com sílaba pesada

(1311) [ˈwaiɾisu]
[uai] - li] -su]
cachorro-? -SF
‘cachorro’

(1312) [ˈjaʔksu]
[jaʔk]- su]
caititu-SF
‘caititu’

Raízes dissilábicas com a segunda sílaba pesada: LP

(1313) [kaˈludʒa]
[kalu]- ia]
feder-SV
‘feder’

(1314) [kiˈɾĩːta]
[kiĩt]- a]
marimbondo-SF
‘marimbondo (esp.)’

(1315) [aˈɾo̰kisu]
[alo]-ki]-su]
tucum-redondo-SF
‘semente de tucum’

Raízes dissilábicas com a primeira sílaba pesada: PL

(1316) [ˈdĩklisu]
[ʔtika] -li] -su]
tamanduá.bandeira-?-SF
‘tamanduá-bandeira’

(1317) [ˈwaʰka̰lisu]
[uahka] -li] -su]
jacaré -? -SF
‘jacaré’

Raízes trissilábicas com uma sílaba pesada: LLP e PLL

(1318) [ˈkasiɾiˀˌkaᵗsu]
[kasili]-kaˀt]-su]
ferro -longo -SF
‘prego’

(1319) [halaˈtakisu]
[halata] -ki] -su]
pitomba -redondo -SF
‘pitomba’

Raízes com duas sílabas pesadas: PLP

(1320) [ˈjaʔtaˌlakaˀta]
[jaʔtala] -kaˀt] -a]
aroeira -longo-SF
‘tronco de aroeira’

Raízes reduplicadas

(1321) [juˈjukihˌnãusu]
[iu RN[iu]- kih]- nãu]- su]
REDUP.pé-pontudo-flexível-SF
‘emboá’

(1322) [kwalaʔkwaˈlaʔsu]
[kualaʔ RN[kualaʔ]- su]
REDUP.galinha -SF
‘galinha’

(1323) [watuˈtũia]
[uatu] RN[(ua)tũ]-ia]
ser redondo-SV
‘o que é redondo’

4.6 TOM

É importante que se diga, de antemão que, o sistema tonal em Hahãintesu carece, ainda, de uma descrição mais acurada. De acordo com (COSTA 20202, p. 314), o *pitch* não é correlato fonético do acento, necessariamente. Em Nambikwára do Campo, bem como para o Hahãintesu,

os correlatos do acento são a duração vocálica e a manutenção da qualidade da vogal. O *pitch*, no entanto, é correlato do tom nessas duas línguas. O tom e o acento coexistem como subsistemas em Nambikwára do Campo, bem como em Hahãintesu. De acordo com (COSTA 2020, p. 314):

> "*O tom não necessariamente é ligado a um segmento moraico na língua. Desse modo, assume-se que o Tone Bearing Unit (TBU) da língua são segmentos soantes, isto é, vogais, glides, consoantes líquidas e nasais, e /h/ e /s/, que são os segmentos nos quais o tom se realiza (...) o tom de nível aparece lexicalmente ligado à vogal e o tom de contorno, que ocorre apenas em sílabas pesadas, aparece com o primeiro tom ligado à vogal e o segundo sem estar ligado a nenhum segmento*".

Em Hahãintesu, foram identificados dois tons: um alto, em oposição a um outro tom de nível mais baixo que ele, *default*. Como fora verificado para o Nambikwára do Campo, o tom é não previsível nas sílabas acentuadas, o que o classifica, nesse contexto, como lexical. Dessa forma, tons default são verificados em sílabas átonas. Os tons altos verificados em sílabas átonas são considerados já lexicalizados. Em sílabas tônicas, nas raízes ou afixos, foram verificados tanto tons baixos quanto tons altos (COSTA 2020, p. 314):

(1324) housu [houˈsú]
'macaco'

(1325) housu [houˈsu]
'macuco'

(1326) uailia [waiˈɾá]
'espinho'

(1327) uailia [waiˈɾa]
'cachorro'

(1328) iãnalia [jãnaˈlá]
'onça'

(1329) iãnalia [jãnaˈla]
'lagartixa'

Os padrões de tons são mais consistentes em raízes nominais do que em raízes verbais, de acordo com (COSTA 2020, p. 314):

(1330) a̰inála [ãjnála]
a̰i -ná -la
ir -1sg/NFP-M/PF
‘Eu fui/estou indo’

(1331) a̰inala [ãjnala]
a̰i -ø -na -la
ir -3sg -NFP/EV-M/PF
‘Ele foi/está indo’

(1332) ʔtaina nilateláhẽli [dainã niɾateɾáhẽ̥li]
ʔtai-na nila -tel -áhẽ -li
1sg-LC cortar cabelo-DES-1sg/TI-M/PF/EFR
‘Eu vou cortar (o cabelo)’

(1333) ahisáhẽ [ahisahẽ]
ahi -sá -hẽ
cair-1sg/SE-PASS/IMPF
‘Eu caí’

4.7 A SÍLABA

De acordo com (COSTA 2020, p. 152-153), o molde silábico do Nambikwára Campo é: (C) V (C) (C). Conforme resultados de processos fonológicos na superfície, a sílaba resultante é (C) (C) V (C) (C). Nesse caso, a primeira posição pode comportar consoantes ou glides, de acordo com a escala de sonoridade. Esse foi o mesmo entendimento admitido para o molde silábico em Hahãintesu, de acordo com os resultados de análise dos dados verificados para essa língua[178].

As possibilidades de combinações na subjacência são seis: duas abertas, /V/ e /CV/, e quatro fechadas, /VC/ /CVC/ /CVCC/ e /VCC/. Desses padrões, os mais facilmente verificados são /VC/ e /CVC/, enquanto que a sílaba menos verificada é a /VCC/.

Ainda, de acordo com a autora, há diferenças e semelhanças no que se refere ao comportamento da sílaba nas diferentes línguas da família Nambikwára. Uma característica

[178] Esse entendimento considerou análises conjuntas feitas entre dados de Nambikwára do Campo e Hahãintesu, compartilhados entre o autor dessa pesquisa e a pesquisadora Paula Mendes Costa, nos anos de 2017, 2018 e 2019, informalmente. A similaridade tem relação direta com o fato de essas línguas serem muito próximas geneticamente e inteligíveis entre os falantes.

interessante dessas línguas é que o padrão silábico /CV/ é muito recorrente em quase todas elas, a exceção do Latundê e do Lakondê, onde ele é raro. Já o padrão /CVC/, foi largamente encontrado em quase todas as línguas da família, à exceção do Sabanê.

/V/

(1334) /**a.**lũ.a/ [aˈɾũa]
‘anta’

(1335) /**ĩ.**nã.nit.a/ [ĩˈnãnita]
‘camarão’

(1336) /**ã**.kaʔ.a/ [ãˈkaʔa]
‘adv. tempo’

/CV/

(1337) /**iã.na.li**.a/ [jãˈnaɾa] ~ [jã.ˈna.la]
‘onça’

(1338) /**hẹ.li**.a.**nẽ.su**/ [hẹɾaˈnẽsu]
‘cajueiro’

(1339) /**ʔti.ka.li.su**/ [ˈɗikalisu]
‘tamanduá-bandeira’

/VC/

(1340) /**it.**su/ [ˈit.su]
‘homem’

(1341) /**ẹh**.su/ [ˈeh.su]
‘machado’

(1342) /**uh**.sĩ.na/ [uh.sĩ.na]
‘nuvem’

/CVC/

(1343) /ʔ**tuh**.a/ [ˈᵈuh.a] ~ [ʔtuh.a]
‘mulher’

(1344) /**nah.**su/ [ˈnah.su]
‘caranguejo’

(1345) /ʔ**nĩn.**su/ [ˈʔnĩn.su]
‘ariranha’

(1346) /ã.**tuʔt**.su/ [ã.ˈtuʔt.su]
‘café’

/CVCC/

(1347) /ʔ**tihʔ**.su/ [ʔtihʔ.su]
‘cobra’

/VCC/

(1348) /**u.ẽns**.a/ [u.ẽns.a]
‘criança’

(1349) /kai.**uhʔ**.a/ [kai.**uhʔ**.a]
‘bicho’

Essa breve descrição dos segmentos, dos suprassegmentos e da sílaba de Hahãintesu é preliminar e, visivelmente, focada no interesse maior de se estabelecer um modelo fonológico para a escrita da língua que permitisse, também, a confecção de um alfabeto e, consequentemente, de um modelo de sílaba que facilitassem a segmentação das palavras e o reconhecimento das fronteiras de morfemas. Por isso, reitera-se aqui a necessidade de uma descrição futura mais acurada dessa fonologia. É claro que os trabalhos prévios que se arvoraram da descrição da fonologia de outras línguas da Família Nambikwára e que serviram de base para a escrita desse apêndice foram também fundamentais e deram a segurança necessária para que esse quadro fosse feito.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho foi composto de quatro partes, sendo a primeira delas dedicada a um pequeno estudo sincrônico dos aspectos geográficos, socioculturais e linguísticos verificados e vivenciados nos momentos de entrevistas e socialização, junto aos Manairisu, em três das quatro aldeias indígenas, nos anos de 2017, 2018 e 2019. Essa etapa da escrita também envolveu a consulta a diversos textos de referência que trataram sobre o meio ambiente, os aspectos sociais e a historiografia dos povos Nambikwára disponíveis. As partes dedicadas à descrição do sistema linguístico propriamente dito perfizeram outros três capítulos, os quais foram dedicados à descrição da morfossintaxe das categorias que compõem as classes de palavras, à sintaxe da oração simples e da oração complexa e a uma descrição prévia de aspectos da fonologia do Hahãintesu.

No primeiro capítulo, definiram-se as classes gramaticais em cinco tipos: nome, verbo, demonstrativo, advérbio e palavra interrogativa. Sobre o nome, foram descritos, a partir da definição de núcleo, os componentes que o integram, seus significados e as funções que exercem no interior da palavra nominal. Também foi definida a capacidade mínima e máxima de morfemas suportadas pelo nome, com base na determinação do template. O pronome, particularmente, apresentou diferenças bastante grandes em relação aos outros nominais, relativamente à sua forma, à capacidade de receber sufixos e aos tipos de sufixos que pode comportar, o que sugere que essa subclasse nominal, na verdade, pode se tratar de uma classe à parte. Saber isso, no entanto, demandará um estudo complementar futuro. Além disso, não foi possível definir semântica e funcionalmente o sufixo nominal {-li}, pois os falantes não conseguiram explicar sua origem ou definir seu significado, demonstrando, assim, que ele está em um grau bastante elevado de opacidade e que isto irá requerer uma investigação mais profunda muito em breve. Os sufixos nominais finais {-su} e {-a}, devido à grande variedade de usos que têm, principalmente no âmbito da cláusula e do texto, também necessitam de uma análise e avaliação mais profundas.

Os demonstrativos foram descritos como uma classe independente em Hahãintesu, devido ao fato de serem compostos por um grupo de formas livres com função predominantemente referencial e posicional, formada pela raiz demonstrativa e seus sufixos.

O verbo manifestou maior complexidade interna do que o nome, devido à grande quantidade de afixos que pode portar e pelo fato de agregar, na forma de sufixos e prefixos, morfemas que se realizam como palavras livres ou que se apresentam perifrasticamente, em outras línguas. No verbo, foi possível verificar um alto grau de polissíntese, através da permissão da entrada de aplicativos diversos com valor adverbial ou aspectual e incorporações nominais, os quais foram, devidamente, segmentados e descritos. Particularmente, os morfemas mais à direita do núcleo verbal, como os sufixos argumentais e os que formam o TAME (tempo, aspecto, modo e evidencialidade), exigiram um esforço de análise a mais, devido à sua complexidade estrutural e funcional.

Sobre a classe dos advérbios, apresentou-se a descrição dos três tipos verificados para o Hahãintesu: os de lugar, os de tempo e os de modo. Nessa língua, os advérbios que se manifestam livremente na cláusula ocupam, preferencialmente, a posição imediatamente anterior a do verbo. Porém, foi possível ver que eles também podem ocupar a primeira posição na cláusula, antecipando-se ao sujeito. Ainda, explicou-se que os adverbiais podem se manifestar ao menos de quatro formas distintas na língua: como palavras adverbiais primitivas, como afixos adverbiais, como adverbiais deverbais e como verbos adjetivais. Alguns sufixos adverbais, no entanto, não puderam ser melhor descritos devido ao seu alto grau de opacidade e merecem uma investigação futura mais acurada.

A palavra interrogativa foi descrita conforme a identificação de seus tipos e as funções que exercem na cláusula. Foram identificados três tipos principais de palavras com essa função: as pronominais, as adverbiais e as de razão/causa.

O segundo capítulo tratou, inicialmente, sobre a ordem dos constituintes oracionais[179] que, nesta língua, como na grande maioria das línguas que compõem a Família Nambikwára, com exceção do Sabanê (ANTUNES 2004), apresenta-se como SOV. Seguidamente, foram apresentados os tipos de cláusulas, baseados nas duas principais categorias de verbos que a língua admite: os ativos e os estativos. Tratou-se também dos fenômenos de serialização verbal e de aumento de valência, os quais apresentaram particularidades na forma de expressão, diferenciando-se de outros modelos apresentados para outras variantes do Nambikwára. Ainda, foram descritos os tipos de cláusulas complexas de acordo com a qualidade dos conectivos que elas ensejavam, em: coordenativas e subordinativas.

[179] De acordo com (SAPIR 1921)

Mediante a análise inicial da fonologia de Hahãintesu, foram identificadas 18 vogais e 10 consoantes para a língua. Os fonemas vocálicos foram subdivididos em: orais, nasais, laringais e nasais laringais. Dos 13 fonemas consonantais apresentados para o Nambikwára do Campo, em Costa (2020, p.39), no entanto, não se verificou a existência das bilabiais /p/ e /ˀp/, nem da fricativa /ɾ/, como fonemas de Hahãintesu. Esse estudo inicial ainda permitiu uma prévia análise dos ditongos, do suprassegmento tonal e possibilitou a confecção de um modelo para a sílaba.

É sabido que o trabalho de análise e descrição da fonologia foi insuficiente para se estabelecer, claramente, um modelo que contemple, mais precisamente, a língua Hahãintesu. Para tanto, novas incursões na aldeia para a coleta de dados e um trabalho mais especificamente voltado para essa parte da gramática serão necessários, futuramente.

É importante destacar que, o trabalho de descrição da morfossintaxe do Hahãintesu também pretendeu responder uma pergunta, surgida a partir da observação do uso corrente do português como língua franca entre os Nambikwára do Campo e os Nambikwára do Vale: *Se essas línguas são tão parecidas, por que, então, eles se comunicam na língua do "branco?"* A resposta, embora nada conclusiva, pode estar relacionada à estrutura da polissíntese, no verbo[180], pois o léxico não apresentou diferença significativamente grande, a ponto de causar falta de entendimento entre os falantes das variantes do Campo e do Vale[181]. Em todo caso, esse trabalho merece uma investigação comparativa mais profunda. O que se pôde avaliar, no entanto, é se seria possível propor, de acordo com o grau de inteligibilidade verificado a partir das entrevistas feitas com os falantes ou mediante as diferenças verificadas no trabalho

[180] Em análise comparativa entre o Hahãintesu e o Nambikwára do Cerrado, em (KROEKER 2001) e (LOWE 1999), facilmente se percebe como a estrutura do verbo, na língua do cerrado, apresenta diferenças, principalmente, nos sufixos TAME finais, dos verbos. O Hahãintesu parece conservar, ou ter, estruturas finais que não foram verificadas, ou não são mais, na fala do cerrado. Os sufixos do tipo *portmanteau* finais apresentaram forma e funcionalidade diferentes, com evidenciais que só existem para o Hahãintesu, contraste entre sufixos temporais perfectivos e imperfectivos que acontece fora dos morfemas finais {la} e {na} e fusões que encurtam cláusulas estativas, muito diferentes do que se viu nos trabalhos que se ocuparam de descrever a fala do cerrado.

[181] Chegou-se a esse entendimento, também, após entrevistas com indígenas Manairisu e Kithãulhu, os quais foram questionados sobre quais as línguas que eles mais entendiam e quais eles não entendiam bem. Também, o estudo considerou a observação de conversas entre falantes Alantesu e Hahãintesu e Wakalitesu e Hahãintesu sobre diferenças que os questionários do Hahãintesu apresentavam em relação à gramática de Kroeker (2001). Outro fator que pode ser relevante, ainda, é o desprestígio que a língua do Vale parece ter entre os Nambikwára do Cerrado. Em conversas com o pai de um de meus entrevistados, ouvi dele que a língua do Cerrado é mais bonita e que os filhos dele eram ensinados a falá-la também. Um terceiro fator é o da própria influência do português que, a cada dia mais, se torna a preferência para a comunicação entre os Manairisu e outros indígenas e não-indígenas de fora.

comparativo entre as línguas, uma divisão para o Nambikwára do sul em dois ramos: Nambikwára do Cerrado e Nambikwára do Vale.

RELAÇÃO DE NOMES CIENTÍFICOS DE ANIMAIS E FRUTOS

Açaí (*Euterpe oleracea*)

Anta (*Tapirus*)

Anum (*Crotophaga ani*)

Aranha caranguejeira (*Theraphosidae*)

Arara amarela (*Ara ararauna*)

Arara azul (*Anodorhynchus hyacinthinus*)

Arara vermelha (*Ara Chloropterus*)

Ararajuba (*Guaruba guarouba*)

Ariranha (*Pteronura brasiliensis*)

Barata d'água (*Lethocerus deyrollei*)

Batata doce (*Ipomoea batatas*)

Besouro (*Coleoptera*)

Bicho-preguiça (*Folivora*)

Caititu (*Pecari Tajacu*)

Cará (Geophagus brasiliensis)

Carcará (*Caracara plancus*)

Cavalo do cão (*Pepsini*)

Cobra cascavel (*Crotalus durissus*)

Cobra coral (*Micrurus altirostris*)

Cumbaru (*Dipteryx odorata*)

Dourado (*Salminus brasiliensis*)

Escorpião preto (*Tytius bahiensis*)

Gavião (*Accipitrinae*)

Inhame (*Dioscorea*)

Jaboti (*Chelonoidis Carbonaria*)

Jaca (*Artocarpus heterophyllus*)

Jacaré do papo amarelo (*Caiman latirostris*)

Javali (*Sus scrofa*)

Lacraia (*Scolopendridae*)

Lambari (*Astyanax*)

Lobo guará (*Chrysocyon brachyurus)*

Macaco aranha (*Ateles*)

Macaíba (*Acrocomia aculeata*)

Mandioca/Macaxeira (*Manihot esculenta*)

Mangaba (*Hancornia speciosa*)

Mussum (Synbranchus marmoratus)

Mutum (*Crax blumenbachii*)

Onça-pintada (*Panthera onca*)

Peixe elétrico (*Electrophorus electricus*)

Peixe-boi (*Trichechus inunguis*)

Pitomba (*Talisia esculenta*)

Pupunha (*Bactris gasipaes*)

Quati (*Nasua nasua*)

Quero-quero (*Vanellus chilensis*)

Raia de água doce (*Potamotrygon falkneri*)

Suçuarana (*Puma concolor*)

Sucuri do pantanal (*Eunectes murinus*)

Tamanduá bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*)

Tamanduá mirim (*Tamandua tetradactyla*)

Veado-campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*)

REFERÊNCIAS

AIKHENVALD, A. Y. **Evidentiality**: The Framework. In: The Oxford Handbook of Evidentiality. Oxford University Press: United Kingdom. p. 1-54, 2018.

_____. **Unusual Classifiers in Tariana**. In: Systems of Nominal Classification. Cambridge University Press. Australia, p. 93 – 113, 2000.

_____. **Grammars in contact**: a cross-linguistic perspective. In: Grammars In Contact: a cross-linguistic typology. Explorations In Linguistic Typology. Oxford University Press. Oxford, UK, p. 1-66, 2007.

ALLAN, K. **Classifiers**. In: Language. 53. p. 284-310, 1977.

ANDERSEN S. R. **WHERE'S MORPHOLOGY?**. Linguistic Inquiry. The Mit Press. Vol.13, nº4, p. 561-612, 1982.

ARANOVICH, Raúl. **Transitivity and polysynthesis in Fijian**. Linguistic Society of America. v. 89. n .3, p. 465-500, 2013.

ARAÚJO, G. A. **A Grammar of Sabanê**: A Nambikwaran Language. LOT Press, Netherlands; 2004.

BANERJEE, N. **Something not aspectual in Southern Nambiquara***. MIT. University of Toronto, p. 1-6, 2017.

BELO, E. A. O. **Os classificadores em línguas amazônicas e na Família Nambikwára**. Dissertação. UFPE. Recife, 2013

BHAT, D. N. S. **Pronouns**. Oxford University Press. USA, New York, 2004.

BICKEL, B; NICHOLS J. **Inflectional Morphology**. In: Language Typology: and Syntactic Description. SCHACHTER P.; SHOPEN, T (org). Cambridge University Press. Edinburg, UK. Vol. III, first edition, p. 169-239, 2007.

BORELLA, C. de C. **Manuscrito sobre a morfologia do no Sararé**. Localizado em: Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Letras, Núcleo de Estudos Indigenistas, 2003.

BRAGA, A. G. M. **Fonologia Segmental do Lakondê (Família Nambikwara)**. Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, 2012.

BYBEE, J. L. **Morphology**: A study of the relation between meaning and form. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia, 1985.

BYBEE, J. L; DAHL Ö. **The creation of tense and aspect systems in the languages of the world**. Studies in Language, p. 51-103, 1989.

BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. **The Evolution of Grammar**: tense, aspect, and modality in the languages of the world. The University of Chicago Press. Chicago, 1994.

CAGLIARI, L. C. **Análise Fonológica**: Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico. Mercado das Letras. São Paulo, 2008.

CAMARA JR. J. M. **Introdução às línguas indígenas brasileiras**. Livraria Acadêmica. Rio de Janeiro, 1965.

CAMPBEL, L; GRONDONA V. **The Indigenous Languages of South America**: A Comprehensive Guide. De Gruiter Mouton. Berlin/Boston. v. II, 2012.

COMRIE, B. **Linguistic Typology**. Annual Review of Anthropology. University of California. Los Angeles, California. v. 17, p. 145-159, 1988.

_____. **Language Universals and Linguistic Typology**: Syntax and Morphology. The University of Chicago Press, 2th ed. 1989.

_____. **Tense**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

COMRIE, B; VOGEL, P. M. **Approaches to the Typology of Word Classes**. Mouton de Gruyter, Berlin/New York, 2000.

COSTA, A. M. F. R. **Aldeia Sowante**: Exploração, colonialismo e reconquista territorial. In: Fronteiras & Debates. Vol. I. Nº2. p. 47-39. Macapá, 2014.

_____. **Wanintesu**: um condutor do mundo Nambikwára. Tese de doutorado. UFPE. Recife, 2008.

COSTA, P. M. **Fonologia segmental e suprassegmental do Nambikwara do Campo (Nambikwara do Sul)**. Tese de doutorado em Linguística. Vrije Universiteit. Amsterdam: 2020.

CREISSELS, D. **Remarks on split intransitivity and fluid intransitivity**. In: O. Bonami & P. Cabredo Hofherr (org). Empirical issues in Syntax and Semantics 7. p.139-168, 2008.

CROFT, W. **Typology and Universals**. 2th ed. Cambridge. Cambridge University Press, 2003.

CYSOUW M. **The Paradigmatic Structure of Person Marking**. Oxford University Press. USA, New York, 2003.

DENNY, J.P. **What's the use of a classifier?**: Proceedings of the 12th Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society, 12, p. 122-32, 1976.

DERBYSHIRE, D.; PAYNE, D. **Noun Classification Systems of Amazonian languages**. In: Amazonian Linguistics: Studies in Lowlands South American Languages. University of Texas Press. v.1, p. 224-271, 1990.

DINGEMANSE, M. **Advances in the Cross-Linguistic Study of Ideophones**. Language & Cognition Department. Max Planck Institute for Psycholinguistics. Netherlands p. 654-672, 2012.

DIXON R. M. W. **Basic Linguistic Theory**. The Cairns Institute. James Cook University. Oxford University Press. v. 1, 2010.

_____. **Basic Linguistic Theory**. The Cairns Institute. James Cook University. Oxford University Press. v. 2, 2010.

_____. **Basic Linguistic Theory**. The Cairns Institute. James Cook University. Oxford University Press. v. 3, 2010.

DRYER, M. S. **Clause types**. In: Language Typology: and Syntactic Description. SCHACHTER P.; SHOPEN, T (org). Cambridge University Press. Edinburg, UK. Vol. I, first edition, p. 224-275, 2007.

DUARTE, F. B. (ed.). **Cisão de caso, posse e telicidade em línguas indígenas brasileiras**. FALE. Belo Horizonte, 2007.

EBERHARD, D. **Mamaindê Grammar**: A Northern Nambikwaran Language and its Cultural Context. LOT Press, Netherlands, 2007.

FORTESCUE, M.; MITHUN M.; EVANS N. **The Oxford Handbook of Polysynthesis**. Oxford University Press. USA. New York, 2017.

FRAWLEY, W. **Linguistic Semantics**. Lawrence Erlbaum Associates. New Jersey. Hillsdale, 1992.

GIVÓN, T. **Syntax**: A functional-typological introduction. John Benjamin Publishing Company. Amsterdam/Filadelphia, v. 2, 2001.

_____. **Syntax**: An introduction. John Benjamin Publishing Company. Amsterdam/Filadelphia, v. 1, 2001.

GONÇALVES, C. A. **Iniciação aos estudos morfológicos**: flexão e derivação em português. Contexto. São Paulo, 2011

GRINEVALD, C. **A morphosyntactic typology of classifiers**. In Systems of Nominal Classification. Cambridge University Press. Australia. p. 51 – 92, 2000.

GUILLAUME, A. **Associated motion in South America**: Typological and areal perspectives. Linguistic Typology. De Gruyter Mouton. France. Lyon, p. 81-177, 2016.

HASPELMATH, M. **Coordination**. In: Language Typology: and Syntactic Description. Cambridge University Press. Edinburg, UK. Vol. II, p. 1-51, 1st edition, 2007.

JANSON, T. **A História das Línguas**: Uma introdução. Tradução de Marcus Bagno. Parábola. São Paulo, 2015.

KROEKER, B**. Aspectos da Língua Nambikuára**. Summer Institute of Linguistics. Brasília – DF, 1980.

KROEKER, M. **Dicionário escolar bilíngue Nambikwara-Português**, Porto Velho: SIL.

_____. **Condicionamento múltiplo de vogais na língua nambikuára**. SIL Intenational, 1976.

_____. **Gramática Descritiva da Línguas Nambikuara**: International Journal of American Linguistics. Volume 67, Nº1. The University of Chicago Press, 2001.

LAKOFF, G. **Classifiers as a Reflection of mind**: A Cognitive Model Approach to Prototype Tehory. In: Noun Classes and Categorization. Amsterdam/PhiladelphiaJohn Benjamins B.V. p. 13 – 51, 1986.

LASS, R. **Phonology**. An introduction to Basic Concepts. Cambridge University, 1984.

LEVINSON, S. C. **Pragmatics**. Cambridge University Press. Cambridge. UK, 1983.

LÉVI-STRAUSS, C. **Tristes Trópicos**. Tradução de Wilson Martins. São Paulo. Editora Anhembi, 1957.

LIPPO, P. **Língua Latundê (Família Nambikwára)**: Conjuntura sociolinguística. Dissertação de mestrado. PPGL. UFPE. Recife, 2019.

LOWE, I. **Cause and Reason in Nambiquara**. In: Amazonian Linguistics: studies in Lowland South American Languages. PAYNE, D. L. (org). University of Texas, Autin. p. 554-573, 2014.

_____. **Nambiquara**. In: The Amazonian Languages. Cambridge. Cambridge express, Pag. 269 – 291, 1999.

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge Universtity Press. UK. v. 1, 1977.

MACHADO, M. F. R. **Quilombos, Cabixis e Caborés**: índios e negros em Mato Grosso no século XVIII. 25ª Reunião Brasileira de Antropologia. Departamento de Antropologia – UFMT. Goiânia, 2006.

MATTISSEN, J. **Heterogeneity within Polysynthesis**. In: The Oxford Handbook of Polysynthesis. Oxford University Press. USA. New York, p. 70-98, 2017.

MIESTAMO, M. **Negatives Without Negativos**. In Rethinking Universals: How Rarities Affect Linguistic Theory, ed. Jan Wohlgemuth & Michael Cysouw. Berlin: Mouton de Gruyter, p.169-194, 2010.

MITHUN M. **Argument Marking in the Polysynthetic verb and its implications**. In: The Oxford Handbook of Polysynthesis. Oxford University Press. USA. New York, p. 30-58, 2017.

_____. **Active/Agentive Case Marking and its Motivations**. In: Language. Journal of the Linguistic Society of America. v. 67, n. 03, p. 510-546, 1991.

_____. **Compounding and Incorporation**. John Benjamins. Amsterdam, p. 37-56, 2010.

NORDLINGER R.; SADLER L. **Nominal tense in crosslinguistic perspective**. Linguistic Society of America. v. 80, n. 4, p. 775-806, 2004.

OLIVEIRA, A. F. **Línguas Conviventes**: Aspectos Sociolinguísticos na aldeia Três Jacus – comunidade Wakalitesu/Nambikwara. Programa de Pós-graduação em estudos da linguagem.UFMT. Cuiabá, 2018.

OVERALL, S.; VALLEJOS, R.; GILDEA S. **Nonverbal predication in Amazonia**: typological and diachronic considerations. in: Nonverbal predication in amazonian languages. John Benjamins Publishing Company. p. 1-49, 2018.

PAYNE T. **Describing Morphosyntax**: A guide for field linguists. Cambridge University Press, 1997.

POLGUÈRE A. **Lexicologia e Semântica Lexical**: Noções fundamentais. Tradução de Sabrina Pereira de Abreu. Contexto. São Paulo, 2018.

PRICE, D. **Nambikwara Society**. Tese. University of Chicago. Chicago: 1972

_____. **Nambiquara Languages**: Linguistic and Geographical Distance between Speech Communities. in: South American Indian Languages: Retrospect and Prospect. KLEIN H. E. M; STARK Luisa R. (org.). Univesity of Texas Press. Austin. p. 305-324, 1985.

PRICE, D.; COOK J., Cecil. **The Present Situation of the Nambikuara**. In: American Anthropologist, Vol. 71, p. 688 – 693,1969.

QUEIXALÓS, F.; GOMES D. **Predicados, Nomes, Sintagmas**. In: O Sintagma Nominal em Línguas Indígenas. Pontes. São Paulo. Campinas, p. 7-27, 2016.

REESINK, E. **Os Sabanê e os povos do Nambikwara do Norte**: etno-histórias das ruínas da história e de recriações tardias. Tellus. Campo Grande. n. 29, p. 113-133, 2015.

RODRIGUES, A. D. **A originalidade das línguas indígenas brasileiras.** Conferência proferida por ocasião da inauguração do Laboratório de Línguas Indígenas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília em 1999. Revista brasileira de linguística antropológica. Brasília – DF. v. 08, n. 2, p. 187-195, 2016.

_____. **Línguas Brasileiras**: para um conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Ed. Loyola, 1986.

_____. **Línguas indígenas brasileiras**. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013. Disponível em: (http://www.letras.ufmg.br/lali/PDF/L%C3%ADnguas_indigenas_brasiliras_RODRIGUES,Aryon_Dall%C2%B4Igna.pdf). Acesso em: 07/08/2021;

RONDON, C. M. S. **História Natural**: Etnografia. Ed. C.N.P.I. 2ª edição. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1947.

SAPIR, E. **Language**: an introduction to the study of speech. San Diego: HJB Books, [1921] 1949.

SCHACHTER P.; SHOPEN, T. **Parts of Speech System**. In: Language Typology: and Syntactic Description. Cambridge University Press. Edinburg, UK. Vol. I, first edition, 2007.

SENFT, G. Introdution. In: **Systems of Nominal Classification**. Cambridge University Press. Australia. p. 01 – 47, 2000.

SHOPEN, T. **Language Typology**: and Syntactic Description. Cambridge University Press. Edinburg, UK. v. I, first edition, 2007.

_____. **Language Typology**: and Syntactic Description. Cambridge University Press. Edinburg, UK. v. II, first edition, 2007.

_____. **Language Typology**: and Syntactic Description. Cambridge University Press. Edinburg, UK. v. III, first edition, 2007.

SILVA, S. C. **Uma gramática descritiva do Nambikwara do Campo (Nambikwara do Sul)**. Tese de doutorado. PPGL. UFPE. Recife, 2021.

SOTERO, R. dos S. **Do que não tem semente**: Reflexões ecolinguísticas sobre a categorização nominal no Wakalitesu. Dissertação. UFPE. Recife, 2019.

SOUZA NETTO, L. A. **Fonologia do grupo Nambikwára do Campo (Nambikwára do Sul)**. Dissertação. UFPE. Recife, 2018.

SOUZA R. L.; OLIVEIRA J. E. **Etnoarqueologia e processo de territorialização entre os indígenas Wasusu do vale do Rio Guaporé, estado de Mato Grosso, Brasil**. Campo Grande: Tellus, nº 39, p. 105-138, 2019.

STENZEL, K. S. **As Categorias de Evidencialidade em Wanano (Tukano Oriental)**. Liames-Línguas Indígenas Americanas. Editora Unicamp. 2006

TELLES, S. V. A. P. L. **Fonologia e Gramática Latundê/Lakondê**. Vrije Universiteit. Amsterdam: 2002.

TELLES, S; WETZELS, L. **Polysynthesis in Lakondê, a Northern Nambikwaran Language of Brazil.** In: The Oxford Handbook of polysynthesis , cap. 35. p.735-758, 2017.